M. P. GARCIA

Teu Dinheiro Me Caj Bem

Dialogar

MAIKON P. GARCIA

Teu Dinheiro me Cai Bem

2012

[1]Este livro eletrônico é de distribuição GRATUITA com autorização do autor e editora. A intenção é de facilitar o acesso à leitura para quem não pode adquiri-lo em formato impresso, também visa proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.

Se desejar adquirir este livro em formato impresso, favor contatar a editora pelo email: dialogar@editoradialogar.com.br ou telefone: (47) 3028-2556.

Contato com o autor: Vide final do livro...

G164c Garcia, M.P.
Teu dinheiro me cai bem / Maikon Patrick Garcia.- Joinville: Dialogar, 2012.

Registrado no EDA - Fundação Biblioteca Nacional

1. Literatura brasileira. I. Título

CDD: 869.3
CDU: 869.0 (81)-31

SINOPSE

Na cidade do Porto o principal assunto nas ruas é um só; todos estão curiosos, afinal, alguém da cidade acertou sozinho o maior prêmio da história da loteria européia. Porém, os dias estão passando e nada desse sortudo milionário aparecer para reclamar seu prêmio. No entanto, pouco antes do prazo do bilhete premiado expirar, um misterioso assassinato dentro da Biblioteca Pública do Porto trás à tona o paradeiro do bilhete premiado que, por acaso do destino chega às mãos de Jack, um simples rapaz brasileiro que trabalha há cinco anos de garçom em Portugal. Eufórico, ele recebe o prêmio, toma coragem e volta ao Brasil na esperança de reencontrar seu grande amor, com quem já não fala há muito tempo. Aparentemente tudo está perfeito em sua vida, contudo, seus dias de milionário podem estar com os dias contados, pois o verdadeiro dono do bilhete e um misterioso e sádico assassino não medirão esforços e irão até as últimas consequências para colocarem suas mãos nessa fortuna. De Portugal ao Brasil, do Brasil à Suíça, *Teu dinheiro me cai bem* levará os leitores a um mundo de aparências e questionamentos; onde os personagens enfrentarão inúmeros desafios e obstáculos em nome da fortuna. E nessa jornada aprenderão que quando o assunto é dinheiro, não se deve confiar nem mesmo em suas próprias sombras...

PRÓLOGO

Praia Brava, Caiobá-PR
Cinco anos antes

Abriu os olhos, a luz do sol o fez cerrá-los novamente. Demorou um minuto para conseguir se adaptar à claridade. Quando conseguiu finalmente abri-los lá estava ela, linda como sempre, seus longos cabelos pretos, seu rosto escultural e seu olhar penetrante que ele tanto gostava.

— Oi, Jack. — disse ela em tom afável de voz se misturando com o suave som das ondas do mar.

— Oi, Anne, o que faz perdida por aqui? — respondeu ele com o coração disparando, levantando-se de sua cadeira de praia.

— É verdade o que sua mãe me falou? Que você vai mesmo embora para Portugal?

— Bom, você sabe que o Beto mora lá, ele me convidou para ir trabalhar com ele... como acabei de fazer dezoito anos já posso escolher meu próprio destino, não acha?

— Mas Jack, se você for... como fica a gente? Quem vai ser meu melhor amigo? Pra quem vou contar todos meus problemas? Conversar sobre carros?

Jack estava angustiado com aquelas perguntas, por mais que tentasse ser apenas amigo de Anne, tinha por ela um sentimento maior, uma paixão terrivelmente forte, que o agoniava constantemente por não ser correspondido, não por que ela não gostasse dele, até gostava, e muito! Mas sua família e sua religião impedia severamente que Anne tivesse relacionamento com alguém fora de sua Igreja. E por mais que ela gostasse dele, sabia que não poderiam ser mais do que amigos, a menos que ele se batizasse em sua Igreja, mas sabia ela que seria difícil isso acontecer, pois Jack tinha uma filosofia de vida totalmente despregada de qualquer religião. Os dois se conheceram ainda nos tempos de

escola e, conforme a amizade foi aumentando, ambos perceberam que um completava o outro, pois tinham uma facilidade incrível de se compreenderem, mas isso não era o suficiente para ela poder se relacionar com ele, por mais que também quisesse isso.

Há mais ou menos um ano atrás, Jack já não conseguindo mais esconder seu amor por ela e, sabendo que ela jamais iria se declarar para ele, resolveu lhe escrever uma carta declarando seu amor, porém depois dessa carta Anne dissera que não poderiam namorar porque já estava namorando um rapaz de sua Igreja. Aquilo foi um duro golpe para Jack, e desde então ele prometera nunca mais tentar algo com a jovem, pois se ela gostasse dele, não faria essas coisas para magoá-lo.

— Mas Anne, eu sei que prometi não tocar mais nesse assunto, mas você sabe que não consigo ser somente seu amigo... Você pensa que o que sinto por você acabou, mas não acabou, pelo contrário, cada dia que vejo e penso em você esse sentimento só aumenta... Sabe, acredito que essa mudança de vida será melhor para nós dois... você poderá continuar sua vida, voltar para seu namoradinho da Igreja sem ter que se preocupar em tentar escondê-lo de mim ou ficar tentando arrumar explicações para me fazer acreditar que você realmente gosta dele e por isso não quer ser minha namorada.

— Jack não fala assim, você está sendo egoísta! E saiba que eu não estou namorando com o Breno.

— Não adianta tentar esconder, pode ficar com ele, ele não é perfeito para você? Case-se com ele, seja feliz!

— Por favor, não me torture mais do que já estou sendo. Você sabe que não podemos... Mas... eu te amo, como amigo, não está bom?

Jack não respondeu nada, apenas ficou olhando as ondas se quebrando na imensidão da Praia Brava, enquanto passava em sua cabeça um filme dos últimos três anos em que fora amigo de sua amada. Lembrou o dia em que escalaram o Morro do Boi pela primeira e única vez; o dia que ficaram presos na Ilha das Tartarugas graças à maré cheia, e tiveram de ser resgatados pelos bombeiros; ou as simples, porém inesquecíveis tardes em que andaram à toa sobre a areia, e iam do Morro do Boi até o Pico de Matinhos conversando milhares de assuntos e dando muitas gargalhadas; e depois voltavam pelo calçadão de pedras portuguesas contando as gaivotas que lá estavam esculpidas, Anne sempre teimava, dizia que não eram gaivotas e sim cabeças de orca.

— Jack, me responda! — indagou ela quebrando o devaneio dele.

— Não tenho o que responder, você sabe muito bem o que sinto por você!

— Quando você viaja?

— Segunda!

— Mas já? Segunda é depois de amanhã! Você ia embora sem falar comigo?

— Claro que não! Eu ia te avisar, só estava esperando o momento certo... vim hoje aqui sozinho para refletir um pouco, refletir e lembrar de todos momentos que passamos juntos aqui nessa praia...

— Mas você não precisa ir, pode arrumar um bom emprego aqui, não acha?

— Não sei Anne, não estou tão preocupado em arranjar trabalho, e sim em ter uma vida nova, esquecer os problemas que tenho aqui.

— Você quer dizer que eu sou um problema?

— Não, você nunca foi e nem será um problema em minha vida... Sabe por que? Porque eu te amo, te amarei sempre... Só acho que estando longe sofrerei menos por não ter você comigo... Consegue entender?

Aquilo tocou profundamente o coração de Anne, queria muito largar tudo e ficar com seu amor, mas sabia que era impossível. Sua família e principalmente o líder de sua igreja, não aceitariam aquilo jamais. — O que fazer meu Deus? — perguntava ela a Deus constantemente. Chegou a conversar certa vez com Mauro, seu mestre e líder, sobre a possibilidade, mas ele disse que aquilo não poderia acontecer jamais, pois se acontecesse ela teria de abrir mão da verdade de Deus, não poderia mais fazer parte de Sua vontade, e teria de abandonar a igreja, pois seria uma grande traição para com Deus e todos membros da sua igreja. Tudo isso, junto com a pressão de sua família para que encontrasse um jovem cristão de sua Igreja para poder assim ter um namoro santo que a levasse a constituir uma família abençoada por Deus. Sabia que Jack abominava todo esse papo de Igreja e namoro santo, ele era uma pessoa livre, um pouco rebelde e que não se deixaria prender jamais por nenhum tipo de doutrina religiosa.

No dia seguinte, Anne recebeu uma mensagem de Jack, a convidando para um último passeio na praia. A jovem disse a sua mãe que iria até a casa de uma amiga, pois ela não gostava de saber que sua filha estava se encontrando com aquele delinquente do Jackson.

Por volta das 16:00 ela se encontrou com ele no lugar de sempre, a pedra ao pé do Morro do Boi.

— Anne, já te disse por que esse morro chama Morro do Boi?

— Não, por que?

— Olha pra ele, não parece um boi nelore deitado, descansando?

— Ah mais ou menos... tipo, cada um vê uma coisa, né?

— Sim, do mesmo jeito que você vê orcas onde são gaivotas! — completou o jovem sorrindo.

— Ah pára, todo mundo sabe que essas pedrinhas são orcas!

Agora ambos riram, tiraram seus calçados e seguiram rumo ao Pico, molhando os pés nas ondas do mar que estavam bem geladas. No inverno a Praia Brava costumava ficar vazia, Jack gostava disso, afinal, tinham praticamente uma praia particular.

Quando chegaram mais ou menos na divisa do balneário de Caiobá com Matinhos, Jack pediu para que ela parasse um pouco. Tinha que falar algo que o estava angustiando. E não poderia não ter outra oportunidade para aquilo.

— Vou embora e a gente acabou não escalando o Escalvado! — disse ele apontando para o morro ao longe.

— Pois é, isso é só mais uma coisa que deixamos de fazer! — respondeu a jovem começando a deixar que lágrimas escorressem de seus olhos castanhos.

Jack respirou fundo, tomou coragem, pegou nas mãos de Anne e disse do fundo de seu coração:

— Anne, eu te amo! Não me deixe ir embora, vamos ficar juntos e enfrentar todos! Se você aceitar namorar comigo eu juro que não vou embora, dou um jeito de arrumar grana e pago a passagem para o Beto... Eu sei que você também gosta de mim... só está com medo por causa de sua mãe e de seu pai, e por causa daquele seu líder maldito que só faz por envenenar você contra mim...

— Jack, não faça assim... — disse Anne chorando.

— Você quer namorar comigo? — perguntou ele reunindo seu último fôlego de coragem.

— Não posso! — respondeu ela abraçando-o com força. — Entenda por favor, eu juro que não posso! — ela olhou no fundo dos olhos dele, no mesmo momento em que não resistiram e se beijaram com grande paixão.

Essa foi a última vez que eles se viram. Quando o jovem já estava em Portugal continuaram conversando por e-mail e mensagens por mais alguns meses, até que ele soube pela sua mãe que Anne estava namorando outro cara da Igreja, Jack com tanta raiva nem quis saber quem era e desde então ele nunca mais respondera seus email-s e mensagens, pois havia chegado o momento de tentar esquecê-la definitivamente. A última mensagem que ela o mandara fora de uma música *"Meet Me Halway"* que ao verificar a letra ele descobriu que falava de um amor impossível de acontecer, assim como era o seu amor por ela.

CAPÍTULO 01

Biblioteca Municipal do Porto,
Dias atuais

O bibliotecário Jonas Boaventura conferiu pela 26ª vez no mesmo dia aqueles cinco números e as duas estrelas, sorriu para si mesmo e guardou em seu bolso o pequeno papel. Em seguida desligou seu computador, estava sentindo uma leve dor no estômago e uma estranha dormência em suas pernas. De certo era por que já estava ali sentado sem comer fazia horas, pois aquela de fato era sua última semana de trabalho e fazia questão de ficar esses últimos dias até mais tarde para deixar tudo organizado para seu futuro sucessor. O trabalho estava bom, mas já era hora de ir pra casa, pois expediente da biblioteca havia se encerrado há cerca de quatro horas. Quando finalmente levantou-se, sentiu uma forte tontura que o fez apoiar seus braços no balcão.

— Deus meu, o que está havendo? — pensou ele chacoalhando a cabeça para melhorar, mas ao invés disso percebeu que sua visão estava um tanto embaçada.

— Isso que dá trabalhar tanto, ainda bem que na próxima semana já estarei bem longe daqui, tirando meu merecido descanso. — disse a si mesmo no momento em que se dirigiu ao quarto de banho.

Quando abriu a porta escutou o ranger das dobradiças gritando por um pouco de lubrificante, — o porta chata! — pensou ele.

Apertou o interruptor, mas a lâmpada não acendeu, pensou que estivesse queimada. O quarto de banho estava escuro, porém de fora vinha uma pequena claridade graças à janela que dava para a rua. Foi até o espelho, olhou seu rosto e pela primeira vez em quinze anos de trabalho ali, sentiu um calafrio que subiu de seus pés até a cabeça. Devia ser pelo escuro, maldita lâmpada queimada!

Jonas lavou o rosto, quando foi pegar o papel toalha percebeu que havia acabado. Culpa da Carmen que devia ter ido embora sem antes verificar os papéis. Se dirigiu até o fundo do quarto de banho para pegar o papel toalha no armarinho, agachou-se para abrir a porta, mas sentiu novamente o calafrio, seguido de um imenso susto. Ouviu novamente o ranger da porta, mas dessa vez não era ele, mas quem seria? Pois todos os demais funcionários já haviam ido embora, e tinha certeza que toda a biblioteca estava fechada, pois ele

mesmo havia trancado as portas e janelas. Rapidamente olhou para trás e quando viu parado ali na entrada do quarto de banho, uma pessoa de sobretudo escuro e máscara, seu coração disparou e suas pernas amoleceram.

— Quem é você? — perguntou Jonas ainda agachado.

— Onde está o bilhete? — indagou o mascarado ao se aproximar. Tinha uma voz grossa e rouca, parecia utilizar uma espécie de fonador elétrico que alterava e distorcia sua voz!

— Eu não sei, do que você está falando? — respondeu o bibliotecário já quase tendo um ataque do coração de tanto pavor.

— Eu não irei perguntar novamente, se você quer viver me dê logo esse bilhete... — retrucou o sujeito no instante que tirou o braço debaixo do sobretudo e com ele surgiu uma pistola com silenciador.

Jonas logo percebeu do que se tratava, só não sabia como aquela pessoa sabia que ele estava com o bilhete ali. Tinha que fazer algo, não podia entregar de jeito nenhum o bilhete para ele.

— Não adianta, o que você quer não está comigo, eu deixei no cofre do banco essa manhã!

O sujeito riu friamente daquele comentário, aproximou-se mais de Jonas.

— Você acha mesmo que sou tão idiota para acreditar nisso? Me dê logo o que estou pedindo, ou prefere fazer dessa biblioteca sua sepultura?

— Calma, vamos conversar um pouco, podemos chegar a um acordo!... Eu não estou com o bilhete aqui, ele está no banco, mas podemos ir retirá-lo agora, meu carro está aqui perto...

— Não fale besteira, o bilhete está com você, eu sei! Quer morrer por um simples pedaço de papel?

O indivíduo mascarado começou a se aproximar mais, Jonas não teve muito tempo para pensar, gritar pedindo socorro não adiantaria, teria de lutar para escapar dessa emboscada. Olhou de relance para sua direita, em cima do armário de limpeza, viu o balde de alumínio de Carmen, no desespero esticou o braço direito, pegou velozmente o balde e jogou com força contra o rosto mascarado do indivíduo que gritou e cambaleou para trás, o balde caiu no chão fazendo um intenso barulho. Jonas não pensou duas vezes e saiu correndo do quarto de banho, antes da porta se fechar escutou um zunido e viu o espelho ao seu lado se partindo em pedaços. O mascarado estava atirando!

Cheio de pânico, Jonas se dirigiu o mais rápido que pôde para a saída de

emergência, mas lembrou que não tinha a chave, aliás, lembrou que suas chaves estavam todas em sua mesa, correu rápido para lá, mas teve uma surpresa, elas não estavam mais onde deveriam estar. Olhou para sua janela, mas também estava trancada, não conseguiria abrir, o que fazer? Só tinha uma chance, morreria se fosse preciso, mas não entregaria aquele papel para o assassino. Pegou uma enorme tesoura em sua mesa — era a única coisa que encontrou no momento para se defender — e foi em direção ao lugar que ficaria menos vulnerável.

Entrou desesperadamente no vasto acervo, as luzes estavam apagadas, tinha que chegar logo até a sala de obras raras para tentar acionar o alarme, porém, antes tinha de tomar outra decisão rápida, seu destino dependeria daquele ato. Ouviu o barulho de passos se aproximando, era o assassino!

O bibliotecário andou por cerca de cinco metros adiante e entrou em um dos corredores. Tinha pouco tempo, sabia disso! Parou assim que entrou naquele corredor, tirou do bolso o pequeno papel.

— Deus me ilumine! — disse ele em voz baixa no exato momento em que escolheu um dos milhares de livros da estante e depositou nele aquele seu bilhete que por alguns dias representou o seu futuro, seu destino... mas que agora percebia nitidamente que aquele papel representava sua morte!

Em seguida saiu andando devagar para que o mascarado não ouvisse seus passos, o grandioso número de estantes, mais o fato de estar escuro ali, facilitaria para ele se despistar. Parou e agachou-se encostando em uma estante, na tentativa de ouvir passos alheios. Pegou seu telemóvel e cobriu o visor para que ele não visse a luz. Digitou rapidamente um texto em SMS, escolheu o número de Joseph na agenda e apertou o botão de envio.

— Droga, mande logo, por favor, não falhe agora! — disse olhando para o visor do aparelho, agoniado na expectativa da mensagem ser concluída logo.

"SMS ENVIADO" surgiu na tela, junto com um breve sinal de bip. O homem ficou aliviado, a mensagem tinha chegado para seu filho. Porém o pequeno sinal sonoro o entregou, a aproximadamente quatro estantes de distância ele viu o mascarado olhando em sua direção com a arma em sua mão. Agora estava ferrado, levantou-se e correu na direção da sala de obras raras, mas antes que pudesse adentrá-la para que soasse o alarme de invasão ele sentiu novamente o zunido, em seguida de uma forte fisgada em suas costas que o fez cambalear e cair no frio piso gelado da grande biblioteca.

— Parabéns senhor Jonas, você foi premiado com um tiro, isso foi pouco

perto da baldada que você me deu. — disse o mascarado agachando-se perto do bibliotecário estendido.

Ele puxou Jonas e o virou de frente para ele, estava imóvel, mas vivo. Jonas sabia que era chegado sua hora, mas o que o aliviava é que jamais aquele maldito colocaria suas mãos no bilhete, pois ele estava muito bem escondido; dentro de um livro, dos mais de cem mil que a biblioteca possuía.

Só mesmo Joseph saberia como encontrar o bilhete — pensou Jonas! Agora não sentia mais a respiração, de certo o tiro acertara em algum órgão vital, era seu fim, sentia gosto de sangue em sua boca, uma forte pressão parecia sufocar seu tórax, sua visão estava escurecendo, mas antes do fim olhou para seu assassino na esperança de identificá-lo, mas ele estava com uma espécie de máscara de pierrot.

— Quem é você? — perguntou Jonas já expelindo sangue pela boca.

De repente o assassino tirou a máscara, revelando sua identidade.

Jonas ficou em choque, teria tido um infarto se seu coração já não tivesse parado naquele exato momento em que descobrira quem o havia matado.

— Por que? — conseguiu dizer ele com imensa tristeza no mesmo instante em que não enxergou mais nada além de uma terrível e fria escuridão.

O assassino colocou a máscara novamente, verificou sua luva cirúrgica, estava intacta! Suas digitais não ficariam por ali, e mesmo que ficassem aquilo era um lugar público e o que mais tinha ali, depois de livros, eram impressões digitais. Verificou a pulsação de Jonas, sim estava morto! Começou a revirá-lo, seus bolsos, sua carteira, seu sapato, meias, tirou toda sua roupa e nada do bilhete!

— Maldição, onde esse velho colocou o bilhete?

Sabia que não estava em banco algum, como ele havia dito, mas onde estaria? Tinha a noite inteira para procurar, e deveria começar pela sala do falecido. O assassino colocou a roupa novamente em Jonas, menos sua calça, e o arrastou até o quarto de banho mais próximo, ocultando lá seu cadáver, ao sair trancou a porta e jogou a chave atrás do balcão de enciclopédias. Voltou e acendeu algumas luzes, pegou a calça de Jonas e com ela limpou o rastro de sangue, em seguida jogou-a debaixo de uma das cabines de leitura. Dirigiu-se até a sala do bibliotecário e lá procurou desesperadamente o bilhete, mas não o encontrava. Amaldiçoou mil vezes o velho, não estava ali! Mas onde estaria? Será que Jonas o havia destruído? Não era possível, seria muita insanidade! — pensou o assassino. A madrugada fria chegou, ele continuava alucinadamente

a procurar aquele maldito papel, mas não o achava. O que iria fazer agora? Seus planos cairiam por terra caso não encontrasse seu bilhete nos próximos dez dias. Por volta das três da madrugada percebeu que não conseguiria encontrar o que procurava; já havia se cansado, estava com ódio e com muita fome. Tinha que dar um jeito de procurar no outro dia, mas sabia que a biblioteca seria interditada depois que a polícia descobrisse o crime. Mas de qualquer forma daqui a pouco iria amanhecer; só lhe restava esperar a poeira baixar, torcer para ninguém encontrar o bilhete e voltar para procurá-lo.

CAPÍTULO 02

Ao leste do Rio Douro, nas famosas caves de vinho do Porto, em Vila Nova de Gaia, acaba de nascer mais um dia de sol, o clima está perfeito, bem melhor do que na madrugada anterior em que chovera muito em todo distrito do Porto.

Sabrina levanta de sua cama, toma um breve desjejum em seu pequeno apartamento em Matosinhos e sai para a Universidade Lusófona, está um pouco adiantada, mas lembrou que tinha de passar antes na Biblioteca Pública para ver se encontrava duas literaturas que não havia encontrado na biblioteca da universidade. Já em seu carro, entra pela Via de Cintura Interna a 95 km/h e em menos de dez minutos chega ao Jardim de São Lazaro onde fica o antigo convento que atualmente é o prédio sede da Biblioteca Pública.

Ao chegar estaciona próximo à biblioteca, olha no painel do carro, já são 8:25 sua aula de psicologia deverá começar por volta das 8:45, tinha de ser rápida para não se atrasar, pois a Dr. Isabela Montenegro não tolerava atrasos em sua aula. Sabrina estava cansada daquela árdua semana, ainda bem que já era sexta-feira, e logo a noite sairia com seus amigos para distrair um pouco a mente.

— Bom dia, eu gostaria de saber se vocês têm esses dois livros? — disse Sabrina à mulher do balcão de atendimento.

— Bom dia, deixe-me ver. — ela pegou o papel das mãos de Sabrina, consultou em seu computador, em seguida pegou sua caneta.

— Temos sim, os dois, e estão disponíveis. Vou anotar o número aqui para você buscá-los.

— Ok, obrigada!

Sabrina pegou o papel e seguiu para o acervo para procurar os livros. O primeiro era O Príncipe de Maquiavel, estava no número 320.1 - M149. Tinha dois exemplares, ela pegou o exemplar que parecia estar mais conservado. O próximo, O Senhor dos Anéis, número 823.91 – T649.

— Que livro enorme! Não sei como já o li duas vezes? — disse a si mesma ao encontrar o livro de mais de 1200 páginas. Tinha cinco exemplares disponíveis, olhou para ver qual estava em melhores condições e pegou o exemplar 01. Dirigiu-se para fazer o empréstimo.

— Sabrina, este é o exemplar 01, ele é restrito para empréstimo, não tem outro lá do mesmo?

— Ah sim, claro. Havia me esquecido, vou voltar lá e pegar outro.

Sabrina achava aquilo um saco, afinal pra que restringir um livro daquele tamanho, quem seria o louco de lê-lo ali na biblioteca? Pegou o exemplar 05 e voltou para o balcão, fez o empréstimo, agradeceu e saiu.

Como havia previsto, chegou cinco minutos atrasada, a professora Isabela Montenegro a fitou com repúdio. Pediu licença e sentou-se. Montenegro continuou sua aula tediosa, ela fingia que ensinava, os alunos fingiam que aprendiam e tudo ficava bem.

— Sabrina, você vai com a gente hoje na 2 por acaso? — perguntou Joana que estava na carteira de trás.

— Oi Jô, mas quem vai com a gente?

— Por enquanto, eu, você e a Fabi.

— Mas tem certeza que quer ir lá? Já fomos semana retrasada e estava uma chatice só!

— Mas hoje a entrada feminina é *free* até meia-noite, e quando a nossa entrada é *free*, lota de homem.

— Já que você ta falando, tudo bem então, a gente conversa depois da aula direito e marcamos de se encontrar, tudo bem?

— Tudo bem!

***

Carmen estava nervosa, afinal, quem havia trancado a porta da porcaria do quarto de banho do acervo? As pessoas queriam usar e agora tinham que ficar subindo no andar de cima.

— Dona Ciana, você por acaso viu a chave do quarto de banho do acervo principal?

— Não vi, Carmen, está trancado?

— Sim, e a chave não está na porta!

— Que estranho, a gente nunca fecha nenhum dos quarto de banho.

— Sim, mas aquele tá fechado e não sei onde foi parar a chave... e que eu sei a outra chave fica com o seu Jonas, mas ele não chegou até agora?

— O Jonas ainda não chegou?

— Ainda não, olhei na mesa dele e tá uma bagunça danada, mas não encontrei a chave não!

— Que estranho, ele nunca se atrasa, deve ser por que já está de saída mesmo.

— Dona Ciana, afinal de contas, por que seu Jonas tá saindo depois de

tanto tempo?

— Olha Carmen, isso até eu mesma gostaria de saber, ainda falta dois anos pra ele se aposentar, mas decidiu que ia sair de qualquer jeito, eu não pude segurá-lo, né? Desconfio que deve ter encontrado um emprego melhor, não quis questioná-lo muito para não parecer indelicada.

— Sei não, ele anda tão esquisito ultimamente, nem tem saído muito da sala, só ficava em frente ao computador.

— Então Carmen, também notei isso, achei estranho, vai saber o que é, né?... De qualquer forma o Vasconcelos vai descer da restauração para assumir o cargo dele na segunda, aí é só o Jonas passar alguns procedimentos básicos pra ele que o resto ele pega com o tempo.

— Bom, dona Ciana, agora vou voltar aos meus afazeres, vou esperar seu Jonas chegar para poder abrir a porta do quarto de banho, enquanto isso as pessoas utilizam o de cima. — afirmou Carmen saindo da sala da bibliotecária chefe e se dirigindo de volta ao acervo.

Foi até o quarto de banho dos funcionários, logo que entrou na porta encontrou seu balde de alumínio no chão, pegou ele e notou que estava um tanto amassado. — Quem será que jogou meu balde no chão? — indagou-se. Pegou um pouco de água, uma flanela e detergente no armário.

Se aproximando do acervo, no exato momento em que virou o corredor seis, viu ao longe algo prateado reluzindo debaixo da estante das enciclopédias; como no piso não havia sujeira alguma, era fácil ver algum objeto no chão, por menor que ele fosse. Aproximou-se já imaginando o que seria, e quando abaixou-se confirmou que era a chave sumida. Resmungou alguma coisa e foi até o quarto de banho para abrir a porta. Ao entrar e acender a luz viu de marcas de sangue e logo ao fundo um corpo estendido. Só teve uma reação, gritou desesperadamente. Alto o suficiente para que todas as pessoas que estavam na biblioteca ouvissem e fossem rapidamente ver o que estava acontecendo.

***

Joseph acorda por volta das 10:30, está cansado, havia dormido muito pouco, ele estica sua mão até o criado, pega seu telemóvel para ver a hora, mas está sem bateria.

— Droga! — diz irritado.

Levanta da cama e põe o aparelho para carregar. Vai ao quarto de banho

para lavar os dentes. Aproveita para tomar banho e fazer um pouco de alongamento em frente ao espelho. Fica orgulhoso de seus fortes bíceps graças aos três anos de academia. Se enxuga, penteia o cabelo castanho claro, e sai nu para o seu quarto. No corredor olha no quarto de seu pai, está fechado! Volta as atenções para seu telemóvel que estava emitindo alguns bips. Na tela mostrava uma nova mensagem, de seu pai. Abriu-a rapidamente e leu: "5 Onde não falta vontade existe sempre um caminho..." Mas afinal, o que era aquilo? Seu pai não era de enviar mensagens, ainda mais daquele tipo, sem sentido. Ficou inquieto com aquilo, antes mesmo de se vestir ligou seu iMac e jogou aquela frase no Google. Cerca de 10 mil ocorrências apareceram em sua tela. "Onde não falta vontade existe sempre um caminho; JRR Tolkien; O Senhor dos Anéis". Antes que pudesse raciocinar e pensar no que estava havendo seu telemóvel tocou.

— Bom dia, é Joseph?

— Bom dia, sim sou eu! Quem está falando?

— Joseph, é a Ciana da biblioteca. — disse ela com voz calma mas que demonstrava um pouco de tristeza. — Você pode vir rapidamente para a biblioteca, agora?

— Mas por que, o que houve, aconteceu algo com meu pai?

— É melhor você vir aqui, te explicaremos melhor pessoalmente.

Joseph desligou o telemóvel, colocou sua roupa, pegou a chave do carro, e saiu bastante preocupado. Aquela frase não saia de sua cabeça, algo estava muito errado.

— Oi queria falar com a Ciana, o que está acontecendo? — perguntou Joseph no momento em que entrou na biblioteca e percebeu as viaturas da polícia paradas lá fora.

— Oi Joseph! — disse Ciana se levantando da cadeira onde conversava com um dos policiais.

— Oi Ciana, o que está havendo aqui? Onde está meu pai?

— Calma querido, sente-se aqui!

A seguir, Ciana contou o ocorrido ao jovem, que em sua reação parecia não acreditar. Queria por que queria ir até onde estava o corpo, mas a polícia não deixou, pois era cena de um crime e não poderia ser violada.

Joseph era o único filho de Jonas; sua mãe, Hellen, com quem viveu em São Paulo até os catorze anos de idade, havia morrido há cerca de oito anos atrás, e desde então seu pai o trouxera para morar em Portugal. Seu

relacionamento com Hellen foi passageiro, aconteceu quando ela fora conhecer a cidade do Porto, mas foi suficiente para gerar um filho, Joseph. No entanto Hellen e Jonas já tinham suas raízes firmadas no Brasil e em Portugal, e nenhum queria abrir mão disso. Então decidiram que a criança seria cuidada pela mãe e o pai ajudaria financeiramente. Mas com a morte de Hellen, o pequeno Joseph não teve opção senão ir morar com seu pai, no Porto.

Durante todo o decorrer do dia, a polícia tomou depoimento de todos que estavam na biblioteca naquele momento, funcionários, estudantes, leitores e também do jovem Joseph, que era a pessoa mais próxima dele na cidade. O delegado perguntou a ele se seu pai tinha inimigos e o que poderia ter causado o assassinato. Joseph sabia o que provavelmente acontecera, o motivo daquele crime, mas não podia contar ao delegado e a ninguém, pois seu pai não queria que ninguém ficasse sabendo daquilo até que a euforia baixasse. Pois não era sempre que alguém acertava um prêmio de 145 milhões de euros na loteria européia.

CAPÍTULO 03

Jackson vai até o bar e pede outro *drink*, para ser mais exato, o sétimo *drink* da noite. A balada está fervendo ao som de *Beyoncé*, *Gaga, Cher, Akon e Black Eye Peas*. Novamente na pista de dança o jovem percebe que tudo ao seu redor está girando, o efeito do álcool já o tomava conta. Tenta encontrar seus amigos Beto e Ricardo, mas no meio de tanta gente isso se torna quase que impossível. Quando surge *Fergie* no telão da boate o que se houve são gritos e assovios. Era a musa inspiradora de Jackson, e aquela música *Meet Me Halway*, fazia com que se lembra-se de Anne, seu único e verdadeiro amor, Anne era muito especial em sua vida, mas por obra do destino não puderam ser nada além de bons amigos.

— Anne, eu te amo! — gritou ele no meio da multidão que se jogava freneticamente dançando ao ritmo das diversas luzes coloridas e piscantes.

Jackson dançou por mais alguns minutos, perdeu seu copo de bebida no meio da pista, pra onde fosse que olhasse enxergava belas garotas, loiras, morenas, ruivas, orientais... aquilo sim era o paraíso.

— Heiii, Jack, te encontrei cara! — disse Alberto o abraçando. — Aceita um Jose?

— Oxe, Beto, quem é esse tal Jose?

— O mexicano... Tequila brother! — respondeu Beto já dando o pequeno copo para Jackson, que o bebeu instantaneamente.

— Poxa cara, tu tá doidão hein!

— Doidão é pouco, hoje quero beber todas! Como diria o poeta "o pão é a realidade, mas o álcool é imaginação..."

Em seguida, Jackson disse a Beto para esperá-lo ali que iria ao quarto de banho e já voltaria. Beto consentiu com a cabeça e voltou pra pista todo torto dançando loucamente.

Na escada que descia até o quarto de banho o jovem se apoiava no corrimão para conseguir descer com segurança. Olhou para o símbolo do quarto de banho que indicava o masculino, estava um tanto embaçada sua visão, mas conseguiu acertar o local. Quando saiu de lá e subiu os degraus parou e olhou; a sua frente estava o bar, à esquerda a pista e a direita os sofás de descanso. Não pensou muito e foi até os sofás e lá se esparramou meio sentado, meio deitado; não demorou e seus olhos se fecharam num intenso e gostoso cochilo de balada.

— Oi moço, moço... — ouviu Jack em seu devaneio. No mesmo momento que sentiu uma mão apertando sua perna.

— Oi, oi, desculpa. — respondeu ele acordando assustado e lembrando onde estava.

— A gente não quer atrapalhar seu sono, só preciso de um espacinho no sofá pra deixar minha amiga que não está muito bem!

Jack sentou-se corretamente liberando espaço para a moça.

— Sabrina, fique aqui e descanse um pouquinho, você já bebeu demais! — disse Fabiana para a amiga.

— Tá bom Fabi, mas já que eu melhoro e volto pra dançar com vocês!

Fabiane e Joana deixaram-na no sofá e voltaram para a pista, aproveitar o fim de noite, já era cerca de 4 da manhã e logo o som cessaria e com ele terminaria mais uma alucinante balada na 2 por acaso.

— Oi Sabrina, você tem um lindo nome! — disse Jack, animando-se pelo fato daquela linda morena ter sentado consigo naquele sofá e ainda mais no fim de festa que todos sabiam ser o melhor momento pra descolar uma gata, pois a maioria delas ficavam loucas querendo encontrar algum cara que lhes desse carona, e nessas horas pouco importava se fosse carona para suas casas ou para a deles.

— Obrigada, qual é o seu? — indagou ela se interessando por aquele jovem rapaz que lembrava uma espécie de Keanu Reeves mais jovem.

— Jackson, mas pode me chamar de Jack.

Continuaram a conversar, como de praxe era ela quem falava mais. Disse que estudava psicologia, que seus pais moravam em Braga e pagavam sua faculdade e seu apartamento, e que o dinheiro que ganhava no estágio era só para suprir seus gastos pessoais.

Depois de falar quase toda sua vida para ele, resolveu deixá-lo falar um pouco. Então Jack resumiu sua vida. Era brasileiro e morava há cinco anos em Vila Nova de Gaia, onde dividia um apartamento com seu amigo Beto, também brasileiro.

— E você trabalha? Estuda?

— Bom, trabalho de garçom em um restaurante, o Saint-Dennis, ali no centro... mas também sou técnico de informática, mas como atualmente todo mundo sabe mexer e arrumar computadores, está meio fraco esse ramo.

Sabrina sabia que em baladas como aquela era difícil encontrar pessoas interessantes, que pudesse de fato conhecer melhor nos dias seguintes, em

outros ambientes mais calmos, não por que ali não tinham pessoas interessadas em compromissos, mas o efeito do álcool, junto com os *flash* de luz e o som, fazia com que o cérebro entrasse em uma espécie de transe energético que fazia as pessoas se verem somente como objetos sexuais em potencial, e isso era claro nas cantadas e conversas que haviam por todos os lados dentro daquela boate. Mas Sabrina se interessou por aquele rapaz, por mais que ela estivesse bêbada tinha percebido algo diferente nele. Mas não sabia explicar o que era!

Quando suas amigas retornaram, estavam acompanhadas por dois caras bêbados que as abraçavam por trás.

— Sabrina, já melhorou? — perguntou Fabiana.

— Sim, já estou melhor. Vocês já querem ir?

— Então, a gente conheceu o Marcos e o Marcelo, são irmãos! — respondeu Fabiana dando risadas. — E eles vão levar a gente pra passear um pouquinho. Você quer vir com a gente?

— Mas Fabi, nós viemos juntas e o trato foi voltarmos juntas, lembra? — questionou Sabrina.

— Eu sei, mas é que...

— Tudo bem, podem ir, daqui a pouco estou indo também.

— Mas Sabrina, você está bem para dirigir?

— Nunca estive melhor!

As duas se despediram e saíram dali com seus novos amiguinhos.

— São suas amigas? — perguntou Jack.

— Sim, essas duas folgadas são sim. Você viu só como estavam oferecidas pra aqueles dois caras?

Jack sorriu. Em seguida olhou para Sabrina, aproximou-se e pegou em suas mãos. Ela sentiu um calor intenso subindo em seu corpo. Será que ele irá me beijar? — pensou ela, no mesmo instante em que o jovem tocou seus lábios e começou a beijá-la.

Os dois continuaram ali no sofá até que por volta das 05:30 o segurança pediu para que se retirassem pois a festa havia acabado. Os dois pagaram suas contas e foram para fora da boate. Estava frio, Jack aproveitou para abraçar a jovem e esquentá-la.

— Sabrina, estou com dois amigos meus, você quer uma carona?

— Então, Jack, eu agradeço, mas estou com meu carro ali no estacionamento, além do mais você mora em Vila Nova, é completamente o

oposto da minha casa.

— Droga! — pensou o jovem, quando consegue descolar uma gata ela não aceita carona, que azar!

Sabrina chamou Jack para esperar pelos seus amigos dentro do carro, pois estava com muito frio. Ele aceitou!

Dentro do carro continuaram os beijos, só que dessa vez com mais intensidade, Jack a beijava no pescoço, dava leves mordidinhas em sua orelha e beijos e sua bochecha. Aquilo estava a deixando maluca de desejo.

— Jack, você quer uma carona?

— Como assim, estou com meus amigos...

— Mas eles estão demorando tanto!

— Tudo bem, mas vai me dar carona pra onde?

— Pra onde você quiser!

Aquilo era o sinal que ele esperava. Pegou seu telemóvel e ligou para Beto, ele ainda estava na fila para pagar. Jack avisou o amigo que não iria embora com eles, e que amanhã conversariam melhor. Beto quis saber mais detalhes, mas Jack já havia desligado o telemóvel.

Já em Matosinhos os dois chegam ao apartamento de Sabrina. Ela estacionou o carro na vaga do vizinho, pois não estava em condições de estacionar em sua vaga. Subiram abraçados no elevador.

— Que grande seu apartamento! — comentou Jack.

— Grande? Acho isso aqui um aperto! — respondeu a jovem jogando sua pequena bolsa no sofá e ligando a televisão.

— É que você não viu onde eu moro ainda... olha que visão você tem daqui, da até pra ver o mar!

— Isso é, a visão é bem bonita, mas aposto que na sua casa você acorda e já vê o Rio Douro de sua varanda...

— Quem me dera... — respondeu Jack abraçando Sabrina e deitando com ela no sofá da sala.

— Você gosta de sofá, né? Acabamos de sair de um e já me arrasta pra outro.

Ambos riram e começaram a se beijar suavemente, enquanto lá fora amanhecia mais um dia maravilhoso na cidade das pontes.

Na televisão reprisava o jornal principal da RTP. A famosa jornalista Andrea Azevedo apresentava uma matéria enquanto entrevistava algumas pessoas em frente ao Palácio de Cristal. Sabrina e Jack pararam o beijo para ver

aquela reportagem.

— *O maior prêmio da história da euromilhões ainda continua um grande mistério. Já faz mais de quinze dias que o sortudo ou a sortuda, da cidade do Porto, que ganhou a bolada de 145 milhões de euros ainda não se manifestou para retirar seu prêmio, isso causa muita especulação na cidade, é o assunto do momento, e agora estou aqui em frente do Palácio de Cristal para perguntar às pessoas o que elas acham que aconteceu com o ganhador ou ganhadora desse magnífico prêmio e o que fariam caso ganhassem tanto dinheiro.*

— Sabrina, o que você faria com 145 milhões de euros? — indagou Jack.

— Não tenho a mínima idéia, mas acho que daria metade aos meus pais e parentes, e com a outra metade iria viajar pelo mundo. E você, o que faria com tanta grana?

— Se eu ganhasse tudo isso iria gastar tudo com viagens, carros, bebidas, sexo, drogas e rock and roll. — respondeu Jack dando gargalhadas e voltando a beijar Sabrina.

— É só acreditar que você também pode ganhar um dia, lei da atração, o que você realmente deseja o universo conspira para que você consiga.

— Mas no caso é praticamente toda população do planeta desejando o mesmo, né?

— Isso é! Mas sei lá, eu acredito que um dia irei de ficar milionária.

— Tudo bem então, também vou começar a partir de hoje a acreditar nisso. Agora que tal me mostrar teu quarto?

— Agora?

— E tem outra hora mais apropriada?

A jovem sorriu, levantou-se e desligou a televisão e puxou Jack pelas mãos até seu quarto. Lá chegando, Sabrina fechou a cortina e ambos se deitaram beijando-se loucamente e tirando suas roupas, Jack ainda meio alcoolizado imaginou que estava com Anne, e ali os dois ficaram até que ambos dormiram.

Jack acordou primeiro, sua cabeça ainda estava zonza, e o zunido do som ainda não havia deixado seus ouvidos. Colocou sua roupa e foi até o quarto de banho, depois para a cozinha tomar água, muita água!

O relógio de parede da sala marcava 14:37, pelo jeito a noite realmente havia sido boa, aliás muito boa, pensou ele ao entrar novamente no quarto de Sabrina e ver que ela ainda dormia. Depois foi até a sala, ligou a televisão, mas não passava nada que prestasse naquela tarde de sábado. Desligou-a e

deitou-se no sofá, estava exausto, com fome e ainda com sede.

— Ressaca maldita! — disse ao se levantar para ir beber mais água, mas antes viu na estante um livro que chamou sua atenção. Pegou-o da estante, era O Senhor dos Anéis, na capa havia um grande olho em chamas, o olho de Sauron.

— Interessante, mas prefiro o filme, olha só o tamanho disso! — disse a si mesmo.

— Bom dia, pelo visto você gosta de ler? — indagou Sabrina aparecendo diante dele vestindo somente uma camisola roxa.

— Bom dia, já acordou, dormiu bem?

— Dormi sim, mas estou morrendo de fome! Faz tempo que acordou? Tá com fome?

— Acordei agora pouco, tava aqui vendo seu livro, tô com um pouquinho de fome, sim! — respondeu Jack um pouco tímido, pois encarar aquela gata bêbado era uma coisa, agora ficar frente a frente com ela sóbrio era bem diferente, ainda mais que ele nem a conhecia direito.

Sabrina levou ele até a cozinha e preparou um rápido café da manhã, que no caso estava mais para café da tarde. Apesar de já terem transado ainda estava um clima de timidez entre os dois, Sabrina não costumava levar os caras que conhecia em balada para transarem em sua casa, contudo tinha gostado do jeito de Jack, ele era bonito, engraçado e conversava bem.

Logo após o café Jack disse que teria de ir embora, pois ainda trabalharia naquele sábado, e ainda tinha que ir para casa e depois voltar para a Baixa portuense. Sabrina ofereceu carona, mas ele não aceitou, disse que pegaria um táxi. Ambos trocaram telefone e, no momento que Jack foi devolver o livro na estante Sabrina se aproximou.

— Pode levar, você não quer lê-lo? É bem legal a história!

— Mas eu já vi o filme, e se eu levar esse livro demorarei dias para lê-lo, olha o tamanho disso.

— Fique tranquilo, é da Biblioteca Pública, você pode começar a lê-lo e renovar caso gostar, ou pode devolver também!

— Tudo bem, mas você não vai ler?

— Já li duas vezes, só peguei para relembrar algumas partes, mas pode levar, depois eu pego outro. — disse Sabrina sabendo que se ele levasse aquele livro, certamente seria um motivo para ele voltar a falar com ela, nem que fosse para dizer que não havia gostado.

Jack embrulhou o livro dentro de sua blusa verde, Sabrina ofereceu uma sacola, mas ele recusou. Se despediram com um beijo e sorrisos. Jack agradeceu por tudo e entrou no elevador.

— Eu te ligo pra gente marcar outro café, tá bom?

— Tudo bem, vou esperar!

Já na calçada, com o livro nas mãos, ele ligou para um táxi, que em menos de cinco minutos chegou.

— Boa tarde, senhor! Para onde desejas?

— Vila Nova de Gaia, por favor!

CAPÍTULO 04

O corpo do bibliotecário havia passado rapidamente pelo legista da polícia científica, sendo liberado no sábado à tarde, o laudo com o resultado oficial sairia em alguns dias, apesar de ser óbvio que a vítima havia morrido em virtude do tiro que tinha levado nas costas e que atingira em cheio seu fígado e sua veia cava inferior, o que proporcionou a hemorragia interna que o matou.

Logo após o enterro do pai, no domingo pela manhã, Joseph ainda abalado voltou para casa junto com sua tia, irmã de seu pai, Janete que morava em Lisboa, pois ela apesar de morar distante e raramente ter contato com ele, decidiu ficar ali por uns dias para auxiliar o jovem rapaz a superar aquele momento difícil.

— É meu querido, quem será fez isso com seu pai? E por quê?

— Eu falei hoje cedo com o inspetor e ele ainda não tem pistas nenhuma.

— Muito estranho não acha? Logo o Jonas, uma pessoa tão boa, alegre que não fazia mal para ninguém. — disse Janete com um ar de tristeza.

— Sim tia, muito estranho mesmo! Agora não sei o que vou fazer da minha vida sem meu pai aqui.

— Querido você estás a trabalhar?

— No momento não, só estou a estudar.

— Engenharia né? Seu pai havia me dito uma vez!

Joseph concordou com a cabeça, continuaram a conversar e quando Joseph pediu licença para ir descansar um pouco sua tia o segurou pelo braço.

— Querido, não quero parecer indelicada, mas... sabe, eu tenho que te fazer uma pergunta que está martelando aqui em minha cabeça desde que recebi a notícia da morte de seu pai.

Joseph voltou a se sentar.

— E o que é tia?

— Seu pai morreu por causa do prêmio que ganhou?

Aquela pergunta fora um choque para Joseph, pois jurava que ninguém mais, além dele e de seu pai sabiam sobre o prêmio... mas afinal, como a sua tia sabia?

— Que prêmio, tia? — perguntou ele demonstrando surpresa.

— Querido, não precisa esconder de mim. Na terça-feira, quando falei com seu pai a última vez, ele me contou do prêmio da euromilhões, a princípio não acreditei, pois se trata de muito dinheiro, achei que ele estivesse apenas

zombando de mim só porque o bilhete premiado tinha saído pra um apostador daqui. Mas agora que o mataram dessa forma, só posso acreditar que é verdade o que ele havia me dito!

Joseph não sabia o que falar, pois seu pai havia jurado a ele que não falaria para ninguém que havia ganho na euromilhões, pois acreditava que aquilo traria muita cobiça e fama indesejável, esperaria uns dias para ir reclamar o prêmio, já que tinha o prazo de trinta dias. Fez Joseph também jurar que não falaria nada para ninguém. Mas agora percebeu que seu pai não havia cumprido de todo com sua promessa. Se sua tia sabia, com certeza mais pessoas poderiam saber também, pra quem mais ele havia dito? Será que o assassinato tinha alguma coisa com os 145 milhões?

— Então, essa história do dinheiro é verdadeira? — indagou Janete com um ar de curiosidade extrema. — Querido, estou falando com você! — disse ela percebendo que seu sobrinho devaneava.

— Oi tia, desculpe, então, eu não sei do que você está falando, meu pai não me disse nada, com certeza era brincadeira dele, você mesma sabe como ele gostava de pregar peças, né? — respondeu Joseph, que por alguma razão achou melhor não dizer a verdade, pelo menos não agora, não antes de ir até a biblioteca para verificar aquele livro que seu pai mandou no SMS antes de morrer talvez seu bilhete estivesse por lá, pois lembrou que no dia do crime seu pai havia saído de casa com o bilhete, pois tinha mostrado a ele de manhã, dizendo que não largaria aquele papel por nada. Joseph ainda alegou que era perigoso ficar andando por aí com aquele vale de 145 milhões, mas seu pai era teimoso, para ele o melhor cofre era sua própria carteira.

— Então não sei, ele parecia bem convincente pelo telefone. Mas se você que é filho está afirmando que não era verdade, então deve ter sido só uma brincadeira mesmo.

— Sim, deve ter sido!

— Bom, mudando de assunto um pouco, porém continuando no mesmo... Você viu que o ganhador ainda não foi buscar o dinheiro, e parece que faltam menos de dez dias pro prazo vencer.

— Não foi, tia! Deve estar esperando a euforia baixar um pouco né? Ou é alguém louco que aposta e não confere o resultado.

— Só sendo louco mesmo, se eu que tivesse ganho esse dinheiro todo te garanto que já teria gasto mais que metade! — disse Janete rindo. — Só assim pra gente sorrir um pouco, né querido?

— É sim tia, é sim. Agora se me permite vou tomar uma ducha e fazer alguma coisa pra gente comer.

— Tudo bem, querido. Mas quanto a parte da cozinha é só me mostrar onde estão as coisas que eu faço algo pra nós, afinal, tia é para isso também!

Logo após o breve lanche da noite, Janete lavou a louça e Joseph enxugou. Depois o jovem foi se deitar e sua tia ficou na sala vendo televisão. Já na cama, Joseph não conseguia dormir, mil pensamentos passavam em sua cabeça agora. E o principal era: — Tenho que ir logo até a biblioteca e encontrar logo esse bilhete, antes que vença o prazo ou pior, ele caia nas mãos de outras pessoas. Outra coisa que estava tirando seu sono era o fato de seu pai ter contado para sua tia do prêmio.

***

Após servir pratos praticamente o dia todo, Jack volta para casa exausto. Em seu pequeno apartamento trata logo de ir tomar uma ducha para descansar. Beto, como de costume não estava em casa, provavelmente estava na casa de alguma de suas centenas de namoradinhas. Logo após a ducha, Jack deita em sua cama e liga a TV. Mas não estava a passar nada que prestasse. — Bem que poderia ter uma TV a cabo! — pensou ele ao desligar o aparelho. O dia todo havia pensado se ligaria ou não para Sabrina, na noite anterior ela lhe mandara uma mensagem dizendo que tinha adorado conhecê-lo e perguntando se ele já havia começado a ler o livro. Jack tinha gostado de estar com ela, porém seu pensamento ainda continuava em Anne, quando ele iria se livrar daquela obsessão? Não sabia!

Pensou e resolveu que não ligaria para ela, não queria criar falsas esperanças, mas ao mesmo tempo gostaria de ligar e conhecê-la um pouco melhor, afinal, estava se sentindo muito solitário. Pegou seu telemóvel e enviou uma mensagem para Sabrina. "oi Sabrina, estou começando a ler o livro, beijos". Pegou o livro que estava em seu criado mudo, ajeitou-se em sua cama e começou a folheá-lo, de repente caiu um papel de dentro do enorme livro. O jovem curioso pegou-o e viu que era um bilhete de jogo da euromilhões, olhou a data, era recente. "Alguém deve ter usado como marca páginas" — pensou ele, deixando o bilhete de lado.

Depois de cerca de quarenta minutos de leitura, seus olhos estavam ardendo, era hora de parar. Pegou o bilhete e marcou a página que havia parado, colocou o livro novamente sobre o criado mudo. Antes de desligar a

luz pegou seu notebook para verificar as notícias e seu email, quando abriu o site de notícias *sapo on-line*, logo em destaque viu outra matéria sobre o misterioso vencedor da euromilhões.

— Que cara louco, deve ter perdido o bilhete, só pode! — disse baixinho para si mesmo, no momento que pensou "bilhete perdido? No livro tem um bilhete, será? Não, não é possível!".

Jack pegou de novo o livro, tirou o bilhete e entrou no site da euromilhões, digitou o número do concurso, conferiu os cinco números (01, 22, 28, 34, 46) e as duas estrelas (02 e 07) e ambas sequências conferiam; só podia estar louco, atualizou o site, entrou novamente no concurso e conferiu, algo devia estar errado, não podia ser! Novamente conferiu, dezenas de vezes em seguida. — Que droga é essa, isso só pode ser uma brincadeira de mal gosto da Sabrina, deve ser falso esse bilhete, só pode!" — pensou ele, pegando seu telemóvel e ligando para ela.

— Oi, Jack, achei que não fosse me ligar!

— Oi Sabrina, tudo bem?

— Tudo sim e com você?

— Também!

— Recebi sua mensagem, já começou a ler o livro né?

Jack ficou em silêncio, olhou mais uma vez para o bilhete em sua mão, custava a acreditar.

— Então, é por isso que resolvi te ligar, eu já encontrei seu bilhete premiado, achou que eu ia cair nessa, né?

— Como assim? Que bilhete premiado?

— Não adianta disfarçar, você sabe exatamente do que estou falando!

— Jack, você por acaso bebeu hoje? Do que está falando?

O jovem olhou novamente para o bilhete, colocou-o sob a luz, verificou sua textura, realmente parecia original. Mas como ele iria saber se era ou não verdadeiro? Só restava esperar amanhecer e ir até o departamento de jogos Santa Casa, para verificar.

— Jack, você está ouvindo? Jack...

— Oh, sim, estou te ouvindo...

— Me diga uma coisa, que história mais maluca é essa de bilhete premiado?

— Então, esquece, acho que tô ficando doido... — respondeu Jack tentando despistar o assunto. — Escuta, estou gostando do livro, não

demorarei muito com ele, logo devolverei pra você.

— Não esquente! Só lembre de renovar ele na biblioteca a cada catorze dias.

— Sim, só pode ser isso! — pensou ele. O livro havia sido emprestado da biblioteca, provavelmente Sabrina nem tinha percebido aquele bilhete dentro. Isso explicava o por quê a pessoa que ganhou não ter ido buscar o prêmio até hoje, de certo tinha emprestado aquele livro, colocado o bilhete dentro dele por algum motivo e quando foi devolver esqueceu dentro e agora não se lembrava mais onde deixara. E era bem provável que a pessoa nem tivesse visto que ganhou, pra deixar um bilhete assim dando sopa.

Ainda descrente, despediu-se de Sabrina, alegando que iria ler mais um pouco. Em seguida começou a pesquisar na internet assuntos relacionados à euromilhões. A noite iria ser longa, não ia conseguir pregar o olho, estava ansioso e ao mesmo tempo cauteloso, afinal, não sabia se aquele realmente era o bilhete dos 145 milhões de euros.

CAPÍTULO 05

Durante toda madrugada nem Jack e nem Joseph conseguiram sequer cochilar. Quando o relógio marcou 07:30 da manhã os dois saíram para seus diferentes destinos, mas que os levavam a um mesmo objetivo, o dinheiro. As 08:00 a Biblioteca Pública já estava aberta, o trabalho da polícia havia sido feito durante o final de semana, dessa maneira o local já estava liberado para o acesso. O primeiro que entrou nela — depois dos funcionários — foi Joseph. Pesquisou no catálogo o número do livro, foi até o acervo e verificou que ali havia quatro exemplares. Pegou todos eles e os levou até uma cabine de leitura, e lá folheou um por um, na expectativa de encontrar o bilhete ou alguma outra pista de seu velho pai.

"5 Onde não falta vontade existe sempre um caminho" — essa mensagem não saia de sua cabeça. — "O que significava aquele número 5?"

Ao terminar a verificação ficou confuso, olhou em todos exemplares várias vezes, principalmente no capítulo e em páginas com referência direta ao número 5. Mas não achou nada naqueles livros. Por que seu pai havia mandado aquela mensagem? Não fazia sentido!

— Bom dia, Joseph, o que faz tão cedo na biblioteca?

Joseph se virou assustado em direção à voz que vinha de trás de si. Era Ciana, ele ficou aliviado.

— Bom dia, Ciana, eu... bom, eu... eu vim aqui pra saber se vocês já tem alguma informação do que aconteceu com meu pai. — disse ele engasgando, tentando disfarçar seu real interesse em estar ali.

— Pois é querido... A polícia terminou ontem a noite de colher pistas aqui, agora é esperar eles descobrirem quem fez uma barbaridade dessas com seu pai. — disse ela com os olhos enchendo de lágrimas. — Não sei o que vai ser dessa biblioteca agora, tudo bem que seu pai ia sair já, mas não podia ser desse jeito, ele era uma pessoa amada por todos daqui, não vejo motivo nenhum pra alguém cometer tal barbárie.

— Se acalme Ciana, mais cedo ou mais tarde o responsável por tudo isso vai aparecer, vai apodrecer na cadeia! — disse o jovem convincentemente.

— Assim esperamos, que seja feita justiça! — resmungou Ciana ao ver que o jovem estava com quatro exemplares de O Senhor dos Anéis em sua cabine.

— Pelo visto você gosta desse livro! — comentou Ciana.

— Sim, é um clássico, não é? Estava aqui sem nada pra fazer e peguei esses quatro pra dar uma olhada.

— Entendo, mas nas minhas contas de bibliotecária que praticamente decorou todo o acervo acho que está faltando um exemplar aí.

— Está? Não sei, onde eu verifico?

Ciana desconfiada daquela atitude do garoto pegou os quatro livros e verificou, realmente faltava o exemplar 05.

— Me deixa verificar na estante, nós temos cinco exemplares desse livro e aqui só tem quatro.

A ficha de Joseph logo caiu, o "5" na mensagem provavelmente significava exemplar 05. Ele foi atrás de Ciana, porém o livro não estava ali, provavelmente havia sido emprestado, alegou a bibliotecária. Joseph sentiu um mal estar quando soube que alguém havia pegado exatamente aquele exemplar 05.

— Maldição! — resmungou ele, não acreditando naquilo.

— O que disse? — questionou Ciana ao perceber que ele estava tenso.

O jovem pensou em perguntar para Ciana como conseguiria saber se aquele livro realmente estava emprestado e pra quem. Mas achou mais sensato não perguntar a ela, pois certamente ela iria querer saber o por quê do jovem estar tão interessado em ver todos cinco exemplares do mesmo livro.

Antes de sair da biblioteca ele teve uma ideia, esperou Ciana sair do acervo e subir para sua sala, então se dirigiu até o balcão da biblioteca, onde uma bela moça estava a atender. Joseph não a conhecia, provavelmente era alguma estagiária nova, logo puxou assunto, aproveitando que a biblioteca estava vazia naquele momento.

— Moça, eu gostaria de pedir uma informação para você. Como você se chama?

— Ketlen! O que você deseja? — respondeu ela sorrindo.

Então o jovem disse à estagiária que havia esquecido uma foto muito importante dentro do exemplar 05 de O Senhor dos Anéis, mas não estava encontrando-o no acervo e gostaria de saber se estava emprestado e com quem estava. Logo ela afirmou que o livro havia sido emprestado sexta passada, mas que não podia revelar quem havia emprestado o mesmo.

Joseph ficou mais preocupado ainda, sexta foi o dia que o corpo de seu pai havia sido encontrado, será que o próprio assassino havia emprestado o livro? — pensou ele.

— Ketlen, você pode me informar a hora desse empréstimo?

— Foi as 8:37 da manhã!

De qualquer forma percebeu que o livro havia sido emprestado antes de acharem o corpo no quarto de banho, mas isso não significava muita coisa. Tinha de descobrir quem havia emprestado ele e se possível o telefone e endereço da pessoa. Joseph argumentou com Ketlen o quão importante era aquela foto para ele, mas ela voltou a insistir que não poderia passar aquela informação. No exato momento em que ele não sabia o que fazer, novamente surge Ciana. Conversou com a bibliotecária chefe, alegou que tinha emprestado aquele exemplar 05 e que havia esquecido uma foto dele e de seu pai dentro do livro, e era por isso que estava procurando em todos aqueles livros lá no acervo. E que só não tinha dito na hora porque estava muito abalado ainda com o acontecimento. E agora precisava encontrar logo quem estava com o livro antes que a foto se perdesse.

Ciana concordou e autorizou Ketlen a passar os dados para o jovem. Ela anotou tudo em um pedaço de papel e o entregou para Joseph, que agradeceu as duas e saiu rápido da biblioteca.

— Ketlenzinha, verifica pra mim no sistema, o histórico de empréstimo desse exemplar 05 e manda imprimir na minha sala.

Com o histórico de empréstimo na mão, Ciana logo verificou o que suspeitava, aquele livro nunca tinha sido emprestado por Joseph e nem por Jonas. Mas afinal, por quê o filho de Jonas mentiu? O que será que ele queria com aquele livro? — pensou ela.

***

— Bom dia, senhor Zigmund, meu nome é Augustos Vastos, sou gerente dos Jogos Santa Casa. A secretária me informou que você está com um bilhete premiado da euromilhões, confere? — perguntou o homem de terno Hugo Boss azul marinho.

— Confere sim! — respondeu Jack com firmeza!

— Muito bom, pode vir até minha sala!

Augustos e Jack entraram na sala, ali havia um grande aquário de peixes marinhos, Jack ficou impressionado.

O homem de terno Hugo Boss pediu para o jovem se sentar, ofereceu café ou chá, mas ele não aceitou, estava calmo por fora, mas por dentro estava muito ansioso. Caso aquele bilhete fosse falso, provavelmente ele podia ser

preso por tentativa de estelionato, e se fosse verdadeiro nem sabia como reagiria. Jack pegou seu telemóvel, estava a vibrar, era um número desconhecido, desligou o aparelho para não ser incomodado.

— Então, senhor Zigmund, posso ver o bilhete?

Jack com as mãos nitidamente tremendo pegou o bilhete em sua carteira e o entregou para o homem, que em seguida o conferiu minuciosamente, pegou o telefone e pediu para a secretária chamar Ramos e Alexandre.

Ambos ficaram em silêncio, o homem continuava a avaliar o bilhete enquanto dois outros homens — também de ternos — adentraram à sala. Cumprimentaram o jovem, um deles sentou ao seu lado, enquanto o outro pegou o bilhete das mãos de Augustos e saiu em seguida.

— Pode ficar tranquilo, senhor Zigmund, nosso diretor, Ramos só vai até o setor de verificação para verificar a veracidade do bilhete, já que ele volta com seu bilhete... Bom, deixa eu te apresentar, esse é o Alexandre nosso contador, ele vai te passar algumas informações básicas de como proceder depois que o senhor sair daqui.

O telefone tocou, Jack estava nitidamente suando muito, nunca se sentira tão ansioso e nervoso como ali naquele momento. Augustos sorria ao telefone, disse algumas coisas que Jack não entendeu e desligou o aparelho.

— Até que enfim o senhor resolveu aparecer, quase ia perder o prêmio!

Jack ficou imóvel olhando para o homem, nem sequer piscava.

— Bom, meus parabéns! Como vai querer levar o dinheiro?

— Bom, eu, eu... não sei ainda. — respondeu Jack sem ainda acreditar.

— Normal filho, afinal não é todo dia que ganhamos tanta grana, não é mesmo? — disse Augustos sorrindo.

— Claro! — resmungou Jack.

— O senhor já tem conta em algum banco? — perguntou o contador.

— Tenho sim!

— Bom, sendo assim o dinheiro poderá ser depositado em sua conta em até 24 horas se assim preferir, mas temos uma equipe de investimentos que irá conversar com o senhor daqui a pouco. Eles vão mostrar alguns investimentos que o senhor poderá fazer para que seu dinheiro possa render mais, mas fique tranquilo, não é nada obrigatório, é mais para te dar uma base mesmo do quanto você ganhou e o quanto poderá investir e gastar sem se preocupar em perder dinheiro.

— Senhor Zigmund, os jogos Santa Casa oferece ao senhor segurança

particular por dez dias, porque ao sair daqui o senhor virará celebridade, todos irão querer saber quem é o novo milionário da cidade. — disse Augustos.

Jack continuava não acreditando no que seus olhos e ouvidos viam e ouviam, só iria acreditar mesmo quando os 145 milhões de euros estivessem de fato em sua conta bancária.

No resto da manhã Jack ouviu os investidores que queriam vendê-lo desde fazendas no norte da Áustria até edifícios comerciais no centro de Paris. Mas Jack só queria mesmo o dinheiro em sua conta, e queria rápido, pois logo sairia na imprensa que o vencedor tinha reclamado seu prêmio e seria um deus-nos-acuda caso aparecesse alguém alegando ser o verdadeiro dono do bilhete. Se tivesse mais sorte do que já tivera, a pessoa que havia posto o bilhete no livro provavelmente nem deveria saber que aquele bilhete estava premiado.

***

Joseph chegou por volta das 10:20 ao endereço que Ketlen lhe passara, pegou o papel para conferir novamente o local (Sabrina de Almeida – Rua do Godinho, 634, ap. 45 - Residencial Senhor de Matosinhos). Era exatamente ali, naquele prédio azul. A rua era muito estreita e não tinha lugar para ele estacionar o carro, então deixou em cima da calçada, torcendo para não passar nenhum guarda para multá-lo. Estava com um pouco de receio, afinal, por que ela tinha emprestado justo aquele livro, no meio de tantos? E justo depois do assassinato de seu pai. Abriu a porta de vidro e entrou.

— Bom dia, gostaria de falar com a Sabrina do apartamento 45. — disse ele ao porteiro, um senhor que aparentava ter seus sessenta anos e que usava óculos de grau.

— Bom dia, qual teu nome?

— Joseph Boaventura.

— A dona Sabrina não está, saiu para a aula, só volta na hora do almoço. — respondeu ele com uma voz extremamente simpática.

Restava a Joseph esperar. Voltou para o carro e foi até uma lanchonete ao final da rua, quase chegando ao mar. Pediu um pão de queijo e um capuccino. Estava angustiado por ter de esperar, decidiu ligar no telemóvel de Sabrina. Tocou oito vezes até que atendeu:

— Alô.

— Oi, é a Sabrina?

— Sim, quem está falando?

— Sabrina, meu nome é Joseph, você não me conhece, eu preciso muito conversar com você, vim até sua casa mas o porteiro disse que você está na aula.

— E sobre o que você quer conversar comigo? — questionou a jovem desconfiada daquela ligação que recebera no meio da aula e que a fez sair da sala para atender.

— Eu queria conversar com você sobre um livro que você emprestou sexta-feira na Biblioteca Pública.

— Mas qual dos dois?

— O Senhor dos Anéis... preciso...

— Ah sim, você é da biblioteca, né? Já sei, você está me ligando porque eu o emprestei para o meu amigo... não podia ter emprestado?

— Não... claro que não podia, você não está com o livro? — disse Joseph surpreso.

Com isso ele não contava, ela achava que ele fosse da biblioteca, ele tinha que tirar vantagem nisso, caso contrário nem saberia como proceder para tentar chegar até o livro.

— Poxa, desculpe-me, eu não sabia disso... mas como vocês souberam se nem venceu o prazo de devolução ainda?

— Bom, temos nossos meios, hoje em dia até os livros são rastreados por satélite. — disse ele não acreditando no que estava a dizer. — Qual o nome da pessoa pra quem você emprestou o livro?

— Jack, é um amigo meu, ele disse que...

— E você tem o endereço e o telefone desse seu amigo? — interrompeu Joseph.

— Só tenho o telefone, endereço não! Mas ele mora em Vila Nova de Gaia... Vai ter alguma penalidade por eu ter emprestado o livro da biblioteca pra ele?

— Não, fique tranqüila que não terá penalidade nenhuma... desde que ele devolva o nosso livro, claro! Você pode me passar o telefone desse Jack?

Sabrina passou o telefone de Jack para ele. Joseph agradeceu a jovem, desligou o telemóvel e logo ligou para o tal de Jack, chamou quatro vezes e caiu a ligação, ele insistiu, mas o telemóvel do tal Jack parecia ter sido desligado.

Por volta das 18:00 Joseph volta até o apartamento de Sabrina, pois tentara contato com Jack a tarde toda sem sucesso; mas novamente outro porteiro afirmou que ela não devia ter chego ainda, pois o interfone não atendia no apartamento dela. Joseph tenta ligar para Sabrina e agora o telemóvel dela também parecia ter sido desligado.

— Só podia ser um complô, armação dela, inventando esse tal de Jack para fugir com o bilhete premiado, que provavelmente era o que tinha naquele livro — pensou ele, agradecendo o porteiro e saindo. Foi até uma rua próxima e ficou vigiando de longe para ver se Sabrina aparecia, aí daria o bote!

***

Já de tarde, após Jack ter realizado todo procedimento para receber os milhões, ele foi orientado a dormir em um hotel no centro da cidade, pois lá estaria mais seguro para esperar o dinheiro cair em sua conta.

Dentro do quarto do luxuoso hotel, o jovem não desgrudava nenhum segundo da tela do computador, a cada minuto atualizava o site do banco na esperança do dinheiro aparecer em sua conta. Quando olhou para seu telemóvel sobre a mesa lembrou que o tinha desligado quando estava a conversar com Augustos, quando religou o aparelho ele tocou no mesmo instante, era Beto.

— Cara onde você se meteu? Não te vejo faz dois dias!

— Então Beto, é que aconteceu uma coisa, não posso explicar agora, mas...

— Ah já sei, nem precisa falar, tú ta com aquela gata da boate ainda, né seu safadão?

— Bom, na verdade... é mais ou menos isso!

— Vai, pode confessar, confessa... ela é boa?

— Bom, Beto... agora não posso falar muito, mas está tudo bem comigo, vou resolver uns negócios por aqui e depois volto pra casa e falo contigo, tá bom?

— Beleza então, vai lá e aproveita, pega essa gostosa de jeito e...

Jack nem deixou o amigo terminar a fala e já desligou o aparelho, em seguida apertou novamente o botão de atualização e nada.

Em meados de 05:35 da manhã Jack resolveu sair um pouco da frente do computador e se esticar na cama, ficou imaginando mil coisas ao mesmo tempo, o que faria? O que compraria? Onde moraria? E pensou em sua amada,

Anne. Será que se ele voltasse para o Brasil ela iria ficar com ele?

O jovem acordou de sobressalto, cochilou por cerca de trinta minutos e pensou que já tivesse passado horas. Foi até o banheiro lavar o rosto e ao voltar sentou-se novamente em frente ao computador, clicou em atualizar e para sua surpresa apareceu na tela: (Saldo disponível: €$ 145.022.875,44)

— Cristo do céu! Estou rico, estou rico... — gritou Jack de felicidade. — Tenho de ir embora daqui, o mais rápido possível... Vou voltar para o Brasil! Vou voltar para o Brasil!

Jack ligou na recepção e pediu um táxi, em seguida pegou suas coisas, fechou sua estadia no hotel, despistou o segurança e entrou no táxi, pediu para o motorista levá-lo até Vila Nova de Gaia, para que pegasse suas coisas mais essenciais e deixasse logo o país, antes que todo mundo soubesse que o milionário tinha ido retirar o prêmio, isso não era tão ruim, ruim seria quando o verdadeiro dono do bilhete soubesse dessa novidade. Mas Jack sabia que ele, caso reclamasse seu prêmio, não teria como comprovar, uma vez que o bilhete premiado não era nominal.

CAPÍTULO 06

Quando chegou ao aeroporto Sá Carneiro, tratou rapidamente de fazer o *check-in* no balcão da TAP, parecia estar muito cansado e apreensivo, segurava com firmeza suas duas malas. Seus olhos castanhos estavam vermelhos como sangue, nitidamente esfregava-os freneticamente, pois pareciam arder.

— Tudo certo, senhor Zigmund, o seu embarque será no portão 12 às 14:30, sua bagagem já está identificada e pronta para despache. — disse a moça da companhia aérea mostrando para o jovem onde ele deveria colocar sua bagagem.

— Ok, grato! — respondeu Jack.

Ao deixar as duas malas com o funcionário da TAP, o jovem sentiu um sinistro calafrio, pois sabia muito bem o que havia em uma delas, pois assim que deixou seu apartamento em V.N. de Gaia, tinha ido sacar 2 milhões de euros na agência bancária, pois tinha que garantir que caso acontecesse alguma coisa com sua conta bancária, caso o dinheiro fosse bloqueado ou coisa assim, ele teria uma boa reserva em espécie dentro daquela mala preta.

Torceria agora para que o raio-x não detectasse o conteúdo de sua mala, pois se isso ocorresse até ele se explicar com a polícia federal, perderia muito tempo. E não sabia também se era legal embarcar tanta grana assim, sem antes declarar à polícia. Depois que saiu do banco fora para outro hotel, onde lá embrulhou os quatro sacos de 500 mil euros em uma colcha de dormir e resolveu arriscar no aeroporto.

Suspirou fundo, o funcionário da TAP já havia posto sua bagagem na esteira e lá estavam as duas malas indo para o raio-x.

— Oh meu Deus, ajude-me! — pensou o jovem, que ficou parado só esperando para ver se suas malas passariam intactas pelo raio-x e fossem devidamente colocadas no carro bagageiro. Caso uma daquelas malas fosse extraviada ou perdida seria uma tragédia.

Por fim as malas passaram pelo raio-x e continuaram rolando até sumirem no final da esteira. Jack sentiu-se aliviado por um lado, pois até o momento parecia que não iria haver problemas no embarque, e angustiado por outro, pois agora estava distante do conteúdo da grande mala preta, e isso causava preocupação.

— Boa noite, podes me informar onde encontro um banheiro? — perguntou Jack para um segurança do aeroporto.

O segurança olhou para ele com certa desconfiança.

— Que queres?

— Ah me desculpe, quis dizer onde encontro um quarto de banho?

O segurança sorriu dessa vez e apontou para a direita, mostrando ao jovem uma placa enorme que indicava o quarto de banho.

— Obrigado!

— Às ordens! — respondeu o segurança imaginando que só pelo jeito que o sujeito falava com certeza era brasileiro.

Já dentro do banheiro o jovem lavou o rosto, jogou água nos olhos que ardiam muito, devido ao fato que não dormia já fazia cerca de dois dias.

— O que estou fazendo meu Deus? Será que essa é realmente a decisão correta? — indagava a si mesmo ciente de que já havia tomado a decisão de voltar para o Brasil.

Ao sair do banheiro verificou seus documentos; o cartão do banco, identidade, passaporte e passagem. Tudo certo! Dirigiu-se imediatamente para o portão 12 para aguardar o embarque.

— Olá, o senhor e a senhora desejam algo? — indagou a comissária de bordo.

— Oi... queria saber se você tem um protetor de ouvido? — questionou a mulher ao lado.

— Claro. Já vou providenciar para a senhora. E o senhor o que deseja?

Jack abriu os olhos assustado, mas não conseguiu nitidamente observar quem estava ali de pé ao seu lado esquerdo.

— Me desculpe, o que foi?

— Serviço de bordo. O senhor deseja alguma coisa?

— Ah sim, claro, por favor me traga uma tônica!

— Sim senhor, aguarde um momento que já trarei o pedido de vocês!

— Ok! — respondeu Zigmund no momento que acordou completamente e percebeu que já estava dentro do Boeing da TAP. Piscou os olhos com força e esfregou-os, mesmo assim sua visão ainda estava embaçada. Certamente era culpa das duas noites sem dormir.

O jovem olhou para a direita e viu uma mulher, aparentando ter uns vinte e poucos anos de idade, sentada ao seu lado.

— Olá, tudo bem? — disse Jack querendo socializar.

— Oi, tudo bem sim e você?

— Tudo! Nossa acordei agora, tinha até esquecido que estávamos

voando!

— Pelo visto você está com muito sono, seus olhos estão bem vermelhos.

— Verdade, já estou sem dormir há alguns dias!... Bom, como você se chama?

— Renata e você?

— Jackson, mas pode me chamar de Jack. Você mora no Brasil, Renata?

— Moro sim, pra ser mais precisa sou de Porto Alegre e você?

— Sou do Paraná!... Você estava em Portugal a passeio? — continuava perguntando, enquanto seus olhos melhoravam e já permitia que visse Renata nitidamente. Ela era linda. Loira, olhos azuis, aproximadamente 1,70 altura "apesar de que estava sentada e não dava para ele medi-la com exatidão"

— Não! Estava estudando, tinha uma bolsa de mestrado, mas como já finalizei o curso, agora tenho que voltar pra triste realidade.

— Nossa, tão nova assim e já fez mestrado? Realmente, bem que falam, as gaúchas além de lindas são muito inteligentes!

— Que nada, você está exagerando!... E nem sou tão nova assim.

— Estou não, nenhum pouco, você é realmente muito bonita!

— Obrigada, você é muito gentil!

— Às ordens! — respondeu Zigmund sorrindo.

Renata também sorriu, fechou a revista que estava em sua mão e a colocou sob sua perna.

— Às ordens não, por favor, já saímos de Portugal, podemos falar brasileiro já.

— Sim, claro, eu quis dizer, de nada! — completou Jack sorrindo. — Bom, voltando ao assunto de idade, sei que não se deve perguntar isso a uma dama, mas já que você me disse que não é tão nova, quantos anos você tem?

— 25 e você?

—Aí, você tem 25 anos e se acha velha já? Quantos anos você acha que eu tenho?

Renata sorriu novamente, mexeu o cabelo para trás, apertou a revista contra sua perna e respondeu:

— Bom, acho que você tem uns 19?... Acertei?

— Poxa, ganhei meu dia... Tenho 23!

— Nossa, juro que não parece! — respondeu a jovem surpresa e ao mesmo tempo feliz por ele não ter 19. Afinal, ela sabia que de certa forma o que estava rolando ali era um flerte com o rapaz. Ele era um pouco mais alto

que ela, curtos cabelos preto, pele morena, rosto bonito, sorriso perfeito, aparentava ser forte, bem vestido, bom papo e marcava presença. Era exatamente o biotipo perfeito para ela.

— Então, Jack, o que faz nesse avião?

— Bom, eu vôo!... Brincadeirinha, estou voltando pro Brasil, estava trabalhando há cerca de dois anos em Portugal, mas agora ganhei na loteria e decidi voltar pro nosso bom e velho país!

— Bacana, e quanto você ganhou? — perguntou Renata no mesmo instante que foi interrompida pela aeromoça.

— Com licença, aqui está o tapa-ouvido e a tônica que vocês pediram. Desejam mais alguma...

A voz da comissária foi interrompida por um ruído de explosão ensurdecedor, em seguida o avião começou a tremer e a balançar, parecia um carro sem amortecedor numa ladeira de pedra. A jovem aeromoça deixou cair seu *tablet* no chão e ficou segurando na poltrona para não ser arremessada de um lado para o outro. As pessoas começaram a gritar desesperadas.

— O que aconteceu? — gritava Renata, com um semblante completamente de pânico.

— Não sei, fica calma, deve ser a turbulência. — respondeu Jack pegando em suas mãos e tentando acalmá-la.

A revista que ela segurava voou para longe, assim como o carrinho da aeromoça e algumas bolsas e pertences de outros passageiros.

Jack e Renata sentiram seus ouvidos quererem estourar, o ruído que vinha de fora era extremamente alto. Jack de relance olhou para a poltrona ao lado e viu uma velhinha chorando com um terço em mãos. Ele notou que o barulho vinha do lado direito do avião, tapou seus ouvido esquerdo com a mão e o direito com o ombro, abriu a cortina pra ver o que estava acontecendo e quase teve um colapso de pavor, não podia acreditar no que estava vendo, tinha de ser mentira! "Meu Deus" — foi só o que conseguiu pensar. Jack e Renata estavam sentados bem ao fundo do avião, o que dava direito a uma visão panorâmica da turbina soltando uma tenebrosa fumaça escura e manchando todo céu. O avião começou a chacoalhar violentamente, os gritos de desespero aumentavam, conforme a asa se debatia contra o vento ela envergava e parecia que iria se quebrar. Não tinham nada a fazer, a não ser começarem a rezar. Jack não era uma pessoa de muita fé, mas naquele momento era só o que os restava. Ele olhou novamente para Renata que estava

com os olhos fechados, sentiu uma forte pressão contra seu peito, era o cinto! Pegou na mão esquerda da jovem, estava fria e dura como pedra.

— Renata, você está bem? — gritou ele.

A comissária continuava segurando no braço da poltrona. Quando o jovem olhou pra ela de vislumbre, começou realmente a temer o pior. Ela parecia chorar angustiadamente, e ele pensou — "se ela que é treinada pra qualquer tipo de emergência está chorando, significa que a situação é realmente desesperadora".

— Vai cair, oh meu Deus, vamos morrer! — gritou uma voz no exato momento que o barulho vindo da turbina cessou.

— Cala a boca! — gritou outra pessoa.

Jack olhou para um bebê na poltrona da frente, ele ao contrário de todo mundo, estava sorrindo, parecia se divertir com aquela confusão generalizada. Renata estava com o rosto vermelho e olhos cerrados. Segurava firme na mão de Jack, parecia querer quebrá-la ao meio, mas na verdade queria de algum jeito se sentir protegida.

— Calma Renata, vai ficar tudo bem! — gritou o jovem, tentando passar a ela um pouco de conforto que nem mesmo ele tinha.

De súbito sentiram um vazio e um frio tremendo no meu estômago, seus pés colaram no chão e seus corpos colaram na poltrona, não conseguiam nem sequer se moverem. Pra completar a angustia e o medo, do alto das poltronas de todo o avião surgiram máscaras de oxigênio amarelas que ficaram balançando em todas as direções no mesmo ritmo do avião. Realmente, o pior estava acontecendo, sabia Jack, estavam caindo!

Um zunido aterrorizador como um longo silvo de apito tomou conta de todos ouvidos. A comissária que se segurava como podia do lado de Jack foi arremessada com violência contra o teto, assim como vários objetos que continuavam a voar perigosamente de um lado para o outro dentro do avião. Jack não estava mais sentindo falta de ar, mas de nada adiantaria respirar por uns minutos sabendo que iria morrer. O avião devia estar caindo em parafuso. A gritaria era geral, se ouvia tudo que é tipo de desespero negativo "Vamos morrer! Vai cair! Vamos explodir! Socorro! Deus nos ajude!". A gritaria tomava conta do avião, mas em um instante ela parou completamente, dando lugar somente ao terrível zunido vindo de fora, Jack sentiu sua garganta ficar seca e um súbito frio penetrar em seu corpo, causando-o tontura. Ele não hesitou, pegou duas máscaras e colocou em si e em Renata. Agora não podiam mais

falar nada um com o outro, devido às máscaras que usavam. Mas o olhar de Renata para Jack falava mais do que tudo. Ambos encostaram suas cabeças e choraram com grande tristeza e medo. Jack sabia que quando aquela maldita aeronave caísse no oceano seria seu fim, o fim de um sonho, um sonho meio impossível, mas que de alguma forma havia iniciado no exato momento em que ele havia sentado no sofá daquela boate e conhecido Sabrina...

CAPÍTULO 07

Sabrina chega em casa, a portaria estava vazia, provavelmente o porteiro fora tomar café na copa. Ao entrar em seu apartamento começa tirar toda roupa, não vê a hora de ir para o banho. O trabalho de ética que passou a tarde toda na biblioteca da universidade fazendo a deixara exausta. Deixa a bolsa no sofá, liga a TV e vai direto para o quarto pegar uma peça de roupa limpa e uma toalha. Vai em direção ao quarto de banho, sente um leve friozinho seguido de uma sensação ruim de que está sendo observada.

A jovem deixa as coisas no quarto de banho e volta até a sala para verificar se trancou a porta; estava trancada, assim como as janelas. Volta para o quarto de banho, tira o que restou de sua roupa, fica nua. Fica se olhando no espelho, verificando como está seu corpo, se tudo ainda está em seu devido lugar. Pega sua escova vermelha e coloca um pouco de creme dental, abre o box do banheiro e entra para tomar seu delicioso banho. Liga o chuveiro e nota que a água está bem gelada.

— Droga! — diz a si própria. — Justo hoje essa bosta queimou!

Ela tenta mexer na chave de temperatura mas não resolve, continua a sair água gelada.

— Não vou tomar banho nessa água!

Saiu do box irada. Tinha três opções, ir até a casa de uma das meninas para tomar banho, comprar outro chuveiro e pedir para o porteiro instalar ou ficar sem tomar banho. A última descartou rápido, não era francesa, necessitava de tomar no mínimo dois banhos por dia, um quando acordava e outro quando chegava.

Contudo achou outra idéia ainda melhor, podia ligar para Jack e pedir a ele para vir e instalar o seu chuveiro, já até saberia como pagar pelo serviço. Enrolou a toalha no corpo e foi para a sala pegar o telefone. Discou o número dele, mas estava desligado. Realmente aquele dia não era seu dia de sorte, imaginou ela. Quando se virou para ir buscar sua roupa sentiu uma forte pancada em sua cabeça, sua visão escureceu e ela desmaiou.

Quando a jovem recuperou seus sentidos percebeu que estava deitada no chão gelado. A parte traseira de sua cabeça estava doendo, sua visão estava um tanto turva, mas permitiu ver uma pessoa parada, em pé, próximo a ela. Forçou a visão, em alguns segundos seus olhos se adaptaram novamente a claridade do ambiente, então ela pode enxergar. Viu que a pessoa usava uma

estranha máscara de pierrot.

— Quem é você? — indagou ela tomando forças para se levantar.

— A pergunta correta a fazer nesse momento é o que eu quero, e não quem eu sou. — afirmou o mascarado com sua voz grossa e rouca.

— O que você quer?... — começou a levantar-se do chão. — Por que me bateu?

— Se levante, sente-se no sofá e não grite, se fizer alguma coisa que não me agrade eu te mato. — o mascarado apontou a arma para Sabrina.

A jovem ficou perplexa, muito assustada. Pensou que fosse uma espécie de assalto, mas o que ele iria querer levar dali?

— Você pode levar tudo... quer dinheiro? Não tenho muito, mas pode levar também, tá no meu cofre, no quarto... na segunda gaveta do guarda-roupas.

— Sim, quero dinheiro sim, mas não creio que suas migalhas serão úteis.

— Mas não tenho nada que te interesse... você pode...

— Cala a boca e me escute...

Sabrina assustou e se calou; a arma apontada para sua cabeça a deixava praticamente sem ação. Não podia gritar e nem pedir ajuda a ninguém, mesmo se gritasse provavelmente ninguém a ouviria com todas portas e janelas fechadas.

— Você tem algo que me pertence... vou pedir somente uma vez e não irei tolerar mentiras ou tentativas suas de me enganar...

Sabrina incrédula nem de longe imaginava o que ela poderia ter que fosse de tão interessante assim para aquele sujeito.

— Não tenho nada que te interesse! — resmungou ela começando a chorar de medo.

— Tem sim... você emprestou recentemente um livro na biblioteca, e eu tenho muito interesse em ler esse livro, portanto quero que você me diga por que emprestou ele?

— Como assim? Que livro?

— Assim mesmo. Quero o exemplar 05 de O Senhor dos Anéis... me diga logo!

— Emprestei para ler...

— E por que pegou justo o exemplar 05?

— Eu não sei... eu tinha pego um, aí a moça me disse que não podia pegar aquele, pois era restrito, então voltei e peguei o outro.

— Ok. E onde está o livro?

Sabrina não conseguia acreditar naquilo que estava ouvindo. Que loucura! — pensou ela. — Aquele louco fizera tudo aquilo só por causa de um livro?

— Eu não estou com ele... emprestei para um amigo!

— Pare de querer me enganar sua vadia mentirosa, me fale logo onde está meu livro ou te mato aqui mesmo!

— É sério! Emprestei ele, eu juro por Deus!

O ser mascarado chacoalhou a cabeça reprovando a atitude de Sabrina. Aproximou-se dele com a arma em punho.

— Por que as coisas tem que se tornarem tão difíceis... custa colaborar e dizer a verdade?... Depois as pessoas não sabem por que morrem... — É a ultima vez que pergunto... onde está o livro?

— É verdade, eu emprestei ele! — disse a jovem agoniada.

O mascarado apontou a arma para sua perna e disparou. Sabrina ouviu o zunido do projétil silenciado pelo silenciador, sentiu uma fisgada no joelho seguida de uma sensação horrível de queimação. Tinha levado um tiro, bem no joelho direito. Instintivamente sentiu a necessidade de gritar e pedir socorro, mas quando se deu por conta tinha levado um soco no rosto e agora seu agressor estava tapando sua boca com um pedaço de pano.

Sabrina sentiu que estava realmente correndo um grande perigo, sentiu-se encurralada, não sabia o que fazer!

— Se gritar estouro sua cabeça! — disse a voz rouca apertando o pano contra sua boca. — Você vai gritar?

Sabrina chacoalhou a cabeça. O mascarado colocou a arma em sua cabeça e soltou o pano.

— Não queria que fosse assim, mas você não colabora... me diga logo onde está o livro que eu te deixo em paz.

— Não sei... por favor não me mate, não faz isso comigo... por favor...

— Resposta errada! — disse o mascarado dando outro tiro em Sabrina, dessa vez em sua perna esquerda um pouco acima do joelho.

Novamente colocou o pano em sua boca, ela começou a se debater querendo de alguma forma se livrar daquele sádico. Quanto mais se batia mais seu sangue escorria de suas duas pernas nuas.

— Não adianta ficar se debatendo que você não vai escapar... fala logo de uma vez por todas onde está meu livro? — perguntou o pierrot tirando o

pano de sua boca e já mostrando certa irritação com a jovem.

— Eu juro, eu juro... eu juro, emprestei o livro...

— Você emprestou para quem? Por quê? — indagou ele já percebendo que ela estava realmente falando a verdade.

— Emprestei para um cara que conheci na balada... ele dormiu aqui em casa, pegou o livro na estante...

— Você emprestou o livro que nem era seu pra um desconhecido?

— Eu gostei dele... emprestei o livro pra garantir que iríamos continuar conversando... entende?

— Ele pediu o livro emprestado?

— Não, eu vi ele mexendo e perguntei se ele gostava... daí emprestei para ele ler...

— Antes de emprestar você abriu o livro? Viu se dentro havia algo?

— Não, nem cheguei a abrir, do jeito que peguei na biblioteca o coloquei em cima da estante... pode conferir... o outro livro que peguei ainda está lá...

— Esse seu namoradinho por acaso achou algum papel no meio do livro?

— Não sei, depois disso só nos falamos uma vez... tentei ligar várias vezes mas o telemóvel só dava fora de área... — respondeu Sabrina torcendo para que ele acreditasse. Só restava dizer toda a verdade, colaborar o máximo que pudesse para sair logo daquela terrível situação. — Espera... ele me mandou uma mensagem dizendo que tinha começado a ler o livro... depois me ligou falando de um tal bilhete premiado, mas eu não sabia do que ele estava falando.

— Maldição! — disse o pierrot não querendo crer naquilo. O bilhete já fora encontrado.

— Pegue meu celular, está na minha bolsa... lá está a mensagem que ele me mandou.

— Quem é ele? Onde ele mora?

— O nome dele é Jack, me disse que morava em Vila Nova de Gaia.

— Tem o endereço dele? Foto? Alguma coisa?

— Não tenho... ele não me passou muitos detalhes da vida dele.

— Jack de que? Qual sobrenome?

— Jackson, Jackson Zigmund eu acho!

— Você está falando a verdade?

— Sim... sim, juro! Por favor não me mate. — disse ela chorando.

— Espere aqui! — disse o mascarado levantando e indo em direção a bolsa da jovem. Vasculhou o interior e pegou o telemóvel. Olhou nas mensagens e viu a que Jack tinha lhe mandado no domingo.

"oi Sabrina, estou começando a ler o livro, beijos".

Olhou os históricos de chamadas, ligou para o número de Jack e deu como desligado. A que tudo indicava a jovem estava a falar a verdade.

— Vejo que você colaborou com minha investigação... Agora só preciso de mais um favor seu...

— O que quer mais? — perguntou Sabrina já sentindo certa tonteira, devido ao pânico e a perda de sangue.

— Eu preciso chegar até esse Jack... e eu sei que você tem o endereço dele... me fale logo, ou...

Novamente ele apontou a arma para a jovem que já não estava mais com tanto receio de levar outro tiro, pois seu corpo já estava anestesiado.

— Ele não... não me deu endereço...

— Ele trabalha? Faz o que da vida?

— Bem, ele me disse que trabalhava num restaurante...

— Qual restaurante?

— Acho que... se não me engano o Saint-Dennis no centro...

— Tem certeza?

— Ele me disse na boate quando a gente se conheceu...

— Qual boate vocês se conheceram?

— Na 2 Por Acaso, lá perto da... da...

— Sei onde fica!

— Por favor, me deixa em paz agora... já te ajudei... liga para o hospital... estou sangrando, vou morrer! — implorou ela desesperada.

— Não se preocupe... não vou te deixar ficar aqui agonizando... seria muito injusto, afinal, você cooperou bastante comigo...

O pierrot aproximou-se dela, ajoelhou, mirou a arma na cabeça de Sabrina e atirou à queima-roupa. Ela sequer teve tempo de implorar por sua vida, já tombara morta com um tiro no meio da testa.

CAPÍTULO 08

Três dias se passaram e nada de Joseph conseguir contatar Sabrina ou Jack, continuou indo até seu apartamento e ligando para eles, mas nada dava certo. Ambos telemóveis ainda estavam desligados. O porteiro alegou que ela devia ter ido viajar para a casa dos pais, pois não a vira mais. Na noite anterior ele ficara esperando Sabrina até por volta de meia-noite e ela não havia aparecido, estava claro para ele que ela estava com o bilhete, por isso desaparecera. Só lhe restava agora uma coisa a fazer, ir até a polícia e contar tudo o que sabia. Porém, o que ele não esperava era que não precisaria se incomodar de ir até a polícia, pois ela havia acabado de chegar em sua residência.

— Joseph Vicente Boaventura? — disse o policial quando o jovem abriu a porta.

— Sim, sou eu!

— O senhor está preso!

— Preso? Mas por que? — questionou ele assustado.

— Você é suspeito pela morte de Sabrina de Almeida.

O jovem ficou perplexo, não estava acreditando no que ouvira do policial. Não conseguiu ter reação, queria entender o que estava havendo, mas não conseguia. Logo após receber voz de prisão, os policias o algemaram e em seguida o levaram para a viatura.

No setor de homicídios da delegacia, Jose Aringarosa, o inspetor chefe da sessão, recebeu o jovem para realizar as primeiras medidas cabíveis. Joseph ainda sem saber direito o porquê estava sendo preso foi levado até ele.

—Eu não sei o que está havendo, não matei ninguém! — disse ele desesperado e com medo.

— Sim, é o que todos falam, vamos ao que interessa... O senhor está sendo detido como principal suspeito na morte da jovem Sabrina Almeida, qual seu grau de ligação com a vítima?

— Como assim, eu nem a conheço, nunca vi ela na minha vida.

— Bom, senhor Joseph, aqui nos meus altos consta que o senhor esteve por três dias seguidos no apartamento da mesma, sem contar que também efetuou inúmeras ligações para a vítima, e foi visto rondando seu apartamento, inclusive no mesmo dia que ela foi assassinada. O senhor valida o que estou dizendo?

— Sim, eu fui lá, mas não cheguei a entrar, em todas ocasiões o porteiro

disse que ela não estava... quanto às ligações, eu liguei apenas uma vez para ela, as outras vezes que liguei só dava número desligado... mas eu não...

— O senhor acabou de dizer que não conhecia e nunca tinha visto a vítima, mas agora já diz que esteve no apartamento da mesma três vezes e até ligou para mesma. Isso me parece um tanto quanto sem lógica, uma contradição, não é? — indagou o inspetor subindo o tom de sua grave voz intimadora.

— Como ela morreu?

— O senhor não sabe?

— Claro que eu não sei!

— Como não sabe se foi o senhor que desferiu o tiro!

Joseph não via outra solução para se livrar daquilo se não fosse contar tudo o que acontecera, desde quando seu pai ganhara na euromilhões até seu assassinato na biblioteca, a mensagem que mandara para ele, e a coincidência do livro estar com Sabrina.

Quanto mais ia dizendo a verdade para o inspetor, mais ele não acreditava, no ponto de vista de Aringarosa essa história era ilógica..

— O senhor faz ou já fez uso de algum tipo de droga?

— Não!

— O senhor matou o seu pai? — indagou Aringarosa.

— Não, que absurdo, eu não matei ninguém, nem meu pai nem essa moça! — respondeu Joseph se exaltando.

— Acalme-se, por favor!

— Eu não consigo juntar os dois fatos ocorridos, a morte de seu pai com a da moça. Como esses fatos se juntam?

— Por causa do bilhete, só existe essa explicação.

— Tudo bem! Mas se o senhor me diz que tudo isso é por causa desse bilhete, e que ele está desaparecido, como explica o fato dele ter sido descontado anteontem?

— Descontado? Como assim? Não pode!

— O senhor não vê televisão não? É o assunto mais comentado da cidade!

Quando Joseph ouviu o inspetor afirmar aquilo, seu mundo parecia ruir diante de si, não podia ser, se já descontaram o bilhete, era sinal que perdera todo dinheiro que seu pai havia ganho, não podia ser, não queria acreditar.

— É claro, só pode ter sido uma armação dessa Sabrina e desse Jack! —

sugeriu Joseph furioso.

— Não esqueça que essa moça, Sabrina, foi assassinada; e esse tal de Jack nem sabemos se existe ou não.

— Mas, claro que existe, eu tenho o telemóvel dele que ela mesma me passou...

O inspetor pediu para um investigador checar o telemóvel de Joseph para ver se encontravam o tal de Jack. Enquanto isso continuava o interrogatório.

— Como ela morreu?

— Pensei que o senhor soubesse! — respondeu o inspetor sarcasticamente, jogando para Joseph o B.O. da criminalística.

Joseph então leu, a que tudo indica, Sabrina havia sido morta na madrugada anterior por vários ferimentos procedentes de arma de fogo, o mais relevante teria sido disparado contra sua cabeça, segundo a criminalística esse foi certamente o que ceifou sua vida. Pelas marcas em seu corpo, os tiros em ambas as pernas, caracterizava um assassinato cruel, típico de alguém que quisesse que a vítima revelasse algo. Nesse momento Joseph pensou: "Sim, é a única explicação, o tal de Jack só pode ter matado ela para ficar com o bilhete, é a única explicação!". Enquanto Joseph ligava os pontos em busca de que fizessem algum sentido, o inspetor estava ao telefone, falando somente expressões do tipo: "hunnn, sei, tudo bem..."

Quando ele saiu do telefone Joseph contou sua teoria, Jack era o assassino, só podia ser ele...

— Meu investigador me ligou, disse que o tal Jack realmente existe, mas seu nome verdadeiro é Jackson Zigmund, e o mesmo embarcou para o Brasil na terça feira à tarde e, como o senhor pôde verificar no inquérito, a vítima foi morta nessa madrugada, portanto o tal Jackson não pode ter sido, concorda?

Joseph não sabia mais o que falar, ou como se defender daquele inspetor que queria tirar a confissão dele à força.

— Posso dar um telefonema? Avisar minha tia que estou aqui?

— Sim, o senhor tem direito a um telefonema e a um advogado, caso não puder pagar um, o estado lhe indicará um defensor público. — dizendo isso o inspetor pediu para que levassem o suspeito para a cela, mas que antes o deixasse fazer sua ligação.

CAPÍTULO 09

— Moço, você está com algum problema? — dizia uma voz distante, enquanto Jack tentava voltar à luz.

Quando conseguiu novamente se ater a realidade levou um tremendo susto olhando em volta para todas as direções.

— Nossa, onde estou? — indagou ele ofegante.

— Estamos no avião, indo para o Rio. Você está bem?

— Sim, agora estou, tive um pesadelo! — respondeu ele olhando para seu lado na esperança de encontrar Renata, mas o que viu foi uma senhora, de mais ou menos uns sessenta anos que usava óculos de grau.

— Me desculpe, não tinha uma moça sentada aqui, Renata, o nome dela?

A senhora olhou para ele desconfiada, ele só podia estar de brincadeira com ela, e por sinal de muito mau gosto.

— Não, não tinha nenhuma jovem aqui com esse nome. Aliás, eu sou Renata Bonjardin, e embarquei com você no mesmo aeroporto.

— Mas então eu dormi esse tempo todo? — perguntou ele surpreso.

— Sim! — respondeu ela friamente.

— Bom, então me desculpe senhora, eu devo ter confundido o meu sonho.

— Tudo bem!

— A senhora sabe se falta muito pra chegar?

— A comissária acabou de informar, dentro de alguns minutos estaremos no Galeão.

Jack não conseguia tirar o agonizante e realístico sonho que tivera. Seria um presságio? Um sinal de que o que ele estava fazendo era errado? Ou simplesmente um pesadelo?

Depois de seu sonho, não demorou trinta minutos e o avião já havia pousado no aeroporto internacional Antônio Carlos Jobim, o Galeão. Jack estava com muita fome, e uma vontade louca de pegar logo sua mala e começar a resolver sua vida. Para seu alívio as duas malas foram lhe entregues em segurança, pegou um táxi e disse o que sempre sonhou dizer:

— Copacabana Palace, por favor!

Quando o táxi amarelo virou na avenida Atlântica Jack ficou admirando o lugar que antes só conhecera por fotos. Havia muitas pessoas andando no calçadão de Copacabana, gente a pé, de bicicleta, de patins, e também vários

motoqueiros sem capacete.

O táxi entrou no estacionamento circular do hotel, ali tinham algumas árvores que davam um tom brasileiro ao hotel mais famoso do país. O taxista parou, ajudou Jack com as malas até a recepção, quando de prontidão veio um homem – que mais parecia estar fantasiado de marinheiro – ajudar com as malas.

Jack foi pagar o taxista, mas lembrou que tinha só um problema. Não tinha nenhuma nota em reais, pois não tinha ido ao banco ainda para fazer a conversão de moeda.

— O senhor aceita euro?

— Sem problemas, aqui no Rio aceitamos qualquer dinheiro!

Jack sorriu, tirou a carteira e lhe deu uma nota de 50 euros, dizendo para ficar com o troco.

O motorista do táxi abriu um enorme sorriso, entregou um cartão para o rapaz e saiu do hotel.

— O senhor tem reserva? — indagou a simpática recepcionista.

— Não, acabei de chegar de viagem. Tinha que fazer reserva com antecedência?

— Não, sem problemas! O senhor vai querer apartamento ou suíte?

— Pode ser suíte, de frente ao mar, de preferência!

— Quantos dias?

— Por enquanto três dias! — respondeu ele já imaginando tudo que faria com tanta grana na cidade maravilhosa.

— Qual será a forma de pagamento?

— À vista, em dinheiro! — respondeu Jack com um leve sorriso.

Dentro da suíte tratou logo de pedir algumas guloseimas. Tratou também de abrir e verificar sua maleta, estava tudo ali, seus 2 milhões de euros, sua reserva caso acontecesse alguma coisa. Foi até a varanda com seu notebook, olhou para a imensidão azul, era bela sua vista! Mas não pôde admirar por muito tempo, pois tinha que resolver algumas pendências e definir algumas prioridades. Ligou o notebook e abriu um documento de texto onde digitou uma sequencia do que deveria fazer.

1. Ir ao banco para transferir sua conta da Europa para o Brasil.
2. Comprar um carro e sair para passear e curtir a cidade maravilhosa
3. Contatar Beto, mandar um dinheiro para ele, e explicar o motivo de

ter vindo embora tão rapidamente.

4. Contatar Sabrina, pedir desculpas pelo livro da biblioteca que certamente iria atrasar na devolução. E mandar algum dinheiro para ela também.
5. Esconder os dois milhões em algum lugar que não fosse um banco.
6. Voltar para casa depois de cinco anos, rever sua mãe e seu padrasto e, talvez Anne, de quem já não tinha notícia há muito tempo.

Saiu do hotel para cumprir sua primeira missão, mas antes foi andar um pouco pelo calçadão para refletir. Quando pisou nas curvas do calçadão de Copacabana não pode deixar de lembrar dos tempos em que andava com Anne pelo calçadão de Caiobá, e as eternas discussões acerca de definir se eram gaivotas ou cabeças de orca que lá estavam esculpidas. O certo era uma coisa, o Rio podia ter todo glamour que tinha, mas que as calçadas de gaivotas em Caiobá eram mais bonitas, isso era!

Estava se cansando de tanto andar, finalmente chegou até a estátua de Drummond, gostaria de tirar foto, mas não tinha nenhuma câmera disponível e também ninguém conhecido para bater a foto. Seu celular que tinha câmera ele havia deixado no hotel, pois não dava sinal ali no Rio, tinha que comprar outro. Continuou andando, olhou a sua frente um parque bem arborizado chamado Garota de Ipanema, resolveu entrar, não demorou muito e saiu do outro lado, por acaso se viu no lugar que mais queria conhecer em toda a cidade, o Arpoador!

A vista que tinha do cumi das pedras do Arpoador na tarde carioca era para ele sem dúvida uma das vistas mais belas do mundo, o fazia relembrar a vista no Pico de Matinhos; do seu lado direito Ipanema, do esquerdo Copacabana, em frente, a imensidão do mar, se estendendo até onde seus olhos conseguiam enxergar. Agora entendia a mensagem que acabara de ler na estátua de Drummond, aquela era a cidade maravilhosa, de tamanha exuberância e beleza cujo o poeta dizia que o mar ajudou a esculpir.

Em Ipanema novamente pediu um táxi até o centro, antes de entrar perguntou se ele aceitava euro, o motorista sorrindo respondeu que sim. Foi admirando as paisagens da cidade, os morros cheios de casinhas coloridas, a enseada do Bota-fogo, as inúmeras pichações nos prédios e casas, e o que mais chamou sua atenção foi a grandeza do morro do Corcovado, o Cristo lá no alto ficava minúsculo perante o tamanho da montanha.

O motorista deixou Jack na Cinelândia, em frente ao monumental Teatro Municipal e ao lado do centenário castelo da Biblioteca Nacional. Ensinou a Jack o caminho da agência bancária, pegou a nota de 50 euros e saiu feliz da vida.

Na agência bancária pediu informações para uma das atendentes. Que quando percebeu que se tratava de um cliente especial tratou logo de levá-lo até a sala do gerente geral. Jack pediu a transferência e conversão de seus 143 milhões de euros em reais, o que na cotação da semana daria algo em torno de 320 milhões de reais, já deduzindo a taxa de câmbio e o imposto de renda europeu e brasileiro. Jack aceitou o negócio, colocou 250 milhões em uma conta poupança, o que renderia juros mensais o suficiente para ele viver bem o resto de sua vida, o restante ficou em sua conta corrente. O gerente quis convencê-lo de fazer algumas aplicações em ações, fundos de investimento e imóveis, mas Jack não queria nada daquilo por enquanto. Queria era sair logo dali e comprar seu primeiro carro.

Do lado de fora do banco ficou aliviado, a questão financeira parecia ter sido resolvida. Só tinha uma dúvida agora. Que carro compraria: Mercedes, Ferrari, Lamborguini ou um Porsche? Sabia que podia comprar todos, mas como ainda não sabia ao certo onde iria morar, tinha que comprar apenas um até decidir onde seria sua nova mansão pra assim poder enchê-la de carrões de luxo.

Pela terceira vez seguida se viu dentro de um táxi amarelo, dessa vez era uma mulher que dirigia. Jack pediu para ela o levar em algumas concessionárias de carros importados. A primeira que entrou verificou que não tinha o que procurava, só havia sedans de luxo, mas não era exatamente o que procurava no momento. Numa próxima loja na mesma avenida, entrou no saguão já procurando os esportivos.

— Olá, posso ajudá-lo? — disse um homem alto de nome Arnaldo descrito em seu crachá.

— Oi, estou procurando carros esportivos.

— Ah sim, venha comigo, por favor. — disse Arnaldo, duvidando que aquele moleque que acabara de chegar de táxi teria dinheiro para comprar um de seus carros. Provavelmente só iria perder tempo com ele ali.

Quando chegaram ao saguão de esportivos os olhos de Jack brilharam, era cada um mais perfeito do que o outro. Parecia estar em uma cena de algum filme de carros luxuosos, extremamente caros e potentes.

Jack ficou apenas olhando. O vendedor pensando que certamente ele não passaria de um pobre realizando um sonho de chegar perto para tirar fotos daqueles carros e depois mostrar para os amigos, pediu licença para Jack, e disse que qualquer coisa era só chamar uma das recepcionistas.

O jovem na hora percebeu o descaso, mas não se importou, afinal, hoje ele sairia dali de carro novo. Andou mais um pouco, mas não encontrou nenhuma Ferrari e Lamborguini, mas em compensação ficou na dúvida entre dois, um Mitsubishi e um Mustang Shelby, eram maravilhosos, mas pensando bem, não era ainda o que ele realmente queria.

No instante em que ia pedir uma informação à recepcionista eis que surge atrás dele uma jovem.

— Olá, o senhor deseja um cafezinho?

Jack se assustou, olhou para trás e viu uma bela jovem com traços orientais, sorridente, bem vestida e perfumada, seus olhinhos puxados e sua simpatia logo o encantou.

— Oi, aceito sim, muito obrigado!

Jack pegou a xícara de café, adoçou e em seguida perguntou à jovem:

— Natália, vocês não tem Lamborguini... Ferrari? — perguntou ele observando o crachá que a moça utilizava.

— Como o senhor se chama? — questionou ela.

— Jackson, mas pode me chamar de você e de Jack.

— Então senhor Jack, esses carros acima de quinhentos mil, nós só trabalhamos sob encomenda, os que temos a pronto entrega são somente esses do salão, o senhor gostaria de verificar a tabela dos importados sob encomenda?

— Ah não precisa... — respondeu Jack terminando de tomar o café.

— E o senhor se interessou em algum desses nossos modelos da loja?

— Na verdade estou em dúvida, acho que vou dar uma olhada em outra loja.

— Ah não, se o senhor entrou aqui vai ter que comprar o carro comigo. — disse a jovem sorrindo.

— Então você também é vendedora?

— Sim, na verdade comecei aqui há três dias e ainda não vendi nem um fusquinha se quer.

Agora Jack tinha entendido, o outro vendedor deveria ser velho de casa, e julgou pelo perfil que ele não iria comprar nada, por isso mandou que a

novata o atendesse.

— Tudo bem, Natália, se eu comprar um carro contigo, é você que ganhará comissão?

— Sim, com certeza! — afirmou ela com aquele olhar irresistível de japoninha.

— Tudo bem então, estou em dúvida entre dois...

De longe Arnaldo ficou olhando a novata sendo toda simpática com o rapaz pobretão, logo ela pegaria o jeito da coisa, moleques daquela estampa só viam ali para importunar e tirar foto dos carros que certamente nunca poderiam comprar.

Natália mostrou todos carros para Jack, inclusive um sedan esportivo da Aston Martin prata que estava meio escondido, tinha design e potência de um esportivo com conforto de um sedan. "Um ótimo carro para começar" — pensou ele. Ela pegou a chave do carro e o jovem entrou dentro, ficou maravilhado.

— Levo com uma condição!

— Que condição? — questionou ela curiosa.

— Você sai comigo hoje a noite para estreá-lo?

Natália deu um leve risinho, estava envergonhada e ficou sem reação.

— Não, não quero que pense errado de mim. É que cheguei hoje no Rio e não conheço ninguém e quase nada por aqui. Gostaria de ter uma companhia para sair e conversar um pouco, me entende?

— Claro, entendo sim!

— Mas é que...

— Você tem namorado?

— Não, não tenho. Mas acho estranho você me convidar assim, do nada. Nem me conhece direito.

— Por isso mesmo, será uma oportunidade para nos conhecermos... pense na comissão! — disse ele sorrindo para ela.

— Tudo bem, eu topo! Como deseja pagar? — afirmou ela, imaginando que não poderia perder sua primeira venda, ainda mais de um carro tão caro daqueles.

Os dois saíram do carro, foram acertar os papéis. Jack fazia questão de pagar a vista e levar o carro no mesmo dia. Assim que o setor de vendas aprovou o cheque de Jack, o carro já foi liberado para os mecânicos fazerem um *check-up* de entrega. Enquanto esperava o carro e o seguro serem liberados,

continuou conversando com Natália, que fez questão de buscar mais café e alguns petiscos para ele. De longe Arnaldo não acreditava que aquele moleque havia comprado e pago à vista aquele Aston Martin, morreu de ódio em pensar que tinha dado de bandeja aquela gorda comissão para a novata.

CAPÍTULO 10

Depois de três horas de espera Jack finalmente sai da concessionária guiando seu Aston Martin, fazia tempo que não dirigia, mas era como aprender andar de bicicleta, uma vez aprendido jamais se esqueceria. Mas dirigir um carro normal era uma coisa, dirigir um daquele era uma experiência completamente nova, seu coração batia forte e parecia se conectar de alguma forma com o poderoso ronco do motor. Ligou o GPS e o som, se dirigiu novamente ao centro da cidade, tinha que encontrar um shopping para comprar roupas novas para a noite, que prometi! Aproveitou a tarde para mandar um email para Beto explicando que teve que vir para o Brasil, mas que não era para ele se preocupar com suas coisas e as contas do apartamento, pediu no email a conta bancária de Beto, pois mandaria em breve dinheiro a ele. Pediu ainda para que o amigo devolvesse na Biblioteca Pública o livro o Senhor dos Anéis que estava em sua cama e que ligasse para a Sabrina e pedisse também o número da conta bancária dela. Agradeceu pela amizade de tantos anos e disse que em breve se veriam novamente.

Chegou por volta das 22:30 em frente a casa de Natália, quase uma hora atrasado, pois teve que andar quase metade da cidade para chegar até o Brás, próximo à Penha, pois não imaginou que o transito estaria tão lento. Não precisou nem descer do carro e ela saiu para fora do portão. Estava com um curto vestido vermelho e salto alto. Conseguiu ficar ainda mais bonita do que na concessionária.

— Oi, tudo bem? — disse ela entrando no carro.

— Tudo bem e você? Demorei muito?

— Achei que não fosse vir! — disse a moça dando um beijo no rosto dele.

— Então Naty, se é que posso te chamar assim... pra onde vamos?

— Me diga exatamente o que quer fazer essa noite?

— Quero ir numa balada, beber todas e festejar geral!

— Muito bem, eu gosto muito de uma balada que tem lá perto do Flamengo, a *Poseidon club*, meus amigos direto vão pra lá nos finais de semana, provavelmente devem estar lá hoje.

— O que toca lá?

— *House músic*, sempre tem vários *DJs* do cenário internacional, acho que você vai curtir.

— Se você diz que é boa então vamos pra lá, vai me guiando que não

conheço quase nada nessa cidade.

— Tudo bem! Pode ir reto e virar na próxima à direita até sair na Avenida Brasil — disse a jovem com seu sorriso de japoninha. — Você não me disse ainda, onde exatamente você morava em Portugal?

— Vila Nova de Gaia, conhece?

— Não! É perto de Lisboa?

— Faz parte do distrito da cidade do Porto, na verdade é uma cidade ao lado, atravessa o Rio Douro e já está em Vila Nova.

— Porto eu conheço, meu avô adora tomar Vinho do Porto.

— Então, sabia que o Vinho do Porto na verdade não é feito na cidade do Porto... ele é fabricado na minha cidade, em Vila Nova de Gaia, a cidade do Porto só empresta o nome.

— Sério? — indagou a jovem surpresa.

— Sim!

— E você trabalha em que ramo lá?

— Bom, eu trabalhava num restaurante, era garçom.

Jack sabia que Japonês era curioso, mas aquela estava curiosa até demais.

— E você, o que faz da vida além de trabalhar? — perguntou ele antes que ela perguntasse como ele tinha tanto dinheiro trabalhando de garçom.

— Eu estou no último ano de marketing, moro com meus pais e minha avó, com três cachorros e um gato.

Nesse momento Jack abaixou o som do carro.

— Acho que seu telemóvel estas a tocar!

— Tele o que? — perguntou ela sem entender o que ele havia dito.

— Desculpe, é mania de português... quis dizer que seu celular está tocando.

Ela atendeu, pela conversa Jack percebeu que era um amigo, um tal de Jefe que também estaria na balada para onde estavam indo.

— Seu namorado? — perguntou Jack curioso.

— O Jefe? Claro que não! Nem se eu quisesse. — afirmou ela rindo. — Ele é amiga, se é que me entende!

Jack sorriu, entendia do que ela estava falando. Natália orientou ele a permanecer na esquerda e entrar na Linha Amarela e seguir reto.

— Está gostando do carro? — questionou ela.

— Sim, to me sentindo até o 007! — respondeu ele se lembrando que

aquele era o carro que James Bond utilizou em vários de suas missões.

Ao pararem em um semáforo, logo veio um rapaz sem camisa jogando água no pára brisa de Jack, ele tomou um baita susto.

— E aí chefia, vou deixar esse vidro maneiro. — disse o rapaz.

Jack assentiu tentando disfarçar o susto com um sorriso forçado. Seu carro tinha acabado de sair da concessionária, estava novo, sem uma sujeira sequer no pára-brisa, mas para aquele rapaz parecia que estava uma sujeira só, Jack sentiu uma dor no coração quando ele passou aquele rodo velho, sentiu que iria riscar seu carro.

— Tudo certo chefia, está uma belezura!

— Sim, sim, obrigado! — respondeu Jack.

— Não vai dar uma moeda para ele? — perguntou Natália.

O rapaz continuava sorrindo para Jack na janela, esperando suas moedas.

— Claro, claro... deixa eu pegar aqui.

Jack pegou a carteira, procurou moedas, não encontrou, tirou uma nota de 100 reais e entregou ao rapaz.

— Meu Deus, isso é de verdade?... obrigado chefe, Deus abençoe... Deus abençoe... — disse o rapaz saindo dali feliz da vida.

— Deu uma de cem pra ele? — questionou Natália.

— Não tinha moeda. — Jack sorriu.

— Desse jeito vou deixar de vender carro e entrar pro ramo de limpeza de pára-brisa no semáforo. — disse Natália não acreditando naquilo.

Conversaram por mais alguns minutos até chegarem em frente a *Poseidon night clube*, o lugar parecia ser ótimo, havia vários carros estacionados na rua, pessoas na fila esperando para entrar. Jack observou uma gigantesca TV de LED que mostrava o interior da casa alternando com alguns clipes. Era coisa fina!

Assim que Jack parou o carro em frente a balada todos olharam, por mais que a maioria ali fosse financeiramente bem de vida, não eram todos que tinham um carro daqueles. Jack entrou no estacionamento, e logo saiu junto com Natália indo em direção à entrada.

— Boa noite, vocês vão querer VIP ou normal? — perguntou o hostess.

— VIP não enfrenta fila? — indagou Jack, que não via a hora de entrar logo para ver a festa começar.

— VIP não tem fila e vocês poderão...

— Sim, vamos de VIP. — respondeu Jack..

Dentro da *Poseidon* os dois se sentaram próximos ao bar para beberem e conversarem, antes de irem até a pista para dançar. O ambiente era muito interessante e bem decorado. Realmente Jack acertara em chamar Natália para sair, aquele com certeza era um dos melhores *points* da noite carioca.

— Um Ballantines, por gentileza. — pediu Jack ao barman.

— Pra mim um Jack Daniel's. — disse Natália não tirando os olhos do mais novo amigo. — Vou tomar um Jack em sua homenagem.

— Eita, eu aprecio uma dama que sabe escolher uma boa bebida.

Quando as bebidas chegaram, chegou também um rapaz, magro, alto, usando uma camiseta lilás de gola V.

— Oi bonita, nem me disse que ia vir aqui, né?

— Oi amor, desculpe-me, eu não ia vir pra cá, decidi tudo de última hora.

— Tá meu bem! — respondeu o rapaz dando um abraço em Natália.

— Jefe, quero que você conheça o meu amigo, Jack. — disse ela apresentando os dois.

Agora caiu a ficha e Jack percebeu o que ela quis dizer quando disse que ele era "amiga".

Jack pediu licença para ir até o banheiro, enquanto isso os dois continuavam a tagarelar.

— Menina, que saudade que eu tava de você, anda me conta de onde conheceu o bofe aí?

— Ai Jefinho, conheci ele hoje, foi lá na loja comprar um carro e me convidou para sair.

— Aposto que é cheio da grana, aí como você não é boba aceitou, né sua bitch? — Que pena, pensei que ele fosse do babado... Aí como tá difícil encontrar meu médico lindo e rico nessa cidade. — disse Jeferson às gargalhadas.

— Ai bicha, só você pra me fazer rir mesmo!

— Menina, deixa eu te contar a última antes que seu bofe chegue...

— Conte, já estou curiosa!

— Lembra do Thiago, aquele bofe de Niterói?

— O do óleo de cozinha?

— Não amiga, o do óleo é o Jurandir!

— Ai bicha, é que são tantos que acabo me confundindo...

— Tá me chamando de puta é? — questionou Jeferson sorrindo.

— Ah, lembrei, esse Thiago é o que dizia que você tinha uma luz, uma aura diferente, acertei?

— Esse mesmo... — Jefe estava tão eufórico e alegre que teve de parar para respirar um pouco. — Pronto... bom, terça ele me chamou pra ir na casa dele, eu fui. Quando íamos resolver as coisas você não sabe o que aconteceu...

— Desculpe pela demora, é que estavam a limpar o banheiro. — disse Jack atrapalhando Jeferson de contar o mais novo acontecimento bombástico da semana.

— Que nada Jack, senta aí bonito... — disse Jefe movendo a cadeira para ele se assentar. — Me conta, você tem um sotaque diferente, de onde tu é?

— Bom, sou do litoral do Paraná. Mas esse sotaque eu acabei pegando de Portugal, morei cinco anos lá.

— Então somos paranaenses, eu sou de Londrina, conhece?

— Só de ouvir falar!

— Meu Deus, como não conhece a pequena Londres, que mundo você vive?

Jack estava achando aquele amigo de Natália meio maluco das idéias, apesar que era divertido ouvir ele falar naquele jeito todo engraçado.

— Não conheço a pequena, mas conheço a original! — disse Jack tomando um gole de seu 12 anos.

— Ai que bicha metida, meu Deus! — afirmou Jeferson. — Eu também conheço Londres City, várias vezes!

Continuaram conversando, agora Jack se sentia mais a vontade com o maluco do Jeferson, pediram mais algumas bebidas e foram finalmente dançar e curtir a noite.

Quando seus pés já não acompanhavam mais o ritmo frenético do som, Jack decidiu voltar para o bar, Natália voltou com ele, deixando Jeferson na pista com seus outros amigos baladeiros.

A jovem percebeu que Jack estava triste, com uma cara de que algo de ruim havia acontecido. Ela quis pedir mais uma bebida para eles, mas ele não quis, pois alegou que tinha que dirigir. No meio da conversa Jack confessou para Natália que não conseguia se relacionar seriamente com ninguém, pois sua mente sempre estava em uma espécie de transe hipnótico que o fazia lembrar constantemente de Anne. Contou toda história para ela, que desde que saiu do Brasil nunca mais quis saber de notícias da moça, que havia

proibido inclusive sua mãe de dar qualquer tipo de notícia ou recado dela, pois queria mesmo era esquecê-la, mas não conseguia. Natália comovida com a dor de seu amigo, deu um conselho a ele, se ele realmente gostava dela como dizia deveria lutar com todas suas forças por esse amor, por essa louca obsessão. Deveria sim voltar para sua cidade e reencontrar Anne. Saber se ela estava solteira, se já havia se casado, se ainda continuava na mesma Igreja? Pois cinco anos era bastante tempo, o suficiente para uma pessoa amadurecer e descobrir o que realmente quer da vida.

Depois de horas conversando sobre seu amor, Jack decide ir embora. O efeito do álcool já baixara em seu organismo e julgou já estar apto a dirigir. Se despediram de Jeferson, que fez questão de insistir para que saíssem mais vezes os três juntos, pois agora eram o trio ternura e iriam sempre causar na noite carioca.

Dentro do carro seguiram rumo à casa da jovem, estavam exaustos, o sol já estava quase nascendo e os últimos brilhos estelares desaparecendo com a claridão azul do céu matutino. Jack ainda enxergava as coisas tremulas, por isso tratou de andar bem devagar. Quando se aproximavam do trecho da Favela da Maré, eles perceberam o trânsito lento, logo a frente alguns cones e viaturas da polícia paradas com os giroflex ligados.

— Essa não, blitz uma hora dessas, é pra acabar! — resmungou Natália.

— Blitz? Ai meu santo!

— Não esquenta, eles não param carros de luxo.

Quando se aproximaram da guarnição um policial fez o gesto com a mão para que Jack encostasse.

— Retiro o que eu disse. — resmungou Natália.

— Bom dia, documento e habilitação, por favor! — disse o policial.

Jack ajeitou-se no banco, quis parecer o mais sóbrio possível, abriu a carteira e entregou ao policial o documento do carro e sua carteira de motorista.

O policial verificou os documentos, foi até a frente e a traseira do carro, olhou a placa com desconfiança, em seguida voltou.

— Bom, Jackson, o documento do carro está ok! Mas já vi uma infração grave aqui na sua habilitação... Ela é a provisória e já está vencida há mais de quatro anos.

— Droga! — disse Jack, lembrando que tinha tirado a habilitação um pouco antes de ir embora para Portugal, depois disso esquecera

completamente que tinha que renovar.

— Poxa, seu guarda, quebra o galho dessa vez. Eu estava fora do país e cheguei ontem de viagem, até tinha me esquecido de verificar a data da minha habilitação.

— Infelizmente se não tiver ninguém habilitado para levar o carro terei que recolhê-lo, até aparecer alguém com habilitação para retirar o veículo posteriormente no nosso pátio. Sem contar a multa que o senhor também vai receber por dirigir com documentação vencida.

— Naty, você tem habilitação? — indagou Jack.

— Estou tirando! — respondeu ela com cara de não saber o que fazer.

O policial continuou olhando para Jack e o carro. E teve a brilhante idéia para acabar de vez com o domingo do rapaz.

— De onde vocês estão vindo?

— Bom, de uma festa, uma festa de um amigo nosso!

— Você poderia descer do carro para fazer o teste do bafômetro?

Agora tinha ferrado de vez, além de receber uma multa e ter o carro apreendido poderia ser preso por dirigir embriagado. Tinha que pensar rápido e achar uma solução amigável para aquela situação.

— Senhor, nós não poderíamos resolver isso de maneira amigável? — disse Jack já imaginando que o jeitinho brasileiro fosse prevalecer.

— E que tipo de maneira amigável poderíamos usar? — indagou o policial já sabendo onde aquela conversa chegaria.

— Ai é o senhor que decide, né? — afirmou Jack.

O policial pensou um pouco, olhou para os lados e para trás, disfarçou e disse:

— Bom, hoje é aniversário da minha filhinha de sete anos e eu gostaria muito de comprar um presente pra ela, mas com esse salário que ganho você sabe como é, né?

Jack entendeu logo o recado, abriu sua carteira mais uma vez e tirou de dentro uma boa quantia de dinheiro, dobrou-o e ofereceu ao policial para que ele pudesse comprar o presente de sua filha. O policial pegou o dinheiro, colocou no bolso da calça, devolveu os documentos para o jovem e agradeceu.

— Tudo certo então, podem ir! — afirmou ele liberando a pista para que o jovem passasse.

— É nessas horas que sei que estou no Brasil! — afirmou ele para Natália que sorria aliviada por conseguirem sair livres daquela situação.

Jack levou ela até sua casa, agradeceu a jovem pela companhia, passou seu novo número de celular para ela e disse que entraria em contato para saírem mais vezes. Em seguida saiu rumo à Copacabana, só queria chegar logo ao hotel e descansar o dia todo.

CAPÍTULO 11

Dois dias após ser detido pela polícia portuense, como sendo principal suspeito na morte de Sabrina de Almeida, Joseph consegue sair da prisão graças ao seu advogado Campelo Assunção que apresentou uma gravação de uma das câmeras de vigilância da empresa Corsario's, que fazia a vigilância na região de Matosinhos. Na gravação aparecia exatamente o tempo em que Joseph permanecia parado na esquina esperando Sabrina aparecer, o inspetor chegou a conclusão que em momento algum ele tinha entrado no apartamento ou tivesse mantido contato físico com a vítima. Contudo, o inspetor também pediu para que fossem verificados todos os vídeos dos últimos trinta dias no interior do prédio da jovem, mas não era possível, pois as gravações eram eliminadas do servidor semanalmente, a única coisa que conseguiu verificar foi que nos últimos dias havia entrado três pessoas no apartamento da jovem assassinada, mas nenhuma no exato dia do crime. Na quinta de noite entraram duas mulheres junto com Sabrina, mas ficaram pouco tempo e logo saíram. O que deixou o inspetor mais intrigado foi que na noite de sexta percebeu na gravação que havia um homem que tinha permanecido por muito tempo na casa da vítima, ambos chegaram já com o dia amanhecendo e o rapaz saiu somente depois do almoço. Queria saber de quem era aquele rosto que aparecia na imagem, queria saber quem eram aquelas duas mulheres e queria interrogar todos os porteiros novamente.

Aringarosa mostrou para Joseph o vídeo do homem entrando e saindo do apartamento de Sabrina, logo Joseph alegou que só podia ser o Jackson. Joseph ficou extasiado quando viu na gravação que ele chegou com as mãos vazias e na saída segurava em sua mão uma blusa verde como se estivesse escondendo algo. Tinha certeza que era o Jackson e o que havia ali embaixo da blusa era o livro com o bilhete da loteria. Aringarosa continuou não acreditando naquela história de bilhete premiado dentro de um livro, mas agora tinha que descobrir se aquele homem era realmente Jackson Zigmund e o que ele estava fazendo ali naquele dia no apartamento da vítima.

Joseph antes de sair pediu para que Aringarosa verificasse o seu telemóvel, pois lá encontraria o SMS que seu pai o havia mandado, horas antes de morrer e as ligações que fizera para Sabrina, tal como o número que ela havia passado a ele como sendo do Jackson. O inspetor respondeu que já havia verificado isso, assim que ele fora detido, porém o fato dos telemóveis de Jonas

e Sabrina terem desaparecidos, provavelmente roubados pelo assassino, dificultaria e muito comprovar a veracidade daqueles dados em seu aparelho. E quanto ao suposto número de telefone de Jackson, o mesmo estava registrado em nome de Alberto Morais, porém o número parecia ter sido desligado. Pediu para que Joseph ficasse tranquilo que a polícia iria tomar as medidas cabíveis e desempenhar sua função o melhor possível.

Joseph conversou com seu advogado e, assim como o inspetor, ele parecia também não acreditar naquela história sem pé nem cabeça, o aconselhou a buscar provas, caso quisesse de fato comprovar as ligações dos assassinatos com o bilhete premiado, mas aconselhou que não seria muito fácil tentar reaver o prêmio, porque os bilhetes de jogos não eram nominais e sim de propriedade do portador, ainda mais que não havia testemunhas para confirmar que de fato Jonas era o verdadeiro dono do bilhete premiado. Nesse instante Joseph lembrou que sua tia Janete poderia ajudar no caso, pois ela também tinha conhecimento do bilhete de seu pai. No entanto, ele mesmo havia dito a ela que era mentira, que não sabia de bilhete algum, seria complicado explicar-se com ela agora. Seria uma missão difícil convencer o inspetor que Jackson era o assassino e ladrão dos milhões de seu pai. Ao lembrar de seu velho, pensou que teria sido bem mais fácil se ele tivesse pego logo o dinheiro ao invés de ficar enrolando, teria evitado todo esses acontecimentos terríveis.

Horas depois, Aringarosa recebeu por email a foto que havia pedido à Polícia Federal do aeroporto, para sua surpresa a foto do passageiro com destino ao Rio de Janeiro, na terça feira, correspondia exatamente com a mesma pessoa que aparecia na filmagem, entrando e saindo do apartamento da vítima no sábado, era realmente o tal Jackson Zigmund, a história sem pé nem cabeça de Joseph parecia começar a ter sentido. Puxou a ficha de Jackson e nada constava. Em seguida entrou em contato com a Polícia Federal do Brasil, explicou o caso e solicitou que Jackson Zigmund fosse localizado e interrogado urgentemente. Pediu uma autorização judicial para a quebra de sigilo dos Jogos Santa Casa, afim de conseguir saber o nome da pessoa que havia sacado o prêmio de 145 milhões de euros. E também ordenou que fosse realizado um comparativo de balística dos projeteis encontrados nos corpos das duas vítimas. Aringarosa estava eufórico, há tempos não tinha um caso dessa proporção para resolver. E agora as peças do quebra cabeça começavam a se encaixar.

CAPÍTULO 12

Novamente Beto tentou ligar para Sabrina, mas o telefone dela, assim como o do amigo, estavam desligado. Beto queria muito entender o porquê Jack tinha voltado para o Brasil tão rápido, sem ao menos se despedir dele, e o porquê ele queria tanto o número de sua conta bancária e também a conta de Sabrina. Algo estava errado, pois Jack nunca fora para o Brasil em cinco anos ali em Portugal, nem para ver seus pais, se não fosse sua mãe ter vindo vê-lo há dois anos certamente até hoje ele não a teria visto. Mas ir assim do nada, sem avisar, era muito esquisito.

Beto saiu da biblioteca, tinha devolvido o livro para Jack. Agora voltaria para casa e responderia o e-mail de Jack, pois não havia conseguido contatar Sabrina. Quando chegou ao apartamento a primeira coisa que fez foi ligar seu computador, a segunda foi pegar uma lata de cerveja na geladeira. Tirou a roupa, estava muito quente! Pelo menos tinha suas vantagens ficar sozinho no apartamento, podia andar do jeito que quisesse. Abriu seu e-mail, respondeu que já havia devolvido o livro, porém não tinha conseguido contatar Sabrina e, indagou o porquê Jack tinha saído às pressas e o que estava acontecendo? "Mensagem enviada!" Decidiu tomar banho para ir a casa de Tânia, de hoje não passaria, hoje pegaria a gata, com certeza! Beto ligou o som, adorava tomar banho com música no máximo, jogou a lata de cerveja na pia da cozinha e foi até o quarto de banho.

Quando saiu do chuveiro, já com a toalha enrolada em sua cintura, tomou uma forte pancada em sua cabeça, em seguida tudo se apagou e ele caiu no chão frio do corredor.

Aos poucos Beto foi acordando, percebeu que o som ainda estava ligado, mas ele amarrado, sua cabeça doía muito. Viu que alguém estava a mexer em seu computador.

— Quem é você? — indagou ele assustado.

— Vejo que a Bela Adormecida acordou. — O ser de sobretudo escuro virou-se para ele. Sua voz era rouca e um tanto quanto robótica, usava uma estranha máscara, um pierrot.

— O que quer de mim? — indagou Beto tentando fazer forças para se soltar, mas não conseguia, estava preso com diversos lacres do tipo invioláveis.

— Irei direto ao assunto, pois não tenho tempo a perder aqui! — disse o

pierrot mostrando a arma para Beto. — Jackson está com meu dinheiro, qual o endereço dele no Brasil?

Beto sentiu uma tremenda falta de ar, algo o avisava que aquela viagem de Jack não era coisa boa, mas que diabos ele tinha feito a ponto de colocar a vida de seu amigo em risco.

— Não sei do que está falando, acho que...

— Tú não esta em condições de achar nada. Responda logo o que perguntei ou morrerá que nem a amiguinha dele.

— Que amiguinha, o que você quer comigo?

— Já percebi que vocês não gostam de colaborar... Dessa forma terei que fazer do jeito mais difícil.

O mascarado foi até Beto que continuava caído no chão, ajoelhou perto dele e tapou sua boca com um pano, sem pensar lhe deu um tiro na perna esquerda. O som do tiro foi abafado pelo silenciador acoplado à arma. Beto gemeu, mais de desespero do que de dor.

— Eu vi o email que você recebeu do seu amigo e vi também o que você mandou pra ele agora pouco. — O assassino tirou a toalha da boca de Beto, — Agora vou perguntar pela última vez, Jackson está com meu dinheiro? Para onde ele está indo no Brasil?

Assustado e com medo de morrer, Beto começou a resmungar:

— Ele, ele... a mãe dele mora em Matinhos, mas não sei se ele irá pra lá, não sei de que dinheiro está falando, não sei.

— Matinhos é o que? Qual o endereço?

— Uma cidade, fica no litoral do Paraná, o endereço eu não sei!

— Qual o nome da mãe dele?

— Marilene, Marilene Zigmund.

— Tem irmãos?

— Não, ele é filho único.

— Pai?

— Padrasto, Carlos. Sobrenome dele, Jack nunca me disse!!

— Tudo bem, rapaz, colaborou bastante! — disse o assassino apontando a arma para Beto e disparando-lhe um tiro bem no peito. O jovem não teve nem sequer tempo para implorar, já havia mergulhado na escuridão!

O assassino limpou o cano de sua arma na toalha de Beto, depois foi até o computador e pesquisou mais detalhes sobre Jackson, encontrou através de Beto o perfil dele em duas redes sociais. Jack Z. em ambas, pegou algumas

fotos de Jack e salvou em um *pendrive*. Usando um software revelador de senha conseguiu a senha do email de Beto, que ficara salva no computador. Aquela senha poderia ser útil mais tarde.

— Você será o próximo, ninguém mandou roubar meu dinheiro, vou atrás de você nem que seja no inferno! — pensou o assassino, pegando o *pendrive* e saindo do apartamento.

CAPÍTULO 13

No domingo a tarde Jack acordou, estava zonzo e ainda ouvia zunidos em seu ouvido. Liga na recepção do hotel e pede um sal de frutas para aliviar seu mal estar. Toma uma ducha de 40 minutos, digna de um príncipe. Quando saiu do banho, colocou sua nova regata e bermuda para andar no calçadão, no momento que pegou sua carteira e seu novo celular o telefone do quarto tocou, Jack levou um susto, era a primeira vez que ouvia o telefone dali tocar.

— Alô.

— Boa tarde senhor Jackson, estou ligando para informá-lo que tem um policial aqui querendo falar com o senhor.

— Po... po... policial?

— Sim, e quer falar com o senhor, posso pedir para ele subir até aí?

— Não, ele está aí na recepção?

— Está sim!

— Então fale para ele esperar que já estou descendo. — Jack desligou o telefone, tentando imaginar o que o policial queria com ele. De certo seria por causa do dinheiro que havia dado ao policial horas antes para ele liberá-lo da blitz. Jack calçou seu tênis e desceu. Assim que o elevador abriu já fitou na recepção um homem baixo, com terno preto, cabelo grisalho e com sardas no rosto. Ao aproximar-se viu o brasão da Polícia Federal, pendurado em uma corrente no pescoço do homem.

— Jackson Zigmund? — perguntou o policial.

— Sim, algum problema?

— Sou o agente Garcia, você pode me acompanhar até a delegacia?

— Até a delegacia, mas porquê estou sendo detido?

— Não se preocupe, só queremos fazer-lhe algumas perguntas. — respondeu Garcia, colocando a mão nas costas de Jack e o levando até seu carro estacionado na frente do luxuoso hotel.

— É por causa da blitz de hoje cedo?

— Blitz? Te pararam em alguma blitz?

— Sim, hoje de manhã quando estava levando uma amiga até a Penha.

— Não, hoje nenhum dos nossos homens fizeram blitz, provavelmente deve ter sido da PM.

— Mas afinal, por que então estou sendo levado para a delegacia?

— Acalme-se, chegando lá você saberá! — disse o agente percebendo

que o rapaz estava ficando nervoso.

O carro da Polícia Federal praticamente voava pelas ruas do Rio. O agente não falou mais nada com Jack, o que o fez ficar mais apreensivo ainda. Passaram pelo Flamengo até chegarem próximos do aeroporto Santos Dumont, viraram na Rio Branco até chegar ao Porto do Rio de Janeiro, em frente dali ficava o Departamento de Polícia Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Jack ficou sentado em uma sala pequena, esperando para ser interrogado, enquanto uma agente tirou-lhe as impressões digitais. Cinco minutos depois lá estava novamente o agente Garcia acompanhado de outro agente com a mesma vestimenta e distintivo, porém um pouco mais novo e alto.

— Este é o agente Mendes, vai participar do interrogatório. Mendes, este é Jackson Zigmund.

Ambos se cumprimentaram, os dois agentes sentaram-se e Garcia abriu uma pasta com alguns documentos e fotos.

— Conhece esta moça? — indagou Garcia lhe entregando uma foto.

— Sim, é uma conhecida de Portugal, Sabrina! — Jack já desconfiou que era algo sobre o dinheiro. — Mas o que tem ela?

— Por favor, Jackson, somente eu e o agente Mendes faremos perguntas, ok?

— Sim, claro!

— Qual o seu nível de relação com Sabrina de Almeida?

— Bom, a gente se conheceu numa festa, depois disso ficamos uma vez na casa dela, só isso!

— Sim, muito bem! — Garcia revirava os documentos para fazer novas perguntas. — Qual a última vez que você teve contato com ela?

— Foi no domingo passado, eu liguei pra ela de noite.

— E sobre o que conversaram? — questionou Mendes.

Essa era uma pergunta arriscada, Jack pensou rápido, em hipótese alguma poderia mencionar o bilhete e o livro. Mas se por acaso eles tivessem gravado a ligação dele para Sabrina? Jack tinha que arriscar, inventar uma desculpa e ver no que dava.

— Liguei para conversarmos sobre a balada e o que tinha acontecido no apartamento dela.

— E o que exatamente aconteceu no apartamento dela?

— Depois da balada, fomos para o apartamento dela, acabamos por ficar,

eu dormi lá pois estava muito cansado, depois fui embora na hora do almoço. Só isso, nada demais!

— Qual balada vocês foram? Com quem?

— Eu fui com meu amigo Beto e acho que a Sabrina estava com duas amigas, mas não me recordo o nome delas.

— Conheceu ela lá?

— Sim, eu estava no sofá descansando e foi quando ela e as amigas chegaram.

— A Sabrina disse a você que estava sendo ameaçada de alguma forma, por alguma pessoa?

— Não em momento algum, ela não me disse nada!

— Depois que chegou aqui no Rio, teve contato com ela?

— Não, não tive!

— Por quê você veio para o Brasil? — questionou Mendes enquanto Garcia continuava mexendo nos papéis da pasta.

— Bom, eu estava no Porto trabalhando, minha família é daqui, resolvi voltar para casa, só isso!

— E o que você fazia em Portugal? No que trabalhava?

— Era garçom, as vezes também trabalhava de Técnico de Informática.

— Bom, nessa manhã puxamos a sua ficha desde que chegou no aeroporto, aqui consta que você viajou de primeira classe pela *TAP Air*, se hospedou no *Copacana Palace* e comprou um *Aston Martin*. Minha dúvida é a seguinte, sendo você um garçom como consegue dinheiro suficiente para comprar um carro de no mínimo 200 mil reais?

Pergunta de difícil resposta, Jack estava sem saída, cada vez mais aqueles dois o apertavam, deixando-o sem opção de resposta. Só restava dizer a verdade, ou pelo menos parte dela.

— Eu ganhei um prêmio da loteria portuguesa!

— Um prêmio, muito bom! — resmungou Garcia.

— Qual o valor exato desse prêmio? — indagou Mendes.

— 145 milhões de euros!

A pupila dos olhos dos dois agentes chegaram a dilatar-se.

— Você disse 145 milhões de euros? — perguntou Mendes.

— Sim!

— Meu Deus, Garcia, com um dinheiro desses eu nem sei o que faria. — disse Mendes ao seu colega.

— Pois é, isso é muita grana, imagine em reais o quanto não deve dar.

— Tudo bem, vamos voltar ao ponto central da coisa. Jackson, você está sendo acusado por Joseph Boaventura de ter se apropriado indevidamente desse dinheiro todo. Segundo nossos colegas da polícia portuense, você é suspeito pela morte de Sabrina de Almeida e Jonas Boaventura, o que tem a declarar sobre esses fatos?

— O que? — perguntou Jack sem entender absolutamente nada. — Sabrina está morta? Quem é Jonas? Quem é Joseph? Não sei do que estão falando! — respondeu ele assustado.

— É realmente uma história complicada de se entender. Por isso vou ler o inquérito que me mandaram de Portugal. — afirmou Garcia.

— Joseph Boaventura, filho de Jonas Boaventura alega que seu pai, Jonas Boaventura, era o verdadeiro dono do bilhete premiado, porém o mesmo foi morto a tiros em seu trabalho, na Biblioteca Pública do Porto, e o suposto bilhete desapareceu. Na noite do assassinato Joseph recebeu uma mensagem de celular de seu pai dizendo onde havia escondido o bilhete. Ele alega ter sido dentro de um livro da própria biblioteca, o exemplar 05 de O Senhor dos Anéis, livro esse que no dia seguinte, antes mesmo de descobrirem o corpo de Jonas na biblioteca, foi emprestado por Sabrina de Almeida. O tal Joseph vai à biblioteca e consegue o telefone e endereço dessa moça, entra em contato com ela e, a mesma afirma que havia emprestado o livro para um amigo, Jackson Zigmund. Depois disso, Joseph tenta entrar em contato com o tal Jackson, mas não consegue. Dois dias depois a moça, Sabrina aparece morta baleada em seu apartamento. Joseph então é preso como suspeito de sua morte, mas por falta de provas é solto posteriormente. A polícia investiga e descobre que Jackson Zigmund havia deixado o país antes da morte de Sabrina de Almeida, sendo assim não pode ter cometido o assassinato da mesma. Contudo o que continua intrigando a polícia é que Joseph continua afirmando que seu pai fora morto por ter ganho na loteria, e tenta comprovar a ligação na morte dele e de Sabrina.

— História complexa, não é mesmo? — questionou Mendes.

— Muito! Eu não sei o que esse Joseph está querendo conseguir com tudo isso. O bilhete era meu, eu joguei e ganhei. — alegou Jack surpreso com toda aquela história.

— E o tal livro? A Sabrina te emprestou ele?

Nessa parte Jack não poderia mentir, pois não sabia se Beto já havia

entregado o livro. A polícia poderia baixar no apartamento dele e descobrir o livro por lá.

— Sim, ela me emprestou, mas não tinha nada no livro a não ser as páginas do próprio.

— E por que Sabrina e Joseph inventariam uma história dessas?

— Talvez eles queriam pegar meu dinheiro, talvez seja um complô, uma quadrilha que está se articulando para tentar me roubar, só pode ser isso! — respondeu Jack com firmeza.

Os agentes continuaram a questionar o rapaz, mas Jack não caiu em contradição em nenhuma vez. Aquela história maluca só podia ser invenção do tal Joseph, mas que tinha acontecido dois crimes, isso tinha. E a polícia portuense deveria resolver, pois a brasileira já tinha trabalho demais. Os agentes agradeceram Jack pela cooperação, o orientaram a não sair do país sem comunicar-lhes, pegaram todos dados dele, incluindo o endereço da casa de sua mãe, em seguida o liberaram.

Já novamente na rua, Jack estava pasmo com tudo aquilo. Sabrina morta? Não podia acreditar, tinha que entrar em contato com Beto urgentemente e também procurar um advogado para lhe dar orientações de como proceder. Andou mais um pouco e em frente ao Ministério da Fazenda pegou um táxi.

CAPÍTULO 14

Amanhece mais uma linda segunda-feira no Rio, cidade que parece não diferenciar seus dias da semana, pois todo dia é dia de festa, é dia de gente alegre nas ruas, é dia pulsante e cheio de cores e vida na cidade maravilhosa. Contudo em um hotel da cidade uma pessoa passou praticamente a noite inteira preocupada e aflita. Jack insistia em contatar Beto, mas não conseguia. Ligou para dona Ione, que era a vizinha mais próxima de seu apartamento, mas ela também não via Beto há cerca de dois dias. Jack com medo que pudesse acontecer algo com o amigo pediu para que dona Ione dissesse para Beto ligar pra ele com urgência quando ele aparecesse, passou pra ela o número de seu novo telemóvel. Jack desceu até o *hall* e tomou café da manhã na sala principal do hotel, logo mais arrumou suas coisas e fechou sua conta. Ia procurar um advogado e depois ir para casa de sua mãe, reencontrá-la depois de tanto tempo, seria uma surpresa para Marilene, pois ele não avisara que estava no Brasil.

Parou um instante seu carro próximo a calçada da Avenida Atlântica, pegou seu celular e ligou para Natália.

— Oi Jack, estava aqui pensando em você.

— Pensando bem ou mal?

— Bem, claro! Eu acabei de pedir outro *Aston Martin* na concessionária de São Paulo para colocarmos no lugar do seu... Bom, me fale, a que devo a honra de sua ligação?

— Estou indo embora hoje, Naty!

— Ah que chato, nem deu tempo pra você conhecer direito o Rio.

— Pois é, é que surgiram alguns imprevistos e vou ter que ir logo pra casa.

— Vai voltar pra Portugal?

— Não, modo de dizer, estou indo pra casa da minha mãe, em Matinhos.

— Ah sim, e vai voltar quando pra gente poder curtir outras baladinhas?

— Não sei, Naty. Mas espero que não demore muito.

— Você tá louco pra chegar lá e rever a Anne, né?

— Não, bom, tento não pensar muito nisso, já se passou tanto tempo, provavelmente ela já se casou, deve ter uns três filhos e nem lembra mais que eu existo.

— Que nada seu bobo, quando chegar lá com seu carrão ela logo se

reapaixonará por você.

Jack riu. Naty era uma pessoa legal, apesar de conhecê-la a tão pouco tempo, gostava de seu jeito extrovertido. Ela falava o que queria, e isso era uma grande qualidade.

— Quem me dera, a Anne não é assim, ela é tão diferente, sabe. Não é nenhum pouco apegada as coisas materiais... pelo menos nessa parte ela difere de mim. — respondeu Jack abrindo o vidro do carro para observar melhor aquele maravilhoso mar azul de Copacabana.

— Sei! — resmungou ela.

— Bom, Naty, eu queria saber se você pode me dar uma informação.

— Que tipo de informação?

— Estou precisando de um advogado para me dar algumas orientações, e tem que ser hoje, você conhece algum bom?

— Mas claro que conheço, aliás, você também conhece!

— Eu?

— Sim, o Jeferson, ele é advogado, não te contou?

— Não, a gente quase não conversou!

— Bom, ele atua na área civil, mas não impede de te orientar em outras áreas, ou até mesmo te indicar algum colega que possa te auxiliar em seu problema.

— Mas, ele daquele jeito...

— Que jeito?

— Você sabe... aquele jeito meio alegre dele, será que...

— Jack, para de preconceito, ele tem mesmo um jeito bem alegre na balada, mas como profissional é completamente diferente, o Jefe é um excelente profissional, renomado... fala com ele, não irá se arrepender.

— Não é preconceito... mas, bom, se você está afirmando que ele é um bom advogado, vou falar com a figura. Onde é o escritório dele? Tem telefone?

Natália passou os dados do amigo para ele. Conversaram por mais um tempinho, Jack se despediu dela e prometeu voltar logo para o Rio para ela mostrar a ele toda a cidade.

Jack ligou para o escritório de Jeferson, a secretária atendeu e disse que infelizmente naquele dia não teria como o Dr. Jeferson atendê-lo. Jack agradeceu, desligou e voltou a ligar novamente, só que no celular.

— Alô! — ouviu a voz dizendo do outro lado.

— Alô, Jeferson?

— Sim, quem é?

— É o Jack, amigo da Natália, da boate de sábado, lembra?

— Ui luxo, claro que lembro? Nossa... como lembro!

Jack ficou assustado com o modo como ele conversava.

— Então, eu estava precisando da orientação de um advogado e a Naty disse que você é um dos melhores da cidade.

— Ah, modéstia dela... Bom, você quer vir até meu escritório pra eu poder verificar o seu caso.

— Sim, gostaria, mas hoje você não tem horário disponível, né?

— Bom, pra hoje a agenda está lotada... mas como você é meu amigo e amigo da Naty, se não se importar podemos conversar no horário do almoço.

— Que isso, não quero atrapalhar seu almoço.

— Que nada bobo, a gente conversa seu caso enquanto almoçamos, pode ser? Ou se não quiser, eu vejo aqui o que faço pra te encaixar em um horário da tarde, o que prefere?

— Pode ser no almoço, é melhor que não te sobrecarrego à tarde.

— Ok, conhece o Casarão Francês, no centro?

— Não conheço, fica perto de onde?

— Do Amarelinho, na Cinelândia!

— Ah sim, o Amarelinho sei onde fica.

— Então faremos assim, estou enjoado de comida francesa, vamos comer no Amarelinho mesmo, pode ser?

— Claro! Que horas?

— Meio-dia, me espere em frente ao teatro.

— Beleza, meio-dia estarei lá, muito obrigado!

— Não tem por onde. Beijos e até mais.

— Até mais.

Quando Jeferson finalmente chegou, Jack ficou surpreso. Ele estava trajando roupa social e sapato, bem ao contrário de suas vestimentas coloridas na balada, até parecia outra pessoa! Jeferson o cumprimentou e pediu desculpas por tê-lo atendido daquela maneira ao telefone, pois como ele havia ligado no celular particular não pensou que fosse uma ligação a trabalho.

Os dois foram até o Amarelinho, pediram o cardápio e enquanto escolhiam o que comer começaram o assunto que interessava, pois Jeferson teria de voltar ao escritório as 13:30 para atender outro cliente.

Jack então começou a contar todo o caso a ele, pediram o almoço,

continuaram conversando, o almoço chegou, acabou, a mesa foi retirada, Jack insistiu em pagar a conta para o amigo advogado, mas ele não permitiu, Jack insistiu um pouco mais e ele cedeu. Foram caminhar pela Cinelândia e continuaram a conversa sobre o caso.

— Então, Jeferson, essa é minha dúvida! — afirmou Jack.

— Situação complicada que você se meteu... — disse Jeferson. — Bom, mas vou tentar te esclarecer como ficaria essa sua situação à luz da justiça.

— Sim, por favor, já me ajudará bastante!

— Caso esse Joseph entre na justiça para reaver o prêmio que supostamente seria do pai dele e que agora está com você, ele irá precisar de provas.

— E que tipo de prova?

— Todas que estiverem ao alcance. Por exemplo: ele pode arrumar testemunhas que comprovem que o bilhete premiado era dele, pode exigir gravações de circuito interno da lotérica em que ele apostou, para comprovar que ele esteve lá e apostou e você não, entende?

— Entendo sim. Mas o bilhete não é nominal, mesmo assim eu perco?

— O fato de não ser nominal não irá interferir caso as provas apresentadas por ele sejam convincentes. Tudo vai depender do juiz que analisará o caso.

— Então corro risco de perder tudo?

— Sim, e além de perder a grana corre também o risco de ser preso por estelionato e má fé.

Jack sentiu uma fisgada em seu coração, não podia perder tudo, não agora!

— E o que você me sugere fazer?

— Você quer um conselho como amigo ou advogado?

— Pode ser os dois!

— Como advogado eu aconselho você a esperar para ver se ele entrará na justiça ou não. Depois, caso ele entre, você deve processá-lo por calúnia e falso testemunho. E tentar forjar provas que atestem a seu favor.

— Meu pai, que complexo...

— Bom, agora como amigo, te aconselharia a sacar o máximo de dinheiro que puder, colocar em contas laranjas, fugir para algum paraíso fiscal, arrumar nova identidade, mudar o visual, e torcer para nunca mais ser encontrado. E digamos, com a grana que você tem não é difícil fazer isso não.

— Gostei mais do conselho de amigo. — disse Jack.

— Sinceramente, é o que eu faria, e logo!

— Mas eu não tenho chance nenhuma de ganhar na justiça?

— Querido, chance você tem, mas até o processo todo rolar irá demorar uma eternidade, e até lá com certeza seu dinheiro e seus bens ficarão todos bloqueados.

E agora, o que fazer? Era a dúvida que mais aterrorizava Jack. Tinha que agir rápido, do contrário correria o risco de perder tudo o que tinha, e ainda ser preso. Jeferson continuou orientando-o, até que deu seu horário de almoço e ele teve que voltar a labuta. Jack agradeceu e quis pagar pelo atendimento, mas Jeferson não quis cobrar, desejou sorte ao amigo e disse que qualquer coisa era só ligar no telefone particular que ele estaria de prontidão para atendê-lo a qualquer hora.

Sozinho novamente, Jack sentia que tinha de agir com rapidez. Mas o que fazer? A princípio só tinha um plano em mente, ir logo para casa de sua mãe, e depois pensar no que iria fazer. Pegou seu carro no estacionamento, sabia que era arriscado ir com ele até Matinhos, pois estava com a habilitação vencida e a Polícia Federal sabia que aquele era seu carro. Mas achou melhor arriscar, não iria deixar seu carro novo para trás. Ligou o GPS, destino Matinhos, 943 quilômetros. Lembrou que era quase a mesma distância de quando viajara de carro do Porto até Barcelona, há cerca de três anos. Tinha sido um final de semana perfeito com seus amigos.

CAPÍTULO 15

Alguns dias depois o inspetor Aringarosa já estava em poder das primeiras possíveis provas. E elas se encaixavam no mais recente dos crimes, do rapaz Alberto Morais, que fora alvejado à queima roupa por dois tiros em sua própria residência. O que mais instigava Aringarosa era que Alberto morava na mesma residência que Jackson. A Polícia Federal do Brasil lhe mandou o interrogatório de Jackson assim como suas impressões digitais e fotografias. Os peritos compararam suas digitais com as cenas dos três crimes, na biblioteca não havia digital dele, já no apartamento de Sabrina, tinham várias. O exame de balística havia confirmado que a mesma arma fora utilizada nos crimes. O pedido que fizera da quebra de sigilo aos jogos Santa Casa, ajudava a fechar parte da investigação, pois foi confirmado que o sacador dos milhões fora mesmo Jackson Zigmund, um dia antes de viajar para o Brasil. Mas o que não fechava era o fato de que as duas mortes, de Sabrina e Alberto, terem ocorrido depois que Jackson já estava no Brasil.

Joseph e seu advogado, Campelo Assunção, ouviram tudo o que Aringarosa tinha a dizer, o advogado explicou ao inspetor que a tia do rapaz, Janete, havia comprovado a ele que de fato Jonas tinha dito a ela que ele realmente havia ganhado na euromilhões, porém não sacaria o dinheiro tão rápido para poder se planejar melhor. Agora, tanto Aringarosa quanto o próprio advogado pareciam que estavam acreditando na história de Joseph e dos milhões de euros. Pelo menos agora tinha uma testemunha, mas sabia que não seria o suficiente, tinham de buscar outras provas.

Assunção afirmou que provavelmente Jackson estaria a pagar um assassino de aluguel para matar as possíveis testemunhas contra ele, aquelas pessoas que estavam diretamente ligadas a ele e que sabiam que ele havia se apropriado indevidamente do bilhete premiado. Assunção solicitou para que o inspetor pedisse ao juiz um mandado de prisão imediata para Jackson. Pois temia pela segurança de seu cliente, uma vez que estava claro e evidente que as mortes eram para silenciar quem sabia da existência daquele bilhete. Assunção e seu cliente pediram para incluir no pedido do juiz a quebra de sigilo bancário, tal qual o congelamento das contas de Jackson Zigmund. Aringarosa pediu calma, iria sim contatar o juiz, mas não podia logo ir incriminando o rapaz sem ter provas concretas contra ele. Aringarosa sabia que algo não estava se fechando direito, só não sabia exatamente o que era.

Mas iria descobrir, isso ele tinha certeza.

O inspetor disse a Joseph que ele iria receber proteção policial, uma viatura ficaria na casa dele 24 horas e o seguiria em todos os lugares da cidade. Joseph a princípio não queria aceitar, mas seu advogado o convenceu que assim seria melhor.

Já em sua casa, à noite, Joseph nem queria mais saber de ir para a faculdade, já devia estar com faltas suficientes para reprovar naquele semestre. Olhou para fora e viu a viatura da polícia parada. Estava indignado com os acontecimentos, tinha de fazer justiça, pelo seu falecido pai e pelo dinheiro que sabia ser dele por direito. Levou um susto com o telefone da casa tocando, há muito tempo ninguém ligava nele. Quando atendeu era Ciana, a bibliotecária chefe, querendo saber como ele estava, e se já tinham alguma pista de quem fizera tal barbaridade com seu amigo de trabalho Jonas. Joseph falou que a polícia estava a investigar, e que tinha um suspeito sim, porém ele havia fugido para o Brasil. Ciana, curiosa queria mais detalhes, mas Joseph lembrou que Assunção o tinha orientado a não falar nada com ninguém, a não ser se fosse algum parente próximo. Joseph respondeu a Ciana que não sabiam exatamente o motivo do crime ainda, mas que a polícia estava fazendo seu trabalho e breve descobririam. Então ele seria o primeiro para ligar pra ela e avisá-la. A bibliotecária o informou que ele precisava dar entrada na papelada do seguro de seu pai, pois como Jonas era servidor do estado, ele, como herdeiro único, teria direito a receber o dinheiro. Joseph agradeceu a informação e disse que seu advogado já estava a cuidar de todos assuntos financeiros de seu pai.

Quando desligou o telefone e foi se preparar para sair e comer algo, pois não tinha ânimo nenhum para comer ali, o telefone tocou novamente, só que dessa vez seu telemóvel. Para sua grata surpresa era sua de faculdade, Clarisse.

— Joseph, você sumiu, não encontro mais você na internet...

— Oi, Clarisse, estou sem ânimo para entrar.

— Pelo seu pai, né? — disse ela mudando o tom de voz. — Entendo, deve ser uma barra passar por uma situação assim.

— Pois é! — respondeu ele.

— Já descobriram alguma coisa?

— A polícia estas a investigar, já tem um suspeito, mas até agora não é nada concreto.

— Sabe Jô, estou preocupada com você. Estava querendo conversar contigo pessoalmente, posso ir à sua casa?

— Quando?

— Agora, a aula acabou mais cedo hoje!

— É que agora estou saindo pra comer algo, se você quiser podemos sair juntos, o que acha?

— Melhor ainda, onde quer ir comer?

— Acho que lá no *Bonapetite*.

— Aquele lá da baixa?

— Sim... você passa aqui ou vai direto pra lá?

— Vou direto e te espero lá, fica mais perto pra mim.

— Ok.

Joseph desligou o telemóvel, foi até seu quarto colocar uma roupa melhorzinha, no caminho olhou para a porta do quarto de seu pai, estava fechada, não tivera ainda coragem de abri-lo depois do ocorrido.

— Uma hora você terá que entrar lá! — disse uma voz atrás dele.

— Que susto tia, não sabia que estava aqui.

— Bom, eu liguei pro Pedro e disse que vou ficar aqui por mais alguns dias, pelo menos até resolvermos a questão do seu pai e do bilhete. — disse Janete.

— Sim, que bom que vai ficar aqui, pelo menos terei sua companhia, ficar nessa casa sozinho é tão angustiante.

— Eu sei! — sorriu ela com serenidade... — Querido por que a polícia está aí em frente?

— Proteção, coisa de advogado!

— São muito chatos, tive que praticamente fazer uma entrevista para me deixarem entrar aqui. — alegou Janete.

Joseph riu, imaginando a cena.

— Você ri, né?

— Tia, mudando de assunto. Você ainda está magoada por eu não ter dito a verdade sobre o bilhete?

— Claro que não querido, sei que você só fez o que seu pai lhe pediu. — ela pegou no braço do sobrinho. — Só não entendi o motivo de seu pai não ter lhe dito que também havia me contado.

— Nem eu tia, nem eu! — resmungou ele abraçando-a.

— Está perfumado, vai sair?

— Vou sim, vou sair com uma amiga da faculdade, vamos comer algo.

— Ah sei, namoradinha, né?

— Não tia, é só amiga mesmo!

— Vou fingir que acredito!

Joseph sorriu, se despediu de sua tia, foi até a garagem e pegou seu carro, em seguida saiu e logo percebeu o carro da polícia o seguindo.

— Droga! Agora vou ter que andar com essas babás atrás de mim. Ninguém merece! — disse a si mesmo, fechando o vidro do carro e ligando o ar quente.

CAPÍTULO 16

Joseph chega ao Bonapetite por volta das 20:40 para encontrar sua amiga Clarisse. Enquanto isso, no mesmo dia, do outro lado do Atlântico, Jack se encontra na estrada, porém o fuso horário faz com que ali ainda seja 16:40. Jack vai chegar de tarde à sua cidade, já era para ter chegado, mas tivera de passar em São Paulo antes, onde ficou esperando um dia para poder sacar 4 milhões de reais no banco, pois as agências já estavam fechadas quando chegara. Com isso o jovem aproveitara para passear e descansar um pouco. Hospedou-se em um hotel de luxo na Paulista, leu e respondeu os *emails* de seu amigo Beto. No primeiro ele alegava não ter conseguido contatar Sabrina, disse que tinha devolvido o livro na biblioteca. Beto também passou o número de sua conta, perguntando se era o dinheiro do aluguel que ele mandaria. No outro email, Beto perguntou se ele estava na casa de sua mãe. Jack estranhou, pois no outro email ele passou o número de uma outra conta bancária para Jack realizar o depósito, alegou que tivera problemas em sua conta, mas que essa outra conta era de uma pessoa de confiança. Jack respondeu que estava indo para Matinhos. Alegou estar com um problema, mas que depositaria uma boa quantia de dinheiro para ele, e não seria só do aluguel como ele perguntara, seria dinheiro suficiente para ele não só pagar o aluguel, como comprar o apartamento, caso quisesse. Contudo, Jack disse para o amigo que metade do dinheiro que estava para enviá-lo, ele poderia gastar como quisesse, era dele, um presente de amigo! Mas teria que guardar a outra metade do dinheiro em uma conta que ele não fosse mexer. Jack disse não poder explicar o que estava havendo por email e nem por telefone, mas que em breve ele entraria em contato novamente com o amigo, de preferência pessoalmente. No fim da noite Jack fora até um shopping onde comprou três maletas para colocar sua grana. No outro dia de manhã ligou para a agência com antecedência para eles separarem seu dinheiro. O gerente que o atendeu pediu para Jack passar no banco por volta do meio dia, que até lá o dinheiro já estaria separado.

No banco Jack transferiu 10 milhões de reais para a conta que Beto havia lhe passado, era uma tal de Cecília Alvarenga, ele não conhecia, mas se tratando de Beto, logo imaginou ser mais uma de suas namoradas.

Após sair do banco, fechou a conta no hotel e saiu rumo ao Paraná. Agora no seu carro havia uma maleta vermelha contendo os 2 milhões de euros e mais duas maletas pretas com os 2 milhões de reais, cada.

Na viagem Jack torcia para não ser parado por nenhuma polícia rodoviária. Com sua habilitação vencida, provavelmente teria de perder muito dinheiro com suborno. Pior seria, caso achasse um policial incorruptível, nem queria pensar naquela idéia.

Descendo a Serra da Graciosa, a famosa estrada histórica de beleza exorbitante que ligava o litoral paranaense, parou um instante para comer algo. Do alto da primeira parada pôde ver ao longe a bela Baía de Antonina. Pediu um pastel e um suco. As pessoas que estavam ali na parada olhavam para ele e o seu carro. Jack então percebera que não era uma boa idéia chegar a sua cidade andando naquele carro. De fato iria despertar muita curiosidade. Enquanto comia seu delicioso pastel de camarão, estava imaginando a reação de sua mãe ao revê-lo depois de tanto tempo.

Após 30 minutos seu carro cruza a ponte de ferro que corta o Rio Nhundiaquara em Morretes, isso lhe trouxe boas lembranças. No centro da cidade Jack observa os famosos casarões de artesanatos e restaurantes que servem o típico barreado. Tinha vindo algumas vezes naquela cidade quando morava ali no litoral, mas a melhor de todas elas tinha sido num feriado há muito tempo, quando fora com Anne e seus amigos para descerem de *Bóia-Cross* do alto da Serra do Marumbi até a ponte de ferro do Nhundiaquara. Esse foi um dos motivos para que a mãe de Anne o abominasse, pois tinha levado sua filha escondida. Jack sorriu sozinho ao lembrar-se daquele dia. Seguiu adiante até sair na rodovia, ali ao contrário da estrada da Graciosa, a pista era um tapete, com a potência de seu carro à prova chegou em menos de quinze minutos na divisa dos municípios de Paranaguá e Matinhos. Desligou o GPS, conhecia muito bem a região a partir dali. O carro estava rápido, ultrapassava facilmente qualquer veículo. Jack reduziu um pouco a velocidade para poder ver um pouco a maravilha das montanhas que rodeavam sua cidade. Ali até parecia o Rio, em certo aspecto, a principal diferença era que ali as pessoas ainda não moravam nos morros. Eles eram inúmeros, colossais, de um verde exuberante, aquela visão realmente comprovava que ali era de fato a maior reserva brasileira de Mata Atlântica intacta.

Como sempre, ou melhor, quase sempre, estava um tempo nublado em Matinhos. Devido a cidade estar localizada no sul do país e ser rodeada de cadeias montanhosas serranas, o clima na maioria das vezes era de chuva. *"Chuvinhos"* e não Matinhos, como dizia seu padrasto Carlos, quando se referia à cidade.

Jack observa surpreso como as coisas haviam mudado por ali, um aperto em seu peito confirmava que tinha realmente voltado para suas raízes. Antes de ir para a casa de sua mãe em Caiobá, foi até a Avenida Atlântica para matar saudades de sua praia e de seu calçadão de gaivotas. Estacionou o carro em frente a uma farmácia. Viu logo adiante um Camaro amarelo parado na rua. As coisas ali realmente tinham mudado. Seu carro não parecia ser o centro das atenções da cidade.

Andando no calçadão viu algumas pessoas caminhando, andando de bicicleta, levando seus cachorros para passear. Não tinha ninguém no mar, estava um pouco frio e bastante nublado. Jack quis fazer aquilo que mais gostava de fazer quando morava ali. Ir até o pé do Morro do Boi e de lá caminhar descalço pela areia até chegar ao Pico. Mas com o tempo fechado daquele jeito seria bem provável que iria tomar chuva, voltou ao carro, agora finalmente iria pra casa.

CAPÍTULO 17

Enquanto isso, próximo ao Bolhão, no restaurante *Bonapetite*, Joseph estas a jantar com sua amiga Clarisse, que se mostra muito preocupada com ele. Clarisse atualiza Joseph das últimas novidades da faculdade, tenta fazer com que ele volte, mas percebe que ele está muito tenso e cabisbaixo. Afinal, até o compreende, pois perder o pai daquela forma brutal em um crime que parecia não ter motivo e solução era muito triste.

— Jô, o pessoal da sala vai se reunir na próxima semana pra irmos na *metamorfosis*, você não quer ir, vai ser bom pra você, sair e se distrair um pouco.

— Desculpa, Clarisse, mas não estou com cabeça para festas no momento. Tenho que resolver uma porção de problemas que estão acabando comigo.

— Entendo, você está passando por uma barra mesmo. — assentiu ela com enquanto degustava mais um bolinho do famoso bacalhau portuense. — Joseph, eu queria evitar esse assunto, mas tenho que te perguntar, você realmente não tem nenhum suspeito de ter feito isso com seu pai, alguém que por acaso tivesse motivos?

Joseph lembrou que o advogado lhe orientara a não falar nada a ninguém que não fosse parente próximo, mas ele confiava em Clarisse, afinal, eram amigos desde o primeiro dia de aula e nunca ela tinha o decepcionado. E ele estava precisando realmente de alguém para desabafar, senão enlouqueceria a qualquer momento.

Joseph levantou sua cadeira e chegou mais próximo dela, em seguida sussurrou em seu ouvido.

— Olha disfarçadamente para trás, lá na esquina, você verá uma viatura da polícia parada, com dois policiais. Um dentro do carro e o outro lá fora a fumar.

Clarisse disfarçou e olhou para os policiais na esquina. Voltou a fitar Joseph estranhando aquele papo.

— Sim, o que tem de mais nisso? Certamente estão fazendo a ronda deles.

— Não, eles estão ali por causa de mim, estão me vigiando, fazendo escolta!

— Mas por quê? O que você fez?

— Tenho que te contar uma coisa, mas peço que não conte para ninguém, pois isso é coisa do inquérito policial.

— Tudo bem, pode contar! — sussurrou ela curiosa para saber do que se tratava.

— Sabe aquele prêmio de 145 milhões da euromilhões?

— Sim, aquele que o ganhador demorou para buscar?

— Esse mesmo! — disse Joseph olhando para todos os lados do restaurante para ter certeza que ninguém mais ouviria. — Na verdade o vencedor desse prêmio foi meu pai!

— O quê? — perguntou ela incrédula.

— Isso mesmo, meu pai que ganhou todo aquele dinheiro... mas não teve tempo sequer de sacá-lo, foi morto antes.

Clarisse não sabia se acreditava ou não naquela história. Era difícil acreditar, era um tanto quanto irreal para ela. Joseph contou os detalhes de tudo que estava acontecendo nos últimos dias; das duas mortes, da fuga de Jackson para o Brasil, de como estava o caso até agora, enfim, desabafou. Falou tudo com tanta clareza que Clarisse já começara a acreditar, por mais louco que parecesse tudo aquilo.

— Então isso explica a morte de seu pai? O que a polícia está esperando para prender esse cara? — questionou ela, já até parando de comer os bolinhos.

— Diz o inspetor que já estão na cola dele, mas tudo depende de arranjar provas concretas para que o juiz determine sua prisão.

— Mais prova do que duas mortes com a mesma arma? E ainda o suspeito foge após sacar todo o dinheiro? — afirmou ela indignada.

— Nisso você tem razão, acho que esse inspetor está de corpo mole, só pode! Vou falar com meu advogado e ver o que ele pode fazer para agilizar isso.

— Essa história é no mínimo maluca, concorda? — perguntou ela.

— Sim, muito maluca, mas espero que consiga reaver o que meu pai ganhou, e que prendam logo esse assassino.

— Eu vi um caso parecido com esse uma vez no jornal, acho que foi na Áustria, um empresário ganhou um prêmio grande na loteria, sacou o dinheiro e logo depois um empregado dele alegou que o patrão tinha roubado seu bilhete.

— E o que aconteceu? — questionou Joseph.

— Parece que a justiça pediu o bloqueio da conta dele até o caso ser

julgado, mas ele tinha espalhado a grana por tantas contas, dele e de laranjas, que só conseguiram bloquear menos que a metade do valor total.

— E o caso foi julgado?

— Sim, o advogado do empregado arrumou uma série de provas a favor dele, inclusive a prova que foi decisiva foi uma gravação do circuito interno da casa de jogos... pegaram no bilhete o dia e hora da aposta e verificou-se na gravação que naquela hora foi realmente o empregado que tinha ido até lá e feito a aposta... depois o empresário alegou que tinha dado os números e o dinheiro para ele apostar, mas entrou em várias contradições e acabou perdendo o caso.

— Que rolo! — Joseph colocou um bolinho de bacalhau frio na boca. — Continue. — disse ele.

— Sei que no final das contas todo o dinheiro que a justiça havia conseguido bloquear foi dado ao empregado, o patrão foi processado e parece que responde na justiça até hoje.

Os olhos de Joseph brilhavam, sua amiga acabara de lhe dar uma excelente idéia, que talvez botasse fim nessa questão de quem realmente era dono do bilhete.

— Clarisse, eu te amo! — segurou o rosto dela com as duas mão, dando um beijo em sua testa. — Você me deu uma excelente idéia!

A jovem ficou surpresa, não esperava aquela reação de contentamento de seu amigo, pois ele nunca fora de expressar seus sentimentos através de muito contato.

— Mas, seu advogado ainda não tinha pedido a gravação?

— Não!

— Desculpa, mas ele é meio incompetente, não acha?

— Estou começando a achar que sim. Acho que terei de procurar um advogado com mais vontade e determinação... sabe, acho que esse meu advogado nem sequer acredita na causa, deve achar que estou aproveitando da morte do meu pai só para tirar vantagem.

Nesse momento o garçom aproximou-se para perguntar se desejavam mais alguma coisa. Clarisse pediu um suco de laranja e Joseph uma batida de coco. O garçom retirou os copos e a bandeja vazia, pediu licença e saiu.

— Jô, só uma coisa que não está batendo nessa história... Se o suposto assassino fugiu para o Brasil, por que você precisa de proteção policial?

— O meu advogado acredita que o Jackson esteja mandando matar

todos que estão diretamente envolvidos com bilhete, queima de arquivo, entende?

— Entendo, mas é estranho. Muito complicada a situação.

Os dois continuaram a beber, comer e conversar. Assim que saísse dali, Joseph ia ligar para seu advogado e exigir que ele providenciasse uma cópia do circuito interno da casa de jogos onde seu pai tinha feito aposta. Isso de fato comprovaria tudo, e o juiz não teria dúvidas para decretar a prisão e o bloqueio imediato das contas de Jackson.

CAPÍTULO 18

Em frente ao portão da casa de sua mãe, Jack notou que a casa estava bem diferente, certamente o dinheiro que ele mandava "de vez enquando" tinha servido para algo. Desceu do carro, travou o alarme, não queria ter o importuno de perder suas preciosas maletas. Apesar de que ali naquela região nunca tivera problemas com roubos e arrombamento de carros, pelo menos não enquanto ele morou por ali. Notou haver um interruptor com interfone, coisa que em sua época também não existia. Tocou o interfone, logo ouviu latidos vindo em sua direção. Percebeu que era seu cachorro Barnabé, um pequeno vira-lata preto que ele tinha encontrado abandonado na praia há oito anos. O cão ainda estava inteirão, latia muito; Jack percebeu que era latido de felicidade, pois ele pulava e balançava seu enorme rabo, certamente tinha o reconhecido depois de tanto tempo. Mas também tinha outro cão ali, parecia uma mistura de pastor alemão com dobermann "pela magreza", esse latia furiosamente, como se Jack fosse um forasteiro desconhecido. Jack ficou agradando seu velho companheiro Barnabé, tomando cuidado para o outro cão não abocanhar sua mão entre as grades. De repente ele vê a cortina da sala sendo fechada, como se alguém estivesse o espiando. A porta se abre e surge seu padrasto Carlos.

— Meu deus, sua mãe não vai acreditar. — disse ele incrédulo ao ver Jack parado no portão brincando com Barnabé.

— Oi tio Carlos. — resmungou Jack com a mão toda suja de baba canina.

Carlos pediu que ele aguardasse um pouco, pegou o *pastor-dobermann* e o levou até o fundo, voltou e abriu o portão.

— Como você está? Não sabia que você viria pra cá? — perguntou Carlos afoito.

— Estou bem tio, então, eu não avisei ninguém que viria. É surpresa!

— Sua mãe vai ter um ataque do coração quando te ver! — afirmou Carlos abraçando seu enteado.

Enquanto eles se abraçavam, Barnabé pulava alucinadamente nas pernas de Jack, querendo a atenção e o afeto de cinco anos de atraso.

— Pára com isso Barnabé! — disse Carlos querendo proteger Jack.

— Pode deixar, ele estava com saudades de mim.

— Imagino mesmo! — Carlos olhou para o carro parado em frente a sua casa. — De quem é esse carro? — questionou ele.

— Bom... esse carro é meu! — respondeu Jack agora com as duas mãos cheias de baba e com a calça toda marcada pelas patas do cachorro.

— Pelo visto tu enriqueceu lá em Portuga, hein! — disse Carlos dando um tapinha nas costas dele.

— Que nada, esse carro aí é uma longa história.

— Ah sim, imagino! Você vai querer guardar ele aqui?

— Sim, claro, acho melhor!

Carlos abriu o portão e Jack estacionou o carro na garagem. Antes de sair olhou pelo retrovisor seu padrasto Carlos; relembrou que desde que se conhecia por gente sua mãe já estava com ele. Seu pai biológico morrera em um acidente de trabalho quando ele ainda tinha apenas dois anos de idade.

Jack, com a ajuda de Carlos, pegou duas malas de roupa do carro, e mais alguns apetrechos eletrônicos que ele havia comprado no Rio e em São Paulo. As três maletas de dinheiro ele preferiu deixar no carro. Entraram na casa e seu padrasto disse que sua mãe estava na casa de uma amiga e que logo viria. Colocaram as coisas no seu antigo quarto e foram se sentar no sofá da sala para conversarem.

— Como você mudou, cresceu bastante hein. — disse Carlos.

— Cresci nada... bom, só se for dos lados, né?

Carlos sorriu, lembrando como ele era magrinho quando saíra dali, agora estava um rapaz forte e bem diferente, até tinha ganhado um sotaque novo.

— Então, Jack, me conte como vão as coisas... — indagou Carlos ao sentar-se ligando a televisão.

Os dois conversaram... Jack a princípio não falou o verdadeiro motivo daquela visita repentina. Queria guardar segredo para revelar aos dois ao mesmo tempo. Conversaram sobre o trabalho, futebol, sobre como estavam as coisas ali no litoral, enfim, conversaram durante uns quarenta minutos, até que a noite chegou e junto com ela chegou também Marilene.

Assim que ela avistou aquele carro prateado na garagem já imaginou que tinham visita, só não sabia quem era, pois não conseguiu ligar o carro a nenhum conhecido da família. Abriu o portão, estranhou, Barnabé e Rex não vieram latir no portão, pelo contrário, Barnabé estava latindo na porta da sala. Quando ela abriu a porta seu marido estava sentado no sofá vendo televisão.

— Demorou lá, hein! — resmungou ele.

— Carlos, quem tá aqui? De quem é esse carro?

Ele sorriu, levantou-se e aproximou-se dela. Pedindo para ela se sentar um pouco.

— Ai Carlos, pára com isso, quem está aqui?

— Calma que você já vai saber... prepara teu coração...

— Carlos, fala logo, quem está aqui...

Nesse momento Jack apareceu no corredor. Os olhos de sua mãe pareciam não acreditar no que viam. Piscou eles algumas vezes em frações de segundos. Sim, era seu amado filho, ali, de pé em sua sala, olhando fixamente em seus olhos.

— Jack... — gritou ela correndo para abraçar seu filho. — Jack, é você meu filho, como cresceu, está bonito... por quê não avisou que vinha.

O restante da noite foi cheia de carinho, saudades, um maravilhoso e improvisado jantar de família. Até que finalmente Jack resolveu contar o motivo de realmente estar ali.

— O jantar estava ótimo, obrigado! — agradeceu ele, relembrando que há cinco anos não tinha um jantar em família.

Jack reuniu ambos na sala, pediu para que se sentassem e esperassem um pouco que tinha algo muito importante a lhes contar. Carlos ficou curioso, Marilene com um pouco de receio. Quando ele voltou estava segurando uma maleta preta em suas mãos.

— Tio e mãe, vou direto ao assunto, depois esclareço as dúvidas. — ele respirou, entregou a maleta a seu padrasto.

— Isso é um presente para vocês!

Carlos abriu a maleta, quando viu que estava recheada de dinheiro seu coração acelerou, ficou assustado e ao mesmo tempo anestesiado. O que era aquilo? Nunca vira tanto dinheiro na vida!

— Eu ganhei um prêmio na loteria... e trouxe esse dinheiro para vocês!

Sua mãe e seu padrasto mal se mexiam, olhavam para o conteúdo da maleta e para ele, não falavam absolutamente nada.

— Mãe... mãe... — disse ele cutucando ela.

— Filho, mas...

— Meu Deus do céu, isso tudo... — tentou dizer Carlos, pensando que nem trabalhando uma vida inteira como motorista conseguiria tanto dinheiro.

— Isso tudo é pra vocês... Aí tem 2 milhões de reais... foi isso que consegui sacar no banco ontem, depois deposito mais na conta de vocês.

— É sério? Você ganhou na loteria? Só pode estar brincando! — disse Marilene descrente.

— Sério mãe! Ou você acha que eu ia comprar aquele carro com o misero salário que ganhava em Portugal.

Depois de um tempo, Barnabé parou de latir, a televisão foi desligada a maleta fechada. Então Jack contou toda a história, contou exatamente como aconteceu, que tinha encontrado por acaso o bilhete dentro do livro da biblioteca, porém não disse que o livro fora emprestado a ele por intermédio de Sabrina. Disse ainda que tinha alguém em Portugal alegando ser o verdadeiro dono do bilhete, mas no entanto não tinha como comprovar. Pois era o mesmo que perder dinheiro na rua e alguém encontrar. Todos podiam alegar ser os verdadeiros donos, mas como comprovariam?

Carlos e Marilene pareciam em estado de transe, estavam preocupados. A situação financeira já não estava boa, tiveram inclusive de vender o carro no mês passado, carro que nem sequer tinham terminado de pagar o financiamento. Eles estavam com vergonha de pedir dinheiro emprestado para Jack, pois imaginavam que ele não ganhava muito bem em Portugal, e estava tentando juntar dinheiro para poder voltar. A situação financeira estava realmente preta. Mas agora, aquele dinheiro todo, seria a salvação. Sua mãe disse que não precisavam de tanto, que só um pouquinho já resolveria a situação. O padrasto concordou. Mas Jack fez questão de enfatizar que aquele dinheiro todo era deles e não aceitaria devolução.

O fim de noite foi longo, ninguém conseguira dormir. Por volta das 01:00 da madrugada sua mãe assou alguns pães-de-queijo para eles comerem. Carlos já estava fazendo os cálculos das contas que iria pagar no dia seguinte. No total, tudo não passava de 30 mil reais. Sobraria ainda 1.970.000 milhões de reais. Enfim, seu sobrado na Praia Mansa iria deixar de ser apenas um sonho.

Jack olhou em seu relógio *rolex* que comprara em Sampa, era 03:22 a.m. Estava exausto, tinha que dormir um pouco. Se despediu de Carlos e foi com sua mãe até o seu quarto. Ela arrumou sua cama, como sempre fizera quando ele ainda era apenas seu "bebê" e morava ali.

— Boa noite meu filho. Estou tão feliz de ter você aqui comigo.

— Mãe... antes de dormir preciso te perguntar uma coisa...

— O que foi querido?

— Você sabe da Anne?

Sua mãe logo percebeu do que se tratava. Pensou que ele tinha

esquecido a moça, pois nunca mais quisera saber nada sobre ela.

— Filho... — ela sentou-se à beira da cama. — A Anne, Annelyssa...

— Fale mãe...

— Ela se casou!

Aquilo foi um choque para ele, não creu no que sua mãe acabara de dizer.

— Casou? Como assim?

— Ela se casou com o líder Mauro, estão morando lá em Guaratuba.

— Não, não pode ser!

— É verdade filho, depois que se casaram, nunca mais deram notícias, faz uns três anos já.

Os olhos, o coração e a mente de Jack se encheram de ódio. Estava explicado o motivo de Mauro tanto detestá-lo assim; motivo de querer afastar Anne dele a todo custo. Alegando que ele era má influência para ela. Que não era um jovem verdadeiramente cristão, por isso ela não poderia nunca se relacionar com ele. Estava tudo claro agora, o safado queria Anne para ele. Jack deu boa noite a sua mãe, aquela notícia fora demais. Não queria acreditar. Não podia ser verdade. Não ela, não sua Anne, sua amada. Como pôde ser tão idiota assim? Desejou que o tempo voltasse, que pudesse voltar ao passado e agir diferente, agir de modo a mostrar a Anne os motivos do líder da igreja querer afastá-los. Jack ficou em devaneios profundos até finalmente ser vencido pelo sono e cansaço, dormiu, porém estava extremamente triste e decepcionado com o que ouvira de sua mãe. Mas amanhã seria um novo dia e teria de acertar contas com alguém.

CAPÍTULO 19

Antes mesmo do horário do almoço, Jack já tinha ido até a Praia dos Amores para rever o seu local preferido, a belíssima Ilha das Tartarugas, onde certa vez quase morrera afogado junto com Beto, Anne e seus amigos, graças à subida repentina da maré. Tinham ido até lá através das pedras, para verem o paredão rochoso que tinha atrás da ilha, cuja visão permitia apreciar a beleza do mar de um ângulo bem diferente do habitual. Quando voltaram para atravessar novamente para o continente, uma surpresa, a maré tinha enchido e a passagem pelas pedras ficara quase impossível de se fazer. Resultado: Quase morreram afogados em um maluco cordão humano que haviam feito. Graças a Jack, que ordenou que todos voltassem para trás, de volta à ilha, graças a essa sabia decisão não ocorreu uma tragédia. Ficaram presos por mais duas horas até anoitecer e começarem a ser atacados ferozmente por pernilongos assassinos devoradores de sangue, quando finalmente o resgate chegou, os bombeiros vieram resgatá-los de barco.

Hoje, ao contrário daquele dia, a ilha e a praia estavam vazias. Então Jack pôde botar seu plano em prática. Atravessou as pedras rapidamente olhando em todas direções, quando teve certeza que ninguém o tinha visto, ele executou seu plano.

Em seguida saiu da ilha, limpou seu tênis sujo de areia e entrou no carro. Foi até a baía e atravessou o *Ferry Boat* de Caiobá-Guaratuba, imaginou que depois de cinco anos, pelo menos já tivessem construído uma ponte por ali, mas pelo visto o progresso não tinha chego naquela região.

Agora estava parado em frente a "provável" casa que Anne morava, sua mãe lhe dera o telefone e o endereço junto com inúmeras recomendações para ele tomar cuidado. Observou ainda de dentro do carro aquela casa verde, na frente um pequeno jardim e um portão de madeira. A princípio parecia não ter ninguém, mas sabia que se batesse palma ali e Mauro atendesse seria um deus-nos-acuda. O que deveria fazer? — pensou ele.

Pegou seu celular e ligou para o número da casa. Chamou três vezes até que uma voz atendeu.

— Quem fala?

Jack ficou mudo, era a voz de Mauro, mesmo depois de cinco anos reconhecia aquela voz estúpida e arrogante. Desligou o telefone. Saiu da frente da casa e foi com o carro até a praça General Mafra. De lá ficou observando

vários grupos de jovens. Desceu do carro e aproximou-se de duas meninas sentadas. Elas ficaram olhando curiosas só esperando pra saber o que aquele cara queria.

— Oi, meu nome é Alex, estou precisando muito de um favor e queria saber se vocês duas podem me ajudar? — disse Jack.

As duas desconfiadas fitavam Jack dos pés a cabeça, já imaginando que tipo de favor ele deveria estar querendo.

— Que favor você quer? — indagou a que parecia ter mais idade.

Jack se aproximou e explicou o que precisava. Era só fazerem uma ligação e pedirem para falar com Annelysa Curty, caso um homem perguntasse o motivo era pra falar qualquer coisa, inventar que era uma amiga dela, ou alguém do banco oferecendo cartão de crédito, o importante era conseguirem que ela atendesse o telefone. As meninas ficaram desconfiadas, olhando para Jack com cara-de-tacho, enquanto continuavam mascando seus chicletes. Ele tirou do bolso quatro notas de 50 e deu duas pra cada.

— Qual de vocês vai ligar?

Mais que depressa a que parecia ter mais idade pegou o celular de Jack e perguntou o número.

— Bom dia, com quem eu falo? — disse a jovem. — Olá Mauro, eu gostaria de falar com a Annelysa... ela está? — a menina ficou em silêncio. — Sou a Pâmela, amiga dela... — Não, sou de Pontal... — É que eu estou aqui em Guaratuba e acho que acabei me perdendo. — Sim, isso mesmo, eu marquei de ligar pra ela, pra ir aí na casa de vocês hoje. — a moça ficou quieta, só ouvindo o que Mauro falava do outro lado da linha. Jack queria saber o que ele tanto falava, mas o celular não estava no viva-voz.

— Tudo bem então, obrigada!

A moça desligou o celular e entregou a Jack.

— Então, o que houve? — perguntou ele afoito.

— Ele disse que ela não conhecia nenhuma Pâmela de Pontal.

— Merda! — disse Jack com raiva.

— Esse Mauro é marido dela? — perguntou a outra moça.

— Sim.

— E você quer falar com ela sem que ele saiba?

— É o que parece, né? — respondeu sua amiga que além de mais velha parecia ser um pouco mais inteligente também.

— Bom, por mais duas de cinquentinha eu consigo fazer com que você

fale com essa guria. — afirmou a menina mais nova. — Ela é daqui mesmo?

Jack assentiu que sim com a cabeça, ficou surpreso com aquela proposta ousada. Do jeito que ela falava parecia que realmente iria conseguir, mas ele pagaria pra ver.

— Tudo bem então! — tirou do bolso mais duas notas de 50 reais e deu o celular para ela. — Primeiro você liga e se conseguir eu te pago.

— Aí que está o segredo, não vou ligar, vou fazer vocês conversarem pessoalmente.

— Como assim? — indagou Jack e a outra menina no mesmo instante.

— Marque num papel o endereço dela e o número do seu celular.

Jack fez o que ela pediu, pegou caneta e um papel no carro e escreveu um bilhete e o entregou à jovem. Mostrou a rua que ficava, explicou como era a casa. A jovem pediu para que eles a esperassem ali que já voltaria.

De longe Jack ficou observando ela parada em frente ao portão, era uma menina de mais ou menos uns onze anos. O que ela iria aprontar? Só faltava ela falar pro Mauro que ele tinha pago pra ela ir lá falar com Anne, aí estaria encrencado.

— O que será que a Geovana vai aprontar? — indagou a amiga dela que estava do lado de Jack.

Os dois notaram que Geovana não estava mais em frente à casa, de alguma forma tinha conseguido entrar. Ficaram mais preocupados ainda. Jack disse que se ela demorasse muito teria de ir até lá. Pâmela o tranquilizou dizendo que a amiga era burrinha, mas quando queria ganhar alguma coisa ficava muito esperta.

Quinze minutos se passaram, Jack viu que estava saindo um carro branco da casa de Anne. Nem deu tempo de imaginar o que estava havendo e o celular tocou, mas não era o seu, era o da Pâmela.

— Menina você tá louca? — disse ela assustada. — Como assim hospital? — silêncio... — Sei, entendi, tudo bem então, cuidado tá bom? — ela desligou o celular.

— O que houve? — indagou Jack assustado.

— A Geovana inventou alguma coisa lá para eles, não me falou direito, sei que o tal Mauro está levando ela pro hospital...

— Hospital? — questionou Jack não entendendo.

— Bem, agora o caminho está livre pra você ir conversar com a Anne.

— É mesmo, sua amiga é boa mesmo hein! — disse Jack agradecendo e

indo até o carro.

— Ela falou que é para você pagar os 100 pilas pra mim. — cobrou Pâmela.

— Verdade, me desculpe, aqui está o dinheiro. — Jack deu mais quatro notas de 50 pra ela. — Pegue mais duas pra você, obrigado, tchau!

Chegou em frente a casa de Anne, desceu do carro rápido, não sabia quanto tempo teria. Seu coração batia forte, parecia querer saltar para fora, transpirava muito e suas pernas estavam trêmulas. Tocou o interfone.

Dentro da casa Annelysa voltara a lavar roupa, ainda estava intrigada com aquela menina ter passado mal e desmaiado ali em sua casa logo depois de ter bebido água. Quando colocou os braços dentro do tanque cheio de água com sabão ouviu o interfone tocar.

— Mas que droga, será que aquela praga esqueceu alguma coisa, por que não entra pra pegar! — resmungou ela pensando que fosse Mauro.

Enxugou os braços, calçou seu chinelo e foi até a cozinha atender o interfone.

— O que você esqueceu? — disse com raiva.

— Anne! — disse Jack com o coração acelerado de emoção e tensão.

Ela desligou o interfone. Estava ficando louca? — começou a imaginar. Saiu desesperadamente até a sala e abriu a porta. Logo viu ali em seu portão, ele, Jack, parado, estava diferente, estava mais forte, mais bonito do que já era. Seu coração acelerou como uma turbina de um avião pronto para decolar.

— Jack? Jack? — correu até o portão. — É você mesmo! Não acredito!

Jack nem sequer conseguia piscar, estava diante de sua Anne, depois de tanto tempo. Ela estava bem diferente, um pouco pálida, com olheiras e parecia ter emagrecido alguns quilinhos. Seu enorme cabelo ainda estava ali, porém estava com uma aparência diferente, meio opaco e embaraçado.

Ela abriu o portão com as mãos tremendo. Ambos se abraçaram, um abraço tão apertado e gostoso como nunca tiveram dado anteriormente. Aquele abraço representava de certa forma um grito de liberdade, uma sensação intensa de paz e amor que irradiava em ambos os corações.

— Jack, você voltou! Está morando onde? — perguntou ela morrendo de felicidade por rever o seu melhor amigo.

— Na verdade eu voltei e não voltei, é meio complicado! — disse ele tentando não deixar rolar as lágrimas de felicidade que estavam se acumulando em seus olhos.

— Jack, Jack... — disse ela não se segurando e abraçando ele mais uma vez. — É você mesmo? Está aqui?

— Você casou com o Mauro? — perguntou ele sem rodeios, temeroso de não ter muito tempo para conversarem.

Anne olhou em seus olhos, não respondeu nada, suas lágrimas respondiam por ela.

— Você o ama?

— Claro que não, eu odeio aquele cafajeste. — ela já estava chorando e Jack percebeu que havia ódio no olhar dela ao se referir a Mauro. — Ele me enganou! — ela desabou a chorar nos braços dele.

— Enganou a todos nós! — afirmou Jack.

— Jack, eu... eu, sinto tanto, deveria ter ouvido você, eu fui cega, ingênua, eu sinto muito. Se eu pudesse voltar ao passado e fazer novas escolhas... eu juro...

— Calma Anne, fique calma. — tentou tranquilizá-la. — Eu tenho pouco tempo aqui, daqui a pouco Mauro chega do hospital, tenho uma proposta pra você.

— Como sabe que ele foi no hospital?

— Bom, aquela menina que veio aqui, eu que pedi pra ela vir e...

— Ai Jack, você é maluco, se o Mauro descobre.

— Sou maluco sim, sou maluco por você. Durante esses cinco anos não teve um dia sequer que eu não pensasse em você. Se não quis falar com você foi por que não queria sofrer... — Jack suspirou e segurou com suas duas mãos o rosto dela. — mas não adiantou nada... mas agora chega, não quero saber se você está casada ou não, eu quero você pra mim Anne, eu preciso de você, vem embora comigo, vamos fugir!

Anne ficou emocionada ao ouvir tudo aquilo. Desde que Jack tinha ido embora e parado de falar com ela, ela sentia um grande vazio, vazio esse que pensou que jamais seria preenchido novamente. Gostava muito dele, mas o destino parecia não querer que eles ficassem juntos. E se não fosse o bastante, ela se deixara influenciar por Mauro e pela sua própria família, que armaram tudo para que ela não ficasse com Jack e casasse com o Mauro. Hoje vivia um casamento obscuro, não gostava de Mauro, pelo contrário, o detestava! Ele era extremamente ciumento e dominador e não deixava-a sequer sair de casa, se maquiar, arrumar o cabelo, conversar com amigas ou ir à Igreja, raras eram as exceções.

— Como assim ir embora com você? Não posso Jack, estou casada agora, tudo mudou!

— Anne, você já perdeu a primeira oportunidade de ficarmos juntos, eu sei que você me ama, vai deixar a chance de realmente ser feliz ir embora novamente?

— Ai Jack, não sei, é complicado, se o Mauro ficar sabendo disso ele nos mata.

— Eu sei, lembro bem de como ele era. Só não sei como você se deixou influenciar tanto por aquele mentiroso.

— É uma longa história, Jack!

— Imagino, e você terá muito tempo para me contar, mas agora vem embora comigo, vamos mudar de país, ele nunca encontrará a gente, eu prometo! — Jack dizia aquilo com firmeza, seus olhos brilhavam na esperança de ouvir um sim de sua amada.

Um *flash* de pensamento veio à cabeça da jovem. Lembrou que os melhores momentos de sua vida sempre fora com Jack e os piores com Mauro, aquele cafajeste que a agredia constantemente, que não tinha o mínimo de respeito por ela. Anne sabia que ir embora sem planejar era arriscado, Mauro sempre dizia que se ela separasse dele, ele a mataria e também mataria Felipe. Todos aqueles sentimentos e angústias se juntaram na mente dela no mesmo instante; sentimentos bons e ruins, sentiu uma explosão dentro de seu coração, uma sensação de liberdade eterna, não parou para analisar o que iria falar, para que a razão não controlasse seu coração.

— Eu vou com você Jack! Mas eu tenho um filho... como faremos?

Aquilo foi como um pulo de uma gigantesca cachoeira aos ouvidos de Jack. Primeiro a emoção do salto, depois a dor de bater na água. Um filho? Tal revelação era uma surpresa para ele. Sua mãe não tinha dito nada de filho. Mas isso não iria ser um problema, não podia ser! Não agora que tinha ouvido um sim do amor de sua vida.

— Onde está seu filho? Vamos pegá-lo e ir embora agora!

— Calma Jack, não posso sair sem minhas coisas, minhas roupas e...

— Anne, não temos tempo para isso, pegue só o necessário, seus documentos e do seu filho, prometo que depois compro tudo suas coisas de novo, mas vamos logo antes que o Mauro chegue.

— Tudo bem, mas o Felipe está na escolinha, como vamos...

— A gente pega ele lá, vamos depressa!

Anne pegou Jack pela mão e o levou para dentro da casa. Nesse instante tinha a sensação de ser uma princesa sendo resgatada das garras do dragão pelo seu príncipe encantado. Pegou uma caixa cheia de documentos e papéis no guarda-roupa, tirou alguns e colocou numa sacola.

— Posso por outra roupa mais fechada? — perguntou ela apavorada.

— Pode Anne, mas vá depressa, por favor!

Anne vestiu rapidamente uma calça e um par de tênis, pegou sua bolsa e enfiou a sacola de documentos dentro. Abriu a última gaveta da cômoda e retirou de dentro uma caixinha, abriu ela e pegou todo dinheiro que estava ali dentro, dinheiro que Mauro guardava – achando – que estava bem escondido, e que nem sua esposa acharia.

— Pronta! — disse ela para Jack, seu olhar parecia querer agradecer ele por tudo.

Jack pegou Anne pela mão e quando chegaram na sala tomaram um baita susto. Ali estava Mauro parado, seu olhar não era dos melhores, estava com sangue nos olhos de tanto ódio.

— Sua vagabunda, vai fugir com esse moleque? — perguntou ele com raiva olhando diretamente para os dois de mãos dadas à sua frente.

— Não fale assim com ela, seu hipócrita de merda! — gritou Jack se colocando logo a frente de Anne para protegê-la.

CAPÍTULO 20

Anne estava claramente mais assustada que os dois; aquilo não deveria estar acontecendo, não devia ter deixado Jack entrar ali, estava em pânico!

— Não se intrometa seu moleque de merda. — disse Mauro expressando muita raiva na voz e no olhar. — Vai pro quarto agora sua vaca, minhas contas com você eu acerto depois.

— Não saia daqui, Anne! — ordenou Jack.

Imediatamente após ouvir Jack o desautorizar perante sua mulher, Mauro colocou a mão atrás de sua cintura e puxou um revolver e o apontou para Jack.

— Tá achando que eu to de brincadeira né seu safado, agora você vai pro quinto dos infernos.

Anne, desesperada, deixou sua bolsa cair no sofá e se atirou na frente de Jack, que estava muito assustado vendo o revolver sendo apontado pra si.

— Pára com isso Mauro, podemos conversar! — gritou ela.

— Não temos nada pra conversar... fica junto...

— Anne faz o que ele está mandando, vá para seu quarto! — interrompeu Jack.

— Não Jack, ele vai te matar!

— Faça o que estou te pedindo, agora! — ordenou Jack.

Anne saiu da mira do revolver e foi se movendo lentamente para o corredor, deixando os dois sozinhos na sala.

— Tomara que ela ligue para a polícia! — pensou Jack, sentindo que Mauro iria mesmo atirar, estava nervoso e descontrolado.

— Mauro, espera, podemos negociar. Eu tenho 2 milhões de reais ali no meu carro, você me deixa ir embora com Anne e eu te dou o dinheiro.

Mauro estranhou aquela proposta. Será que Jack estava enganando ele para ganhar tempo? A julgar pelo carro estacionado em frente de sua casa ele podia estar falando a verdade, imaginou Mauro.

— Você vem aqui na minha casa, enche de merda a cabeça da minha mulher, quer me roubar ela, e tem a cara de pau de me querer comprar com dinheiro?

— Não tem outra saída pra você, se me matar será preso e ficará sem ela do mesmo jeito.

— Você é mesmo muito abusado. — no momento que disse isso puxou o

martelo do revolver, engatilhando-o. Jack sentiu que ele iria atirar; num rápido lance de reflexo pegou a pesada bolsa de Anne no sofá e jogou-a com força contra Mauro.

Um zunido de tiro ecoou pela casa no mesmo instante que a bolsa acertou o braço de Mauro fazendo o revolver cair de sua mão trêmula. Era a oportunidade que Jack tinha, foi com tudo pra cima dele e os dois se agarraram em socos e pontapés. Mauro tentava socar Jack e ao mesmo tempo se proteger, enquanto tentava pegar a arma no chão. Um soco de Jack acertou em cheio a estante e fez cair alguns quadros de vidro ao chão. Mauro lhe deu uma joelhada bem em sua barriga, Jack sentiu muita dor e falta de ar instantânea. Mauro apesar de ser mais lerdo, levava certa vantagem no corpo-a-corpo, pois fisicamente era bem maior que seu adversário. Jack sabia que não podia deixar ele pegar a arma novamente, porém ainda estava tentando se recuperar da pancada no estômago, puxando o ar com força, estava difícil para respirar. De repente viu que Mauro pegou um televisor de plasma, ergueu e o jogou contra Jack, que instintivamente colocou o braço na frente para se proteger. Fez um estalo de vidro e ferro se quebrando quando bateu no braço dele e espatifou-se no chão. Jack não resistiu e também caiu, por um momento esquecera a dor do estômago para se concentrar na dor de seu braço que já começara a sangrar. Mauro chutou o que sobrou do televisor, deixando Jack caído ali no chão.

— Agora você vai aprender a não dar em cima da mulher dos outros! — ele voltou dois passos para trás, pegou o revolver no chão, engatilhou e apontou para Jack que, sentiu que realmente era seu fim, pelo menos morreria em paz, pois pela primeira vez teve a certeza absoluta de que Anne também o amava. Quando Mauro foi apertar o gatilho e despachar o rapaz, tomou uma pancada em sua cabeça, em seguida tudo se escureceu e ele desabou.

Para a alegria e surpresa de Jack, lá estava Anne, trêmula, parada com um martelo em punho. Ela ficou imóvel, como se não acredisse no que acabara de fazer. Quando Jack a mandou para o quarto, logo ela imaginou que fosse para ela fazer alguma coisa, ia ligar para a polícia, mas até eles chegarem o pior já teria acontecido. Dessa maneira resolveu tomar uma atitude e fazer algo para acabar com aquela confusão. Ouviu um tiro, seu coração acelerou já temendo o pior. Vasculhou na caixa de ferramentas de seu marido e encontrou aquele martelo, sem pensar duas vezes, pegou ele e deu a volta por trás da casa surpreendendo Mauro por trás. No momento que viu Jack caído e sangrando e

Mauro apontando-lhe a arma, não pensou duas vezes e lhe deu uma martelada em cheio na cabeça.

Jack levantou-se, não sentia seu braço direito, o sangue escorria. Mas isso era o mínimo, perto do que poderia ter lhe acontecido. Pegou o martelo das mãos de Anne e o revolver do chão.

— Anne, temos que sair daqui. Alguém pode ter escutado o tiro e logo a polícia pode chegar. — Jack a abraçou, ela continuava imóvel. — pegue sua bolsa. Vamos logo!

— Eu... ele... — tentou dizer ela soluçando de susto.

Jack abaixou, colocou a mão no pescoço de Mauro.

— Ele está vivo, está só desmaiado!

Anne ficou mais aliviada. Pensou estar sonhando, a que ponto tinha chego seu casamento desastroso. Detestava Mauro, mas jamais pensou em matá-lo. Aquela situação de momento era péssima. Só pensava agora em sair dali o mais rápido possível.

Jack lhe entregou sua bolsa, pediu uma sacola e um pano, ela foi rapidamente até a cozinha para buscar. Jack colocou o martelo e a arma dentro da sacola e pediu para Anne amarrar o pano em torno de seu braço.

— Você vai levar isso?

— Sim, temos que nos livrar dessas armas, vou jogá-las no mar.

— Jack, não vai dar certo, vamos ser presos! Ele vai acordar e vai ir atrás da gente... — disse ela se desesperando.

— Calma Anne, não vamos ser presos e ele não vai nos encontrar. Tenho bastante dinheiro, vamos pra outro país.

Aquela informação não fora bem assimilada por Anne no momento, mas parecia ser a única saída que eles tinham no momento, tinha que confiar em Jack, pois de certo modo ele a livrara daquele casamento que era pior do que uma prisão.

Pegaram tudo o que tinham de pegar e foram para o carro. Saíram dali o mais rápido que puderam. Anne pensou em ir até a casa de sua mãe, mas não podia, pois certamente seria o primeiro lugar que Mauro ou a polícia procurariam.

— Jack, temos que pegar o Felipe! — disse ela mostrando o caminho para ele. — Seu braço está doendo?

— Um pouco!

— Do lado da escolinha tem uma farmácia, enquanto eu pego o Felipe

você vai lá para o farmacêutico dar uma olhada.

O carro parou, Anne desceu, tentava não demonstrar nervosismo ao entrar na escola para buscar seu filho.

Jack foi até a farmácia, o farmacêutico fez um curativo, perguntou o que tinha acontecido e Jack respondeu que machucara com um pedaço de vidro do banheiro que estava solto. O farmacêutico disse que o corte não tinha sido profundo, e que, com o curativo que estava fazendo, junto com aqueles remédios que ele lhe prescrevera logo iria ficar bom, mas caso não melhorasse era para procurar um médico.

Jack pagou os remédios e o curativo e saiu. Anne já estava esperando no carro junto com seu filho.

— Então esse é o Felipe? — perguntou Jack dando partida.

O menino olhou para Jack e desviou o olhar enfiando a cabeça no colo da mãe.

— Esse mesmo, é o meu bebê, Felipão! — Anne sorriu. — Esse é o tio Jack, fala oi pra ele.

O menino não falou nada, continuou se escondendo em sua mãe.

— Não liga Jack, ele é meio vergonhoso no começo, é normal, com todo mundo ele faz isso!

Jack não sabia como se portar, não era muito bom com crianças, até porque nunca tivera oportunidade para isso. Não podia crer que aquela criança ali fosse filho de Anne. Como as coisas tinham mudado! — pensou ele.

— Ele parece com você! — afirmou Jack.

— Você acha mesmo?

— Sim, parece muito!

Anne colocou Felipe no banco de trás, enquanto Jack pegou seu celular e ligou para sua mãe. Explicou que estava com Anne e com Felipe, falou que tivera um desentendimento com Mauro que, acabou o agredindo fisicamente, tentando matá-lo. Alegou que não podia deixar Anne para trás porque ele a mataria também. Marilene estava preocupada e aflita, fazia mil perguntas ao telefone. Jack afirmou que eles iriam para algum lugar até a poeira baixar e, que depois entraria em contato novamente. Pediu para que sua mãe pegasse o dinheiro que tinha lhe dado e fosse viajar para bem longe o mais rápido possível, pois temia que Mauro fizesse algo contra eles para se vingar, orientou a mãe contratar seguranças e não se preocupar com dinheiro que depois lhe mandaria mais.

— Ai meu filho, estou tão preocupada com você, vem pra casa, podemos conversar melhor...

— Mãe, não posso, mas fica calma, vou resolver tudo isso... — enquanto Jack conversava ao telefone, Anne conversava com Felipe tentando explicar o que estava acontecendo. — Agora eu preciso que você faça o que eu disse, pegue o Carlos e saia de casa o quanto antes, se alguém perguntar de mim, fala que você não me vê e não sabe de mim há muito tempo, ok?

— Meu filho, por favor...

— Mãe, isso é caso de vida ou morte, posso contar com você?

— Claro meu filho, claro. Mas por favor, se cuida... não me deixe sem notícias.

— Obrigado mãe, vou desligar agora, te amo, beijo!

— Mas filho... — ia dizendo Marilene, mas Jack já tinha desligado o celular.

Jack tinha que sair logo daquela cidade, não poderia ir pelo *Ferry Boat* para não perder tempo, assim seguiu pela BR que ligava diretamente Guaratuba à Curitiba.

Tinha de pensar logo no que fazer, com certeza a polícia deveria estar atrás dele, tinha que se livrar daquele carro e daquelas armas, Mauro tinha visto o carro, a polícia no Rio também. Não podia ser preso, não agora que tinha ficado rico e estava com a mulher que sempre amara.

Antes de começar a subir a serra do mar, Jack parou no acostamento, olhou para ver se ninguém o via ali. Pegou a sacola e jogou-a longe. Rapidamente o martelo e o revólver bateram contra a água da baía e afundaram.

Pegou seu celular e ligou para a única pessoa que achava que podia lhe ajudar no momento. Não demorou muito no celular e retornou para o carro.

— Pronto, joguei o lixo fora! — disse daquela forma para não falar "armas" perto do garoto, apesar de não saber se ele entendia ou não. Jack estava se sentindo um verdadeiro fora da lei.

— O que vamos fazer Jack? — indagou Anne angustiada.

— Liguei para um advogado amigo meu, ele me orientou a irmos até Curitiba, deixarmos o carro lá e dar um jeito de chegarmos até o Rio. Lá ele disse que consegue tirar a gente do país.

— Mas Jack, vamos fugir do país só por causa do Mauro?

— Não Anne, tem coisas que não te contei e agora preciso te contar.

Enquanto seguiam para Curitiba, Jack começou a revelar a Anne toda a história. Revelar tudo que estava acontecendo, e o verdadeiro motivo de terem de fugir do país.

CAPÍTULO 21

Joseph e seu advogado aguardavam ansiosos na sala do inspetor, pois Aringarosa havia solicitado ao Jogos Santa Casa uma cópia da gravação de circuito interno do exato dia e horário que a aposta tinha sido realizada. Seria uma prova cabal para a continuação do inquérito policial. Assunção afirmou que, caso a gravação comprovasse que Jonas havia realizado a aposta da euromilhões, certamente o juiz iria pedir o congelamento das contas de Jackson, assim como sua prisão preventiva. O advogado para não ficar para trás, disse para Joseph que já estava para pedir a gravação bem antes de sua amiga Clarisse trazer aquela possibilidade.

— O inspetor chegou, podem entrar! — disse uma policial abrindo a porta da sala.

— Ok, obrigado! — respondeu Assunção.

Os dois entraram, cumprimentaram Aringarosa e se sentaram.

— Bom, acabei de chegar da sede dos Jogos Santa Casa, aqui está a cópia do circuito interno do dia da aposta, assim como do mês todo, para não gerar dúvidas. — Aringarosa colocou o *DVD* no computador e virou o monitor para eles. — Qual a data e hora exata que consta no bilhete?

— A aposta foi feita dia 23 de Agosto às 14:08:37. — respondeu Assunção com a cópia do bilhete em mãos.

— Em qual guichê?

— Número 2!

O inspetor avançou a gravação até cinco minutos antes da hora especificada. Jonas teria de aparecer na casa de jogos naquele momento. A má qualidade do vídeo e o fato que naquele dia a casa de jogos estava lotada, devido ao fato de que o prêmio principal estava acumulado em 145 milhões de euros, dificultava um pouco observar nitidamente as pessoas.

Os três ficaram assistindo ao vídeo. Faltava apenas um minuto e nada de Jonas aparecer na fila do guichê 2. No exato momento, às 14:08:37, no guichê 2, o vídeo mostrava uma mulher de vestido preto a fazer uma aposta. Aringarosa parou a gravação, retrocedeu um pouco, aproximou a imagem do balcão do guichê e rodou-a novamente em câmera lenta. A imagem tinha desfocado um pouco, porém deu para ver que a mulher entregara uma nota de 20 euros para fazer uma aposta de euromilhões, em seguida a atendente lhe devolveu o troco e o bilhete da aposta. Aringarosa mais uma vez retrocedeu e aproximou mais

a imagem, parou o vídeo bem em cima do bilhete. Perguntou ao advogado quais eram os números e estrelas sorteadas. Assunção olhou no bilhete e lhe disse a numeração exata.

— Bom, não dá para ver a numeração, está muito desfocado... Mas o horário confere exatamente com o original apresentado por Jackson ao Jogos Santa Casa. — afirmou o inspetor.

— Mas não pode ser! — disse Joseph surpreso. — Tem certeza de que esta gravação é a verdadeira?

— Absolutamente! Casa de Jogos *Café Solymar*, na Rua de São Victor, não é isso? — questionou o inspetor.

— Sim, é essa mesmo.

— Você conhece essa mulher que aparece no vídeo? De certo ela pode ter apostado para ele! — questionou Assunção.

Joseph estava tão decepcionado em não ver seu pai naquela gravação que nem se deu conta em observar direito quem era a mulher da filmagem.

— Não conheço! — respondeu ele.

— Bem, se você não a conhece, e seu pai não aparece na gravação, ficará difícil comprovar que ele realmente ganhou esse prêmio e que em decorrência dele, acabou sendo assassinado. Assim como também fica difícil encontrar o verdadeiro motivo desses crimes.

— Mas inspetor, a prova dos crimes é o Jackson, você tem que mandar prendê-lo e interrogá-lo, é o mínimo que você pode fazer para tentar solucionar tudo isso. — retrucou Joseph.

— Não venha querer me ensinar como devo agir, essa sua história está muito mal contada, rapaz. Nenhum juiz em sã consciência vai acreditar nisso. Portanto deixe que a polícia trabalhará da melhor maneira para resolver esses crimes... e quando for necessário voltarei a chamá-lo aqui na delegacia. — disse o inspetor com raiva, pois não gostava nenhum pouco que terceiros dissessem o que tinha de fazer e como deveria proceder com suas investigações. Aringarosa iria pedir suspensão na proteção especial que Joseph estava tendo, pois não a vira mais como necessário.

Joseph quis retrucar, porém Assunção pediu para ele se acalmar, seria melhor para ambos. Assunção pediu uma cópia da gravação para averiguar com mais detalhes em seu escritório. Agradeceu ao inspetor e saiu dali junto com Joseph que estava inconformado.

— E agora, meu pai não estava blefando, eu vi o bilhete, ele me mostrou!

— Calma, temos que pensar no próximo passo. E eu já sei qual será!

Assunção levou Joseph até a Casa de Jogos *Café Solymar*. Logo ao chegarem viram uma enorme faixa que dizia: *O vencedor do maior prêmio da história da euromilhões saiu aqui, venha e faça sua aposta, você pode ser o próximo ganhador!*

— O que vamos fazer aqui? — indagou Joseph.

— Comprovar fatos! — respondeu Assunção, pegando uma câmera digital no porta-luvas do carro. — Não podemos acreditar no que a gravação nos mostra sem primeiro confirmar que o local da gravação realmente é este, são tantas casas de jogos espalhadas pela cidade, quem garante que não pegaram a gravação de uma outra qualquer?

— Entendo! Mas você acha que o inspetor faria isso?

— O inspetor eu não sei, mas a gravação veio do Jogos Santa Casa, qualquer um pode fazer uma edição para alterar os fatos. Ainda mais quando se tem por trás tanto dinheiro assim.

Assunção entrou disfarçadamente na casa de jogos, como se fosse fazer uma aposta, olhou para os atendentes e para a suposta câmera que havia feito a gravação. Para Joseph era a mesma casa de jogos que aparecia no vídeo. Dois guichês de jogos e ao lado um pequeno café-bar. Assunção começou a tirar fotos até uma das atendentes aproximar-se dele o advertindo por tirar foto sem autorização. Assunção então se apresentou como advogado e alegou estar fazendo um trabalho de doutoramento sobre o mundo dos jogos e sua segurança. Antes que a moça falasse começou a questioná-la sobre os serviços ali prestados e sobre as gravações. A moça sem entender do que se tratava até esquecera das fotos que ele estava a tirar. Ela disse para ele aguardar um instante que iria chamar o gerente para responder aquelas perguntas. Assunção agradeceu e quando a moça entrou no guichê, ele rapidamente chamou Joseph e ambos saíram dali.

— Me parece o mesmo lugar! — afirmou Joseph.

— Sim, o lugar é o mesmo, agora temos que levar essa gravação para um perito, ele dirá se existe ou não alguma alteração nela.

— Você conhece algum?

— Sim, tenho um amigo que mora em Foz do Douro, ele é especialista em edição de vídeos, acho que pode nos ajudar... ele me deve uns favores, vai fazer isso pra gente sem cobrar nada.

O advogado levou Joseph de volta até sua casa. Joseph pediu para ele

esperar um pouco que iria salvar uma cópia do DVD para ele analisar com mais calma. Enquanto Assunção esperava, Janete preparou um café e pães de queijo para eles. Em seguida o advogado aproveitou para conversar sobre a herança de Jonas. Ele teria direito a ficar com a casa, com o carro de seu pai, com o seguro de vida pessoal e o seguro do governo, além de todo dinheiro que o bibliotecário tinha depositado no banco, não era muito, mas junto com os seguros todos era o suficiente para Joseph viver bem até se formar e arranjar um bom emprego. Assunção lhe informou que em até quinze dias Joseph iria receber os dois seguros, e que o dinheiro do banco ele já poderia ir até a agência para sacar, munido do atestado de óbito do pai, junto a procuração legal da justiça.

Após o advogado ir embora, Jack contou para sua tia que a gravação não mostrava seu pai e sim uma mulher. Mostrou o vídeo para ela, e perguntou se o pai tinha lhe dito algo sobre alguém apostar pra ele. Janete assustada afirmou que não!

Mais tarde, Joseph ligou para Clarisse, informou-lhe sobre a gravação. Ela ficou indignada, deu várias sugestões de procedência para ele, mas o rapaz não estava afim de ter mais aborrecimentos com o inspetor do caso. Agradeceu a preocupação da amiga e desligou. Foi até seu quarto e desabou na cama, cochilou por alguns minutos até ser acordado por sua tia.

— Querido, vou ir ao supermercado comprar umas coisinhas pra gente jantar, já volto!

Joseph acordou meio avoado, perguntou para tia se ela precisava de dinheiro e ela afirmou para ele não se preocupar, em seguida saiu deixando-o sozinho novamente.

— Oi, já saí de casa, te espero em frente ao lugar combinado, temos muito a conversar hoje. — disse Janete desligando o telemóvel e se dirigindo apressadamente pelas calçadas do bairro.

Dentro da casa, Joseph, levantou-se e foi até a cozinha beber água e procurar algo pra forrar o estômago até o horário do jantar. Voltou para o quarto, ligou seu *iMac*, verificou seus emails, nenhuma novidade! Pegou a cópia do *DVD* e começou a assisti-lo desde o início. Nos primeiros dez minutos já estava exausto de ver gente entrando e saindo toda hora da casa de jogos. Avançou para o dia e a hora exata da aposta, observou a misteriosa mulher de vestido preto que vinha no final da fila. Tinha um cabelo preto na altura dos ombros, parecia ser alta, apesar de estar usando salto. Tinha um rosto branco,

um tanto pálido, nariz fino e lábios ligeiramente grandes.

—Quem é essa mulher? — indagou a si mesmo. — Como a câmera filmava do alto, o rosto dela estava um tanto quanto escondido pelo cabelo e a má qualidade do vídeo não permitia observar os detalhes do rosto. Se realmente a gravação for verdadeira essa mulher será a chave de tudo. — pensou ele.

Observando minuciosamente e dando mais zoom na imagem congelada, Joseph teve um rápido vislumbre de memória. Como não tinha pensado nisso antes? Pegou o DVD e sua carteira e do jeito que estava saiu.

CAPÍTULO 22

Anne a princípio não acreditou na história que Jack lhe contara. Era um tanto quanto surreal imaginar que tudo aquilo fosse realmente verdade. Para provar que o que estava falando era verdade, Jack mostrou a ela a maleta com 2 milhões de reais. Mesmo assim Anne ainda não punha muita fé naquela história de livro com bilhete, polícia federal e de provavelmente ele estar sendo procurado por um assassino psicopata. Porém, uma das coisas que Anne entendia, era de carro. E logo percebeu que aquele Aston Martin valia muita grana, uma pessoa com nível de vida simples nunca teria condições de comprar um daquele. De uma coisa ela tinha certeza, Jack estava com muito dinheiro, mas será realmente que ele havia ganho tudo no jogo? Essa dúvida pairava no ar.

Os três voavam em um jato de aluguel e já se aproximavam do Santos Dumont no Rio. Anne estava com receio, pois nunca antes viajara de avião. Felipe estava eufórico, mexendo em seu novo vídeo-game portátil que Jack tinha dado a ele, Felipe achava tudo aquilo uma grande aventura.

Um pouco antes, em Curitiba, Jack fez exatamente o que Jeferson mandara, alugou uma garagem por tempo indeterminado para deixar seu carro. Foram até o centro de táxi, almoçaram e depois foram comprar algumas roupas. Os três estavam praticamente somente com a roupa do corpo, pois Anne saíra de casa na correria e no desespero e Jack não teve sequer tempo de voltar à casa de sua mãe para buscar suas malas de roupas novas que tinha comprado em São Paulo.

Assim que pousaram no Rio, Jack ligou para Jeferson que fez questão de buscá-los no aeroporto e levá-los para seu apartamento no Flamengo.

Anne foi tomar banho junto com seu filho enquanto Jeferson e Jack ficaram sentados na sala conversando na tentativa de acharem uma saída para aquela situação.

— Jack você roubou a mulher do cara?

— Roubei, e ainda deixamos ele meio desacordado com a pancada que ela deu nele.

— Meu Deus, que bafo! — afirmou Jeferson pasmo. — A Naty já sabe disso?

— Não, desde aquele dia que saímos não falei mais com ela.

— Que amigo desnaturado!

— Então Jeferson, o que faremos agora? Tem como saber se a polícia já está nos procurando?

— Claro que tem! Vou dar um telefonema para um amigo meu da civil e já te informo. — Jeferson pegou o celular e procurou um número da agenda.

— Esse amigo é de confiança? — perguntou Jack preocupado por saber que ele era da polícia.

— Claro, é quase uma colega... conheço várias vezes ele!

Jack ficou prestando atenção na conversa dos dois. Jeferson perguntou se o amigo conseguia verificar com urgência, se havia algum mandado de busca para Jackson Zigmund ou Annelysa Curty em qualquer esfera das três policias. Não demorou muito, Jeferson agradeceu e desligou o celular.

— Pra sua sorte a pancada na cabeça deve ter sido tão forte que ele ainda não deve ter acordado pra registrar queixa. — Jeferson sorriu. — Meu amigo verificou, viu que consta somente um mandado de interrogatório contra você, mas já foi efetivado, é aquele que você prestou na polícia federal daqui.

Jack ficou mais aliviado, pelo menos por enquanto a polícia ainda não estava atrás deles. Contudo, sabia que seria uma questão de tempo até Mauro se recuperar e ir à policia registrar o B.O. E o pior, ele mesmo poderia vir atrás deles para se vingar. Quanto à polícia federal e o caso dos assassinatos pensou seriamente que já tivessem expedido um mandado de prisão contra ele, mas graças a Deus ainda não tinham.

— Jeferson, o que você me orienta a fazer?

— Filho, sua ficha está bem tranquila agora, mas está me cheirando que vem encrenca por aí, e das grossas! — ele arregalou os olhos. — Eu te oriento seriamente a ir ao banco e sacar o máximo que você conseguir em espécie, e transferir o restante para uma conta num paraíso fiscal.

— Como funcionam esses paraísos fiscais? Onde são?

— Tem vários deles por aí, no mundo todo! Funcionam mais ou menos assim... — Jeferson se sentou próximo ao amigo. — São lugares onde você pode investir seu dinheiro, não importa a quantia, sem ter que comprovar a origem, você dificilmente terá seu sigilo bancário quebrado, nem sequer saberão que você tem conta lá, sem contar que também não há impostos na maioria deles, ou seja, seu dinheiro só vai render cada vez mais e você não precisará se preocupar em perdê-lo ou pagar taxas abusivas.

— Entendo... Mas eu tenho que morar em um desses lugares?

— Não necessariamente, apesar de que, quem em sã consciência não iria

querer morar em Ilhas Cayman, no Bahrein, em Mônaco... ai... só de pensar me dá até um calor, ui...

Jack sorriu, achava engraçado o modo que Jeferson falava quando não estava trabalhando.

— Mas você também pode morar até aqui no Brasil se quiser, só terá o bruto do seu dinheiro lá fora, entende?

— Sim, agora estou entendendo.

— Claro, que se você continuar a morar aqui ou em Portugal vai ser uma presa mais fácil para a polícia caso eles realmente comecem a te procurar. — Jeferson pegou seu celular e começou a mexê-lo. — Vou procurar aqui umas opções de paraísos fiscais para você ver.

— Tudo bem! — disse Jack.

Jeferson entregou o celular para ele, ali havia uma extensa lista de lugares do globo onde ele poderia escolher.

— Onde você guardaria se o dinheiro fosse teu? — indagou Jack.

— Bom, acho que Suíça, lá tem mais opções de bancos, dá para espalhar o dinheiro em várias contas diferentes e haja o que houver eles garantem seu sigilo bancário.

— Tudo bem, vou mandar pra lá... Mas não tenho a mínima idéia de como fazer isso.

— Bom, não é difícil, você tem que aproveitar esse momento que seu nome não está na lista dos mais procurados pela policia federal. — Jefersou riu. — Já que nada consta no momento é por que a justiça portuguesa ainda não expediu mandado de quebra do seu sigilo o congelamento de suas contas.

— Hunnn... — resmungou Jack.

— Tem que aproveitar essa brecha, abrir a conta na Suíça e transferir o dinheiro pra lá pelo próprio banco daqui.

— E posso fazer isso?

— Claro que pode, afinal seu dinheiro ainda é quente, você tem como comprovar a origem, entende?

— Sim.

— A partir do momento que a justiça congelar suas contas, automaticamente seu dinheiro será tido como frio, aí você não poderá mais movimentar sequer um centavo furado.

— Eu pensei que não desse para fazer transferências para paraísos fiscais direto do banco.

— Claro que dá, se o dinheiro é lícito não tem problema. Ou você estava pensando em sacar todos seus 300 milhões em espécie e transportá-los de navio?

— Juro que pensei nisso. Mas não tenho a mínima idéia de quantas malas iria precisar.

— Nem eu sei, só sei que seriam muitas! Mas até o banco conseguir te pagar um valor desses em espécie demoraria muito tempo.

— Então, como tudo é questão de tempo! Como faço para abrir a conta na Suíça?

— Primeiro, você deve alegar ao banco daqui que irá se mudar para Suíça, por isso está mandando toda essa remessa de dinheiro para lá...

— E como comprovarei que vou mudar pra lá?

— O banco exigirá comprovante de residência e passaporte.

— Passaporte eu já tenho o europeu, ele vale por toda Europa, não é?

— Sim!

— E como arrumarei um comprovante de residência Suíço?

— Você irá alegar que está indo para lá justamente para comprar uma residência, dessa forma creio que não precisará apresentar comprovante de residência no ato.

— E como procedo com o banco Suíço?

— Você fala Suíço? — indagou Jeferson sorrindo.

— Claro que não!

— Bem, sei de um escritório aqui no Rio que presta serviços a bancos suíços, é só ir lá que eles abrem rapidinho a conta para você... Claro, mediante a uma taxa e um pequeno depósito inicial... ou se a sua agência bancária tiver filial por lá facilita bastante o processo.

— Bom, meu banco é internacional, acho que deve ter lá na Suíça. Quando podemos ir lá?

— Hoje já está tarde, já está tudo fechado. Mas amanhã cedo eu posso te levar lá.

— Jeferson, não quero atrapalhar você, o seu trabalho...

— Não esquenta, não está me atrapalhando em nada!

— Ok, vou aceitar sua assessoria, sem você eu nem saberia por onde começar.

— Que exagero!

— Mas dessa vez faço questão que você aceite pagamento, tudo bem?

— Que isso, não faço isso pensando...

— Não venha com desculpas, me dá sua palavra de homem que vai aceitar receber?

— Palavra de homem? — perguntou Jeferson sarcasticamente.

— Claro! — respondeu Jack.

— Não pode ser palavra de quase homem? — respondeu ele rindo.

Os dois riram, continuaram a conversar. Anne saiu do banheiro com Felipe e foram até o quarto de hospedes para se trocarem.

— Bom, pra agilizar o processo de transferência é bom levarmos seus documentos fotocopiados, se você quiser eu posso escaneá-los agora no meu computador...

— Claro, deixa eu pegar minha carteira pra você. — disse Jack levantando para ir até o quarto.

— Vocês já estão de namorinho? — indagou Jeferson referindo a ele e Anne.

— Bom, oficialmente não!

— Já deram uns beijinhos pelo menos pra matar saudade desses cinco anos?

— Pior que não!

— Céus, você rouba a moça casada, foge com ela e nem sequer dá um beijo na coitada! Que fim de mundo! — afirmou Jeferson levando a mão ao rosto. — Nem parece macho!

— É que nem deu tempo ainda pra conversarmos sobre essas coisas. — argumentou Jack se defendendo.

— Que conversa o que, mulher gosta de ação, ela não quer conversar quer é que você a pegue de jeito logo.

— Mas como você sabe disso? Se você não gosta?

— Ai meu Deus, você esqueceu que ser gay tem suas vantagens. Conheço várias mulheres, todas viram amigas e me contam tudo!

— Então você acha que devo chegar logo nela?

— Já passou do tempo, querido!

Jack estava se divertindo com aquela conversa com Jeferson. Ele tinha um certo carisma contagiante, eles conversavam como se já se conhecessem há muito tempo. Jack foi até o quarto pegou seus documentos e entregou para Jeferson fazer as cópias.

— Bom, Jeferson, você ainda acha que tenho que fugir do país?

— Pelo que me contou, dos assassinatos, pelo fato de você já ter sido chamado para prestar depoimento, e, ter roubado a mulher de outro cara, acho que o melhor que você faz é mudar de país sim.

— Se eu fugir não estarei me autocondenando pelos crimes?

— Bom, tecnicamente sim. Mas você sabe que se você ficar moscando por aí e ser pego, provavelmente vai perder seu dinheiro e ser preso no mínimo por estelionato e má fé.

— E se me pegarem e eu alegar que achei o bilhete na rua, por exemplo?

— Você pode alegar isso, mas se ficar comprovado que você não era o verdadeiro apostador, com certeza a justiça lhe obrigará a devolver todo o valor do prêmio.

— Todo o valor?

— Sim, nos mínimos centavos!

— Como eu faço então pra fugir daqui sem ser notado?

— Você fará da mesma maneira que fez para vir de Curitiba até aqui. Alugue um avião.

— Mas tive que dar meu nome em Curitiba!

— Você pode tirar documentação fria, mas creio que não precisará, tenho um amigo aqui que tem um avião e leva você pra qualquer lugar que quiser.

— Que bom! — afirmou Jack.

Anne e Felipe vieram até a sala, Jack olhou nos olhos dela e sorriu. Apesar de toda a preocupação acerca de seu futuro ela parecia estar muito feliz ali com ele. E, realmente estava; já não aguentava mais viver naquela prisão que se tornara sua casa em Guaratuba, conviver com aquele marido que mais parecia um carcereiro, era horrível.

Felipe sentou no tapete, cruzou as pernas e continuou com seu joguinho, como se o mundo inteiro fosse reduzido aquilo.

— Bom, vou tomar um banho pra gente ir pro hotel. — disse Jack se levantando.

— Pára de palco! Vocês são meus hospedes e vão ficar aqui. — gritou Jeferson.

— Não queremos te atrapalhar, você sabe...

— Não quero saber, se não dormirem aqui será uma desfeita enormeeeeeeee.

Jack e Anne riram, não tinham outra solução a não ser dormirem ali. De

certa forma seria até mais seguro ficarem por ali mesmo.

Depois do jantar os três ficaram conversando até que Jeferson pediu licença e se retirou para dormir. Antes já havia preparado o quarto de hóspede para seus convidados dormirem.

Anne e Jack não falaram nada, mas estavam com a mesma dúvida. Jeferson os tratava como se fossem um casal. O quarto tinha uma única cama de casal e certamente teriam de dormir juntos. Era uma situação engraçada, pois nem sequer tinham definido ainda o que "seria" entre eles, se continuariam amigos ou teriam um relacionamento amoroso. Claro, que a segunda opção estava evidente na cabeça de ambos, mas só restava saber qual seria o momento mais oportuno para conversarem sobre isso.

Anne pegou Felipe no sofá e o levou para dormir no quarto. Em seguida voltou para sala.

— Jack, nem acredito que estou aqui com você depois de tudo o que aconteceu, tudo que passamos. — disse Anne se sentando ao lado dele.

— Nem eu acredito... demorou tanto tempo, eu fui tão idiota e egoísta com você.

— Não foi sua culpa... eu estava cega Jack! Não acredito que me deixei enganar esse tempo todo... era manipulada e não percebia... minha família, o Mauro, sempre me usaram como se eu fosse uma marionete...

— E por que quando você percebeu as reais intenções dele, você ainda continuou casada com ele?

— É difícil Jack, sofria muita pressão da minha mãe, pressão dele, pressão dos irmãos da Igreja e acima de tudo pressão sua.

— Minha?

— Sim, sua. Você foi embora tão repentinamente, me sentia tão sozinha, não tinha nem sequer mais contato contigo... pensei que me odiasse!

— Nunca te odiei! Apenas achei que fosse melhor eu parar de conversar com você, pra não sofrer mais do que eu já tinha sofrido.

— Mas não devia ter parado de responder meus emails e minhas mensagens.

— Isso mudaria alguma coisa?

— Não sei Jack, não sei! — Anne estava visivelmente triste enquanto conversavam sobre o passado.

— Você não sabe a raiva que senti quando minha mãe disse que você estava namorando. — afirmou Jack abraçando-a no sofá. — Afinal, quem era

esse sujeito?

— Era o Nelinho, mas não foi exatamente um namoro. Não durou nem um mês sequer.

— E aposto que o Mauro fez alguma coisa para impedir vocês também? Acertei?

— Sim, aquele imbecil sempre atrapalhou minha vida.

— O que ele fazia contigo?

Anne olhou para ele, deitou sua cabeça sobre o ombro dele e chorou ao se lembrar do quanto havia sofrido nas mãos de seu marido.

— Ele não deixava eu fazer nada... me prendia em casa, dizia que eu era uma pecadora e que deveria ficar somente em casa cuidando dele e do Felipe... — ela soluçou. — Sabe Jack, ele me fez perder o amor pela vida, não tinha mais vontade sequer de acordar, meu sonho era dormir e nunca mais levantar pra não precisar ver a cara dele no outro dia... eu só não fazia nenhuma besteira por causa do meu filho.

— Ele te batia? — perguntou Jack já prevendo a resposta.

— Sim! — afirmou ela com lágrimas no rosto.

— E por quê você não o denunciou? Não pediu divorcio?

— Não dava Jack, o que eu iria fazer se saísse de lá? Onde eu iria morar? Minha mãe com certeza não ia querer que eu voltasse pra casa, ainda mais com um filho pra cuidar. Eu não tinha emprego, não tinha como eu sair de lá, era capaz que eu e o Felipe passássemos fome e isso eu não iria suportar que acontecesse.

— Complicado sua situação!

— Além do mais ele me ameaçava, a mim e ao Felipe. Dizia que se eu o abandonasse, ele mataria nós dois... — Anne desabou a chorar. — Imagina, matar o próprio filho, que pai é esse, Jack?

— Covarde, isso que ele é!

— Jack, tenho tanto medo que ele venha atrás de mim e o do meu filho.

— Não se preocupe, eu não vou deixar nada de mal acontecer com vocês, prometo! — Ao afirmar isso Jack lhe deu um beijo na testa.

Ficaram em silêncio por algum tempo. Curtindo aquele momento juntos. Jack, apesar de preocupado com toda a situação na qual tinha se envolvido e envolvido também Anne e seu filho, estava feliz por estar junto dela depois de tanto tempo. Uma coisa percebera, ela tinha mudado muito, tinha amadurecido, principalmente sua mente, seu pensamento. Parecia não ser

mais aquela menina influenciável de outrora. Era uma mulher formada, o pensamento era outro, mas continuava sendo sua Anne, seu eterno, primeiro e verdadeiro amor.

Anne, abraçada com ele naquele sofá no fim de noite na cidade maravilhosa, se sentia protegida, sentia como se tivesse despertado de um terrível pesadelo. As últimas horas tinham sido sem dúvida as mais alucinantes e inesquecíveis horas de sua vida. E tudo isso graças aquele homem que estava com ela no sofá. Mesmo depois de cinco anos, aos olhos de Anne, Jack parecia o mesmo, não mudara praticamente em nada em seu comportamento, em seu modo de falar e agir e, principalmente no jeito de olhar. Um olhar sincero, penetrante e cativante que ela jamais sentira em outra pessoa.

Jack estava com muita vontade de beijá-la, mas achava que aquele não era o momento mais adequado para isso. Pois a vida havia mudado bruscamente para ela, e provavelmente ela estava com a cabeça em formato de turbilhão. Anne pediu para deitar, estava com dor de cabeça e cansada. Jack disse que ela podia dormir na cama com o Felipe que ele dormiria no colchão que Jeferson tinha colocado no chão. Deu boa noite a ela e voltou para a sala, não estava com um pingo de sono sequer. Olhou no seu celular e tinha quatro chamadas perdidas, quem será tinha ligado pra ele? Somente sua mãe, Natália, Jeferson e Anne tinham seu novo número. Ficou surpreso ao ver que eram ligações com prefixo de Portugal. Não ia ficar tranquilo enquanto não descobrisse quem era. Ligou de volta, quando a pessoa atendeu, Jack ficou surpreso e feliz.

CAPÍTULO 23

Do outro lado do Atlântico, Joseph aguarda no saguão da recepção da Biblioteca Pública do Porto. De certo imaginou que Ciana poderia reconhecer aquela mulher da gravação, já que conhecia muitas pessoas que utilizavam aquela biblioteca e que tinham contato com seu falecido pai. Era uma chance, e devia ser aproveitada, já que a situação casa vez mais parecia ficar fora de seu controle, e ele sentia que a cada momento o seu dinheiro estava mais distante.

—Olá, Joseph, a que devo a honra de sua visita? — indagou Ciana sorrindo e cumprimentando-o. — Por gentileza, vamos até a minha sala para conversarmos mais a vontade.

Dentro da sala de Ciana o jovem sentou-se, olhou em volta seus vários quadros de diversas paisagens européias pendurados em sequência até dar quase uma volta completa na sala.

— Gosta de paisagens? — questionou ela ao perceber que ele as observava.

— Gosto sim, bem bonito seus quadros!

— Obrigada... você aceita chá ou prefere suco?

— Não precisa, obrigado!

— Ah mocinho, bem capaz que você venha me visitar e eu te deixe sem tomar pelo menos um chá... gosta de erva cidreira?... mate?... hortelã?

— Mate, pode ser!

— Sabia que você iria aceitar... — ela pegou o telefone. — você vai adorar o chá de mate da Carmen, é o melhor da cidade, sem dúvidas!... — Joseph sorriu para Ciana, ela estava a ser bem simpática com ele. — Carmen querida, por gentileza, traga dois chás de mate bem quentinhos aqui na minha sala... obrigada!

Ciana desligou o telefone, se atrapalhou com alguns papéis sobre sua mesa, deixou cair sua caneta. Joseph abaixou-se e pegou para ela.

— Ai como sou desastrada, obrigada!

— Não tem por onde!

— Mas diga, em que posso lhe ajudar?

— Bom, como a senhora conhecia bem meu pai, deveria saber das amizades dele... tipo... com quem ele saía, com quem ele almoçava, sabe, essas coisas...

Ciana olhou fixamente para ele, os últimos acontecimentos ainda

estavam bem presentes em sua mente.

— Sim, julgo que conhecia sim algumas das amizades de seu pai... mas o que exatamente você quer saber.

Joseph tinha de mostrar o vídeo para ela, contudo não sabia até que ponto poderia contar-lhe sobre os verdadeiros fatos que estavam a ocorrer.

— Estou com uma gravação de vídeo onde aparece uma pessoa, provavelmente conhecida de meu pai, fazendo uma aposta para ele numa casa de jogos... eu gostaria muito de saber quem é essa pessoa, daí achei que a senhora pudesse me ajudar.

Entendo... e onde está esse vídeo? — perguntou Ciana. — Que vídeo seria esse? — ela indagou-se em silêncio.

Joseph pegou o DVD e a entregou, indicando para ela avançar no tempo e data que estavam escritos no envelope.

Ciana colocou o DVD em seu computador, mexeu com o mouse alguns segundos e logo viu na imagem aquela mulher vestida de preto, com um deslumbrante vestido *Joie* de seda pura. Olhou fixamente para a tela, depois para Joseph.

— Esta mulher de vestido preto?

— Sim, você a conhece?

Ciana olhou mais atentamente a imagem congelada.

— Não conheço, pelo menos não estou me lembrando... por que você está querendo saber quem é ela?

— Na verdade tenho que descobrir quem é essa mulher e encontrar alguma ligação dela com o meu pai.

— Tem alguma coisa a ver com o que aconteceu com seu pai?

— Creio que sim.

— Hunn... E a polícia está investigando? O que falaram?

Nesse momento Carmen abriu a porta e entrou com as duas xícaras de chá, acompanhadas com bisnagas de pão-de-leite com manteiga e alguns biscoitos.

— Aqui está dona Ciana... o chá quentinho de vocês.

— Obrigada Carmen... pode por aqui!

Joseph a cumprimentou e a agradeceu, em seguida disse para Ciana mostrar o vídeo para Carmen, para ver se ela identificava a mulher misteriosa. A bibliotecária respondeu que ela faria uma cópia da imagem "se ele permitisse" e posteriormente perguntaria a todos os funcionários da biblioteca

se eles a conheciam, e depois ligaria para ele avisando.

Joseph concordou, Ciana tirou o DVD do computador para fazer uma cópia no gravador de seu notebook. Carmen perguntou para Joseph como ele estava, e se havia alguma novidade na investigação. Afirmou que ainda estava muito triste e chocada com tudo que acontecera com seu amigo Jonas. Ele agradeceu pela preocupação e afirmou que a polícia ainda estava a investigar.

Carmen deixou os dois a sós e saiu para se arrumar, pois já dera seu horário de expediente. Ciana terminou a cópia no mesmo momento que ele acabou de tomar seu chá. Entregou a ele o DVD e sorriu.

— Aqui está seu DVD... Hoje já está um pouco tarde e a maioria do pessoal já foi embora, amanhã cedo, assim que eu chegar já mostro o vídeo para todos eles tentarem identificar quem é essa mulher, pode ser? — disse Ciana.

— Claro, muito obrigado!... Agora já vou indo, já está tarde!

— Ah sim, mas antes de você ir eu tenho que te entregar algumas coisas pessoais de seu pai que ficaram na sala dele... Eu peguei tudo e coloquei numa caixa, você quer levar?

— Claro, levo sim! — respondeu Joseph tentando imaginar o que seriam essas "coisas pessoais" de seu pai.

Já fora da biblioteca levou a pesada caixa até o seu carro. Abriu o porta-malas para colocá-la, mas antes a curiosidade o fez abrir para ver o que tinha ali. Viu o notebook que a polícia havia confiscado para investigar, provavelmente tinham devolvido para a biblioteca. Tinha também algumas pastas com diversos papéis que Joseph não sabia ainda o que eram; e havia um par de luvas de lã que seu pai adorava usá-las nas manhãs frias do Porto; um mouse antigo, sete livros de literatura portuguesa "que de fato era o que fazia a caixa pesar", uma xícara de porcelana verde, um estojo e um pequeno guarda-chuvas.

— Meu pai, em que rolo você foi se meter... — disse ele baixinho para si mesmo. — Está tudo tão confuso! — Fechou o porta-malas, entrou no carro e seguiu rumo à sua casa.

CAPÍTULO 24

O relógio da unidade 3 do Hospital Geral de São Francisco marcava exatamente 03:02 da manhã quando Beto finalmente conseguiu fazer a ligação para seu amigo.

— Poxa cara, como tú conseguiu meu número? — perguntou Jack contente em ouvir a voz do amigo.

— Oi Jack.

— Oi Beto, tudo bem com você?

— Cara tú ferrou minha vida, me explica o que está acontecendo, por que tudo isso?

— Como assim? Tudo isso o quê?

— Jack, quase fui morto por tua culpa, vamos me diga o que está acontecendo.

— Como assim? Quase foi morto? O que aconteceu?

— Jack não sei o que está havendo, só sei que por sua culpa tomei dois tiros e estou aqui no hospital todo estropiado.

— Cara, não acredito, como assim dois tiros, por minha culpa? — indagou Jack incrédulo indo em direção a varanda do apartamento de Jeferson.

— Isso mesmo Jack, eu estava chegando do trabalho, tomei meu banho e quando saí me deparei com um ser todo mascarado e armado. Me interrogou, queria saber onde você estava de qualquer jeito, aí o infeliz me deu um tiro na perna e depois um no peito.

— Meu Deus, é sério Beto, você não está brincando?

— Não é brincadeira, é sério! Cara, estou assustado, já até perdi a noção de tempo aqui nesse lugar... Quem era aquele cara? O que ele queria com você?

— Beto, calma... estou surpreso com o que você me contou... — Jack aproximou-se do parapeito. — Me explica direito essa história...

— Jack, com todo respeito que tenho pela nossa amizade, não quero ser grosseiro, mas quem me deve explicações é você... não fui eu que desapareci do nada sem ao menos avisar, deixando um maníaco louco a solta na cidade à sua procura...

— Você não conseguiu identificar quem era? Avisou a polícia?

— Não dava... ele estava com um sobretudo preto e uma máscara... a

polícia está investigando.

— Beto, você recebeu o dinheiro que te mandei?

— Que dinheiro?

— Beto não brinca... te mandei 10 milhões.

— 10 o que?

— 10 milhões de reais, Beto, mandei naquela conta da sua amiga que você me passou por email.

— Jack você está louco? Não passei nenhuma conta de amiga pra você! Onde arrumou 10 milhões de reais?

Jack sentiu suas pernas faltarem, uma súbita preocupação tomou seu ser, sentou-se imediatamente na cadeira de balanço.

— Cara, eu ganhei um prêmio na euromilhões... mas surgiram alguns problemas e tive de vir embora rápido... Tentei te ligar esses dias, mas seu celular estava desligado... Te mandei um email pedindo para você me mandar o número de sua conta... você me respondeu, disse que sua conta estava com problema e passou a conta de uma tal de... não me lembro o nome direito...

— Jack, recebi apenas um email que você pediu minha conta e daquela garota que você pegou, a Sabrina... mas não consegui falar com ela...

— E nem poderia conseguir, ela está morta!

— Como assim, morta?

— Beto, acho que tem algum louco atrás de mim, querendo pegar o dinheiro que ganhei... Matou a Sabrina, e deve ter ido atrás de você também, só pode ser isso!

— E você fala isso na maior tranquilidade... só fala assim por que está aí do outro lado do mundo e esse maníaco está aqui tentando me matar...

— Calma Beto, vamos resolver isso.

— Você fala calma por que não é você que tomou dois tiros e está preso em uma cama de hospital...

— Agora me responda... você não recebeu o dinheiro?

— Não recebei nenhum centavo, quiçá 10 milhões!

— Lembrei o nome, era Cecília de alguma coisa... não me lembro o sobrenome... mas está no meu email, depois eu vejo e te falo.

— Que Cecília?

— Você não conhece nenhuma Cecília?

— Não!

— E por que raios você me mandou o email com a conta dela pra eu te

depositar o dinheiro?

— Não mandei, Jack, não mandei!

— Puta que pariu cara, você acha que...

— O cara que tentou me matar? Sim, só se ele abriu meu email enquanto estava lá em casa.

— Cara, fomos roubados! — afirmou Jack atônito.

— Será?

— Só pode! Eu transferi o dinheiro pra você, ainda paguei um puta imposto... que ódio, não acredito que fomos enganados.

— Bom, você tem o número da conta dessa Cecília, pode ir até a polícia e...

— Beto, aí que está o problema, estou meio enrolado com a polícia, não sei se é uma boa eu ir até eles nesse momento.

— Por que enrolado? O que você fez de errado?

— Bom, acho melhor não falar por telefone... mas fica tranquilo que não é nada de grave, eu não matei ninguém...

— E como vamos nos falar então? Você tá em Matinhos?

— Não Beto, estou no Rio... amanhã mesmo vou resolver uns problemas aqui, e depois vou direto até você... não estava nos meus planos voltar pro Porto, mas com isso tudo que aconteceu, o mínimo que posso fazer é ir aí pra te ajudar.

— Chega aqui quando?

— O mais breve possível. Você está em que hospital? Está com seu celular?

— Estou no Hospital Geral... Não estou com meu celular, ele deve estar em casa ou com a polícia, mas creio que não terei acesso até ter alta aqui.

— Esse telefone é de quem?

— De uma enfermeira daqui... ela me emprestou.

— Ah sim.

— Se tem que ver Jack, é uma gatinha, morena baixinha, tem um sorriso e uma bunda que me faz pensar em ficar por mais tempo internado.

— Ah Beto, pelo visto nem dois tiros te fazem perder a safadeza, né?

— Bom, você sabe como sou fraco pra essas coisas...

— Sei sim, isso ainda te mata.

Beto sorriu, tentou falar um pouco mais baixo ao perceber que outro paciente estava a olhá-lo com cara feia. Devia estar querendo dormir, pois

ainda era de madrugada.

— Jack, tenho que falar mais baixo pra não acordar os outros pacientes.

— Ok...

— E você viu a Anne?

— Cara, se eu te contar você não vai acreditar...

— Conta, o que houve?

— Ela está aqui comigo!

— Sério? Pegou ela de jeito dessa vez?

— Bom, pegar... pegar não... mas...

— Como assim?

— Bom, tivemos uns contra tempos, mas no fim parece que deu tudo certo... estamos nos ajeitando ainda.

— Se ajeitando? Sei que ajeitando é esse! — afirmou Beto rindo.

— Sério! Ela tem um filho, sabia!

— Filho? Meu Deus! Não acredito... e o pai, quem é?

— Lembra daquele líder da Igreja dela?

— O que não deixava que vocês...

— Sim esse mesmo!

— Não creio! Ele e a Anne...

— Sim, eles estavam casados... quer dizer, tecnicamente ainda estão!

— Oxe, e como você e ela estão juntos?

— Digamos que eu sequestrei ela.

— Meu, tú é doido mesmo, depois fala de mim!... Como fez isso?

— É outra longa história que prefiro te contar pessoalmente.

— Tudo bem então. — respondeu Beto no momento que a enfermeira adentrou no quarto e se aproximou dele.

— Você já está a abusar menino. Vamos desligando esse telemóvel que já está na hora de dormir... você e os outros!

— Beto? Beto? — chamou Jack percebendo que o celular ficara mudo.

— Oi Jack, bom, vou ter que desligar... a enfermeira chegou aqui... quando você chegar aqui, liga para esse número que ela te trás até onde estou...

— Não é mais fácil eu perguntar de você na recepção?

— Não! Não vai encontrar meu nome lá...

— Por quê?

— É uma outra longa história que prefiro te contar pessoalmente... —

Espera só um pouquinho, já vou desligar! — disse Beto para Cintia.

— Está bem então! Eu ligo nesse número.

— A dona do celular é Cintia, você fala com ela, vou deixá-la avisada, tá bem?

— Tudo bem!

— Tchau, abraços, venha logo!

— Abraços, até mais, se cuida aí hein! — afirmou Jack desligando o celular.

Beto devolveu o celular para Cintia, agradeceu e avisou que Jack ligaria nele quando chegasse.

— Você tem certeza que não vai dar problema com a polícia? — perguntou Cintia a seu misterioso paciente.

— Absoluta, fica tranqüila, coração.

— Você bem sabe que o inspetor não quer que você tenha contato com ninguém fora daqui, se ele descobre que te deixei usar meu telemóvel, estou perdida.

— Ele não vai descobrir, fica sossegada, tá bem? — afirmou Beto sorrindo para sua enfermeira preferida.

— Assim espero! — respondeu ela pegando o telemóvel e saindo do quarto.

CAPÍTULO 25

Assim que o dia amanheceu na cidade maravilhosa, todos tomaram um maravilhoso café da manhã preparado por Jeferson, em seguida ele levou-os de carro até o centro, para que Jack pudesse resolver tudo o que tinha de resolver. No banco, demorou, mas Jack, com ajuda de seu advogado, conseguiu fazer com que o gerente tranferisse sua conta para outra filial na Suíça. Contudo, devido à enorme burocracia para tirar dinheiro do país, eles teriam de ficar mais um dia ali no Rio. Pelo menos Jack poderia mostrar a Anne alguns lugares que ela sempre sonhara conhecer. Foram até Corcovado visitar o Cristo, andaram de teleférico no Pão-de-Açucar e, por último, Jack levou os dois para conhecerem Ipanema e o Arpoador.

No outro dia, por volta das 17:00 tudo estava praticamente resolvido. O dinheiro já estava depositado em uma conta na Suíça. Anne havia ligado para sua mãe, Rita, em Matinhos, tentara explicar a situação, porém, como já era esperado, ela repudiou a atitude da filha, a chamou de criança, inconsequente, sem vergonha, e ainda afirmou que a filha devia estar possuída pelo diabo, pois somente isso explicaria aquela atitude vergonhosa. Quis saber onde estavam e para onde iam? Ordenou que Anne voltasse imediatamente para Matinhos com seu neto, porque aquilo não era atitude de uma pessoa verdadeiramente cristã. A jovem não quis brigar e ofender sua mãe, somente escutava tudo que ela falava sem contrariar. Rita disse que Mauro estava se recuperando da pancada, alegou que ele ia na delegacia dar queixa contra Jack, pela pancada na cabeça e por sequestrar sua esposa e filho. Anne alegou que não tinha sido sequestrada, fugira porque quis e, quem havia dado a pancada na cabeça de Mauro fora ela e não Jack. Rita ficou pasma ao ouvir aquilo, parou de acusar Anne e começou a falar mal de Jack. “Eu sempre soube que ele era má companhia pra você... ele não é de Deus minha filha... ele é o capeta que quer semear a maldade, destruir a família linda que você tem...” — insistia Rita.

Anne, nervosa com tudo o que a mãe lhe falava, apenas despediu-se dela, disse que a amava e que em breve mandaria notícias, desligou o telefone chorando. Jack tentou acalmá-la com um abraço forte e palavras consoladoras.

Porém, sua preocupação maior agora era outra, ele sabia que não poderiam ir pra Suíça naquele momento, pois tinham de ir primeiro até Portugal para ele auxiliar seu amigo. Seria sacanagem de sua parte deixá-lo lá,

ainda mais a mercê de um maluco. O amigo não tinha culpa, por causa de Jack ele quase morrera. Agora Jack se via na obrigação de ir até lá, nem que fosse para buscar o amigo e levá-lo junto para onde quer que fossem. Tinha deixado ele para trás uma vez, mas não podia fazer isso novamente, não com o Beto, que lhe ajudara tanto, desde que fora morar em Portugal.

Jack conversou com Anne e com Jeferson, contou-lhes tudo o que estava acontecendo. Tanto Jeferson e Anne ficaram receosos ao saberem que Jack estava determinado a voltar para o Porto, pois se realmente tivesse um assassino atrás dele, seria muito perigoso voltar para lá. No entanto, Jack estava decidido, iria até lá para ajudar seu amigo. Contudo, ele não queria que Anne e Felipe corressem esse risco, achava que era melhor eles esperarem ali no Rio, poderiam ficar em um hotel até que as coisas se resolvessem, mas Anne não quis acatar essa opinião, pois tinha mais medo de ficar ali no Brasil e correr risco de Mauro ir atrás deles, ainda mais depois da ligação que tinha feito à sua mãe. Anne não queria deixar Jack escapar mais uma vez de sua vida. Se tinham chego até aquele ponto, iria até as últimas consequências para ficar com ele e não ter que voltar para seu marido.

No cair da noite Jeferson levou-os até o aeroclube de onde embarcariam, lá encontrou seu colega Aron, que era a pessoa ideal para tirar qualquer pessoa do país sem deixar rastros. Aron já havia voado para milhares de destinos no globo terrestres, dando fuga para banqueiros, empresários, traficantes, políticos e qualquer outra pessoa que quisesse fugir do país de maneira segura. Cobrava caro, mas o serviço era garantido. Em Portugal, que era o destino dos três, Aron tinha um contato, mas era em Cascais, distrito de Lisboa. Aron garantiu que nenhuma autoridade brasileira e nem portuguesa saberiam da viagem, pois lá em Portugal pousariam em uma pista particular. Jack pagou à vista Aron, que sorrindo disse que já podiam entrar no jato, só estava aguardando seu co-piloto chegar. Jack agradeceu seu amigo Jeferson por tudo, lhe entregou um pacote com dinheiro. Jeferson não abriu, mas dentro havia mais dinheiro do que ele conseguiria juntar trabalhando durante um ano todo.

— Se cuida Jack... qualquer coisa me liga, se precisar de um advogado ou um amigo pode contar comigo! — afirmou Jeferson dando um abraço no amigo.

— Pode deixar, de agora em diante você será meu advogado em tudo... e também saiba que te conheço a pouco tempo, mas você já se tornou um verdadeiro amigo pra mim...

— Que bom Jack, você também é um grande amigo pra mim... vai fazer falta...

— Não esquenta, quando essa situação estiver resolvida prometo que iremos em várias baladas juntos e daremos muitas gargalhadas.

— Que história é essa de balada? — perguntou Anne.

Jeferson e Jack riram.

— Coisas de macho minha filha... — respondeu Jeferson caindo na gargalhada.

Todos se despediram, os três entraram no jato e se sentaram. Da janela Jack observou que Jeferson continuava conversando com Aron.

— Vamo vuá dinovo? — perguntou o menino olhando para Jack.

Era a primeira vez que Felipe tentava interagir com Jack. Já estava perdendo um pouco da vergonha inicial, natural de algumas crianças daquela idade.

— Vamos sim, vamos voar de novo... você gosta? — perguntou Jack.

— Gosto um pouco só, dá um negócio aqui! — respondeu o pequeno mostrando sua barriga.

— Que negócio que dá? — perguntou Anne.

— Não sei! — respondeu Felipe gesticulando os braços.

O co-piloto chegou trazendo consigo uma mala. Cumprimentou Jeferson, continuaram a conversar por mais alguns minutos e logo se despediram e entraram no jato.

Aron apresentou seu co-piloto, Gaspar. Em seguida passou a eles algumas instruções de vôo. Disse que antes de pousarem em Portugal fariam uma rápida escala para abastecimento no Dakar. Aron foi até a cabine ligar o jato, enquanto Gaspar ficou mostrando aos passageiros o que teriam para comer e beber durante o trajeto. Quando o avião ligou e começaram a sentir uma leve vibração das turbinas, Gaspar pediu licença e foi até a cabine, falou algumas instruções pelo rádio, esperou mais cinco minutos e finalmente a aeronave começou a se mover, em menos de três minutos já estavam vendo o Rio de Janeiro ficar pequeno diante seus olhos.

CAPÍTULO 26

Deitado no sofá de sua casa, Joseph estava só, sua tia havia voltado para Lisboa e retornaria somente na próxima semana. Aquela casa já parecia vazia quando Jonas estava vivo, agora sem ele, o vazio e a sensação de solidão eram ainda maiores.

Seu advogado, Campelo Assunção, o ligara horas antes para falar que a gravação realmente era verdadeira, aquela bendita mulher realmente havia feito a aposta do jogo. Mas quem seria ela? — tentava imaginar o rapaz.

Seu devaneio foi interrompido pelo som do telefone da casa, Joseph levantou-se apoiando nos móveis, xingou o telefone por ele estar longe, na cozinha.

— Oi. — disse ele secamente.

— Oi Jô, tudo bem com você? — perguntou Clarisse.

— Estou indo... vou levando e você?

— Estou bem... Jô, lembra da festa que te falei?

— Que festa?

— *Metamorfosis*, a festa a fantasia lá na Ribeira...

— Ah sim, lembrei... o que que tem?

— Estamos indo lá agora, vamos numa galera da universidade, quer ir com a gente?

— Não sei Clarisse, estou tão pra baixo hoje!

— Você não pode ficar assim, vai acabar tendo uma depressão... vamos sair com a gente, vai ser bom pra você, rever o pessoal e se divertir um pouco.

— Mas eu não tenho fantasia!

— Nem esquenta, tem um monte de gente que vai sem fantasia... eu mesma não estou fantasiada.

— Ah Clarisse, não sei, hoje...

— Por favor Jô, pára de ficar se definhando em casa... vamos sair tomar umas bebidinhas e esquecer um pouco os problemas... diz que sim!

— Tudo bem então, é o que tem pra fazermos hoje, né?

— Ótimo, você vem com seu carro ou quer que te busquemos aí?

— Quem está com você?

— Estamos eu, o Jota, o Marcelo e a Dani.

— Ah sim... então acho melhor vocês passarem aqui me buscar, que hoje quero beber todas sem me preocupar em dirigir depois.

— Assim que se fala. Então daqui uns trinta minutos a gente passa aí pra te pegar, beleza?

— Beleza, beijos até daqui a pouco.

— Beijos!

No carro, Jota dirigia fantasiado de pijama, inclusive tinha até um urso de pelúcia e pantufas. Dani e Marcelo estavam de policiais, enquanto Clarisse e Joseph não estavam fantasiados.

— Jô, gostei dessa sua fantasia, com certeza vai ganhar o prêmio de máscara mais feia da noite. — disse Jota olhando ele pelo retrovisor interno.

— Mas que fantasia? — questionou Dani que estava ao lado de Joseph.

— Essa que ele ta usando, olha que máscara feia! — afirmou Jota.

— Ah tá, entendi! — disse Dani rindo.

— Não achei graça! — respondeu Joseph.

Os quatro começaram a rir de Joseph, que acabou cedendo e entrando na gargalhada também. Marcelo pegou a garrafa de *absolut* e passou para Joseph.

— Vai Jô, vamos começar logo o esquenta, hoje a noite vai ser uma criança.

Joseph pegou a *absolut*, tomou um gole dela pura, desceu queimando sua garganta. Misturou o restante com gelo e energético e foi tomando até chegarem à Ribeira, as margens do Rio Douro. Estacionaram o carro e foram a pé até o salão do evento. No trajeto Joseph falou da gravação para Clarisse, ela mais uma vez lhe deu uma idéia. Como ele não sabia quem era a mulher da gravação, por que não perguntava na própria casa de jogo, se eles a conheciam? Às vezes quando uma pessoa frequenta sempre o mesmo local, é bem possível que se torne conhecida pelos atendentes. Joseph achou uma boa idéia, prometeu que seria a primeira coisa que iria fazer na segunda-feira.

Dentro do salão a festa estava ótima, tinha muitas pessoas, vários ambientes dos mais variados estilos musicais e muita, mas muita bebida mesmo. Joseph estava se sentindo um patinho feio fora da lagoa, estava sem fantasia no meio de tanta gente fantasiada. Ainda bem que pelo menos sua amiga Clarisse estava sem fantasia também, assim podia dividir a vergonha com ela. Lá dentro combinaram que se por acaso se perdessem, todos se encontrariam na entrada, não deu cinco minutos e já tinham se dispersados em meio à multidão. Clarisse ficou junto de Joseph, foram à tenda de *housemusic* e lá dançaram e beberam. Joseph já estava alucinado pelo efeito do álcool, fechou os olhos e só quis saber de dançar e esquecer todos os problemas,

principalmente "o problema" do bilhete de seu pai.

Abriu os olhos, viu uma cortina de fumaça verde descendo do teto, sentiu calor e uma sensação de abafamento repentino. Em todas direções que olhava via fantasias e mais fantasias, tinha um *Batman*, um *Homem-Aranha*, várias *Lady Gaga*, alguns Elvis, uma *Cher* com peruca gigantesca e até mesmo um dinossauro gigante que devia ter pelo menos umas três pessoas dentro daquela fantasia para conseguir movê-la. Joseph já até havia esquecido que não estava fantasiado, estava curtindo aquela festa da melhor maneira que podia.

— Jô, vamos pra outra pista? — gritou Clarisse aproximando sua boca do ouvido dele.

— O que disse? — gritou ele.

— Vamos sair daqui, andar um pouco, ver as outras pistas.

— Tá bom!

Clarisse pegou na mão dele e o puxou para fora dali. Joseph sentiu um desejo dentro de si, desejo esse que sentia já há muito tempo, mas somente o efeito da *absolut* o permitia tentar realizar, queria dar uns beijos na amiga, e caso ela não quisesse poderia por a culpa na bebida.

Na pista principal ficaram vendo um show de *pop-rock*, não estava cantando musicas que Joseph apreciava, mas isso não impedia que ele se divertisse, pois quando estava bêbado tinha a mania de cantar musicas para si mesmo, como se fizesse uma festa particular no interior de seu próprio cérebro. Era uma sensação extremamente prazerosa, que só conseguia realizar depois de umas cinco dozes.

Clarisse vendo aquela cena achou engraçado, ele com os olhos fechados numa espécie de transe, cantando alguma coisa que não dava para ouvir direito. Mas que definitivamente não era a música do show.

— Você está bem? — perguntou ela o cutucando.

— O que?

— Tudo bem com você? — berrou ela.

— Claro, tá sim, e com você?

— Tudo jóia também. — respondeu ela percebendo que agora o amigo tinha lhe olhado de forma diferente.

— Vou fazer uma coisa que estou louco de vontade, tá bem?

— Tá, mas o que é?

— Não posso falar, só posso fazer!

— Então faça!

Joseph aproximou mais de Clarisse, pegou-a pela cintura e lhe beijou.

— Jô, amigos não beijam! — disse ela após quase perder o fôlego naquele beijo intenso.

— Hoje em dia beijam sim, fazem até outras coisas mais complexas.

Clarisse riu, achava ele uma pessoa excelente, era bonito, inteligente, simpático e a fazia rir. Será que eles poderiam? — pensou ela no momento que puxou o rosto dele e lhe deu mais um beijo de tirar o fôlego.

Os dois continuaram se beijando ao som *pop-rock*, depois foram fazer um lanchinho nas tendas de fora. Voltaram para dentro, dançaram e se beijaram por mais algum tempo. Viram alguns caras cheirando pó no canto da pista eletrônica, um estava tão alucinado que se jogava no chão e no meio das pessoas, sua fantasia estava descolando do corpo o deixando praticamente nú. Os seguranças se aproximaram dele e o convidaram para se retirar do local.

Joseph e Clarisse foram até o bar novamente para comprar mais bebidas, pediram uma batida de coco, para adoçar o resto da festa. Joseph estava louco para levar sua amiga para casa, fazia tanto tempo que não transava que mal conseguia esconder seu desejo.

— Quer dormir em casa hoje? — perguntou para ela, passando a mão em sua cintura e colando seu corpo contra o dele.

Clarisse percebeu o recado, se estivesse sóbria provavelmente não iria aceitar, mas estava um tanto com excesso de coragem, morrendo de vontade e desejo de sentir o que o amigo tinha para lhe dar.

— Só dormir? — questionou ela com um risinho provocativo.

— Claro! Somos amigos, amigos não fazem nada demais, né?

— Sim, isso mesmo... só vou pra sua casa se prometer que vamos dormir somente.

— Tudo bem então, vamos agora!

Os dois tentaram localizar o restante do pessoal, era cerca de 04:00 da madrugada, mas o lugar ainda estava lotado, ninguém queria ir embora daquela festa louca. Somente Joseph e Clarisse pareciam querer ir embora, mas por outros motivos...

Na saída, encontraram Dani se pegando aos beijos com um cara fantasiado de árvore, era a coisa mais estranha do mundo, pensou Joseph olhando a cena. Clarisse avisou a amiga que já estavam indo embora, que não era pra se preocuparem. Dani não disse nada, apenas fez sinal de positivo com

o dedo, voltando em seguida a beijar aquele tronco de árvore marrom.

O taxi deixou os dois em casa, Joseph se perdeu todo tentando pagar o motorista, no final passou seu cartão, pois não estava muito bem para contar dinheiro. Agradeceu o motorista, deu lhe um abraço, agradeceu novamente.

— Obrigado amigo... você salvou a noite... vai com Deus.

— Que nada, nem fale isso, vai se Deus se empolga e me faz ir mesmo com ele. — respondeu o taxista.

— Não, você é meu amigo... camarada, Deus não vai levar você agora não...

— Melhor assim, obrigado, tenha uma boa noite. — respondeu o taxista se segurando para não rir daquele casal que mal conseguiam parar em pé.

Abraçados e se segurando um no outro, chegaram até o portão, abriram-no com dificuldade e entraram na casa.

— Vem aqui gatinha, vou te mostrar onde você vai dormir. — sussurrou no ouvido dela, beijando seu pescoço e encostando-a na parede da sala.

— Se continuar assim não sei se vou conseguir dormir...

— Essa é a intenção!

— Jô, preciso ir no quarto de banho, posso?

— Claro... sabe onde fica?

— Sim, esqueci que já vim aqui algumas vezes.

— Verdade...

Clarisse foi até o quarto de banho. Joseph foi até a cozinha, pegou uma barra de chocolate na geladeira e foi comendo-a até seu quarto, diziam que a glicose ajudava baixar o efeito do álcool, tirou a roupa, organizou rapidamente a cama que estava bagunçada, pegou três preservativos na cômoda e deitou-se embaixo do lençol, somente de cueca, a esperar sua amiga.

— Vem minha amiguinha, vem que hoje eu tô com um baita tesão e louco pra pegar você de jeito. — disse ele a si mesmo.

De repente a porta do seu quarto se abre, ele fica todo empolgado, imaginando que ela já estaria peladinha enrolada numa toalha, mas para sua surpresa ela parecia querer dar continuidade à festa a fantasia. Estava com um sobretudo preto, uma máscara de pierrot e usava grossas luvas pretas.

— Hunnn minha amiguinha... tá pensando que ainda estamos na festa, né?

Ela não respondeu nada, estava imóvel na porta.

— Onde arrumou essa fantasia bacana?... dava pra você ter ido com ela

na festa... Você tá muito doidona? — disse ele tentando processar aquela situação em seu cérebro parcialmente lesado pelo álcool.

— Creio que não sou quem você esperava que fosse! — disse a voz rouca apontando-lhe uma arma com silenciador.

CAPÍTULO 27

Joseph estranhou aquela voz e aquela fantasia, mas estranhou ainda mais aquela arma sendo apontada para sua cabeça.

Ainda estaria delirando sob o efeito do álcool? — pensou ele.

— Clarisse, você está doida? Onde arranjou essa arma? — indagou ele apontando para a arma.

— Não sou a Clarisse, aliás, sua namorada ou seja lá o que for está meio impossibilitada de te ver nesse momento...

— O quê?

— Isso mesmo que você ouviu... digamos que ela está um tanto quanto morta!

Ao ouvir aquela frase, mesmo estando um tanto embriagado, Joseph sentiu tensão e medo. Estaria aquele ser falando a verdade? Não era possível!

— Clarisse, você quer me assustar, né? Mas não adianta, pode parar com isso e vir deitar aqui comigo... vem, antes que amanheça!

— Acho que você não está entendendo a periculosidade da situação — disse o pierrot tirando seu sobretudo preto, erguendo sua máscara e revelando sua identidade.

— Meu Deus, não pode ser... isso só pode ser brincadeira...

— Pense o que quiser seu bêbado, o fato é que sou eu mesmo, e vim aqui com o propósito de te eliminar desse jogo.

— Que jogo, você está maluco? — afirmou Joseph se levantando da cama.

— Fique onde está!

— Cara o que você quer de mim?

— De você nada, você não tem mais posse do que eu quero...

— Você quer o dinheiro? O dinheiro do meu pai?

— Que dinheiro do seu pai o que, seu pai uma hora dessas já virou caveira, e onde ele está não precisa de nenhum centavo pra viver...

— Olha o jeito que você fala do meu pai... seu...

— Cala a boca! Eu quero sim o dinheiro, mas o dinheiro que por culpa sua e de seu pai agora está com aquele idiota no Brasil...

— Então foi você seu cretino, você matou meu pai... — disse Joseph com ódio em seu coração.

— Tecnicamente falando, pode dizer que sim!

Joseph não aguentou a raiva e fúria, foi em direção ao assassino de seu pai com fúria, mas logo foi parado por um tiro que estraçalhou o fêmur de sua perna esquerda.

Joseph caiu no chão aos pés do assassino, não sentiu dor graças ao efeito anestésico do álcool em seu organismo.

— Porra, você é louco... vai... pode me matar, mas sem mim você nunca conseguirá por a mão naquele dinheiro... ou esqueceu que eu sou o único dono dele por direito. — disse o jovem caído no chão tentando se levantar.

O sangue escorria de sua coxa, não conseguia ficar em pé.

— Aí que você se engana... tenho meus contatos, e posso afirmar que o Jackson está vindo para cá... e quando ele chegar, farei uma visitinha a ele, e te garanto que não vai ser difícil pegar todo o dinheiro dele...

— Você vai pra cadeia seu maldito! — resmungou Joseph ainda tentando se levantar.

— Te garanto que não, assim que você morrer não terá mais ninguém interessado em desvendar esse caso, ou você acha que a polícia irá perder tempo com alguém que já morreu... posso te garantir como seu advogado que a polícia não está nenhum pouco interessada na sua história fantástica, para o inspetor tudo isso não passa de um golpe que você quer dar para ficar com todo dinheiro.

— Acredite no que quiser... o que sei é que você vai pagar por tudo o que fez, não vai conseguir se livrar dos crimes que cometeu... você...

— Fique quieto, economize suas últimas palavras e faça uma oração com elas.

— O que você fez com a Clarisse?

— Bem, digamos que eu fiz uma visita especial pra ela na hora do banho... e olha, me deu até dó de ter que eliminar uma mulher tão gostosinha que nem ela...

Quando disse isso o sangue subiu à cabeça de Joseph, sua vista escureceu e ele tomou forças para se levantar, tentou tomar a arma de Campelo Assunção, mas foi em vão, o advogado era muito mais forte e não estava ferido, logo lhe deu um empurrão e um soco bem no meio da cara. Joseph cambaleou sentindo uma forte dor no nariz, dor que nem o efeito do álcool pudera aliviar, sentiu o calor do sangue escorrendo em sua face e o gosto dele em sua garganta. Novamente caiu, mas dessa vez na cama.

Campelo Assunção aproximou-se, mirou a arma no peito nú do jovem

caído, quando foi disparar um tiro e mandar ele para o quinto dos infernos junto de seu pai, sentiu um forte impacto em sua coluna, como se um ferro quente estivesse entrado em seu corpo e lhe rasgado ao meio. Tentou atirar, mas não estava mais sentindo o movimento dos dedos de sua mão. Deixou a arma que segurava cair, em seguida tentou se virar, caiu de joelhos. Olhou para trás e de vislumbre viu Clarisse, a moça que jurava ter matado, com as mãos no rosto chorando de desespero.

Aos poucos o advogado começara a sentir o amargo gosto da morte, a faca de cozinha que Clarisse havia lhe enfincado nas costas tinha atingindo em cheio sua veia cava e seu pulmão direito. Estava sem ar, sentiu forte pressão e dor no peito, seguido de tontura, suas pálpebras começaram a se fechar, o sangue da veia cava se espalhou por todos seus órgãos vitais, sofrera uma instantânea e severa hemorragia interna, antes de cair e bater com a cabeça no chão, sentiu seu coração falhar e seu cérebro se desligar e, com ele todos seus sentidos, lembranças e memórias de toda sua existência. Seu corpo desabou no chão, estava morto!

Clarisse caiu sentada próxima da porta, estava em pânico, não acreditava no que tinha feito, nunca havia sequer machucado um inseto, agora estava ali diante de um corpo caído com uma enorme faca cravada nas costas. Mas tinha que ter feito aquilo, ele quase a matara, e iria matar seu amigo.

Joseph recuperou os sentidos, levantou-se do jeito que conseguiu, apoiando-se no guarda-roupas. Viu o corpo de Assunção caído no chão e Clarisse sentada ali perto, com a cabeça sobre os joelhos chorando. Aproximou-se dela, estava trêmula. Joseph sentiu um tremendo alívio ao vê-la viva.

— Clarisse, fala comigo, você está bem? — disse ele sentando ao lado dela com grande dificuldade.

— Jô... eu... o que está havendo? Eu acho que eu matei ele.

Joseph olhou para o corpo do advogado estendido no chão, viu que tinha uma faca encravada em suas costas. Já imaginou que fora Clarisse que tivesse feito aquilo. Ela tinha salvo sua vida!

— Calma, estou aqui com você... vai ficar tudo bem!

— Mas eu... matei... matei uma pessoa...

— Você salvou minha vida! Fica tranquila que tudo vai dar certo... você está ferida?

— Não sei Jô, acho que levei um tiro, tá doendo minha barriga...

— Deixa eu ver...

Joseph ergueu a blusa da jovem e viu uma mancha de sangue do lado esquerdo de seu abdômen.

— Está sentindo tonteira ou algo parecido? — questionou ele preocupado com a amiga.

— Não, mas está queimando!

— Acho que foi só de raspão, o filho da puta por sorte errou o tiro.

— Quem é ele, Jõ?

— Lembra do assassino que te falei? Que estava atrás do dinheiro?

— Sim, o mesmo que matou seu pai!

— Pois é, aqui está ele, meu próprio advogado!

— Meu pai do céu!

— Graças a você ele pagou pelos seus crimes...

— Mas Jô, eu juro que não queria... mas ele ia te matar! — resmungou a jovem voltando às lagrimas.

— Fica tranquila, você fez o certo, eu faria o mesmo em teu lugar... agora temos que chamar a polícia... e uma ambulância.

Clarisse por sorte tinha sofrido apenas um ferimento superficial, estava trêmula e dura como uma britadeira. Joseph puxou o lençol da cama, cortou com o dente um pedaço e amarrou em sua perna para estancar seu ferimento. Limpou seu rosto ensanguentado e levantou-se se para pegar o telefone. Voltou para perto da amiga, sentou-se ao lado dela e discou o número de emergência.

— Por favor, temos três pessoas feridas aqui em casa, um possivelmente está morto... necessitamos de um médico com urgência. — disse ele para o atendente do outro lado da linha.

Passou seu endereço a ele, desligou o telefone. Com calma conseguiu fazer Clarisse ficar de pé e ir com ela até a calçada de sua casa esperar pelo socorro. Lá os dois se sentaram encostados no portão, permaneceram ali abraçados até a chegada da ambulância e da polícia.

CAPÍTULO 28

Jack não conseguia dormir durante a viagem; tentava fechar os olhos e relaxar, mas não dava, estava vivendo em um mar de preocupações, muitas coisas para resolver. O dinheiro tinha sim lhe trazido felicidade, mas com ela surgiram inúmeros problemas que o deixava assustado. Nunca imaginara que iria roubar uma mulher casada, que iria ser acusado por diversos crimes, que desviaria dinheiro para um paraíso fiscal e que por sua culpa inocentes acabariam morrendo, ao se lembrar de Sabrina seu coração entristeceu-se. Não podia ter acontecido aquilo, não com uma pessoa tão adorável como ela era.

— Não vai dormi? — perguntou Felipe ao ver Jack de olhos bem abertos.

— Bem que gostaria, mas não consigo! — respondeu Jack olhando para o menino enquanto Anne dormia profundamente. — E você, não está com sono?

— Tô não! — afirmou ele abrindo a cortina da janela para observar a noite lá fora.

— Você não tem medo de avião? — questionou Jack.

— Não!

— Eu tenho um pouco... sempre que entro num fico com medo.

— Mas não liga, esse não é daqueles que cai... — disse o menino.

— Tomara!

— Você é o que da minha mãe? — perguntou Felipe fechando a cortina e olhando para Jack com seu sorriso de criança curiosa.

— Bom... na verdade... eu e sua mãe... nós...

— São namorados?

— Não! — disse Jack assustado com a percepção do menino. — Na verdade somos amigos faz muito tempo.

— Ah bom, pensei que fossem namorados!

— Mas, sua mãe e seu pai... bom, você gosta dele?

— Gosto, mas ele é bravo com a gente, até bate na gente!

— Bate em você?

— Só quando não faço o que ele quis!

— Entendo!

— Você gosta de mim?

— Gosto, você é legal, até me deu vídeo-game. — disse o menino sorrindo.

— Que bom, também gosto muito de você e da sua mãe.

As coisas estavam começando a se ajeitar no que tangia à amizade entre Jack e Felipe.

— Vocês estão acordados? — resmungou Anne se espreguiçando.

— Sim mãe, olha lá fora, tá tudo escurão!

Anne aproximou da janela, olhou para fora e viu o breu que estava.

— Será que falta muito pra chegarmos? — perguntou ela ao voltar-se para os dois.

— Falta noventa horas! — respondeu Felipe.

— Deus me livre, noventa horas a gente vai daqui até o fim do mundo duas vezes. — disse Anne.

— Mãe, onde é o fim do mundo?

— Olha meu filho, eu não sei, mas deve ser bem longe!

Jack tirou o cinto e levantou-se, buscou água para Anne e foi perguntar aos pilotos quanto faltava para chegarem ao Dacar.

Ao colocar a mão na maçaneta da porta da cabine um forte impulso o fez bater a cabeça contra a porta. Sentiu dor e um forte frio no estômago. Ouviu um barulho horripilante vindo de todas as direções, se desesperou. Fez força para se manter em pé. Segurando firme nos bancos foi até onde estava Anne e Felipe. Os dois pareciam desacordados.

— Anne, acorda! Acorda! — gritou ele a chacoalhando. — Acorda Felipe!

Não adiantava, os dois pareciam desmaiados. O jato sofreu uma brusca inclinação instantânea. Jack não conseguiu se segurar, foi jogado com violência contra a porta do banheiro.

— Anne... — gritou o mais alto que pôde, mas diante do ensurdecedor barulho que o jato emitia não conseguiu ouvir sequer a própria voz. Para piorar uma enorme rachadura no teto do jato começou a se desenhar, com ela entrou um horripilante e gélido vento mortal que o fez parar de respirar. O pânico tomou seus olhos, a rachadura aumentou e para seu completo pavor a aeronave se dividiu ao meio. Jack foi jogado no meio do nada junto com a parte traseira do jato. Anne e seu filho ficaram na outra metade. Jack gritava de desespero e dor enquanto caia nas águas geladas do Atlântico. O escuro céu deu lugar a uma planície azul escura, o oceano se aproximava, Jack pulou do pedaço do jato e quando viu já estava pronto para sofrer um duro impacto na água.

Jack gritou desesperado, suava frio! Olhou para os lados e tudo estava

normal. Estava vivo, o jato inteiro, Anne e Felipe ali ao seu lado.

— O que foi? — perguntou Anne assustada.

— Tive um pesadelo... outro pesadelo...

— Calma, fica calmo... foi só um sonho. — disse ela tentando acalmá-lo.

— De novo sonhei com um avião caindo, um desastre...

— Calma tio Jack, esse avião não é dos que cai! — afirmou Felipe.

— Eu sei... mas o sonho é tão real... tô até suando!

Anne pegou uma flanela e enxugou o suor dele, foi até o *freezer* e pegou um pouco de água e misturou com açúcar.

— Toma isso, vai melhorar!

— Obrigado! — respondeu ele tomando o copo de água com açúcar.

O pesadelo tinha sido horrível, Jack achara muito estranho sonhar novamente com um acidente aéreo. No entanto, pelo menos servira pra alguma coisa, agora estava abraçado com sua amada, ela estava tentando acalmá-lo.

Três horas e meia depois do pesadelo, ambos viram um sol maravilhoso nascendo no horizonte, fazendo com que a escuridão do mar se tornasse um azul marinho perfeito.

— Filho, acorda, vem ver que lindo! — disse Anne cutucando seu filho para acordá-lo.

Após o amanhecer, voaram por mais alguns minutos até o co-piloto Gaspar aparecer no corredor para lhes informar que em menos de 10 minutos pousariam no Dacar.

— O que é Dacar mãe?

— Dacar... bom, acho que é uma cidade, um deserto... sei lá eu... — respondeu sua mãe olhando para Jack. — O que é Dacar, Jack?

— A capital do Senegal, eu acho!

— Sim, e é o ponto mais ocidental da África, por isso vamos reabastecer por essas bandas. — completou Gaspar.

— O que é ponto acidental? — indagou o menino.

— Não é acidental, é ocidental... é o lugar da África que está mais próximo do nosso continente. — respondeu Gaspar.

— Vamos pra África?

— Sim.

— Mãe, vou poder ver leão?

— Não sei filho, se tiver um a gente vê, tá bom?

— Tá bom!

No Dacar, pousaram em uma pista de chão próximo ao Lago Malika. Enquanto os dois pilotos iriam levar o jato para abastecer e depois descansarem um pouco, Jack, Anne e Felipe foram de táxi até uma pousada em Cité Sofraco. Aron deu algumas orientações ao taxista, um velho conhecido, para ele providenciar as acomodações aos dois durante todo aquele dia. Voltariam a voar ao entardecer, para garantir a chegada em Portugal lá pelo fim da noite, que era o melhor horário para se entrar clandestinamente por lá.

Jack achou aquele lugar muito quente, uma sensação de mormaço, mais o sol escaldante, misturado com o pó que subia provindo das ruas de terra fazia com que sua garganta ressecasse, fazendo-o sentir muita sede e cansaço.

— Isabelle, une chambre double, pas besoin de le charger est une chose de Aron et Gaspar.

— Pendant combien de jours?

— Seulement pour aujourd'hui!

Isabelle entregou a chave ao taxista, que levou os três ao quarto.

— Passo mais tarde pra vocês levar até Aron e Gaspar, ok?

— Ok. — respondeu Jack, tentando não prolongar o assunto com o taxista, pois logo percebeu que falar português não era o seu forte.

— Mãe, por que ele estava falando daquele jeito com a mulher?

— É outra língua meu filho!

— O que é outra língua?

— Cada país as pessoas falam diferente, em outro idioma... tipo inglês, japonês, árabe... A gente fala português.

— Ele tava falando inglês?

— Não sei filho... Jack, que língua é essa que falam aqui?

Jack estava olhando o mar pela janela, por mais que sempre havia morado em cidades litorâneas, Matinhos e Porto, nunca se cansava de olhar para o mar. E conhecer novas praias e novos litorais era sem duvida uma das coisas que mais lhe dava prazer.

— Jack? — disse Anne vendo que ele olhava fixamente a janela.

— Jack está nos ouvindo? — disse em tom mais alto.

— Ah, desculpe... estava aqui vendo a praia... o que disse?

— O Felipe quer saber que língua falam aqui?

— Frances, falam frances!

— Ah sim... falando em frances, sempre quis conhecer Paris, você

conhece?

— Fui uma vez lá com o Beto, é bem legal!

— Foram no Louvre?

— Sim, e na Torre Eiffel também.

— Poxa Jack, nesses cinco anos você deve ter feito muitas coisas legais, né?

— Bom, a gente tinha que fazer o que dava... depois que está na Europa é fácil sair pra conhecer os outros países. É tudo muito perto!

— Ah sim...

— Prometo que depois que resolvermos as coisas vou te levar pra conhecer Paris.

— Sério?

— Claro, promessa!

Depois do almoço Jack levou Anne e Felipe para darem uma volta, ligou o GPS do seu celular para não se perderem. Andaram pela orla marinha admirando a exuberância das águas do mar africano. Foram caminhando até o mausoléu de *Seydina Issa Rohou Laye*, era a primeira vez que viam um mausoléu, acharam incrível, não sabiam se podia ou não entrar, mas nem fizeram questão de perguntar, pois não falavam frances, e também por que não havia quase ninguém por ali para lhes dar informação. Aproveitaram para tirar algumas fotos de lembrança e voltaram para a pousada para aguardarem Aron e Gaspar ir buscá-los.

Assim que o sol começou a se por o taxista chegou para buscá-los. Ele agradeceu a Isabelle e saíram da pousada rumo à pista de decolagem. Gaspar perguntou se gostaram da hospitalidade, logo em seguida disse para entrarem no jato. Gaspar antes de entrar deu algum dinheiro ao taxista, Jack tentou ver quanto era, mas estava muito longe.

— Mesdames et messieurs, attachez votre ceinture et aller au Portugal. — disse Aron no rádio enquanto o avião levantava vôo deixando Dacar para trás.

CAPÍTULO 29

As três da madrugada o táxi cruzou em alta velocidade pela ponte do Freixo, logo estavam na Via de Cintura Interna, finalmente tinham chegado ao distrito do Porto. Anne ficou encantada com as luzes da cidade que refletiam às margens do Douro. Como era demasiado cedo demais para irem ao hospital, Jack pediu para o taxista levá-los para algum hotel próximo do hospital Geral de Santo Antonio. Lá chegando, ele pediu um quarto suíte, alegou ter esquecido os documentos no aeroporto, o atendente ficou com receio de hospedá-los sem comprovação de identidade. Contudo, uma nota de 100 euros de gorjeta o fez mudar de idéia rapidamente.

— Mãe, nós vamos mudar de nome? — questionou Felipe ao perceber que Jack tinha dados nomes diferentes na portaria.

— Não filho, é só por enquanto tá bom? — Anne disse entrando no elevador com o filho no colo. — Logo você volta a se chamar Felipe.

— Gostei do meu novo nome... é tão legal mudar de nome... lá na escola tinha um menino que mudava de nome também.

— Que legal filho.

Ao entrar no quarto Anne colocou Felipe para dormir, depois se sentou com Jack no confortabilíssimo sofá em couro belga.

— Jack, o que vai ser de nós?

Ela estava exausta, não estava acostumada a grandes viagens como aquela, pois o mais longe que fora em toda sua vida era para algumas cidades de Santa Catarina, que praticamente ficavam ao lado de Guaratuba.

— Vou esperar dar oito horas para ligar para a enfermeira que o Beto me passou o número. Depois vou lá ver como ele está... espero que ele já possa sair do hospital, tenho que tirar ele daqui.

— Depois vamos pra onde?

— Temos que ir para Suíça, comprar uma casa bem grande por lá, uns apartamentos, sei lá... começar a viver nossa vida da maneira que merecemos, o que acha?

— Acho bom... mas tem que ser na Suíça mesmo?

— Por que, não gosta de lá?

— Bom, não sei, não é muito frio?

— Acho que é um pouco, mas se a gente não gostar podemos mudar... a princípio temos que ir pra lá porque o dinheiro está lá.

— Claro, isso não impede que possamos mudar de lá posteriormente.

— Hunnn...

— Mas não esqueci que te prometi que vamos para Paris...

Anne sorriu, aproximou-se de Jack e encostou sua cabeça em seu ombro. Jack sentiu um calor súbito misturado com batidas rápidas de seu coração. Era o sinal da paixão, de uma paixão que nunca se extinguira e que agora voltara à tona graças aos últimos acontecimentos. Jack já estava com Anne a quase uma semana, viajara com ela praticamente metade do globo, em três continentes. Se ela tinha aceitado fugir com ele, era porque gostava dele, senão não iria tão longe a ponto de abandonar tudo em sua cidade. Tinha chegado o momento que ele esperava ansiosamente, tinha que beijá-la, mas não sabia como começar, pois não se tratava de uma garota qualquer que ele ficava em festas e baladas, mas sim de Anne, o grande amor de sua vida.

— Anne... eu...

— Que foi Jack? — ela olhou para ele. — pode falar!

— Eu...

— Eu o que, Jack?

— Bom, na verdade eu não sei como dizer... é que?

— Tá me deixando nervosa, fala logo!

— Não dá pra falar, só dá pra fazer! — respondeu ele aproximando seu rosto junto com o dela a beijando suavemente.

Cinco anos se passaram desde o primeiro e único beijo que tinham dados, mas Jack e Anne sentiram que não havia mudado em nada, pois o beijo continuava o mesmo, um beijo que trazia consigo a certeza de uma grande paixão, de um grande amor que por muito fora reprimido, mas que agora parecia ter conseguido se livrar das cruéis amarras do passado.

— Era isso que você queria dizer?

— Sim! — Jack sorriu, se sentia o homem mais feliz do mundo.

— Te amo Anne!... só Deus sabe o quanto sofri esses cinco anos sem você...

— Também te amo, Jack... Obrigada por me fazer acordar para vida, por me fazer ser mais feliz nesses últimos dias do que fui em toda minha vida...

— Anne, já perdemos tempo demais... Tenho que te propor algo...

— O que é?

— Casa comigo?

— O quê? Casar? Como assim?

— Assim mesmo, casar, ser minha esposa...

— Jack eu adoraria, é o que mais sonhava que acontecesse... mas...

— Mas o quê?

— Esqueceu que legalmente ainda estou casada com o Mauro.

— Não esqueci, mas não se preocupe, vou dar um jeito de conseguir um bom advogado para separar vocês... nem que ele não queira, mas se você quiser qualquer advogado consegue uma separação litigiosa.

— Ah Jack, tudo parece um sonho agora! — afirmou ela abraçando-lhe.

— E é, um bom sonho! — Jack suspirou. — Do qual jamais quero acordar!

Exatamente as 08:00 da manhã Jack pegou seu celular e ligou para a enfermeira Cintia. Ela tinha uma voz doce e angelical, disse que estava esperando por aquela ligação, e que Beto ficaria feliz em rever o amigo. Cintia passou a Jack os procedimentos para fazê-lo adentrar ao hospital. Afinal, Beto estava sendo mantido como paciente de sigilo e não poderia receber visitas.

Como combinado, as 09:45 Jack estava em frente a entrada antiga do complexo hospitalar. Tinha deixado Anne e Felipe no hotel, com ordens claras para eles não atenderem o telefone e não saírem de lá de maneira alguma.

Na recepção ficou vendo televisão enquanto aguardava pela enfermeira Cintia que não tardou a chegar.

— Bom dia, você é o Jack? — indagou uma linda moça vestida de branco.

— Sim... e você deve ser Cintia? — perguntou Jack com um sorriso estampado no rosto. Pelo visto Beto não estava tão mal assim, não com uma enfermeira daquelas cuidando dele.

Cintia levou Jack até a unidade em que Beto estava, minutos antes conseguira mudar ele de quarto para que ficasse sozinho para conversar com o amigo sem levantar suspeitas. Ser enfermeira chefe tinha seus privilégios, mas a última coisa que queria era arrumar confusão com a polícia. Ainda mais com o inspetor Aringarosa, todos sabiam de sua fama de ser ruim quando alguém atrapalhava em suas investigações. Por isso ela iria fazer exatamente o que o inspetor a pedira.

Mostrou o quarto a Jack, ele agradeceu e entrou. Beto estava tomando seu desjejum. Já esperava pelo amigo, mesmo assim ficou surpreso ao vê-lo.

— Jack seu filho da mãe, achei que não veria mais para rever os velhos amigos...

— Beto seu desgraçado, quase me matou de susto...

Jack ficou aliviado, o amigo parecia bem, estava sentado comendo gelatina, vestia o uniforme verde horroroso do hospital, estava com a perna e o tórax enfaixados e tomando soro, mas estava bem, isso que importava. Ambos se abraçaram com cautela, Jack pegou uma banqueta ao lado da outra maca e sentou perto do amigo.

— Nem sei por onde começar... aconteceram tantas coisas... — afirmou Jack.

— Comece pelo começo! — sugeriu Beto.

Então Jack começou a contar os ocorridos, como já tinha contado um pouco por telefone Beto já sabia mais ou menos do que se tratava. Mesmo assim ainda custava a acreditar que ele realmente tivesse encontrado o bilhete no livro, justo o livro que Sabrina emprestara na biblioteca. Era muita sorte, ou azar, se pensassem que tinha um maníaco atrás dele querendo por a mão na grana. Beto, por sua vez contou ao amigo os detalhes do que tinha ocorrido com ele. Alegou que um louco mascarado de pierrot tinha entrado em sua casa e perguntado muitas coisas sobre ele, inclusive sua localização em Matinhos, depois disso desferiu dois tiros, que por pouco não o matou. Agora estava sendo mantido em sigilo no hospital, para ajudar nas investigações. A dúvida que mais persistia para ambos era quem seria tal Cecília Alvarenga para qual Jack enviara os 10 milhões? Aquela era um pista fundamental, Jack orientou o amigo a revelar isso para o inspetor. Beto disse que não via a hora de sair dali, até já estava bem de saúde, mas devido ao fato de estar sendo mantido "escondido" pela polícia, dificultava em conseguir alta médica, e que se não fosse Cintia ele certamente já teria morrido de tédio ali.

— E essa Cintia é confiável? — questionou Jack ao amigo.

— Pelo que tem demonstrado é sim... tipo... acho que ela tá afinzona de mim... entende?

— Sei... do mesmo jeito que a Carla, a Bianca e a Monique estavam, né?

— Não, Jack, dessa vez é diferente... tipo, eu vejo nos olhos dela que ela me deseja, entende?

Jack sorriu, o amigo realmente não tinha jeito, era um tremendo "galinha" como diriam no Brasil.

— E a Anne, cadê ela? Ficou no Brasil?

— Não, trouxe ela, deixei ela em um hotel aqui perto.

— Cara, é sério que você a sequestrou?

— Bom, na verdade ela quis fugir comigo.

— Que loucura!

— Bota loucura nisso...

— E vocês estão namorando?

— Acho que sim. — respondeu Jack com riso de tímido.

— Sei, sei, que bom, fico feliz por você...

— Valeu... mas Beto, quando você vai conversar com a polícia? — perguntou Jack voltando ao assunto sério.

— Bom, não sei, na verdade me interrogaram só uma vez, assim que saí do coma induzido... depois não vieram mais aqui. — respondeu Beto se esticando para colocar o prato de gelatina sobre a mesinha ao lado.

Instantaneamente quando se virou para voltar a ter com o amigo, viu através da fresta de cortina o vislumbre de sua enfermeira se aproximando com mais quatro homens, que para sua surpresa, pareciam policiais.

— Jack, ferrou cara... você tem que sair daqui...

— O que houve Beto? — perguntou ele assustado.

— Cara, só me falta essa... ferraram com a gente...

— Como assim?

Nesse momento a porta do quarto se abriu, surgiu dela vários policiais já com armas postas prontas para disparar na menor reação ameaçadora que Jack fizesse.

— Parado, fica paradinho aí! — gritou um dos policiais.

Jack ficou atônito, como não percebera, aquilo era uma armadilha... tinha sido traído. Olhou para Beto tentando não acreditar que o amigo fizera aquilo com ele. Os policiais se aproximaram e o dominaram, colocaram algemas em seu punho e logo o arrastaram para fora do hospital.

No quarto Beto estava chocado, não queria acreditar que Cintia pudesse ter feito aquilo. Como tinha sido cego em acreditar que ela queria ajudá-los.

— Por que fez isso conosco?... eu pensei que quisesse nos ajudar. — disse ele decepcionado.

Cintia estava parada na porta, apesar de ter ligado para a polícia, tinha ficado assustada com o jeito que eles adentraram em sua unidade.

— Beto, eu fui obrigada... era o único jeito que o inspetor encontrou de conseguir por as mãos no assassino...

— Ele não é assassino... isso foi traição... não esperava isso de você!

— Você sabia que por causa desse seu amigo duas pessoas morreram?

— Ele é inocente, não é culpado de nada!

— Se for inocente então não vai precisar se preocupar, logo saíra da cadeia.

Cintia disse isso e saiu do quarto, ordenou a seus enfermeiros que providenciassem a volta do paciente Beto ao seu quarto de origem. Beto continuou não querendo acreditar naquela traição. Era impressionante como ele sempre se enganava com as mulheres. O que iria fazer agora para ajudar o amigo? Tinha que sair daquele hospital o mais rápido possível.

CAPÍTULO 30

Enquanto isso, no mesmo hospital, na ala sete, Joseph acaba de acordar dos sedativos que os médicos lhe deram no centro cirúrgico. Assim que chegou no hospital, na última noite, foi levado às pressas para uma cirurgia de emergência. Seu osso do fêmur fora atingido por um projétil que o estilhaçou. Dr. Willian disse ao jovem que sua cirurgia demorara cerca de quatro horas, mas fora um sucesso. Ele e sua equipe conseguiram recuperar o grande osso destruído utilizando placas de titânio. O médico afirmou que no começo ele teria de se locomover com cadeira de rodas, depois iria fazer sessões de fisioterapia para recuperar seus movimentos até poder utilizar uma muleta. Enfim, dos males, aquele era o menor. Mesmo assim ele estava extremamente chateado, era muito desagradável saber que andaria de cadeira de rodas e que viveria com um pedaço de ferro dentro de si. Mas pelo menos ainda estava vivo. Outra coisa que o incomodava era o curativo enorme em seu nariz que havia sido quebrado. Mas o médico garantiu que o nariz iria se recuperar bem rápido. Dr. Willian saiu de perto do rapaz, em seguida entraram no quarto, Clarisse e o inspetor Aringarosa.

— Como você está, Jô? — perguntou ela segurando sua mão esquerda, enquanto a direita tomava soro.

— Bom, bem não estou, né? Mas dos males o menor! — respondeu ele com o olhar triste.

— Vejo que o senhor ganhou um anjo da guarda! — disse o inspetor com as mãos na cintura encarando Joseph na cama do hospital.

— Sim, graças a Clarisse estou vivo... foi por pouco que aquele traidor não conseguiu nos matar... Você está bem, Clarisse? E seu ferimento?

— Passei pelo médico, ele me disse que a bala pegou de raspão, ele achou que eu tive muita sorte, talvez mais do que você, pois foi um disparo bem de perto, as chances de errar um tiro assim são poucas.

— Graças a Deus deu tudo certo! — afirmou Joseph levantando um pouco para ficar mais sentado.

Clarisse levantou sua cama até uma altura que ficasse agradável para conversarem. Pois o inspetor iria ter algumas perguntas a lhe fazer. Clarisse despediu-se do rapaz dizendo que estaria ali fora aguardando para conversarem. Aringarosa puxou um banco e aproximou-se do rapaz.

— Creio que você já sabe dos últimos acontecimentos? — perguntou

Joseph a ele.

— Sim, já tomei o depoimento de sua amiga, já colhemos todas as pistas necessárias da cena do crime... agora só preciso que você me responda umas perguntas, tudo bem?

— Claro!

Aringarosa o encheu de perguntas, queria saber cada detalhe do ocorrido. Quis saber tudo o que Joseph conversava com seu ex advogado fora da delegacia, e tudo o que fizera na noite anterior ao fato ocorrido. Alegou ao jovem que sempre teve desconfianças do advogado, mas não achava que ele chegaria ao ponto de planejar aquela sequência de crimes.

Joseph contou que Campelo Assunção era o advogado de confiança de seu pai há muito tempo, além de seu amigo também. Joseph nem de longe imaginara que ele pudesse estar por trás de tudo. Agora o quebra-cabeça começava a se desvendar, pois era bem provável que seu pai quando se viu com aquele bilhete premiado deve ter ido ao advogado Assunção pedir conselhos, do tipo que investimentos deveria fazer? Como poderia aplicar o dinheiro com segurança e rentabilidade? E nesse momento o advogado aproveitou-se para tramar tudo, tramar o assassinato de Jonas para ficar com o bilhete. Mas, como Jonas havia sido mais esperto e, escondera o bilhete no livro, o advogado assassino teve que correr atrás de todos que estavam envolvidos no caso para tentar ficar com a grana.

Aringarosa disse a Joseph que pedira um exame urgente de balística e tal exame tinha sido confirmado, a arma encontrada em sua casa, com o corpo do advogado, realmente fora a mesma utilizada nos outros crimes. Porém, apesar de todos os fatos apontarem para Campelo Assunção como assassino, três coisas ainda faria com que a investigação não se encerrasse por ali. A primeira era: Quem era a mulher que aparecia fazendo a aposta? A segunda, a prisão nessa manhã de Jackson, iria trazer à tona novas possibilidades para o inquérito. Jackson, no depoimento no Brasil havia falado muita coisa que Aringarosa já sabia, porém dois fatos novos trouxeram luz à investigação. O surgimento de outro nome: Cecília Alvarenga e o fato de Jackson afirmar que ele próprio fizera a aposta pessoalmente.

— Joseph, você tem alguma idéia de como Campelo Assunção soube que o livro contendo o bilhete fora emprestado por Sabrina?

— Eu disse a ele, era meu advogado, estava por dentro de tudo...

— Outra coisa, você tem alguma pista de quem é a mulher do vídeo?

— Ainda não... mas isso tem alguma importância agora?

— Claro que tem, sem saber quem ela é como vamos comprovar a veracidade de que realmente foi teu pai que ganhou aquele prêmio?

Aquela pergunta de Aringarosa realmente fazia sentido. Quem era ela? Parecia que mesmo com a morte do assassino as coisas ainda continuavam a se esconder atrás daquela misteriosa mulher.

— Vocês já investigaram a casa do Campelo Assunção? — questionou Joseph.

— Sim, mas não encontramos nada de interessante!

— Ele tinha parentes?

— Aparentemente morava sozinho aqui, sem nenhum parente, era uma pessoa bem reservada que quase não era visto em casa, pelo menos foi o que conseguimos levantar com os vizinhos...

— E agora, o que faremos? O tal do Jackson não é o assassino, isso ficou claro, mas você acha que ele poderia estar envolvido de alguma forma com o Assunção? Ou o crime dele foi somente achar o bilhete e sacar o dinheiro e depois fugir?

— Joseph, tenho absoluta certeza de que o Jackson não está envolvido nos crimes, pelo menos não nos assassinatos!

— Bom, sendo assim tenho que te contar uma coisa... Assunção me disse que Jackson estava voltando para cá... não sei como ele soube, mas ele me disse... vocês tem que prendê-lo, não podem deixá-lo fugir de novo! — implorou Joseph.

— Bom, na verdade cometi o erro de contar a Assunção que o Jackson estava vindo para o Brasil...

— O quê? Você contou a ele? Mas como sabia? Por que não me contou?

— Acalme-se Joseph... vou te contar... Lembra do amigo de Jackson que eu disse ter sido assassinado no apartamento?

— Sim, lembro... qual o nome dele mesmo?

— Alberto!

— Sim, o que tem?

— Pois bem, na verdade você e Clarisse não foram os únicos a terem sorte de escaparem de Assunção, esse Alberto também escapou por pouco...

— Você quer dizer que ele não está morto?

— Isso mesmo, ele foi mantido em proteção policial no hospital, para ser usado para trazer Jackson para cá... dessa forma fizemos com que ele, sem

saber, trouxesse seu amigo de bandeja para nós.

— Então vocês o prenderam? — perguntou Joseph surpreso.

— Sim, essa manhã... ele está preso provisoriamente no nosso distrito, porém não podemos segurá-lo por muito tempo lá, pois não temos provas concretas contra ele, entende?

— Sim... mas você já o interrogou?

— Interroguei... e ele...

— E o que ele falou? — interrompeu Joseph.

— Disse o mesmo que falara para a polícia no Rio...

— E sobre o dinheiro? Está com ele?

— Alegou que o dinheiro está guardado em sua conta bancária, mas não quis revelar o nome do banco.

— Que droga, mas o dinheiro não é dele!

— Aí que está o problema... ele alega que é... e pior ainda, falou que foi ele próprio quem fez a aposta.

— Viu como está mentindo... está claro que foi aquela mulher que fez a aposta e não ele! — afirmou Joseph já ficando nervoso.

— Isso é... mas ele está na mesma situação que você... os dois alegam ser donos do dinheiro, porém não podemos afirmar nada, pois não foi nem seu pai, nem você e nem Jackson que fizeram a aposta, e, sim, aquela mulher do vídeo...

— Filho da mãe... conseguiu me roubar...

— Olha, enquanto não acharmos a mulher do jogo não poderemos continuar com as investigações... o máximo que posso pedir ao juiz é o bloqueio das contas e dos bens de Jackson, mas creio que será difícil conseguir devido ao fato de não se conseguir comprovar de fato o verdadeiro vencedor do prêmio.

Aringarosa se levantou, estava terminando a sessão de perguntas, pegou o gravador que estava no bolso para desligá-lo, mas não antes de uma última pergunta.

— Joseph, outra pergunta, prometo que será a última, pois você ainda está em recuperação e não pode se estressar desse jeito.

— Por favor, faça! — respondeu Joseph.

— Você conhece Cecília Alvarenga?

— Cecília Alvarenga?... Não me recordo desse nome... por que?

— Jackson disse que o assassino lhe mandou enviar dinheiro na conta

dessa mulher... mas na verdade ele pensou que estivesse enviando para alguma namorada do amigo Alberto, mas não sabia o que tinha ocorrido com ele... tanto Alberto quanto o próprio Jackson confirmaram essa história... inclusive Jackson me mostrou o email em que o assassino o enviou em nome do amigo, passando essa conta com nome de Cecília.

— Pelo nome não tem como descobrir quem é? Indo no banco, sei lá...

— Tem sim, um investigador nosso já está providenciando isso!

O que mais Joseph queria naquele momento era poder andar e ir até onde estava Jack e quebrar sua cara, o mataria se o visse em sua frente, sentia um ódio mortal dele, até mais do que sentira por Campelo Assunção.

Após o inspetor sair da sala, entra novamente sua amiga Clarisse que traz consigo sua tia Janete. Ela o abraça, estava desesperada por saber o que tinha ocorrido com o sobrinho. Veio imediatamente de Lisboa assim que soube da triste notícia, mas ficou aliviada em ver que seu sobrinho estava vivo e, que tirando o ferimento da perna e do nariz, estava bem!

CAPÍTULO 31

Anne anda de um lado para o outro no hotel, não sabe o que fazer, Jack está demorando muito. Liga para ele, mas seu celular está sem rede, só dá caixa postal. Pensa em descer e pedir ao recepcionista o endereço do hospital, mas como Jack pedira para ela não sair de lá, Anne achou melhor permanecer por ali mais um pouco. Quando sua angustia parecia aumentar a cada minuto, resolve fazer algo para seu filho comer, para tentar distrair sua mente. No armário não tinha muita opção, Jack tinha dito que se ficassem com fome era só pedir na recepção alguma coisa. Anne nunca tinha se hospedado num hotel, quiçá pedido alguma coisa do *menu* por telefone, nem sabia ao certo como pedir. Sentou no sofá para olhar o *menu* e foi perguntando a Felipe que estava deitado jogando seu vídeo-game.

— Filho, o que você quer comer?

— Nada, não tô com fome...

— Trate de comer algo, pensa que só joguinho enche a barriga?

— Não quero mãe...

Anne tomou um susto, seu celular começou a tocar, pegou ele rapidamente na mesinha de centro; era um número estranho, não conhecia.

— Alô... — disse ela ofegante.

— Anne, sou eu, Jack...

— Jack até que enfim me ligou, estava preocupada, você sai...

— Anne, me escuta, tenho que falar rápido... — Jack a interrompeu.

— Pode falar!

— Aconteceu um imprevisto, estou preso...

— Preso? Como assim? Não pode...

— Só escuta, não me faça perguntas que meu tempo é curto, ok?

— Tá bom!

— Estou preso, não sei até quando, mas creio que breve me soltarão por falta de provas...

— Te prenderam pela morte daquelas pessoas?

— Não Anne, parece que já encontraram o assassino... ele está morto... o negócio é o seguinte... você fica no hotel pelo tempo que for necessário, evite de sair daí e revelar seu nome verdadeiro, pois você está como clandestina aqui, se te pegam irão deportá-la e eu não poderei fazer nada...

— Jack, não quero voltar... o Mauro me mataria...

— Por isso mesmo... fique aí no hotel tranqüila. Naquela mochila azul e preta que está nas minhas coisas tem bastante dinheiro, dá pra você e o Felipe ficarem tranquilos até eu retornar... tudo bem, posso contar com você?

— Pode, mas Jack, tem uma previsão de você sair daí?

— Não tem, mas já dei meu depoimento à polícia e creio que se o delegado não pedir minha preventiva ao juiz terá de me soltar em breve...

— Jack, o que...

— Anne, agora tenho que desligar, já deu os minutos da ligação no qual tinha direito a fazer... beijos, se cuida... te amo!

O telefone desligou, Anne que já estava desesperada agora ficara pior... Jack tinha sido preso, e para piorar, ela estava ali num lugar que não conhecia ninguém, correndo risco de ser deportada.

Na delegacia, Jack estava sendo mantido em uma sala sozinho, não era das piores, pois se tratava de uma sala onde os presos ficavam esperando para ver se iriam ser libertos ou se iam para uma cadeia convencional.

No outro dia, o inspetor Aringarosa recebeu duas notícias de seu investigador, a boa é que tinha descoberto quem era Cecília Alvarenga e, a má era que ela estava morta há mais de seis anos. Segundo dados obtidos para o inquérito, ela era professora universitária e morava na região Gondomar, não tinha filhos, não era casada, mas segundo a vizinhança ela sempre aparecia andando em carros luxuosos com outra mulher, que vivia entrando e saindo de sua residência. Algumas pessoas diziam que elas eram amantes. A casa em que morava ficou abandonada depois de sua morte, até ser reclamada por um primo que morava em Barcelona que comprovou grau de parentesco. Após isso, ele tomou posse da residência e a vendeu no mesmo ano. Mas o que mais chamou a atenção do investigador foi que ela morreu aos 42 anos, após uma overdose de medicamentos e drogas, tinha se matado, pelo menos era o que constava nos inquéritos dos arquivos da 12º delegacia de polícia do Porto, que tinha registrado a ocorrência. Mas o mais surpreendente ainda estava por vir, o investigador disse a Aringarosa que a conta dela no *Banco Portuário* nunca fora encerrada, pelo contrário, continuou sendo movimentada. O banco jamais fora informado do falecimento de sua cliente. Outro fato curioso foi que dias antes de sua morte, ouve um grande saque, cerca de 70 mil euros, o que deixou a conta quase no zero. E, para maior surpresa, recentemente a conta tinha recebido a quantia de 10 milhões de reais, provindos do Brasil, que transformados em euros, dava algo em torno de 4,5 milhões. Dinheiro esse,

que foi sacado assim que caiu na conta, e, para espanto tanto do investigador, como de Aringarosa, o banco alegou que foi a própria Cecília Alvarenga que retirou o dinheiro; pelo menos a assinatura e os documentos apresentados eram dela.

Aringarosa estava cada vez mais se interessando pelo caso, toda aquela história que antes achava não passar de baboseira de Joseph e seu advogado criminoso, tomava rumos cada vez mais surpreendentes. Não tinha mais dúvidas, o caso em breve seria encerrado e todos os criminosos detidos.

CAPÍTULO 32

Uma semana se passou desde que Jack fora preso no Porto. Como era previsto conseguiu ser solto no terceiro dia sem muito trabalho, pois a princípio a polícia não havia encontrado provas que o ligassem diretamente ao advogado Campelo Assunção. A única coisa que não batia na historia contada por ele ao investigador era que Jack afirmara que foi ele mesmo quem fizera a aposta na casa de jogos, mas o vídeo mostrava o contrário, mas isso não era algo que tivesse grande impacto positivo para Joseph, já que ele também não conseguia comprovar que o bilhete realmente era de seu pai.

Quando a investigação parecia ter estacionado, Aringarosa recebeu do delegado duas gratas e bem vindas surpresas; a gravação do interior do banco, na data exata que o saque dos 10 milhões havia sido realizada; e também uma antiga foto de Cecília Alvarenga acompanhada de uma mulher em um restaurante da Baixa. O que mais surpreendeu o inspetor e o delegado foi o fato de que a mesma mulher que estava com Cecília Alvarenga na fotografia era a mesma que sacara o dinheiro no banco. O delegado disse a Aringarosa que aquela foto estava guardada nos arquivos fotográficos do restaurante de um amigo seu, e que segundo relatos de ex vizinhos de Cecília Alvarenga, ela costumava frequentar com aquela mulher que diziam as más línguas que era sua amante.

Para a maior felicidade de Aringarosa, o dono do restaurante ainda lembrava exatamente das suas duas clientes, pois uma delas, a viva, continuava a frequentar lá de vez em quando.

Pronto, estava resolvido mais uma parte do misterioso quebra cabeça. Agora sabia quem tinha se passado por Cecília Alvarenga para usufruir de sua conta bancária, na tentativa de passar despercebida pelas investigações...

Aringarosa acendeu um charuto, coçou seus últimos fios de cabelos, agradeceu o delegado pelas informações precisas e logo pegou no telefone para pedir autorização judicial para prender aquela falsária. A primeira pergunta que iria fazer a ela era qual a ligação dela com o advogado morto? Qual a ligação dela com a misteriosa mulher da aposta?

— Todo criminoso deixa seus rastros! — disse o inspetor a si mesmo dando a última tragada em seu charuto.

Com comprovações tão verídicas e concludentes não demorou, a autorização judicial para a prisão preventiva da possível amante de Cecília

Alvarenga já tinha sido expedida pelo juiz, ao contrário do pedido de bloqueio das contas de Jackson que o tribunal sequer tinha chamado os interessados para prestar esclarecimentos diante à lei. Aringarosa de posse do mandado juntou três agentes da homicídios e foram atrás da meliante

CAPÍTULO 33

Assim que se recuperou dos ferimentos Joseph voltou para sua casa, provisoriamente estava usando cadeira de rodas, pois andar de muletas ainda era um tanto quanto difícil, enquanto não começasse seu tratamento fisioterápico o médico proibiu que ele colocasse sua perna esquerda no chão. Seu nariz parecia uma grande batata escura, tinha sido quebrado e operado e, somente agora estava começando a desinchar, mas Joseph estava evitando de se olhar no espelho naquela situação. Se não fosse por sua tia Janete e sua amiga Clarisse nem sabia o que iria fazer, não gostava de se sentir dependente dos outros, mas naquela situação não lhe restara outra opção a não ser aceitar os favores das duas.

A casa estava uma bagunça, devido ao fato dos acontecimentos que ocorreram ali há cerca de uma semana, quando ele estava ainda no hospital, Aringarosa e sua equipe fizeram varias averiguações no local, na tentativa de levantar mais pistas dos crimes. Ficou evidente para Aringarosa que o assassino tinha usado uma cópia das chaves da casa de Joseph na noite em que invadiu a casa para matá-los, como era advogado e amigo de seu pai, não era de se estranhar que ele tivesse obtido certa facilidade em tirar cópias das chaves.

Clarisse sempre tivera uma quedinha pelo amigo, mas como estudavam juntos, eram amigos desde o primeiro ano e, como ela terminara o seu namoro recentemente, tinha receio em tentar algo com Joseph e acabar com a amizade que tinham. No dia da festa, à fantasia, tinham bebido além da conta, e aquilo tinha sido o pontapé inicial para apimentar a amizade de ambos, que infelizmente quase acabara em tragédia por conta daquele maldito assassino. Mas por um lado era bom, pelo menos agora poderia ficar mais perto de seu amigo que passava por momentos turbulentos em sua vida.

Ela, Joseph e Janete assistiam filme e comiam pipoca na sala, estava escurecendo e esfriando. Janete foi até o quarto e buscou um cobertor para os dois, não resistiu e perguntou:

— Vocês vão ficar de enrolação até quando?

— Como assim enrolação, tia?

— Vão ficar nesse chove e não molha... assumem logo que estão namorando, que estão apaixonados...

— Mas tia... não é bem assim... — disparou Joseph encabulado.

— É dona Janete, eu e o Joseph somos amigos... — emendou Clarisse.

— Ah sei, e vocês estão a ficar? — indagou ela, envergonhando-os cada vez mais.

— Tia, isso não é pergunta que se faça... vai envergonhar a Clarisse...

— Aí meu Deus, essa juventude de hoje está perdida! — disse Janete chacoalhando a cabeça em reprovação... — Bom, vocês dois fiquem aí a vontade, que eu tenho que ir até a casa de uma amiga, tudo bem?

— Amiga? Não sabia que tinha amigas por aqui... — disse o sobrinho.

— Querido, você esqueceu que eu morava aqui antes de ir pra Lisboa?

— Verdade... sempre me esqueço disso... é que faz tanto tempo...

— Como assim tanto tempo? Estás a me chamar de velha?

— Claro que não tia... claro que não... dizem que você nem parece minha tia, e sim minha irmã...

— Ah tá bom, vou fingir que acredito. — disse ela se levantando, pegando sua bolsa e saindo. — volto antes das dez, ok!

— Ok!

Janete saiu de casa, quando deu dois passos rumo ao portão voltou para trás, para checar se a porta estava trancada realmente. Assim que confirmou saiu pelo portão rumando para o sul da cidade, na calada da noite escura e fria. Antes de virar a esquina pegou seu telemóvel e discou um número.

— Oi, Messias, já saí de casa... tudo pronto pra essa noite?

— Claro que sim! — respondeu a voz do outro lado da linha.

Meia hora após Janete sair da casa de Joseph, o telefone tocou. Como o rapaz estava um tanto quanto impossibilitado para atender, Clarisse se levantou para atender a ligação

— Oi.

— Oi, boa noite, com quem falo? — era uma voz de mulher.

— Clarisse.

— Clarisse eu gostaria de falar com Luis Duarde, ele está?

— Bom, aqui não tem nenhum Luis Duarte... acho que ligou em número errado.

— Bom, deve ser engano então... me desculpe!

— Não foi nada! — respondeu Clarisse desligando o telefone.

— Quem era? — indagou Joseph.

— Engano. — respondeu ela.

Clarisse voltou a sentar-se próxima ao amigo, Joseph deu *play*

novamente no vídeo e voltaram a ver o filme. Porém estava tão chato aquele filme que preferiram ficar conversando, e o assunto da vez era Jackson. Joseph sabia que ele estava na cidade, Aringarosa o tinha revelado, mas sabia que na situação em que estava seria muito difícil ir até ele. — O que deveria fazer? — perguntou à sua amiga.

Clarisse que agora estava a par de toda a situação, sabia o quão era importante manter um contato com esse Jackson, não perdê-lo de vista era essencial. Mas, como ambos ainda estavam um tanto quanto traumatizados pelo ocorrido, disse ao amigo que o melhor a se fazer no momento era esperar a polícia resolver a situação. Porém, as palavras de Campelo Assunção não saíam de sua cabeça, ele dissera que a polícia pouco estava a se importar com seu caso. Seria isso verdade? — imaginava Joseph, já temendo que do dinheiro de seu pai, não veria nenhum centavo se quer.

Quando os dois tentavam uma discreta aproximação no sofá, novamente foram incomodados, dessa vez era a campainha a tocar.

— Que merda, quem será que chegou? — resmungou Joseph.

— Não sei... será sua tia?

— Não deve ser... ela tem a chave!

— Bom, vou lá ver quem é...

— Tudo bem, vá mais não demore... prometo que não sairei desse sofá. — diz ele pausando o *Blu-Ray* novamente.

— Não precisa nem pausar... tá muito chato esse filme!

Clarisse levantou-se, estava com muita preguiça, pagava para ficar sentada ou deitada. Olhou profundamente nos olhos de Joseph e sorriu. Em seguida, foi até a porta da sala, abriu-a, seguiu pela garagem até o portão. Estava frio, cruzou os braços assim que saiu para fora, mal via a hora de voltar e se esquentar no sofá junto com Joseph.

— Oi, você quer falar com quem? — perguntou ela àquela mulher parada ali em sua frente.

— Quero falar com o Joseph, ele está em casa?

— Está sim, quem é você?

— Sou alguém que pode ajudá-lo a recuperar o que é seu por direito!

Quando a mulher, alta e bem trajada disse aquilo, logo Clarisse percebeu do que se tratava, só podia ser algum assunto relacionado aos milhões de euros, a jovem não hesitou, abriu o portão para a mulher entrar.

A fachada da casa que dava para o portão estava um tanto quanto escura,

a lâmpada que deveria iluminar a garagem e o portão estava queimada desde antes de Jonas morrer. Isso dificultava um pouco enxergar as pessoas que ali entravam, e Clarisse percebera isso, forçou a vista para ver direito o rosto da mulher, mas não conseguiu focá-lo totalmente. Quando foi para fechar o portão sentiu uma fisgada em suas costas, seu corpo se enrijeceu e ela caiu dura no chão. A mulher abriu o portão, fez um sinal com as mãos, em instantes apareceu um carro preto com vidros-fumê, de dentro saíram dois homens, pegaram o corpo de Clarisse estendido no chão e colocaram-no no banco de trás. A mulher fechou o portão, verificou se alguém tinha presenciado a cena, fechou o portão e foi para o carro, sentou no banco de trás, empurrou Clarisse e puxou o dispositivo de choque que estava grudado em suas costas. Ordenou que o carro saísse.

Clarisse estava sem movimento algum, porém lúcida. Seu corpo fora paralisado pelo efeito da arma de choque. Agora ela olhava assustada para aquelas pessoas, sem entender o que estava acontecendo consigo. De repente observou que um dos homens pegou uma seringa com uma agulha enorme, aproximou a mão de sua perna e enfiou a agulha sem dó. Clarisse sentiu a violenta pontada na perna, em seguida sua visão começou a embaçar e o ar faltar em seus pulmões; logo uma forte sonolência a abateu e ela apagou-se por completo.

CAPÍTULO 34

Jack ao sair da delegacia teve uma grata surpresa, Beto o esperava sozinho, de muletas, estava com raiva pensando que o amigo tivesse lhe traído, mas como não era uma pessoa de guardar rancores deu a oportunidade para Beto se explicar. O amigo se explicou, Jack sentiu sinceridade em suas palavras, tudo tinha sido uma armação da polícia junto com a enfermeira Cintia, ele não sabia de nada. Jack disse para ele deixar quieto toda aquela confusão, deu um abraço no amigo e foi com ele até o hotel onde Anne e Felipe estavam.

A última vez que Beto tinha visto Anne, ambos eram praticamente projetos de adolescentes, fora quando ele ainda morava no Brasil e os três estudavam juntos na mesma escola. O reencontro foi uma grata surpresa para todos, Anne não se conteve de tanta felicidade em rever Jack depois de três dias de incertezas e medo, sem poder sequer sair do hotel. Beto estava outra pessoa, tinha crescido, encorpado, sua voz era diferente, parecia outra pessoa para ela. Mas Beto teve uma impressão ainda maior no que tange às mudanças físicas. Anne estava linda, nem parecia aquela menina chata de aparelho nos dentes que insistia em andar junto com ele e Jack para onde quer que fossem. Beto sempre tivera certo ciúmes de Jack com aquela garotinha chata, mas agora a que estava ali à sua frente, era diferente, tinha certo brilho nos olhos, uma aura de nobreza irradiante, sorriso lindo, uma pele pálida e suave, nem parecia que morava numa cidade praiana, e o mais surpreendente, era mãe, tinha um menino lindo, como aquilo saiu de dentro de Anne, aquela menininha tão... era algo fantástico a evolução do ser humano. — pensou Beto.

Como já era de se esperar, Beto fizera amizade rapidamente com Felipe, pois ambos adoravam jogos eletrônicos. Enquanto Jack ficava paparicando sua amada, Beto e Felipe ficavam jogando vídeo-game praticamente o tempo todo, já que Beto estava impossibilitado de trabalhar ou procurar por suas namoradas portuenses. Jack relutou um pouco em sair do hotel e ir para o apartamento de Beto, mas o amigo lhe convenceu dizendo que ele tinha pagado o aluguel do mês então tinha mais que direito de ficar por lá. Como Aringarosa disse para Jack não sair da cidade enquanto não pusesse fim às investigações, caso contrário iria pedir novamente sua prisão, Jack achou melhor a princípio permanecer na cidade, pelo menos por alguns dias, e quando as coisas tranquilizassem iria até a Suíça por a mão em sua bolada de dinheiro. Numa coisa estava certo, não tinha como perder aquele dinheiro,

Jeferson lhe afirmara que uma vez o dinheiro transferido em sigilo para um banco suíço jamais poderia ser rastreado.

O fato do assassino ter sido morto, também tranquilizava mais Jack, assim não correriam risco ficando por ali. A única coisa que o preocupava era o tal do Joseph; não o conhecia, não queria conhecê-lo e tinha raiva de quem o conhecia. Mas pelo que soube ele estava impossibilitado de andar devido aos ferimentos que teve na luta contra o assassino de seu pai e de Sabrina. Ao lembrar de Sabrina sentiu um aperto no coração e uma angustia. Tudo podia ter sido diferente, mas como ele podia imaginar que ao emprestar aquele livro dela, ele iria estar sentenciando-a à morte? Se pudesse voltar atrás jurou que seria diferente, mas infelizmente não podia, o que tinha acontecido não poderia ser modificado.

— O que está pensando querido? — indagou Anne ao ver Jack devaneando sozinho na varanda.

— Não é nada... estou aqui olhando pro céu e imaginando tudo que fiz, tudo que aconteceu até chegarmos nesse momento.

— Entendo... — Anne o abraçou por trás. — Você acha que no fim tudo vai ficar bem pra todos nós?

— Acho sim... eu acredito! — respondeu Jack beijando sua amada.

— Desculpa interromper o casal em lua de mel... — pigarreou Beto aproximando-se...

— O que foi, Betão? — perguntou Jack.

— Sabe... eu e o Felipe... nós queríamos ir jogar vídeo-game no Shopping de Gaia, esse daqui já enjoamos, queremos novas aventuras... sabe... e também sair um pouco pra paquerar umas gatinhas... vou ensinar ele uns truques infalíveis...

— Você e seus truques infalíveis... só não faça do mesmo jeito que fez com a enfermeira, senão coitado do menino!

— Isso é um sim?

— Não sei... peça a mãe dele...

— Podemos ir, Anne?

— Não sei... não é perigoso, Jack?

— Vai mãe, deixa, deixa... — disse Felipe aproximando-se e fazendo um olhar de piedade para sua mãe.

— Bom, o shopping é perto daqui, não vejo perigo, Anne, é só um shopping!

— É que o Mauro punha tanto medo na gente, pra não sairmos de casa...

— Anne, esquece esse cara que só te fez sofrer! — resmungou Jack baixinho em seu ouvido para Felipe não escutar.

— Tudo bem, podem ir então... mas com uma condição...

— Qual? — perguntou Beto.

— Qual? — perguntou Felipe.

— Não comam nenhuma porcaria por lá e não se atrasem para o jantar... hoje eu e o Jack vamos preparar um jantar especial para comemorar nosso reencontro, ok?

— Ok! — disse Beto e Felipe ao mesmo tempo.

Assim que Beto e Felipe saíram de casa, Anne e Jack começaram a se beijar de verdade, com prazer, com paixão, sem nada os impedindo de serem felizes, de serem um do outro. Se fosse a Anne do passado logo pediria para ele parar de passar a mão em seu corpo, mas aquela Anne, aquela sentia desejo, sentia tesão, e sentia um amor e uma paixão descontrolável por seu príncipe encantado, o homem de sua vida, o homem que a libertara de seu cárcere, de seu dragão opressor. Jack levou-a até seu quarto, e lá continuaram a se beijar e fazer amor como nunca em suas vidas; seus pelos, suas salivas, seus gostos, seus cheiros, cada milímetro de seus corpos se tocavam numa perfeita harmonia que ambos pensavam jamais existir. Naquele momento Jack teve certeza que valeu a pena esperar, era o homem mais feliz do mundo. Permaneceram deitados em silêncio, silêncio esse que valia mais que todas palavras do mundo juntas, o olhar um pro outro era o suficiente... Mas tinham de levantar para fazerem o jantar, daqui a pouco Beto e Felipe voltariam do shopping.

— Eu te amo, Anne.

— Eu te amo, Jack.

Outro beijo aconteceu, e outro, mais outro, até que sentiram a necessidade de se amarem novamente para saciarem todos os anos perdidos, mas foram interrompidos pelo chato barulho da campainha.

Os dois se vestiram rápido, pensaram que poderia ser Beto e Felipe voltando do shopping. Jack foi até a sala e abriu a porta, tomou um susto. Parado à sua frente com uma arma apontada para sua cabeça estava uma pessoa usando sobretudo preto e uma máscara de pierrot, exatamente do mesmo jeito que Beto havia descrito seu agressor.

— Senhor Jackson, finalmente nos encontramos. — disse o pierrot com

sua voz rouca e grossa.

Jack tentou fechar a porta instintivamente, mas o pierrot foi mais ágil, travou a porta e apertou o gatilho da arma acertando um disparo bem no peito de Jack, que congelou instantaneamente todo seu sistema nervoso o fazendo cair paralisado. Tinha sido alvejado por uma arma elétrica. O pierrot, por mais que quisesse, sabia que não podia matar Jackson, pois ele representava a última muralha, muralha que o separava dos milhões de euros. O pierrot entrou e trancou a porta, abaixou-se para observar Jack tentando inutilmente mexer seu corpo.

— Senhor Jack, fique tranquilo que só te dei um pequeno choque para podermos conversar melhor.

Jack ouviu aquela voz estranha, estava pasmo com o que estava acontecendo. Quem era aquele sujeito? — indagou a si mesmo olhando profundamente para sua triste máscara.

— Amor, está tudo bem aí? Quem chegou? — gritou Anne do quarto.

Não houve respostas, ela se levantou, checou seu rosto no espelho do guarda-roupas e foi até a sala, quando lá chegou se deparou com tal cena que a fez gritar desesperadamente, indo em direção ao jovem caído no chão.

— Não Anne, não faça isso... — resmungou ele tentando tirar forças de seus músculos atrofiados pelo efeito do choque.

Contudo, era tarde demais, o pierrot disparara novamente, dessa vez contra Anne que caiu no chão batendo a cabeça no sofá.

Jack se via de mãos atadas olhando inconsolável para Anne estendida no chão. O pierrot tirou do bolso de seu sobretudo um rolo de fita adesiva e amarrou os braços e pernas de ambos enquanto ainda estavam paralisados pela ação do choque. O aperto de fita fora tão forte que as mãos de Anne começaram a formigar quando ela recuperou os movimentos de seus músculos.

Os dois estavam deitados no chão sob uma arma apontada para suas cabeças, e dessa vez parecia ser uma arma de verdade, não de choque. Jack tentou resmungar algo, mas o pedaço de fita passado em sua boca não lhe permitia soltar nada além de alguns grunhidos inaudíveis.

— Calma senhor Jackson, não adianta me olhar com esse ódio terrível... se o senhor colaborar tudo irá terminar bem.

Anne que também estava presa e amordaçada pensou que fosse um assalto, devido ao fato de Jack ser milionário agora. Ficou desesperada, queria

se livrar daquelas fitas para ajudar seu amado, mas não conseguia.

O pierrot pegou um canivete e o aproximou do rosto de Jack, que começou se contorcer de angústia olhando aquela lamina se aproximando de si. De repente fechou os olhos e quando abriu-os já estava sem a mordaça feita com fita adesiva.

— O que você quer? Deixe-a em paz! — gritou Jack desesperado.

— Se você continuar gritando terei que cortar sua língua... — respondeu a rouca e sinistra voz do pierrot.

— Por favor, não machuque-nos... diga o que quer... é dinheiro? Eu te dou o que quiser... — disse Jack abaixando o tom de sua voz.

— Você é mais inteligente do que eu imaginava... como adivinhou que eu quero dinheiro?

— Fala... quanto quer pra nos deixar em paz?

— Quero tudo... tudo que você conseguiu com aquele bilhete que não era seu...

Jack ficou pasmo, aquela pessoa era a mesma que quase matara seu amigo Beto, a mesma que estava atrás do dinheiro o tempo todo. Mas a polícia afirmara que ele havia morrido, como podia estar ali?

— Quero exatamente meus 145 milhões de euros... — continuou afirmando o assassino.

— Mas como... isso não é possível... — resmungou Jack.

— De fato não é mesmo... supondo que você já me enviou 10 milhões em sua moeda, o que deu em torno de 4 milhões e pouquinho de euros... arredondando esse valor... você ainda me deve 140 milhões...

— Então foi você... você matou Sabrina e o bibliotecário... quase matou meu amigo... a polícia disse que você estava morto!

— Bem, digamos que tenho meus truques... — respondeu o pierrot aproximando sua triste máscara de Jack. — vamos logo ao que interessa...

— Você está louco... não vai conseguir escapar da polícia...

— Aí que você se engana... se já estou morto para eles, como irão me prender?

Jack sentia um tom de sarcasmo naquela terrível voz robótica, quando o assassino se aproximou, Jack percebeu que usava uma espécie de aparelho para modificar a voz, isso explicava aquele som robótico que ele emitia.

— Jackson... vou falar somente uma vez e espero que grave bem... vou levar sua namoradinha comigo, se você quiser vê-la novamente terá que me

trazer 30 milhões de euros em notas de quinhentos, isso facilitará bastante para você... não precisará carregar tanto peso...

Jack ouvia atentamente as instruções daquele maluco.

— Claro, você já deve saber que as notas não devem estar marcadas, você deve saber que a polícia deverá ficar fora disso... e que no dia e local de entrega você deverá comparecer sozinho... as demais instruções te passo por telefone. — o pierrot disse isso e colocou um telemóvel em sua mão. — ligarei nesse número assim que eu quiser...

— Não dá... como vou sacar e transferir todo esse dinheiro sem levantar suspeitas?

— Isso não é problema meu... você só tem que fazer o que mandei, caso contrário sua namoradinha não irá durar muito tempo... e juro que depois de me livrar dela virei atrás de você... atrás de sua família no Brasil, vou matar todos, um a um!

Anne e Jack ficaram pasmos e incrédulos, aquele louco só podia ser sádico, maníaco e lunático. Mas como já tinha feito tantos estragos não duvidavam que ele pudesse realmente feri-los, ou até pior, matá-los.

— Tudo bem... tudo bem... te darei todo dinheiro que você quiser... só me diga o dia e local... — disse Jack querendo acabar com aquela situação logo. — só que você terá que me levar no lugar dela...

— Jackson, Jackson... você não está em situação de impor regras meu caro... mas fique tranquilo, eu entrarei em contato quando você menos esperar...

O pierrot tirou de seu bolso uma seringa, a mesma que utilizara horas antes em Clarisse, sem deixar Jack ter tempo de assimilar nada, lhe injetou todo líquido em sua perna.

— Isso é apenas um relaxante, pra você se desestressar um pouco... irá dormir em breve e quando acordar será uma pessoa renovada... cheia de força... cheia de vigor... prontinho pra colaborar com nosso acordo...

O assassino levantou-se e foi em direção de Anne que se contorcia desesperadamente para se livrar daquelas malditas fitas que lhe prendiam, mas era em vão.

— Você... trate de colaborar se não quiser levar um tiro no meio da cara...

O pierrot pegou seu telemóvel, discou um número, abriu a porta e dois homens mascarados entraram no apartamento.

— É aquela! — disse o pierrot apontando para Anne.

Os dois homens a pegaram e a tiraram do apartamento rapidamente.

Jack queria gritar, correr atrás dos dois, impedir que levassem sua Anne, mas não conseguia, o forte tranquilizante animal injetado em sua perna já estava fazendo efeito. Jack ouviu mais alguma coisa do assassino, mas não conseguiu compreender, seus sentidos já estavam falhando, ele caiu no sono!

CAPÍTULO 35

Quando Beto e Felipe voltaram do shopping se depararam com a porta aberta e Jack caído no chão, amarrado e imóvel. Beto assustado pegou uma faca e cortou os pedaços de fita que prendiam o amigo. Colocou seu dedo para sentir o pulso de Jack, ficou mais aliviado, ele estava vivo! Procurou por ferimentos e não achou nada. O menino Felipe estava em pé, olhando com curiosidade para o corpo de Jack estirado ao chão.

— Por que ele tá amarrado? — questionou ele.

— Não sei... ele está dormindo! — respondeu Beto olhando em todas direções da casa já imaginando o que acontecera ali. — Felipe, fique aqui no sofá, não saia daí.

Beto foi até os quartos, cozinha, quarto de banho e varanda, mas não encontrou Anne em nenhum lugar. Para ele estava claro uma coisa, o marido dela, Mauro, tinha ido até ali e a levado, e de alguma forma tinha feito Jack desmaiar. Beto voltou para a sala e agachou-se próximo de Jack tentando acordá-lo, mas era em vão, ele estava em um sono demasiadamente profundo.

— Cadê a minha mãe? — questionou Felipe sentado no sofá como Beto lhe mandara.

— Acho que ela deve ter saído para comprar alguma coisa... já que deve voltar. — respondeu Beto não querendo alarmar o menino.

***

Joseph já estava na delegacia, contou ao inspetor que Clarisse havia desaparecido na porta de sua casa e, o sequestrador ligara pedindo que ele não fosse até a polícia até segundas ordens. Como não havia pedido dinheiro ou nada parecido não viu outra solução a não ser procurar Aringarosa. O inspetor de certo modo não se viu surpreso com o ocorrido. Horas antes descobrira quem provavelmente estava por trás dos assassinatos e por trás da identidade de Cecília Alvarenga, contudo, ele e sua equipe não tinham tido êxito na localização dessa pessoa.

— O que vamos fazer? — questionou Joseph preocupado.

Nesse momento um operador interrompeu a conversa para entregar um novo B.O. que a central acabara de receber vindo de Vila Nova de Gaia.

— Joseph, parece que você não é o único que teve a namorada

sequestrada.

— Como?

— Recebemos uma ocorrência do amigo de Jackson, Alberto, ele alegou que a namorada do amigo também foi sequestrada agora pouco.

— Coincidência? — questionou Joseph.

— Fato! — respondeu o inspetor, levantando-se de sua cadeira giratória. — Vou ter que sair agora, averiguar essa ocorrência...

— E quanto a Clarisse, o que vai fazer?

— Joseph, tenho absoluta certeza que esse novo sequestro tem ligação direta com o de sua amiga... vou até lá coletar os depoimentos e averiguar as pistas deixadas no local.

— Mas quem está por trás disso? Só pode ser uma armação do próprio Jackson.

— Creio que não... já temos um forte suspeito, já estamos em sua cola... cedo ou tarde vamos por as mãos nele.

— Quer dizer que o desgraçado do Campelo Assunção não estava a agir sozinho?

— Bingo... exatamente!

Joseph não podia acreditar naquilo que Aringarosa acabara de confirmar. Pensou que o pesadelo tivesse acabado com a morte de Assunção, mas agora tinha outro criminoso a solta e, pior ainda, tinha sequestrado sua amiga Clarisse.

— Inspetor, por favor, deixe-me ir com vocês... posso ser útil na investigação.

Aringarosa olhou para ele ali na cadeira de rodas, em situação normal ele só iria atrapalhar o desfecho do inquérito, mas se tratando do caso que estava prestes a resolver, acreditava que o rapaz poderia mesmo ser mais útil se ficasse junto com a polícia.

Aringarosa, Joseph e mais quatro agentes da homicídios saíram da delegacia com suas viaturas cantando pneu, rumo à cidade vizinha. O inspetor sabia que cada minuto perdido poderia ser fatal no desfecho do caso.

***

Jack acordou com uma sensação horripilante de que estava se afogando, abriu os olhos lentamente, estavam ardendo devido à claridade que ali estava. Olhou a sua volta e viu um monte de pessoas desconhecidas olhando para ele,

só reconheceu o inspetor que o tinha prendido dias antes e Beto, que estava sentado numa maca junto com o pequeno Felipe. No instante que viu Felipe surgiu em sua mente um vislumbre de memória que o fez recordar tudo que acontecera.

— Anne, onde está ela? — gritou ele assustando todos que ali estavam.

Felipe até então tranquilo e até se divertindo com toda aquela ação policial percebeu que algo estava errado e começou a chorar pedindo pela mãe. Uma das agentes, comovida com o choro do pequeno, o tirou da sala, o levando para comer alguma coisa e distraí-lo.

— Calma Jack, a polícia está aqui... fica calmo.

— Não Beto... não posso chamar a polícia... ele disse que mataria ela... onde está o telemóvel?

— Jackson Zigmund, nos reencontramos mais cedo do que esperávamos! — disse Aringarosa aproximando-se dele deitado na maca.

— Onde estou?

— Estamos na enfermaria da delegacia... você foi apagado com uma forte dose de droga tranquilizante animal, o suficiente para derrubar um elefante, por sorte seu amigo Beto nos contatou a tempo de darmos a você um antídoto para cortar o efeito da droga em seu organismo... teve sorte, por doses bem menores eu já vi pessoas morrerem de parada cardíaca.

— E Anne, cadê ela?

Jack só perguntava de Anne, não estava raciocinando cem por cento ainda, aos poucos o efeito do antídoto estaria por completo em seu organismo, aí Jack poderia ser interrogado por Aringarosa.

Joseph também estava na sala, se pudesse sair daquela cadeira, sua vontade era de degolar Jack, pois graças a ele aquela desgraceira toda havia começado e, agora parecia não ter mais fim. Mas tinha de esperar ele se recuperar para terem uma conversa de homem para homem. Porém, o momento pedia calma e tranquilidade para poder ajudar a polícia a localizar o sequestrador de Clarisse e Anne.

Alguns minutos depois, Jack já estava bem recuperado, pediu água, estava com uma sede que não era dele. O inspetor pediu para que todos se retirassem dali que tinha de fazer algumas perguntas a ele. Assim que terminou de beber água, a porta se fechou e Aringarosa aproximou-se.

— E a Anne, o que estão fazendo? — perguntou Jack preocupado.

— Jackson, para eu poder lhe ajudar eu farei as perguntas, tudo bem?

Jack acenou que sim com a cabeça. Ficou quieto esperando o inspetor fazer suas perguntas.

— Quem é Anne? — soltou a primeira pergunta.

— É minha namorada.

— Não sabia que tinha uma namorada, qual nome dela completo, onde ela mora?

Jack sabia que responder aquela pergunta poderia fazer com que sua Anne fosse deportada para o Brasil, caso a polícia a encontrasse antes dele. Mas já que estava ali tinha de contar a verdade. E entre ela ser deportada ou morta pelo sequestrador, Jack preferia ficar com a primeira opção.

— Annelysa Curty, mora comigo... — Jack tirou o lençol de si e sentou-se à beira da maca. — na verdade, ela morava no Brasil, mas como ganhei o dinheiro na euromilhões, decidi trazê-la para morar comigo.

— Então vocês já namoravam antes de tudo começar a acontecer?

— Bom, eu e ela sempre fomos apaixonados um pelo outro, mas decidimos namorar quando voltei para o Brasil.

— Ah, sim... — resmungou Aringarosa anotando tudo em seu bloco de anotações com sua caneta *Mont Blanc* que havia ganhado de presente de aniversário de seu filho.

— O telemóvel encontrado em suas mãos, de quem é?

— Não sei... ele... ele me deu, disse que entraria em contato por ele.

— E disse o dia e hora que faria isso?

— Não disse.

— Hunn. — resmungou o inspetor.

— Já tem pistas de quem fez isso com Anne? — perguntou Jack não se aguentando de ansiedade.

— Creio que sim, mas aqui, as perguntas faço eu, ok?

— Tudo bem, desculpe-me!

— Como aconteceu o sequestro? Me conte detalhadamente.

— Eu estava com Anne no quarto, Beto e Felipe tinham saído para irem ao shopping, quando escutamos a campainha tocar...

Jack contou todos detalhes para o investigador, como estava vestido seu agressor, como era sua voz, o que tinha falado e o que estava planejando fazer.. Aringarosa trabalhava na polícia há cerca de vinte e oito anos, na homicídios estava há sete; em todo esse tempo jamais havia se deparado com um caso tão enigmático como aquele. Com certeza tratava de uma quadrilha de criminosos,

uma rede que tinha muita informação, pois pareciam sempre estarem um passo a frente em tudo, pareciam saber cada passo que a polícia tomava. Agora que Jack lhe contara que viu a silhueta de dois homens entrarem no apartamento para pegar Anne, Aringarosa começou a ter certeza absoluta de que se tratava de uma quadrilha, e o advogado e assassino, Campelo Assunção, era apenas a ponta desse iceberg.

Após ele fazer todas as perguntas que julgou ser necessárias, contou a Jack que Clarisse, namorada de Joseph, também fora sequestrada horas antes de Anne. Jack ficou surpreso, surpreso pelo fato do duplo sequestro e por saber que Joseph estava ali, a poucos metros na sala ao lado.

— O que o sequestrador pediu para Joseph?

— Pelo que ele nos passou não pediu nada até agora...

— E por que sequestraram ela? Esse Joseph tem dinheiro?

— Dinheiro ele tem, o pai dele o deixou bem de vida... mas não tão bem como você está, não é mesmo?

Jack ficou quieto, desde que se apossou daqueles milhões não conseguiu mais ter sossego em sua vida, cada dia que passava lhe trazia mais e mais turbulências.

— Acredito que o sequestro de Clarisse não foi motivado por dinheiro. — afirmou Aringarosa.

— E qual o motivo então?

— Vingança! — respondeu o inspetor olhando no fundo dos olhos de Jack.

— Vingança?

— Foi Clarisse que matou o advogado Assunção, salvou a vida de Joseph... o sequestro dela nos dá a entender que é por vingança... por dinheiro não seria, já que no que se refere a dinheiro você que é a bola da vez.

— Meu Deus... você acha que as duas correm risco?

— Creio que sim... muito mais Clarisse que conseguiu eliminar uma peça importante do jogo deles... pelo modo como agem, parece que estão dispostos a tudo para conseguir por as mãos em sua grana.

— E o que vou fazer agora? Ele falou que se eu contatasse a polícia iria matar Anne... por favor, não deixe isso acontecer...

— Fique calmo por favor, ficar nervoso nessa hora só piorará as coisas.

— O que vou fazer? Tenho que dar o dinheiro que estão pedindo!

— Sendo da polícia, não posso lhe orientar a negociar com criminosos,

temos que encontrar uma saída e descobrir onde estão sendo mantidas as duas reféns.

— Mas se eu não dar o dinheiro ela morre.

— Jackson, esse tipo de gente não possui palavra, aposto que se você dar o dinheiro irão matar as duas e também você ao mesmo tempo... é uma forma de apagar rastros.

— Já tem alguma pista?

— Sim, temos um forte suspeito!

— Quem é?

— A mulher que se fez passar por Cecília Alvarenga, já sabemos quem é, sua prisão preventiva já foi decretada, estamos na cola dela.

— E quem é essa mulher?

— Isso por enquanto não posso te dizer... é segredo da investigação... mas breve...

— Como assim segredo? Tem pessoas correndo risco de morrer e você fica com segredos.

— Calma Jackson, tudo terá sua hora!

Aringarosa fechou seu bloco de anotações, guardou sua *Mont Blanc* no bolso da camisa, agradeceu o depoimento de Jack e saiu da sala para dar novas coordenadas à sua equipe.

Beto entrou na sala, correu para ter com o amigo. Jack ficou furioso com ele, pois graças a Beto, a polícia – que não devia estar ciente dos fatos – estava tomando conta de tudo. Beto lhe explicou que chamou a policia por que assustou com o jeito que o encontrou amarrado e desmaiado no chão, e que na hora pensou que fosse Mauro que tivesse vindo buscar Anne. Então, Jack lhe contou as características do sequestrador, logo veio à mente de Beto o seu agressor; sobretudo preto, voz robótica e máscara de pierrot, ele sentiu calafrios ao relembrar os momentos de horror que vivera em suas mãos. Jack perguntou de Felipe, Beto disse que ele estava aos cuidados de uma policial, pois estava muito nervoso procurando pela mãe. Beto fez mais algumas perguntas para Jack que tentou responder de forma mais breve possível; cada minuto perdido era um a menos na vida de sua amada.

Aringarosa conversou com Joseph, pediu para que ele esquecesse por um momento os milhões de euros de seu pai, pelo menos até porem um fim aos dois sequestros e desmantelarem a quadrilha. Aringarosa pediu reforços ao delegado chefe e a outros distritos polícias das cidades vizinhas, a polícia

fechou as principais saídas do distrito do Porto e aumentou seu efetivo nas ruas. Como raramente ocorriam crimes daquela proporção na cidade e no país, Aringarosa e o restante dos agentes ficavam eufóricos na tentativa de resolver tudo, e fazerem com que a paz voltasse a reinar novamente. Os agentes montaram um centro de apoio e escuta telefônica, grampearam os telemóveis de Jack, Beto e Joseph e também o telemóvel que o sequestrador dera para Jackson. Ainda puxaram as linhas telefônicas da casa dos dois para a delegacia, assim poderiam esperar o contato dos meliantes em um único lugar e, a partir daí tentar localizá-los por satélite quando os meliantes entrassem em contato.

Tudo estava pronto, os agentes iriam revezar o plantão, a central de escuta iria funcionar 24 horas. Aringarosa estava tão entusiasmado que nem sequer dormiria se fosse necessário. Conseguir desvendar aquele crime daria a ele uma sensação de poder incrível, digno a um super herói de cinema.

Por volta das 20:50, todos já estavam exaustos de ficar parados esperando algum dos aparelhos tocarem. Jack já estava recuperado, se encontrava ao lado de Beto na sala de escuta. Torcia e ao mesmo tempo temia que o telemóvel tocasse. Quanto mais pensava em Anne, mais desesperado e angustiado ficava. Não podia estar acontecendo aquilo! Bem que podia ser outro pesadelo real, tipo os que tivera quando estava a viajar de avião, mas não era, agora tudo era real e perigoso.

Jack pediu para ir ao quarto de banho, o agente Cruz pegou o telemóvel de cima da mesa central e o colocou nas mãos de Jack, ele não podia desgrudar do aparelho de nenhuma maneira. E quando o meliante ligasse, Jack teria de falar exatamente o que Aringarosa tinha combinado com ele, quanto mais tempo ficasse com o meliante na linha, melhor seria para rastreá-lo.

Ao sair do quarto de banho, Jack foi à cozinha tomar água, sua sede ainda não tinha passado, isso era um dos efeitos colaterais do antídoto. Ao pegar o copo descartável para enchê-lo no bebedouro, Jack ouviu um barulho de porta se abrindo, olhou de relance e viu surgir um rapaz de cadeira de rodas, era o mesmo que vira enquanto ainda estava sobre ação do antídoto na enfermaria. Sim, era ele, Joseph, o verdadeiro dono da fortuna que Jack tinha em mãos. Finalmente ficariam cara-a-cara, isso assustava ambos.

CAPÍTULO 36

Em um quarto escuro e sem janelas, Anne acordou, estava com falta de ar, tentou puxar com força o ar para seus pulmões, sentiu um forte cheiro de mofo penetrar suas narinas, suas mãos estavam atadas a um enorme e gélido pedaço ferro, ao tatear percebeu que era provavelmente uma estante; tentou gritar pedindo ajuda, mas sua boca amordaçada a deixou ainda mais desesperada. Levantou-se, não podia dar mais que dois passos com aquela algema em seus punhos. Aos poucos seus olhos se adaptaram à escuridão e ela pôde perceber que não estava sozinha. Bem no canto direito, um pouco a sua frente tinha outra pessoa caída, parecia ser uma mulher, também presa a uma estante com a boca amordaçada.

Ainda meio zonza pela injeção de tranquilizante que havia recebido tentou fazer alguns grunhidos com a boca tapada, na esperança de acordar aquela outra mulher, mas era inútil, seus grunhidos não a acordavam, mas fazia Anne ficar mais cansada e sem fôlego. Anne voltou a sentar, tentou acalmar-se para conseguir respirar direito com aquele pano em sua boca. Desde criança sofria de desvio de septo, suas narinas facilmente se obturavam fazendo com que passasse a respirar somente pela boca. Caso sofresse uma crise alérgica ali, sabia que poderia ser muito ruim, já que em sua boca não entrava nada de ar graças aquele maldito pedaço de pano amarrado com fita adesiva.

Ficou sentada puxando o ar para seu pulmão com dificuldade, aquele cheiro horripilante de poeira e mofo já estava trancando suas narinas, era uma sensação angustiante, puxar o ar e ele não vir, era como se afogar sem entrar na água. Anne tentou ficar o mais relaxada possível, para que seu organismo não necessitasse de tanto oxigênio. Lembrou do momento em que fora surpreendida por aquele ser encapuzado, não sabia direito o porquê aquilo estava acontecendo, mas tinha duas probabilidades, a primeira era que Mauro a tivesse encontrado e estava sedento por vingança, a segunda dizia respeito aos rolos que Jack tinha arranjado pra cabeça, graças a apropriação indevida daquele dinheiro todo.

Enquanto pensava e tentava não ficar nervosa, ouviu o barulho de passos vindo em direção da sala, em seguida um barulho de fechadura sendo aberta. Anne fechou os olhos e se deitou novamente no chão gelado. Uma luz fraca se acendeu, duas pessoas entraram na sala, então, Anne fingindo ainda

estar dormindo, ouviu a conversa dos dois homens.

— Cara tú é doidão mesmo... com a dose que deu nela duvido que irá acordar algum dia.

— Porra, o chefe falou pra colocar cinco, eu achei que era pra colocar até o número cinco grandão que aparecia na seringa.

— Tú aplicou cinquenta ml nela, você é doido, quando ele souber disso, juro que não queria estar em sua pele.

— Velho, peraí, você sabe que somos parceiros, desde os tempos do Babilônia... não vai dar pra trás agora e me caguetar, né?

— Tú é foda!

— Bom, é só falar pro chefe que ela não acordou.

— Fácil assim, né?

Um dos sequestradores abaixou e colocou a mão no pulso e no pescoço da jovem estendida no chão.

— Tamo fudido, o pulso tá muito fraco, acho que essa já foi pro espaço...

— Merda! — respondeu o que havia aplicado a superdose em Clarisse.

O outro levantou-se e foi em direção de Anne, ela rapidamente fechou os olhos, só sentindo o momento que ele apertou seu pulso.

— Com essa aqui tá normal!

— Claro, foi o chefe que furou essa aí!

— Véio, aconteça o que acontecer, não diga pra ela que eu apliquei cinquenta naquela vaca, firmeza?

— Firmeza mano, mas vai ser foda, o que vamos fazer se ela empacotar?

— Sei lá, damos um fim no corpo e já era!

Os dois meliantes saíram da sala, apagaram a luz, a escuridão novamente tomou conta da sala. Anne após ouvir aquela conversa teve certeza que não era coisa de seu marido, pois que sentido teria Mauro sequestrar aquela outra moça? Nenhum! Porém, o jeito com que trataram dela, fez com que Anne sentisse ainda mais medo. O que iriam fazer com ela? — ficou se perguntando enquanto puxava oxigênio com dificuldade para seus pulmões.

CAPÍTULO 37

— Então você é o famoso Jackson Zigmund? — perguntou Joseph com um ódio terrivelmente visível.

— Esse é meu nome, mas creio que da fama ainda estou muito distante. — respondeu com um tom firme de voz já sabendo quem era aquele ser à sua frente bloqueando a passagem da porta com a cadeira de rodas.

— Não gosto de enrolar, e acho que essa história já está enrolada até demais, por isso vou direto ao ponto. — Joseph adentrou na cozinha, empurrou a porta com dificuldade e a trancou. — Tudo isso que está acontecendo é tua culpa, você roubou o dinheiro do meu pai!

Enquanto fazia mil e uma acusações, Jack ouvia tudo calado, percebendo que se ele não estivesse impossibilitado naquele momento certamente já estariam a se bater um com outro. Joseph estava visivelmente alterado, parecia sequer piscar ou respirar olhando fixamente para Jack.

— Espera um pouco... não venha me acusar de coisas que não fiz, não foi culpa minha que mataram seu pai e que te deram um tiro, pelo que eu sei o culpado disso tudo foi a porra do seu advogado... agora quando...

— Você além de mentiroso é cínico, fugiu com meu dinheiro e tem a cara de pau de alegar inocência... graças a você minha amiga foi sequestrada e só Deus sabe o que vão fazer com ela. — disse Joseph interrompendo Jack.

— Bom, em primeiro lugar eu não fugi com dinheiro de ninguém... aquele dinheiro todo eu ganhei no jogo, ele é meu... em segundo, minha namorada também foi sequestrada, você não foi o único...

— Mentiroso, ladrão asqueroso, caloteiro, assassino... — Joseph interrompeu novamente ofendendo Jack.

Jack era uma pessoa calma, um pouco impaciente, mas tranquilo; mas graças aos últimos acontecimentos, a briga com Mauro, a fuga com Anne, sua prisão ao chegar no hospital, o amigo baleado, e agora o sequestro de sua amada, tudo isso junto, mais Joseph soltando um monte de ofensas, fez com que Jack explodisse sua ira de raiva; o copo que estava em sua mão voou em direção a Joseph, quase acertou sua cabeça em cheio. Quando foi tentar alguma reação já era tarde, Jack já havia partido pra cima do pobre rapaz na cadeira de rodas e agora os dois rolavam no chão aos socos. A briga foi interrompida por um policial que resolveu ir até a cozinha para tomar café e, quando abriu a porta deu de cara com dois marmanjos se agarrando, um

tentando enforcar o outro, e uma cadeira de rodas caída de lado.

— Muito bonito o comportamento de vocês! — disse o delegado Benício, já com os dois arruaceiros sentados em sua sala.

— Ele me provocou... esse cara é louco... — resmungou Jack.

— E mais louco é você que saiu no soco com um cadeirante... parem de agir feito moleques, olhem pra vocês, estão bem crescidinhos para resolverem as coisas no soco, não acham? — disse Benício.

— Sim, mas na hora que ele... — ia dizendo Joseph.

— Vou entregar vocês ao inspetor Aringarosa, por favor, não causem mais confusão na minha delegacia, senão mando prender os dois...

Jack e Joseph nunca tinham se visto até o momento, e a primeira vez não fora das mais amigáveis. Uma raiva enorme brotava um pelo outro, mesmo assim, Jack sabia que tinha vacilado, o cadeirante tinha lhe ofendido sim, mas não era motivo para querer bater nele, pelo menos não até ele se recuperar e estar pronto para levar um bom desacerto.

Aringarosa já chegou na sala chacoalhando a cabeça em sinal de repúdio àquele ato horrendo que lhe contaram. Coçou seus fios de cabelo e sentou diante dos dois.

— Ao invés de se ajudarem... ao invés disso, ficam brigando... será que dá para vocês esquecerem por um momento esse bendito dinheiro e focarem nas duas pobres vítimas que foram seqüestradas?

— Mas acontece que ele...

— Cala a boca Joseph, se vocês não se ajudarem irei mandá-los para casa e resolverei esse caso somente com minha equipe, ok?

— Tudo bem! — responderam os dois concordando com o inspetor.

Aringarosa levou-os até sua sala, ajudou Joseph com a cadeira de rodas, trancou a porta, parecia estar um tanto irritado.

— Joseph e Jackson, vocês querem que Clarisse e Annelysa sofram ou até morram? — indagou Aringarosa sem rodeios.

— Claro que não!

— Com certeza que não!

— Então acho que agora é a hora certa de vocês começarem a contar a verdade para ajudar a esclarecermos esse caso de uma vez por todas, estou certo?

Joseph olhou para Jack, que retribuiu o olhar de desconfiança.

— A única pessoa que não está contando a verdade aqui é ele. — disse

Joseph apontando para Jack.

— Você limpa sua boca antes de falar de mim, quem você pensa que é? — respondeu Jack.

— Ele eu não sei quem pensa que é, mas eu sou o inspetor Aringarosa, e já estou ficando cansado dessa enrolação de vocês. — gritou o inspetor furioso batendo com a mão na mesa assustando os dois. — A questão é a seguinte, Joseph, você alega que seu pai era dono do bilhete, mas não tem como comprovar, está claro naquela gravação que seu pai sequer entrou na casa de jogos naquele dia...

Quando Jack ouviu isso ficou extremamente surpreso, se o que o inspetor disse fosse de fato verdade, Joseph não tinha como comprovar que o bilhete pertencera a seu pai. Aquela informação era crucial, mal podia esperar pra contá-la ao seu advogado e amigo Jeferson, com certeza com essa informação valiosíssima sua fortuna estava segura, não precisaria nem se preocupar em deixá-la oculta em Zurique, mas como toda boa notícia precede de uma má, logo a alegria de Jack se desfez.

— E você Jackson, alega que jogou de próprio punho aquele bilhete, quando a gravação mostra que assim como Jonas, você não entrou na casa de jogos no dia da aposta premiada, como explica isso?

— Como assim? Eu fiz a aposta, o bilhete era meu!

— Pára de mentir Jackson, conte logo a verdade se não mando te prender agora mesmo por falso testemunho... — o inspetor chegou a salivar de raiva, odiava que o fizessem de idiota. — temos a gravação, temos como provar que você não jogou porra nenhuma... fale logo a verdade... — outra batida furiosa na mesa, a caneta *Mont Blanc* voou longe.

Jack ficou sem ter o que contestar, o que iria dizer? O inspetor estava falando a verdade, sentiu em seus olhos que ele não hesitaria em prender os dois caso a verdade não aparecesse, mas contar a verdade ali, perto de Joseph, poderia por fim ao seu sonho milionário.

— Se não foi eu, se não foi o pai dele quem jogou... quem foi então? — questionou Jack achando que com essa pergunta pudesse se safar da verdade.

Aringarosa abriu sua gaveta, pegou algumas fotos e jogou em cima de Jack.

— Aí está a pessoa que fez a aposta, por acaso você a conhece?

Jack viu foto por foto, mas não conhecia aquela mulher, estava tenso, será que o inspetor estava jogando verde para ele confessar que tinha

encontrado o bilhete por acaso, que nunca fora seu verdadeiro dono?

— Impressionante... nenhum de vocês conhece essa mulher, mas os dois juram que esse maldito bilhete que ela jogou nesse dia pertence a vocês... acho que já estou velho demais, vocês jovens acham que nós da polícia somos idiotas, não sabem que quanto menos cooperarem pior será pra vocês e pras duas pobres moças sequestradas, pelo visto, pra vocês o dinheiro vale bem mais do que a vida delas. — disse Aringarosa acalmando o tom de sua voz.

A sala ficou em silêncio por um instante. Jack começou a lembrar de tudo o que lhe ocorrera depois que encontrou o bilhete no livro que Sabrina tinha lhe emprestado. Sabrina tinha sido morta, seu melhor amigo quase morrera, e agora sua Anne corria sério risco de perder a vida por sua culpa, desejou antes não tê-la tirado do marido, pelo menos não estaria correndo todo esse risco. Só de imaginar o que o assassino podia fazer com ela já o angustiava tremendamente. Jack continuou seu devaneio até Aringarosa jogar para ele mais algumas fotos.

— Essa coitada você deve saber bem quem é, ou melhor, quem foi?

Eram fotos de Sabrina morta, assim que Jack pôs os olhos na primeira fotografia já reconheceu. Uma moça tão alegre, tão boa, tinha tantos sonhos, mas agora tudo tinha acabado.

— Você quer que sua namorada seja a próxima a ter esse tipo de fotografia em minha gaveta? Quer que ela vire mais uma estatística policial?

— Não, Anne não, faço o que quiser, mas não deixe nada acontecer com ela, por favor! — implorou Jack chorando emocionado, sentindo imensa tristeza e sensação de perda.

— Então colabore! — respondeu o inspetor.

— Tudo bem... tudo bem... eu confesso...

— Pode começar!

— Eu achei o bilhete, achei no livro que a Sabrina me emprestou.

Joseph arregalou os olhos surpreso, ouvir aquela confissão das bocas do próprio Jackson, achava ser impossível.

— Eu sabia, eu disse...

— Cale a boca Joseph, deixe ele terminar. — pediu Aringarosa começando a gostar daquela conversa.

CAPÍTULO 38

Após a confissão, tanto Joseph quanto Aringarosa não pareciam muito surpresos. A única coisa que realmente era de causar certa surpresa e até certo mistério, era como tudo havia se dado, as circunstâncias que levaram Sabrina e Jack a terem acesso ao livro com o bilhete, justamente após o assassinato de Jonas.

— Bom, parece que mais uma peça do nosso quebra-cabeça foi encaixada, agora gostaria muito de ouvir sua versão, Joseph, claro, a versão verdadeira que ainda não sabemos.

Jack sentiu um alívio ao contar toda verdade, era como se um pouco da culpa que sentia pela morte de Sabrina o tivesse o deixado. As atenções na sala voltaram-se para Joseph, e assim como Jack, só lhe restava a verdade a dizer.

— Tudo bem... cerca de duas semanas antes de morrer, meu pai chegou em casa, estava diferente, logo percebi. Estava numa euforia que não era de costume, se trancou no quarto, nem banho tomou naquele dia, achei estranho aquela atitude dele, mas resolvi não perguntar nada. No outro dia, logo pela manhã, na hora do café ele sentou-se na mesa, coisa que nunca fazia, e ainda me chamou para uma conversa, eu disse que estava atrasado pra faculdade, mas ele insistiu...

— Hun! — resmungou Aringarosa. — Continue!

— Foi nessa manhã que ele me mostrou o bilhete... claro, a princípio não acreditei, achei que ele estivesse ficando maluco, mas quando vi no jornal que o prêmio tinha saído para alguém da nossa cidade e eram exatamente aqueles números que meu pai tinha em mãos, aí eu acreditei...

— E ele disse pra você que foi ele mesmo quem jogou? — questionou Jack.

— Jack, por favor, eu faço as perguntas! — orientou o inspetor.

Joseph ficou em silêncio, sabia que o que tinha a falar mudaria o rumo das investigações e colocaria um ponto de interrogação ainda maior na cabeça do inspetor.

— Não, ele não jogou, não foi ele quem fez a aposta! — afirmou Joseph.

Isso sim surpreendeu Aringarosa, até aquele momento os dois eram enfáticos em dizerem que eram os verdadeiros dono do bilhete premiado, mas agora, com essas novas confissões percebeu que ambos queriam definitivamente colaborarem com o inquérito policial.

— E onde ele arranjou o bilhete?

— Meu pai achou o bilhete!

— Deus do céu, pelo visto esse bilhete foi perdido e achado mais do que moeda de cinco centavos. — disse o inspetor.

— E onde ele o achou? — perguntou Jack não se segurando de curiosidade.

— Na biblioteca, onde ele trabalhava!

— Pra ser mais específico, onde estava esse bilhete? No chão? Num livro?

— Ele me disse que encontrou no chão, alguém provavelmente deixou o bilhete cair perto da sala dele.

— Esse alguém só pode ser a mulher da foto, a que fez a aposta! — afirmou Jack.

— Bem provável que seja! — concordou Aringarosa.

— A biblioteca possui circuito interno? — questionou Jack.

— Possui somente algumas câmeras, mas não funcionam já faz quatro meses, falta de manutenção, você sabe como são as coisas nesse país. — respondeu Aringarosa se antecipando.

— Sim, por isso mesmo que o assassino se aproveitou para matar meu pai lá, devia saber que as câmeras não estavam a funcionar.

— Bingo! Isso responde algumas dúvidas que eu tinha — disse Aringarosa. Isso só comprovava sua mais nova tese sobre a série de crimes que vinham ocorrendo.

— Que dúvidas? — perguntou Joseph.

— Creio que já descobrimos quem está por trás de tudo isso, é só uma questão de tempo para colocarmos essa quadrilha atrás das grades.

— E quem são? — questionou Jack e Joseph ao mesmo tempo.

— Por enquanto não posso revelar... mas me diga, o que mais seu pai te disse? Foi por isso então que ele demorou tanto para sacar o dinheiro, estava com medo?

— Sim, ele tinha receio que o verdadeiro dono aparecesse...

— Seu querido advogado, Campelo Assunção, sabia disso?

— Não tenho certeza, mas é bem provável que sim. Meu pai não sabia como proceder, não tinha a mínima idéia do que fazer com o bilhete. Provavelmente foi o próprio Assunção que o orientou a dar um tempo e não reclamar o prêmio logo de cara.

— Esse deve ter sido o erro de seu pai, contar tudo a esse pilantra. Com certeza assim que viu seu pai com o bilhete, cresceu a inveja! E de alguma maneira se articulou com o restante da quadrilha pra apagar seu pai e roubar o bilhete...

— Mas o que não esperavam era que ele viesse parar em minhas mãos... — afirmou Jack.

— Sim, isso eles não esperavam... e foi por isso que começaram essa sequência de crimes, tudo para porem as mãos nos milhões.

—Bandidos desgraçados! — disse Joseph.

— Pessoas como eles, cegas por dinheiro, são capazes de fazer qualquer coisa, por isso temos que agir juntos, com inteligência, para salvarmos as duas moças e prendermos os sequestradores.

— Concordo, farei tudo que for possível para salvá-las. — disse Jack.

— Tudo mesmo? — indagou Joseph.

— Sim, tudo!

— Até entregar a eles todo dinheiro que agora está em seu poder?

Aquela era uma pergunta capciosa, mexia com toda estrutura de Jack, pois arriscar perder seus milhões doía em seu coração, contudo, perder Anne era pior ainda, pois o amor que sentia por ela, dinheiro algum no mundo pagaria.

— Sim, estou disposto a dar a eles o dinheiro!

— E, como vai conseguir isso? Sacar 30 milhões não é fácil, demora... e para transferir o restante também necessitará de muito tempo e muito questionamento do banco. — colocou Aringarosa coçando seus fios de cabelo.

— Eu sei disso, mas é o que resta a fazer! — afirmou Jack.

— Não necessariamente... — disse o inspetor.

— Como assim?

— Temos um plano... — o inspetor começou a contar detalhadamente o que deveriam fazer a partir de agora. E antes de terminar de lhes contar todo seu plano o telemóvel que estava nas mãos de Jack começou a tocar. Como era de se esperar o número era restrito. O aparelho emitia um forte sinal sonoro ao mesmo tempo que vibrava e fazia as mãos de Jack suarem de medo.

— Fiquem todos quietos... Jack, espere um pouco e quando eu ordenar atenda o telemóvel e fale com calma, fique na linha o máximo que conseguir, diga tudo que eu mandei... é hoje que pegamos esses vagabundos.

Aringarosa pegou seu telefone, ligou para o agente da comunicação e o

passou algumas coordenadas em código, assim que desligou o telefone fez sinal de positivo para Jack atender o aparelho.

— Alô. — disse ele com a voz tremula.

— Demorou para atender, por quê? — disse a voz robotizada que o causava calafrios.

— Não demorei, estava esperando essa ligação... onde está a Anne?

— Está muito bem, modéstia parte, nossas acomodações não são das piores.

— Deixe eu falar com ela...

— Creio que não será possível, ela ainda está um tanto quanto dormindo.

— Não acredito, deixe eu falar com ela. — a voz de Jack tremulava, estava transpirando que nem um maratonista correndo no deserto do Saara.

Enquanto isso na central de escuta a ligação estava sendo gravada e os agentes tentando localizar sua origem, mais alguns minutos e provavelmente já teriam acesso às coordenadas exatas daquela ligação.

— Jackson, se quiser que ela viva preste muita atenção, pois não repetirei... — as pupilas de Jack dilataram de pânico. — Quero os 30 milhões como havia lhe pedido até amanhã a meia-noite, se atrasar ou não aparecer, sua linda namoradinha irá sofrer Jack, como irá sofrer!

— Você terá o dinheiro, exatamente como pediu, em notas de 500, mas por favor, não a machuque.

— Se você cooperar e fazer tudo que combinamos ninguém irá se ferir...

— Ok, e onde eu levo o dinheiro?

Joseph e Aringarosa estavam quietos, nem sequer respiravam alto, para não atrapalharem a conversa. Jack estava seguindo as instruções do inspetor, tentando ganhar tempo.

— Amanhã lhe direi o local.

— Ok, ok... por favor, não machuque ela...

— Só para você não esquecer, a conta que deverá depositar o restante é a mesma conta que depositou aquela mixaria para seu amigo Beto, está lembrado, né?

— Claro, Cecília Alvarenga, isso?

— Muito bom, vejo que sua memória é muito boa!

— Depositarei...

— Outra coisa... você por acaso não contou nada à polícia, contou?

Nesse instante Jack olhou para Aringarosa, o inspetor parecia tão assustado quanto ele, nitidamente transpirava, as marcas de axila em sua camisa pólo o denunciava.

— Não, a polícia não sabe de nada, fique tranquilo!

— Muito bom, estou gostando de negociar com você...

— Que horas me ligará amanhã?

Tum, Tum, Tum... foi o que Jack ouviu depois de sua última pergunta.

— Desligou... — disse Jack aliviado. — Será que deu tempo?

Aringarosa pegou o telefone, ligou para a central de escuta. Pelo sorriso que estampou em seu rosto, Jack e Joseph perceberam que tinham conseguido.

— Parabéns Jack, conseguimos enrolar o sequestrador... a central já tem as coordenadas do pilantra...

— Sério? — perguntou Jack surpreso.

— Sim... esses meliantes são muito amadores, ou não vêem filmes policial, não sabem que se ficarem mais de um minuto podem ser rastreados facilmente.

— E Clarisse, ele disse alguma coisa dela? — perguntou Joseph.

— Não, ele não disse nada sobre ela! — respondeu Jack.

— Que estranho... será que ele vai me ligar novamente?

— Bom, se ligar na sua casa o telefone irá tocar aqui na nossa central, não se preocupe! — afirmou Aringarosa.

O inspetor saiu da sala, pediu que os dois aguardassem ali que já retornaria.

— Ele não me pediu nada, Jack... o que será que ele quer comigo? Não tenho muito dinheiro para oferecer, por que diabos sequestrou a Clarisse?

— Não sei, só sei que estamos lidando com gente perigosa, não sei se eles são realmente amadores como o inspetor disse, pode ser que já até saibam que estamos juntos e que viemos até a polícia.

— Você acha mesmo?

— Sim... vamos esperar até amanhã para ter certeza.

— Cara, se acontecer alguma coisa com a Clarisse, eu não sei nem do que sou capaz de fazer... se estou vivo hoje é graças a ela.

— Vocês são namorados?

— Bom, a gente se conhece há algum tempo, estudamos juntos... achei que no começo não me envolveria com ela, mas de uns dias pra cá a gente estava se acertando, se é que me entende.

— Entendo sim!

— Não é justo sequestrarem ela... o que vão querer de resgate?

Os dois continuaram a conversar, a raiva inicial tinha dado lugar a um princípio de diálogo, uma cooperação em busca de um objetivo único, salvar Anne e Clarisse.

Aringarosa voltou para sua sala, estava com um sorriso estampado no rosto, abaixou-se para pegar sua *Mont Blanc* e sentou-se novamente em sua poltrona.

— Tenho uma notícia boa e uma má... qual preferem primeiro?

— A boa! — respondeu Jack.

— A ligação foi feita de um telemóvel, em uma estrada em Gondomar, já temos a localidade por satélite.

— Vai mandar a polícia lá? — perguntou Joseph.

— Nesse exato momento já temos agentes se dirigindo ao local... claro, irão apenas espionar, não podemos ir entrando e mandando bala até termos certezas que as vítimas estão em segurança.

— Ok, ok. — resmungou Joseph.

— A má notícia é que a mãe e o pai da sua amiga já estão na delegacia, e estão desesperados atrás da filha.

— Meu pai do céu, quem avisou eles? — indagou Joseph preocupado.

— E precisava? A filha está sumida praticamente desde que saiu do hospital com você...

— O que faremos com eles?

— Já designei um agente para cuidar deles... não podemos a princípio contar do sequestro... para não criar pânico desnecessário, vocês sabem como são os pais, né?

— Sim, claro.

Aquela noite na delegacia estava sendo tenebrosa para Joseph e Jack, vários agentes foram escalados para fazer plantão, Aringarosa também ficou, pois mais do que todos desejava solucionar esse caso, pois trabalhando no distrito do Porto raramente se via em casos complexos como esse; casos assim o fazia lembrar os bons tempos em que trabalhava em Amadora, uma das cidades mais violentas do país. Mas ali no Porto, raramente se via crimes de grande complexidade, o máximo que acontecia de vez em quando, além dos roubos e furtos, era alguém jogar outro alguém de uma das pontes do Rio Douro, geralmente briga de bêbados. Mas sequestro, era algo raríssimo de se

ver por ali, tão raro que a delegacia sequer possuía divisão de anti-sequestro.

CAPÍTULO 39

Um dia se passou, e como já era de se esperar, amanheceu um dia frio e chuvoso na cidade do Porto, um típico dia muito apreciado em países do norte europeu. Antes de Jack receber a segunda e última ligação do sequestrador, ele ligou para sua mãe, ela estava muito preocupada, fez milhões de perguntas e, claro, Jack pra acalmá-la disse que tudo estava bem e que as coisas estavam se acertando, em momento nenhum falou a verdade dos fatos, para não causar pânico em sua mãe, pois ela e seu padrasto estavam na casa de uns parentes em Foz do Iguaçu, Jack logo imaginou que com o dinheiro que havia dado a eles certamente fariam muitas compras em Ciudad del Leste, ali do lado, na fronteira com o Paraguai.

A outra ligação foi pro seu amigo Jeferson, para lhe atualizar das últimas notícias e também lhe pedir orientação de como prosseguir a partir dali, pois tinha revelado toda a verdade à polícia. Contudo, nenhum de seus números atendia, nem o celular, nem o da casa e nem do escritório.

Já tarde da noite a polícia saiu em dois comboios, o primeiro em direção ao endereço que o sequestrador passará a Jack, e o segundo rumo ao endereço em Gondomar de onde vieram as ligações. Joseph ficou na delegacia, mas antes do comboio sair teve uma conversa com Jack, aliás, uma excelente conversa. Jack prometeu-lhe que depois que salvassem as duas e tudo se normalizasse iria dar-lhe a metade de seus milhões, pois assim como ele, Joseph também tinha certo direito na fortuna.

Aringarosa e Jack estavam no mesmo carro, foram até o centro e alugaram um táxi. O restante dos policiais vinham atrás, a maioria em seus carros particulares, para não levantarem suspeitas. No meio do caminho, Aringarosa alertou o taxista que aquilo era uma missão policial, pediu que ele descesse e fosse até outro carro da polícia e lá esperasse por seu carro, o taxista relutou achando aquilo um abuso, o inspetor então mostrou seu distintivo e a arma e pediu cooperação. Quando chegaram próximos do lugar que o sequestrador havia ordenado Jack ir com o saco de lixo, Aringarosa se passando por motorista do táxi, pediu pelo rádio que a partir dali os outros policiais cobrissem o perímetro como fossem civis comuns a caminhar com seus guarda chuvas na fria noite portuense. Aringarosa checou suas duas armas na cintura e deu as últimas orientações ao rapaz que parecia estar bem tenso e nervoso.

— É só seguir com nosso plano que tudo dará certo, aqui está o saco azul com o dinheiro, cuidado para não dar bandeira, vá que eu te cubro, qualquer coisa que achar que está correndo perigo ative seu sensor, ok?

— Ok... — foi a única resposta de Jack, que saiu do carro, abriu seu guarda-chuva, pegou o pesado saco azul e foi em direção ao local combinado.

"Você deverá colocar o dinheiro em um saco de lixo azul reforçado, deverá deixá-lo à meia-noite do lado da lixeira do Restaurante *Tripeiros do Porto*, na Cedofeita, entre as ruas do Breyner e do Rosário, sem atrasos, e esteja sozinho!" — foi o que o sequestrador havia exigido de Jack na segunda ligação.

Jack caminhou até o local indicado, a rua era estreita e havia pouca movimentação de carros, assim como a iluminação estava um tanto quanto precária, isso justificava o sequestrador ter escolhido aquele local. Jack aproximou-se da lixeira, olhou para os quatro lados e não percebeu nada de suspeito. Colocou o pesado saco de lixo do lado da lixeira, suspirou aliviado, aquele dinheiro falso parecia pesar mais do que se fossem notas originais.

Aringarosa e o delegado chefe tinham pego aquelas notas emprestadas da polícia federal, elas eram provenientes de uma grande operação que havia prendido uma quadrilha de mais de quinze envolvidos, há cerca de dois anos, que estavam entrando no país ilegalmente, trazendo 50 millhões de euros em notas frias, entraram por Vila Nova de Gaia e, foram apreendidos no Rio Douro, em uma das famosas caves do Vinho do Porto, o caso teve grande repercussão, e o dinheiro falso estava sendo guardado como prova no processo que o estado movia contra os meliantes. Agora serviam para algo útil, com o tempo as cédulas todas estavam perdendo sua tonalidade, algumas estavam até com a tinta borrada, claro que essas os policiais trataram de colocar mais escondidas no saco, deixando as melhores por cima, seguidas de uma fileira de notas originais só para despistar a pessoa que viria buscar o dinheiro.

Jack estava suando frio, Aringarosa fitava-o de longe, de dentro do táxi parado. Sua mão estava tremendo, mas não de medo ou frio, mas sim de vontade de pegar suas armas e atirar naqueles bandidos desgraçados, estava louco por uma ação mais ousada.

Um citroen cinza veio andando devagar e parou na esquina, exatamente no oposto onde Jack estava. Aringarosa logo o fitou, — será o safado? — perguntou a si mesmo, coçando seus fios de cabelo.

A janela da frente se abriu, um rapaz branco com o rosto cheio de sardas surgiu, estava a fumar um cigarro, esperou um pouco, fitou Jack e olhou para as imediações, viu alguns carros parados, inclusive um táxi. Esperou até acabar seu cigarro, jogou a bituca no chão e com o braço fez sinal para Jack aproximar-se.

Jack receoso aproximou-se do veículo, seu motor era bem silencioso, mas a fumaça do escapamento e as luzes acesas denunciavam o motor ligado.

— Você é o Jackson? — perguntou o rapaz do carro.

— Sim.

— Trouxe o prometido?

— Sim.

— Está na lixeira?

— Sim.

— Busca lá pra mim, sabe... não quero ter que me molhar!

Jack foi até a lixeira buscar o saco, Aringarosa de longe já se ligou que era o meliante, passou um rádio dando orientações aos policiais que voltaram para seus carros imediatamente.

— Entre no carro! — ordenou o meliante.

Jack obedeceu, apesar de estar com muito, mas muito medo. Adentrou no veículo e fechou a porta.

— Porra, tú não tem geladeira em casa, não? Quase desmontou minha porta. — alegou sarcasticamente o meliante.

— Aqui está o dinheiro... cadê a Anne?

— Calma garoto, calma que primeiro tenho que conferir a encomenda.

— Pode ver, está tudo aqui, tudo como pediu! — Jack abriu o saco azul, milhões de notas de 500 euros ficaram à amostra.

— Passe tudo para cá? — disse uma voz rouca e grossa vinda de trás do carro.

Jack olhou para trás, assustado percebeu que era o mesmo ser que havia invadido seu apartamento e sequestrado Anne, sobretudo preto e máscara.

O sujeito passou o saco para o pierrot que o colocou no banco de trás abrindo-o para conferir. Retirou um maço de cédulas lilás, passou a mão — dessa vez estava sem luvas — sentiu a textura das notas sob seus dedos. Se o pierrot estivesse sem máscaras Jack poderia ver o riso que ele deu ao ver todo aquele dinheiro.

— Muito bom, Jackson... muito bom, mesmo... Vejo que você é uma

pessoa de visão, uma pessoa de negócios...

— Onde está Anne?

— Calma, calma... ela está bem...

— Cumpri minha parte no acordo, agora cumpra a sua.

— Cumpriu? Tem certeza?

— Sim, aí está o dinheiro que você pediu!

— Não me faça rir Jackson, aqui está só a primeira parcela de sua dívida comigo, ou esqueceu que deverá depositar o restante na conta que te passei.

— Vou depositar... você sabe a burocracia que é para fazer grandes depósitos... leva tempo!

— Sim, isso eu sei... até pensei que não conseguiria sacar todo esse dinheiro para mim, você foi muito ágil.

— Me leve até Anne, quero vê-la.

— Claro, vou deixar você vê-la, mas primeiro vamos dar uma voltinha.

O pierrot fez um sinal e ordenou que seu capanga saísse dali. Isso não estava nos planos de Jack, muito menos de Aringarosa que, quando viu o Citroen saindo com Jack dentro sabia que algo tinha saído de seus planos.

— Atenção todas as unidades, alvo em movimento. — gritou ele no rádio, dando partida no táxi.

O citroen seguiu adiante pela rua do Breyner, quando aproximou-se da Cedofeita, logo o motorista viu dois carros fechando a rua.

— Droga! É uma cilada! — gritou o motorista.

O Pierrot parou de mexer no saco de dinheiro e olhou para frente. A freada brusca fez o saco tombar, deixando cair no assoalho vários maços de dinheiro.

— Você me traiu! — disse a voz rouca.

— E agora, o que vamos fazer? — gritou o motorista assustado.

— Dê ré seu idiota, fuja daqui!

O motorista obedeceu o pierrot; deu ré rapidamente e voltou para o cruzamento central, virou na contra-mão para esquerda rumo à Baixa, mas de longe já viu vários carros parados, bloqueando o caminho.

— Estão em todas partes!

— Não devia ter feito isso, sua namoradinha vai sofrer as dores de sua traição!

O pierrot pegou sua arma de choque e disparou contra Jack, que perdeu o movimento de seu sistema nervoso instantaneamente.

— Vamos, saía desse buraco, vamos, vamos... — gritou o Pierrot.

O veículo novamente deu ré, cantou pneu, mas já era tarde, no meio da rua já estava o taxi parado na transversal com Aringarosa fora mirando sua arma para o carro.

— O que eu faço?

— Atropele ele sua mula, vamos, me tire daqui logo...

O carro cantou pneu novamente e partiu pra cima do táxi e de Aringarosa, quando o inspetor percebeu que ele não iria parar deu três tiros no lado do motorista, o pára brisa trincou e a bala passou ricocheteando a cabeça de Ferrugem.

— Estão atirando, estão atirando! — gritou ele desesperado.

— Continue seu idiota, continue.

Aringarosa vendo que o carro não iria parar saltou para a calçada em uma fração de segundos antes do táxi ser arremessado contra uma banca de jornal, por pouco não fora atingido.

— Desgraçado! — gritou o inspetor furioso, pegou o rádio e ordenou que atirassem contra os pneus e o motorista.

O impacto do citroen contra o táxi fez inflar os *airbags*, Jack que estava sem reação motora apenas agradecia em pensamento ter sido salvo por aquele acessório de segurança, caso contrário teria se espatifado contra o pára-brisa destruído.

— Não estou enxergando, não estou enxergando! — gritou Ferrugem.

O pierrot tirou sua mascara e seu aparelho fonador *VEM* modificador elétrico de voz.

— Pára o carro seu estúpido! — gritou uma voz de mulher.

Ferrugem pisou no freio, o carro fritou os pneus dianteiros e parou. Olhou assustado, viu que seu chefe na verdade era uma mulher.

— Você é mulher?

— Não teve tempo sequer de ouvir a resposta, tomou um tiro na cabeça e caiu morto, seu sangue espirrou para todo canto, manchando o *airbag* de vermelho.

— Da próxima vez contrato bandidos profissionais... isso que dá querer economizar!

A mulher abriu a porta traseira e saiu do banco de trás com a arma em punho, viu que já se aproximavam vários carros.

— Maldição!

Tirou o corpo ensanguentado de Ferrugem e o jogou no chão, sentou em seu lugar, deu outro tiro, dessa vez o airbag murchou rapidamente. Tentou dar partida, mas o carro não ligava, entrou em desespero, pois os carros já estavam bem próximos.

Jack observava tudo sem reação alguma, temia por sua vida, pela vida de Anne e de Clarisse. Aquele efeito de paralisação demoraria mais alguns minutos, mas logo passaria, pensava ele.

A mulher se livrou do sobretudo, saiu do carro, foi até onde Jack estava, abriu a porta e lhe apontou a arma.

— Seu estúpido, vai morrer por ter armado essa emboscada!

Quando foi atirar e estourar os miolos de Jack, dois carros estacionaram fritando pneus logo atrás dela, quatro policiais saíram e permaneceram usando a porta como escudo para se protegerem.

Rapidamente a mulher tratou de se livrar da arma, jogou-a dentro do carro.

— Fique com as mãos pra cima onde possamos vê-la! — gritou um polcial, todos os quatro apontaram a arma para ela.

— Tudo bem, tudo bem, o sequestrador está morto! — gritou a mulher.

Um policial se aproximou, a mulher estava com as mãos para cima, Jack ainda estava imóvel pelo efeito do choque, e Ferrugem morto estirado ao chão.

— Ele me sequestrou, me obrigou a entrar no carro, por favor me tira daqui! — disse a mulher com voz de angustia na tentativa de tentar se safar. Tinha de ser rápida, antes que o efeito do choque passasse e Jack a denunciasse.

— Ok, ok... quem mais está aí? — indagou o policial se aproximando de arma em punho.

— O sequestrador morreu... e esse moço atirou nele! — afirmou ela apontando para Jack que continuava imóvel no banco do carona.

O policial aproximou mais, checou o veículo, verificou que só duas pessoas, uma baleada e outra imóvel. Deu sinal para os outros virem, em menos de um minuto o local estava cheio de policiais.

— Calma, tudo vai ficar bem! — afirmou o policial levando a mulher até uma das viaturas.

— Fique aqui, tudo já acabou, está tudo bem agora, fique calma!

— Tá bom, tudo bem, vou ficar bem!

— Ok!

— Elemento no chão está morto! — gritou um policial.

— Elemento do banco é dos nossos, está respirando! — gritou outro.

Outros carros se aproximavam e cada vez mais policiais se aglomeravam em torno do carro. A mulher sabia que tinha de sair dali, e tinha que ser rápido... mas e o dinheiro do saco azul? Amaldiçoou Jack mil vezes mil, por pouco não tinha colocado a mão na grana.

— Estou com tontura, vou vomitar... me ajuda... — disse ela simulando que estava a passar mal.

O policial ajudou-a a se levantar, nesse momento passou Aringarosa correndo alucinadamente em direção ao carro acidentado.

— Pegaram eles? — perguntou ele gritando.

— Só um, e está morto!

— E Jackson?

— Está vivo, provavelmente levou outra injeção ou uma rajada de choque, está imóvel como uma estátua.

A mulher pediu licença para o policial, disse que iria até o canto para vomitar. Ele, com receio de ter que presenciar aquela cena, deixou ela ir até o canto.

Aringarosa abaixou para ver o corpo estendido no chão, era um elemento desconhecido. Colocou a mão na carteira para ver os documentos do meliante, abriu e pediu para verificarem aquela identidade.

— Quero que cerquem o perímetro, primeiro tirem Jackson daqui e chamem uma ambulância... Já olharam no porta-malas? — questionou o inspetor.

— Ainda não chefe...

Aringarosa se dirigiu até o porta-malas, abriu a porta e pra sua grata surpresa lá estava um corpo, imóvel. Colocou seus dedos para verificar os batimentos cardíacos, estava viva! Virou o corpo para ver quem era, era Annelysa. A vítima B tinha sido recuperada.

— Elemento B está aqui, quando a ambulância chegar dê prioridade. — Aringarosa estava eufórico, guardou sua arma, pegou seu rádio e ordenou a equipe Beta a proceder a operação.

— Tinha mais alguém nesse carro?

— Sim senhor, outra vítima de sequestro não identificada, uma mulher.

— Como assim... onde está?

— No carro com o Alencar. — respondeu o policial apontando para o carro do colega.

Aringarosa praticamente voou até o carro, chegando lá, só viu Alencar parado, conversando no telemóvel.

— Cadê a mulher? — questionou o inspetor.

— Espera, vou ter que desligar...

— Alencar, cadê a mulher?

— Senhor, ela está passando mal, está ali...

Apontou para onde ela deveria estar, mas não a viu.

— Estava ali, juro!

— Era o elemento A? — perguntou ele referindo-se a Clarisse.

— Não senhor, era outra mulher que também fora sequestrada.

— E por acaso essa mulher se parecia com essa? — disse ele mostrando-lhe uma foto da suspeita.

A cara de pânico e arrependimento que Alencar fez já o denunciava.

— Seu incompetente, como deixou ela escapar?

— Mas ela disse que ia vomitar, foi até o canto para...

— Cala a boca, vamos atrás dela agora, não é vítima de seqüestro coisa nenhuma, é a principal suspeita e você a deixa fugir... por acaso você não viu a foto antes?

— Vi, mas estava tão diferente, na hora nem percebi, foi tudo muito rápido... ela me enganou, não sei...

— Atenção todos policiais, elemento número zero desaparecida no perímetro, provavelmente em fulga... — gritou o inspetor no rádio interrompendo Alencar.

— Que roupa estava?

— Camiseta branca, tinha manchas de sangue! — respondeu Alencar já imaginando o tamanho da cagada que havia feito.

— Elemento zero de camiseta branca, com possíveis manchas de sangue. — gritou o inspetor no rádio enquanto olhava para todas as possíveis rotas de fuga.

A polícia procurou por todo perímetro, mas nada de encontrar a tal mulher. Depois de alguns minutos Jack recuperou seus movimentos. Tentaram colocá-lo na ambulância, mas ele não aceitou, quando viu que na outra estava sua amada, Anne, foi até ela instintivamente.

— Anne, Anne, você está bem?... Fala comigo...

— Calma rapaz, ela está sob efeitos de sedativo...

— Por favor, Anne, acorda!

— Calma, ela vai ficar bem, agora se afaste por favor... policial tire-o daqui!

Jack foi contido por dois policiais, enquanto via Anne entrar na ambulância e seguir ao hospital.

— Inspetor, cadê ela? — perguntou Jack aflito por não ver a assassina por perto.

— Está bem Jack, foi para o hospital, sua namorada está segura!

— Não inspetor, estou falando da assassina, ela não é um homem, é uma mulher, usou alguma coisa para modificar a voz, estava de máscara, eu vi ela no carro, ia me matar...

— Que merda, mil vezes merda! — resmungou o inspetor.

— O que houve?

— Ela escapou...

— Como?

— Pois é, incompetência policial... mas já estamos cercando todo perímetro...

— Inspetor, vocês tem noção... como puderam...

— Calma Jackson, fique calmo, a pior parte já passou, salvamos sua namorada, a equipe Beta entrou em contato, estouraram o cativeiro, prenderam o outro sequestrador.

— Mas e ela, a assassina, ela é a chefe do bando!

— Sim Jackson, vamos prendê-la, acalme-se!

O inspetor deu as últimas coordenadas para sua equipe, o legista pegou todas as provas que achou útil, a perícia examinou minuciosamente toda cena do crime, por volta da segunda hora da madrugada tudo já estava liberado.

De volta à delegacia Aringarosa e Jackson estavam cabisbaixos e com um terrível sentimento de decepção.

Joseph estava em desespero aguardando notícias, quando viu a equipe entrando na delegacia quase saiu correndo de sua cadeira de rodas.

— Jack, inspetor... o que houve? Cadê elas?

Jack parou, encostou na parede e ali ficou olhando entristecido para o vazio.

Aringarosa sentou-se num banco, puxou a cadeira de Joseph para perto.

— Cadê elas inspetor... prenderam o sequestrador?

— Joseph... nossa equipe fez tudo o que estava ao nosso alcance, um sequestrador está preso, outro morto e outra... infelizmente conseguiu fugir.

— E Clarisse?

— Quando chegamos ao cativeiro, encontramos ela...

— E onde está agora? Quero vê-la!

— Joseph, ela está morta!

Ao ouvir aquilo o chão do jovem pareceu abrir-se, suas vistas de escureceram e um amargo nó em sua garganta surgiu. Só podia ser mentira, uma brincadeira cruel, não era verdade!

— Como? Morta... não pode!

— Sentimos muito... o legista a princípio disse que pode ter sido overdose de tranquilizante, mas tudo será confirmado depois da autópsia.

— Não... diga que é mentira... Jack, cadê elas... — o jovem perguntou desesperado, suas lágrimas começaram a cair de seus olhos como uma cachoeira.

Jack aproximou-se dele, não tinha sequer palavras para confortá-lo, apenas o abraçou.

— Sinto muito... — disse Jack, também triste e chateado pela dor de Joseph, triste em saber que mais um inocente havia morrido graças aquele dinheiro amaldiçoado.

CAPÍTULO 40

Alguns dias se passaram, um pouco da paz e tranquilidade pareciam ter voltado à vida de Jack, mas somente um pouco, pois a paz completa teriam somente no dia em que a misteriosa assassina fosse presa.

Joseph, como era de se esperar só ficava em casa, ora ligava a televisão, ora tentava ouvir uma música, mas tudo que fazia, o fazia lembrar de Clarisse, estava terrivelmente arrasado, não queria falar com ninguém, nem com Aringarosa, nem com sua tia e muito menos com Jack. No enterro da jovem o desespero de sua mãe era algo de partir o coração, perder de forma torpe, uma jovem linda, inteligente e com futuro todo pela frente era algo extremamente triste e desconfortante. Joseph sentiu na pele mais uma vez, em menos de um mês, como era amarga sensação de perder uma pessoa querida. Dessa forma resolveu se trancar em seu mundo, pelo menos até conseguir assimilar tudo o que havia ocorrido.

O depoimento do sequestrador preso foi de suma importância para o inquérito. Alexandre, 32 anos, sulista, originário de Albufeira. Alegou ter sido contratado, juntamente com seu parceiro, Ferrugem, por um homem misterioso que nunca revelava sua identidade, mas como pagava bem, os dois nem se importaram com isso. O serviço era sequestrar duas pessoas, duas mulheres. Ajudar a mantê-las no cativeiro e auxiliar no recebimento do resgate. Alexandre e Ferrugem haviam ganho 100 mil euros adiantado, e o chefe prometera mais 100 mil para cada, depois que recebesse o dinheiro do sequestro. Alexandre jurou a Aringarosa que não conhecia o chefe, que ele tinha os contatado por telefone. Alexandre colocou a culpa da morte de Clarisse em seu falecido amigo, já que estando morto não se importaria. Mas na verdade fora ele próprio que aplicara a dose letal na moça. Mas ao culpar o amigo, ele pensou que poderia se livrar da cadeia mais facilmente, mas logo que Aringarosa e o delegado chefe leram o processo que ele iria enfrentar, Alexandre não ficou nada aliviado, responderia por cúmplice de homicídio, formação de quadrilha, tortura e cárcere privado. Claro, Aringarosa disse que se ele colaborasse com as investigações poderia pegar uma pena menor. Quando o inspetor perguntou se eles conheciam o advogado Campelo Assunção, aí a coisa se modificou, Alexandre confessou que ele e Ferrugem eram velhos conhecidos do advogado, no entanto jurou não saber que ele tinha sido morto e posteriormente acusado de formação de quadrilha, homicídio,

má fé e estelionato.

Tudo parecia resolvido na cabeça do inspetor, Campelo Assunção agia em conjunto com aquela mulher, quando ele morreu, ela não viu outra solução senão contratar dois malandros para continuar seu maquiavélico plano, pois sozinha certamente não conseguiria sequestrar duas pessoas daquela maneira.

***

Em Vila Nova de Gaia, Jack continuava a tentar ligar para Joseph, mas ele não atendia, e as duas vezes que conseguiu, foi sua tia Janete quem atendeu, mas disse que o sobrinho não queria receber nenhuma ligação. Felipe, como sempre, jogava vídeo-game com Beto. Anne ainda abalada tentava não pensar nos acontecimentos passados, e mal podia esperar para irem logo para Zurique e recomeçar a vida, longe daquelas turbulências dos últimos dias.

— Anne, vou até a casa de Joseph, peguei o endereço com o inspetor, tenho que resolver logo a nossa situação para podermos ir embora.

— Está bem querido, mas tome cuidado, ok?

Jack chegou de táxi até o endereço de Joseph, a casa estava fechada, janelas e portas, assim como o enorme portão da garagem. Bateu palmas e ninguém atendeu, então percebeu que tinha um interfone. — Que burro que sou! — disse a si, tocando a campainha.

— Quem é? — atendeu uma voz de mulher, parecia a mesma voz que tinha atendido o telefone anteriormente.

— É Jack, quero falar com Joseph.

— Ele não quer falar com ninguém no momento!— afirmou ela secamente.

— Eu preciso muito falar com ele, é urgente!

Os minutos seguintes foram de um simples pedido a uma longa discussão pelo interfone, Jack insistia de todas as formas para falar com Joseph, sua tia recusava passar o interfone a ele de todas maneiras possíveis.

Jack ia desistindo, iria sair dali, pegar Anne, Felipe e Beto, entrar no primeiro vôo para Zurique, pegar todo seu dinheiro e transfêri-lo novamente para sua antiga conta, uma vez que o verdadeiro dono do bilhete era de identidade desconhecida.

— Tudo bem, vou deixá-lo entrar, mas não sei se ele irá querer conversar com você...

A porta da casa se abriu, Janete saiu rapidamente, abriu o portão para

Jack, o fitou com um olhar de desconfiança, como se ele fosse o perturbador número um da paz.

— Venha logo, Joseph está deitado, não quer sair do quarto!

Ao entrar na casa, Janete trancou a porta e guardou a chave em seu bolso.

— O inspetor te ligou hoje? — perguntou ela.

— Ligou, ele queria falar com Joseph também, mas disse que liga para cá e só você atende.

— Alguém tem que atender, não posso deixar o telefone ficar tocando.

Janete falava secamente com Jack, parecia odiar sua presença ali.

— Venha comigo, vou tentar entrar no quarto dele.

Janete bateu três vezes na porta, nada! Insistiu várias vezes, contudo nada de seu sobrinho abrir ou atender.

— Que estranho, ele sempre atende, mesmo que for pra dizer que não quer falar com ninguém. — disse Janete continuando a bater e gritar pelo sobrinho.

— Joseph... é o Jack, precisamos conversar, estou indo pra Suíça hoje, tínhamos um plano, lembra? — gritou Jack.

Insistiram mais um tanto nas batidas e berros para ele abrir a porta, no entanto tudo parecia em vão.

— Estou preocupada, ele sempre abre! — disse a tia angustiada.

— Será que aconteceu alguma coisa? — pergunta Jack.

— Ai meu Deus, outra desgraça eu não aguento.

— Posso tentar quebrar a fechadura?

— Se for a solução... — confirmou a tia.

— Você viu ele hoje?

— Sim, hoje cedo ele levantou, foi ao quarto de banho, comeu uns biscoitos e voltou pro quarto e se trancou.

Não restou outro jeito, Jack começou a dar pancadas com o ombro na porta. Era dura, nem sequer se mexia. Ele afastou, pediu para Janete dar licença, apoiou seu corpo na parede e com a perna direita chutou violentamente a porta, golpeou-a várias vezes até a fechadura começar a ceder, Jack sentiu uma pontada em sua perna, mas não desistiu. Finalmente a fechadura arrebentou e a porta bateu com tudo contra a parede do quarto escuro.

Janete entrou no quarto, acendeu a luz e para sua surpresa seu sobrinho

não estava ali. Enquanto Jack recuperava o fôlego e massageava sua coxa, Janete procurou de baixo da cama, dentro do guarda roupa, verificou a janela, mas nada do sobrinho.

— Ele não está aqui... ai meu Jesus Cristo...

— Certeza? — indagou Jack levantando e entrando no quarto.

Olhou todos os cantos e não achou nem sinal do amigo. A cama estava desarrumada, muitos papéis e calçados jogados pelo chão.

— Ele deve ter saído enquanto eu tomava banho, só pode... caso contrário eu teria percebido.

— Ele não está na cadeira de rodas?

— Estava! Bom, ele já conseguia caminhar de muletas, mas para sair assim, não sei...

Janete procurou as muletas do sobrinho pelo quarto e não as encontrou, a cadeira de rodas estava na sala.

— Faz idéia de onde ele pode ter ido?

— Não sei, ele estava tão mal, tão triste, sem ânimo nem para sair do quarto... ai meu Deus, você acha que pode ter sido...

— Não sei, vamos ligar para a polícia. — disse Jack já pegando seu telemóvel para ligar para o inspetor.

CAPÍTULO 41

Joseph chega à biblioteca praticamente se arrastando em sua muleta. Carmen, a zeladora, a que encontrou o corpo de Jonas, lhe passou um SMS, alegando ter descoberto informações primordiais sobre o assassinato de seu pai. Disse ainda para ele ir sozinho até a biblioteca e não avisar ninguém, pois tinha muita gente má no ciclo de convívio dele, muitos lobos se passando por cordeiros.

Assim que entrou Carmen já o aguardava no hall principal, deu um leve sorriso, estava um tanto tensa, o cumprimentou com um abraço e pediu para que a seguisse até uma sala melhor para conversarem.

Carmen andava devagar para que rapaz pudesse acompanhá-la. Joseph estava curioso para descobrir que informações sigilosas eram essas que ela teria para lhe passar, a ponto de fazer ele sair de casa quase que se arrastando. Desceram de elevador até o subsolo, chegaram à reserva técnica, o ambiente estava pouco iluminado, um forte cheiro de livro velho e mofado penetrou suas narinas, Joseph espirrou, pois assim como Clarisse, também tinha alergia à poeira.

— Venha, continue me seguindo! — pediu Carmen.

Caminharam mais alguns passos até chegarem numa porta de ferro, não tinha placa que identificasse o que era ali; a zeladora abriu a porta, acendeu a luz e clareou toda a sala. Dentro havia uma mesa redonda no centro, uma geladeira, um fogão industrial velho e uma pia.

— Pode entrar... aqui é a antiga copa da biblioteca, com a nova reforma ganhamos outra melhor e maior, fica lá em cima, assim não precisamos ficar descendo aqui toda hora. — alegou Carmen entrando logo em seguida e trancando a porta.

— Posso sentar? — perguntou Joseph extremamente cansado de praticamente andar pulando com aquelas muletas.

— Pode sim!

Joseph com dificuldade conseguiu se sentar. Apoiou as muletas sobre outra cadeira e relaxou.

— Bom, o que tem pra me dizer?

Carmen se virou para ele, estava com o rosto nitidamente entristecido, mudara completamente sua fisionomia. Nitidamente lágrimas pareciam escorrer de sua face.

— O que foi Carmen, algum problema?

— Me desculpe... eu não queria...

— Não queria o que?

— Eu não queria... mas ela me obrigou, disse que se eu não fizesse iria me demitir, iria me denunciar pra polícia e ainda fazer mal para meus filhos, não tive escolha...

— Não queria o que mulher, fale logo! — insistiu Joseph não entendendo mais nada.

A porta se abriu novamente e dela surgiu o maior pesadelo de Joseph, o pierrot, dessa vez não usava sobretudo negro, apenas sua máscara e, como sempre, um revólver apontava para a vítima. Joseph em estado de choque, nem conseguiu perceber nada além da máscara e revólver.

— Não pode ser... você... você me trouxe até ele... — disse Joseph incrédulo olhando para Carmen aos prantos.

— Não queria, juro!

— Cale a boca Carmen, sua parte você já fez, agora trate de ficar sentada ali, junto com ele... vamos! — dessa vez a voz grave e robótica deu lugar a uma voz feminina. Assim que ouviu aquela voz, o cérebro de Joseph processou que a conhecia de algum lugar; não, não podia ser!

— E você, Joseph, querido, não me ofenda me chamando de ele...

O pierrot pôs a mão na máscara e a tirou, Joseph logo ficou atônito ao ver Ciana, a chefe da biblioteca, e ex chefe de seu falecido pai.

— Surpreso com alguma coisa?

— Não pode ser!

— Mas é, sou eu, seu pesadelo... — disse Ciana em gargalhadas.

Joseph fechou por um instante e reabriu seus olhos, viu nitidamente ela para ali, lhe apontando uma arma, dessa vez sem silenciador. Notou que ela estava pálida, olhos vermelhos, nitidamente parecia outra mulher.

— Você é quem está por trás de tudo?

— Não se faça de inocente querido, vai dizer que aquele investigadorzinho já não havia lhe dito? Eu sei que a polícia já está atrás de mim, vieram aqui me procurar, foram em casa várias vezes...

— Não... não me disse nada, caso contrário não teria aceitado vir até aqui, sabendo que era um emboscada.

Joseph colocou a mão esquerda em uma das suas muletas, que desequilibrou e caiu no chão.

— Ops, fique paradinho aí, senão levará chumbo quente! — ela engatilhou a arma e mirou para a cabeça do rapaz.

— Por favor patroa, não faça nenhuma besteira...

— Cale a boca idiota, senão mato você também.

— O que você quer de mim sua assassina miserável? — perguntou Joseph em tom de desafio.

— De você querido? Não quero nada... você e seu pai são tão idiotas que nem conseguiram sequer ficar com o dinheiro da euromilhoes... tenho pena de vocês...

— Guarde sua pena para você quando a polícia te prender!

— E você acha que irão me prender? Sou mais esperta querido!

— Sua vaca miserável, já matou meu pai e minha amiga... e agora o que mais quer de mim?

— O que? — indagou Ciana surpresa. — pelo que sei... seu pai eu posso ter matado, mas matar sua amiga? Do que está falando?

— Não se faça de cínica...

— Espera... eu não sabia que você era amigo da Sabrina... por quê se está falando dela... bom, essa quem matou foi aquele seu advogado incompetente.

— Você matou a Clarisse, vai pagar por isso! — o sangue fervia dentro das veias de Joseph, se não estivesse impossibilitado de andar sem muletas, já teria voado para cima daquela desgraçada.

— Quer dizer que sua amiga morreu?

— Você vai arder no inferno vadia miserável! — Joseph a xingou.

— Estou chocada... então meu plano de vingança saiu melhor do que o esperado... confesso, não era minha intenção que ela morresse sem ser por minhas próprias mãos, mas quando eu saí do cativeiro ela ainda estava viva...

— Você a matou! — gritou ele desesperado.

— Pode gritar o quanto quiser... aqui embaixo não tem mais ninguém, e lá em cima ninguém o ouvirá... Me diga uma coisa, do que ela morreu?

— Overdose, você a matou aplicando aquele maldito tranquilizante.

Ciana ficou surpresa, sabia que tinha algo errado com Clarisse, pois depois que Alexandre havia aplicado-lhe a dose de tranquilizante, ela não recobrou mais a consciência. Ele jurou que tinha aplicado a dose correta. Mas agora para causar uma morte, provavelmente ela tinha sofrido algum colapso, uma alergia fatal, só isso explicaria tal fenômeno.

— Confesso que fiquei feliz com a notícia... a princípio sequestrei ela

com intuito de vingar a morte do Assunção, iria matá-la, mas depois percebi que seria mais útil deixá-la viver, era uma garantia que teria para poder fugir com o dinheiro todo depois que devolvesse aquela outra biscate praquele outro... como é o nome dele mesmo?... ah sim, Jackson, isso mesmo!

— Por que matou ela?

— Você é burro ou é surdo? Eu não a matei, quem deu a dose de tranquilizante na vadia foi meu capanga...

— Vadia é você sua miserável!

— Não fique nervoso querido, pessoas morrem todos os dias, todas as horas...

Carmen continuava observando em prantos aquela conversa toda, nunca imaginara que aquela mulher fina, elegante e gentil era na verdade um monstro.

— Qual sua ligação com Assunção? De quem era aquele bilhete?

— Assunção, Assunção... que Deus o tenha... era tão, tão... melhor deixar as minhas intimidades pra lá...

— Vocês eram amantes?

— Que inteligente você é... caiu a ficha!

— Meu pai sabia de sua ligação com ele?

— Claro que não, apesar de ter sido seu pai quem nos apresentou... mas o coitado não tinha a mínima noção que eu e Assunção tínhamos nos dado tão bem, a ponto de formarmos uma equipe... uma quadrilha, sei lá como chamam por aí.

— E o bilhete? De quem era? Quem é Cecília Alvarenga?

— Quanta pergunta, assim ficarei tonta... ai meus sais!

Joseph percebeu que Ciana não estava muito lúcida, parecia estar sob efeito de algum alucinógeno.

— O bilhete querido, eu não faço a mínima idéia de quem era... fiquei sabendo dele depois que Assunção me contou, disse-me que seu pai o procurou, depois de ter achado o bilhete jogado na biblioteca, queria saber o que fazer com ele, se poderia sacar ou não e, nada melhor que a orientação de um advogado, concorda?

— Canalhas, vocês agiram de má fé com meu pai, agiram na crocodilagem, na traição.

— O mundo é dos espertos querido!

— Depois disso vocês se uniram para roubar o bilhete do meu pai, foi

isso?

— Exatamente... eu fiquei encarregada de pegar o bilhete e sumir com seu pai, no começo achei arriscado demais o plano de Assunção... mas quando ele falou tudo que poderíamos fazer com 145 milhões de euros, não foi difícil me convencer a entrar no plano... — Ciana abaixou a arma, relaxou um pouco, jogou a máscara no chão. — Mas a idéia dessa máscara horrorosa não foi minha, foi dele, acho que ele via muito filme de terror, só pode!

— Vocês são sádicos, doentes...

— Pode ser... mas depois que usei aquela arma, a máscara e o modificador de voz para matar seu pai, confesso que fiquei com uma sensação indescritível de poder... foi tão bom, mal podia esperar para repetir o feito...

— Você é psicopata!

— Depois disso Assunção foi atrás de Sabrina, matou a pobre moça... e eu fui na casa daquele amigo do Jackson, Beto... pensei que o tivesse matado, mas pelo visto errei a pontaria, que ódio!

— Então, Assunção foi na minha casa para matar eu e Clarisse?

— Isso mesmo... mas aquela vagabunda... ela matou meu Assunçãozinho...

— Limpe sua boca para falar da Clarisse!

— Que bonitinho, querendo defender a falecida.

Joseph ainda estava atônito em meio toda aquela situação, como podia aquilo estar acontecendo? Logo aquela mulher, que parecia tão atenciosa e preocupada com ele. Nunca passara em sua mente nem sequer um mínimo de desconfiança de que ela estivesse por trás de todos os crimes, principalmente o de seu pai, de quem jurava ser amiga.

— Depois que sequestrei sua amiguinha, peguei também a namoradinha do Jackson, ela sim era uma galinha dos ovos de ouro... foi por pouco que não botei as mãos em todo o dinheiro... só de imaginar que iria ficar milionária já me dá um negócio que nem sei explicar... bom, pelo menos o Jackson me mandou uns trocadinhos na conta da Cecília, é uma miséria, claro... mas já dá pra fugir do país e recomeçar a vida em outro lugar.

— Quem é Cecília?

Ciana suspirou, sempre que ouvia aquele nome uma sensação de calor invadia seu peito, fazendo seus batimentos aumentarem.

— A Cecília... ela foi uma amiga, uma companheira... uma ótima amante também, confesso! — ela caiu na gargalhada, estava nitidamente perturbada.

— Mas acabou, fazer o que... as pessoas morrem, nascem, morrem...

— Você a matou também?

— Isso não vem ao caso, não tem nada a ver com você...

— E o que é que tem a ver comigo? O que você quer de mim?

Todos na sala fizeram silêncio, Ciana continuava a olhar para Joseph que retribuía o olhar de ódio. Carmen sentada na cadeira sem entender nada só chorava baixinho e soluçava. Pensava somente em sair logo dali, voltar para seus filhos e esquecer aquele pesadelo.

— Não sabe ainda? — questionou Ciana.

— Ande, fale o que quer?

— Vingança, apenas vingança...

— Então faça logo, ande, me mate!

— Não tenha pressa... tudo tem sua hora, você foi o primeiro escolhido para saborear meu prato quente...

— Que prato?

— Não dizem por aí que a vingança é um prato frio que se come quente...

— Você é realmente maluca, tem que se tratar!

— Maluca ou não, irei acabar com você, depois irei atrás daquele Jackon, aquele filho da puta... graças a ele estou na pior... bandido, me traiu!

Nesse momento Joseph sentiu seu telemóvel vibrar em seu bolso, graças a Deus não tinha colocado para tocar. Tinha de dar um jeito de atendê-lo, podia ser sua salvação. Joseph endireitou-se na cadeira, com uma das mãos abaixou-se para pegar sua muleta caída e com a outra pegou o celular no bolso, apertou o botão para atender e o colocou escondido na cadeira, atrás de seu corpo.

— O que vai fazer com essa muleta? Vai quebrá-la em minha cabeça por acaso? — perguntou Ciana sem notar que ele fizera aquele movimento só para conseguir atender o telemóvel.

— Ciana, você está louca, como pode matar meu pai? Se juntar com Assunção para tramar todos esses crimes? Por que não fugiu? Por que continuou escondida aqui nessa copa antiga no subsolo da biblioteca?

A intenção de Joseph era passar o máximo de informações possíveis para quem é que fosse que estivesse te ligando, torceu para que a pessoa tivesse escutado e conseguido pegar todas as pistas.

— Você parece criança Joseph, faz muitas perguntas, não parece

nenhum pouco com seu pai, ele era tão quieto!

— Você vai pagar por tudo que fez, a polícia vai chegar aqui a qualquer momento, ou você acha que eu vim até aqui sem avisar ninguém?

A pergunta colocou uma dúvida na mente de Ciana, seria verdade ou apenas blefe dele para tentar escapar?

— Não acredito, você acha que se a polícia soubesse meu paradeiro já não estaria aqui? Assim que despistei aqueles policiais burros, aqui foi o primeiro lugar que pensei em vir, eu tinha todas as chaves comigo, se entrasse aqui de madrugada e ficasse escondida, ninguém me acharia, e foi o que aconteceu, a polícia não veio aqui nenhuma vez sequer depois daquela noite.

— Ciana, por favor... vamos sair daqui, vamos conversar como sempre conversamos... — sugeriu Carmen soluçando de tanto chorar.

— Cale sua boca Carmen... fique quieta que de você eu cuido depois.

— Vai me matar também?

— Talvez... se você ficar me atrapalhando...

Carmen voltou a chorar quieta novamente, estava com muito medo de que sua chefe pudesse fazer algo de ruim com ela e com Joseph.

— Vamos parar de enrolar e terminar logo com isso... — Ciana novamente voltou a apontar a arma para Joseph.

— Calma, podemos negociar... sei de algo que lhe interessa muito...

— E o que poderia ser?

— Jackson transferiu 40 milhões de euros para a minha conta... foi um acordo que fizemos depois do sequestro de Annelysa e Clarisse...

— Você está mentindo! — alegou ela começando a se interessar naquela novidade.

— É verdade, se quiser me traga um computador que eu acesso minha conta e te mostro.

— Você está blefando!

— Estou falando sério... se me deixar sair daqui, se prometer que desaparecerá de minha vida para sempre, eu juro que te dou todo o dinheiro.

Ciana analisou a proposta, não acreditou muito, mas se fosse verdade, poderia se vingar e ainda passar a mão em 40 milhões de euros, poderia fugir tranquilamente para qualquer parte do mundo.

— Para sua sorte, tenho aqui meu telemóvel, ele funciona internet que é uma beleza... acesse sua conta daqui e me mostre. — disse ela jogando o aparelho no colo de Joseph.

Ele pegou e desbloqueou o aparelho, tinha de ganhar tempo, mexeu e mexeu e alegou que não conseguir conectar.

— Tu és um burro mesmo, me de aqui meu aparelho.

Joseph jogou o aparelho de volta para ela. Ciana tentou conectar, mas o sinal da rede ali embaixo não funcionava.

— Droga!... devia ter mandado colocar um roteador aqui nesse buraco! — disse ela indignada consigo mesma.

— Carmen! — gritou ela.

— O quê?

— Busque na minha sala um notebook, traga um daqueles fios amarelos de rede que tem às pencas na caixa dentro do armário, acredito que aqueles plugs de rede que tem aqui ainda funcionam.

— Tudo bem, eu irei...

— E por favor, arrume essa cara... nem preciso te falar que se você contar algo há alguém eu juro que mato seus filhos e você...

— Tudo bem, não direi nada!

Carmen se levantou, limpou o rosto com a camiseta e saiu cambaleando.

— Volte logo! — ordenou Ciana abrindo a porta para ela.

— Tudo bem! — resmungou Carmen.

Ciana continuou conversando e ameaçando Joseph, jurou que se ele estivesse mentindo para ganhar tempo, iria matá-lo com requintes de crueldade.

Joseph estava blefando sim, mas tinha que fazer aquilo para ganhar tempo, já que devido a sua impossibilidade de locomoção seria inútil tentar desarmar aquela bibliotecária sádica. Restava apenas esperar, esperar por um socorro que talvez jamais viesse.

CAPÍTULO 42

Carmen não demora e volta com o notebook e o cabo de rede, entrega-os para sua chefe. Ciana aponta a arma para os dois e ordena-os a ficarem juntos e se afastarem para que ela possa ligar o notebook à rede. Joseph torce para que ela não consiga acessar a rede, pois seu futuro depende daquela conexão, pois temia que quando Ciana entrasse em sua conta bancária e visse que ele possui somente alguns euros e, não os 40 milhões que havia afirmado, com certeza ficaria muito furiosa a ponto de cumprir sua promessa e matá-lo.

— Qual o banco?

Joseph respondeu, assim como disse também a ela seu login de acesso e senha.

— Estás a achar que sou idiota? Senha incorreta, mais duas tentativas e o sistema bloqueia, se não me der a senha correta estouro a cabeça dela agora! — afirmou Ciana apontando a arma para a cabeça de Carmen, que, como era de se esperar estava aos prantos, soluçando muito, desesperada e em pânico.

— Desculpe, estou nervoso... faz tempo que não acesso o site... a senha é 850601.

"Senha incorreta, última tentativa!" foi a mensagem que apareceu no monitor.

Ciana olhou furiosa para Joseph, ergueu sua arma mirando nele, o rapaz pensou que seria seu fim, fechou os olhos e ouviu um disparo, seu coração acelerou, tentou sentir onde tinha sido o impacto, mas não sentiu dor nenhuma, estaria morto? — imaginou ele. Abriu os olhos, viu que a arma continuava apontada para sua cabeça, olhou de relance para o lado e viu Carmen, caída no chão, uma poça de sangue começava a se fazer embaixo de sua cabeça.

— Você é louca, como pôde fazer isso?

— Joseph, acho que você ainda não está acreditando no que eu digo... se não me falar a senha correta, o próximo tiro será em você...

Ciana estava nitidamente nervosa e irritada, suas mãos tremiam de ódio e vontade de acabar logo com aquilo, pegar todo dinheiro de Joseph e depois dar-lhe um tiro na cara, para ele aprender que ela não estava de brincadeira.

— Pela última vez... qual a maldita senha?

Joseph estava em uma encruzilhada, logo pensou no velho ditado popular: "se correr o bicho pega, se ficar ele come!". Se desse novamente a

senha errada morreria, se desse a correta ela entraria em sua conta e depois o mataria do mesmo jeito. Tudo era ruim, mas a segunda opção o faria ganhar mais tempo.

— 19850601... está é a senha correta...

— 19... 85... 06... 01... — repetiu Ciana enquanto digitava os números no teclado.

Apertou enter e esperou, uma nova tela se abriu, finalmente tinha entrado.

— Muito bem, assim que gosto de ver, está cooperando... pena que para isso tive que matar minha melhor zeladora... vai ser difícil encontrar outra à sua altura... apesar que isso não é mais problema meu, nem vou mais trabalhar aqui mesmo, vou pegar todo seu dinheiro e fugir pra bem longe, viver só de regalias em algum país do hemisfério sul... talvez o Brasil... aliás, você nasceu lá, não é? Seu pai sempre me falava das maravilhas brasileiras.

Joseph tinha de fazer algo, e tinha de ser rápido, quando Ciana fosse para página de extrato e não visse nada, seria seu fim. O rapaz olhou para todos os lados, estudou as possibilidades, não eram muitas.

Ciana abriu o saldo da conta corrente, logo viu o que temia, não tinha nem se quer um único milhãozinho, quiçá 40. Olhou decepcionada para Joseph, apontou-lhe a arma.

— Acha que pode me enganar assim seu patife...

— Calma, o dinheiro está aí... olhe direito!

— Não tem nada aqui no seu saldo, cale a boca e prepare-se para encontrar seu pai no inferno...

— Espere, você olhou na conta corrente, o dinheiro está na poupança!

Joseph mais uma vez conseguiu ganhar tempo, colocou outro ponto de interrogação na cabeça de Ciana, que abaixou a arma conferindo o saldo da conta poupança, para sua decepção não tinha nada.

Com ódio extremo por ter sido novamente enganada, levantou-se para terminar logo com o serviço e despachar Joseph de uma vez por todas. Assim que lhe apontou o revolver uma muleta veio em sua direção, acertando-lhe em cheio. Ciana sem esperar aquilo atirou para o alto, cambaleou para trás deixando a arma cair. Joseph com muita dor e sacrifício levantou-se apoiando na mesa, assim que apoiou a perna machucada no chão, urrou de dor, parecia que foices entravam em sua carne, dilacerando-a. Tentou chegar até a arma caída no chão antes que Ciana se recuperasse da muletada, mas com sua perna

daquele jeito era difícil. A bibliotecária levantou-se, empurrou Joseph que caiu para trás batendo a cabeça na cadeira, a dor só não foi pior porque Ciana fez questão de lhe dar um chute na perna machucada, aquela sem dúvida foi a pior dor que Joseph sentira em toda sua existência. Desejou não ter mais a perna para não sofrer tanto, urrava desesperado, pela dor e por ver Ciana com a arma apontada para seu corpo estendido e se contorcendo de dor no chão.

— Morra desgraçado! — disse ela cheia de orgulho por ter vencido...

— Parada aí! — gritou Aringarosa entrando pela mesma porta que Ciana esquecera de trancar quando Carmen lhe trouxera o notebook.

Ciana sem ter tempo de pensar apontou a arma para Aringarosa, mas antes que pudesse apertar o gatilho já se viu caindo no chão alvejada por um disparo que lhe penetrou direto no peito. Sangue espalhou por toda sua cavidade torácica, uma severa hemorragia interna tomou conta de seus pulmões, os enchendo de sangue. Já estirada no chão, Ciana sentiu um terrível e amargo gosto de sangue quente em sua boca, aos poucos sua visão foi ficando embaçada, ouvia vagamente comentários de várias pessoas adentrando na pequena copa. Tinha sido derrotada, isso era o que mais lhe doía saber, não conseguira completar o plano, agora finalmente iria fazer companhia a seus dois amantes, Cecília e Assunção.

— Um médico, rápido! — foi a última frase que Ciana ouviu antes de cair no sono da terrível e eterna escuridão.

Joseph apesar da dor que sentia, ficou aliviado ao ouvir a voz de Aringarosa e dos outros policiais. Ao sair da biblioteca de maca, viu vários carros da polícia parados fora dali, havia também muitas pessoas e repórteres querendo saber o que tinha ocorrido. Antes de entrar na ambulância, Jack e Janete se aproximaram de Joseph, estavam sorrindo, sorrindo de felicidade, pois o pesadelo tinha acabado e Joseph apesar de tudo estava bem.

CAPÍTULO 43

Ainda no Hospital Geral, Joseph se recuperava, ou pelo menos tentava. Sua tia Janete não o deixava sozinho um minuto sequer, pois nesses dias de convivência passou a gostar de verdade do sobrinho, agora ele era um dos últimos membros de sua família, e após a morte de seu irmão, Janete começara a valorizar mais sua família.

Aringarosa tomou depoimento de Joseph, que revelou tudo que Ciana havia lhe dito, sua versão respondia praticamente todas as dúvidas do inquérito policial. Enfim, ele podia ser arquivado, pois Ciana e Assunção, os cabeças de todos os crimes já estavam mortos, Ferrugem, um mero peão também morrera, e seu comparsa, Alexandre, pegaria muitos anos de prisão. Só restava uma única dúvida no inquérito, talvez essa nunca fosse solucionada; quem era aquela misteriosa mulher que aparecia jogando o bilhete? Aringarosa desistiu de tentar saber, aquele caso já consumira demais suas energias, quantas horas de sono tinha perdido? Sua mulher e seus filhos já pensavam que não tinham mais marido e pai. Agora a única coisa que o inspetor queria era pegar uns dias de folga e viajar com sua família para a Turquia. Seu nome estava estampado em todos os jornais da cidade e do país. Ele estava orgulhoso de si mesmo, todos contavam a mesma história, Aringarosa era o policial herói, tinha desmantelado a quadrilha de assassinos, sequestradores e estelionatários que agiam na cidade do Porto.

***

Em Zurique, Jack deixou Anne e Felipe no hotel, novamente tiveram de utilizar a tática de terem esquecido o passaporte, mas nada que um punhado de euros não resolvessem na própria recepção do hotel. Ele foi até o centro de táxi, deu uma generosa gorjeta ao taxista e desceu, indo em direção a agência bancária. Estava com o número da conta de Joseph, como havia prometido iria transferir a ele metade de seu dinheiro, talvez isso o ajudaria a superar um pouco os traumas de todas as perdas que ele havia tido. Também iria mandar um bom tanto do dinheiro para sua agencia no Brasil, uma vez que pelo que tudo indicava não iria mais ser processado por ter sacado o dinheiro com o bilhete que não o pertencia, já que o verdadeiro dono não apareceu!

Jack com seu cachecol preto entrou no banco, saía fumaça de sua boca, estava bem mais frio ali do que em Portugal, não via a hora de voltar para o hotel e tomar um bom chocolate suíço com Anne, bem quentinho!

— Good morning, Mr. Jackson, do you speak English? — perguntou um dos gerentes do banco.

— No! — respondeu Jack.

— Ok, todo bien, irei tentar a falar em su língua, porem no sei mucho, mas vamuos tentar.

— Tudo bem, consigo entender!

— O que deseja fazier hoje em nostro banco?

Jack explicou, em português, bem calmo, devagar. O gerente de contas parecia entender perfeitamente o que o jovem queria. Pediu para que o acompanhasse até um lugar mais aconchegante, pediu por telefone e uma moça trouxe-lhes chá. O gerente pediu o cartão do banco, Jack o entregou, passou o teclado numérico para Jack, que digitou sua senha. Assim que entrou na conta de Jack o gerente franziu a testa, olhando desconfiado para o rapaz à sua frente.

— Tu estas cierto que possui 134 miliones de euros em su conta?

— Sim, isso mesmo, foi o que mandei do Brasil para cá.

— Sinhor Jackson, acho que estas haver um engano...

— Como assim?

— Olhe aqui! — o gerente virou o monitor para Jack, assim que o jovem viu o saldo de sua conta seu coração acelerou, suas pernas tremeram e suas mãos suaram.

— Como assim... não pode ser! — disse Jack atônito.

— Sim, não tien sequer um centavo de euro, tudo foi transferido por volta de setie dias atrás.

— Meu Deus, como transferido? Quem transferiu?

— Sienor Jackson, se conta é sua, somente tu pode ter retirado.

— Não retirei e nem transferi dinheiro algum... isso só pode ser brincadeira.

— Não sei o que fazier pelo sinhor, o sistema no falha!

Jack descrente de tudo o que estava acontecendo, não sabia o que fazer, ficou indignado, pediu para o gerente deixá-lo mexer novamente no computador, mas mal conseguia digitar a senha, de tanto nervosismo. Quando entrou no sistema, viu que realmente não tinha nada em sua conta. Fechou o

sistema, pegou seu cartão e foi até um caixa eletrônico, aquilo não estava acontecendo, era só um erro no computador, o caixa eletrônico mostraria que seu dinheiro continuava ali.

O gerente vendo que o rapaz parecia transtornado chamou os seguranças, pediu para que olhassem Jack, e qualquer coisa era para agirem da melhor maneira possível, sem causar constrangimento para os outros clientes que ali estavam.

No caixa eletrônico apareceu novamente ZERO de saldo, Jack puxou o extrato, tinha que ver para crer. Quando o caixa cuspiu o papel para fora ele olhou a confirmação do que o gerente tinha lhe dito. Seus milhões haviam sido transferidos para outra conta, ali só possuía os números dessa conta, não tinha nome.

— Não, não pode ser! Isso é um pesadelo, só pode... vou acordar, vou acordar... — Jack andava de um caixa pro outro, tirava extrato em todos, as pessoas que estavam ali começaram a achar estranha aquela movimentação do rapaz, logo os seguranças se aproximaram e o convidaram a se retirar.

Jack então parou de agir daquela maneira descontrolada, respirou fundo, tentou acalmar-se, ficar desesperado não o ajudaria, pelo contrário, acabaria sendo expulso dali. Apontou para o gerente que continuava sentado atrás de sua mesa, fez sinal de diálogo, ele assentiu, e os seguranças deixaram Jack voltar a ter com o gerente.

— Como alguém transfere todo meu dinheiro dessa maneira?

— Sinhor Jackson, acalme, vamos tentar resolver tu problem, queira vir comigo.

O gerente Luca levou Jack para dentro das partes administrativas da agência. Lá poderiam conversar com mais calma, sem que Jack causasse tumulto no saguão principal. Luca pegou o telefone, fez uma ligação e chamou o gerente geral. Kubilay não tardou em ir até a sala reservada. Seu português era bem melhor do que de Luca.

Kubilay e Luca sentaram e analisaram a conta do rapaz, passo a passo, com bastante calma. E tudo comprovava que o dinheiro tinha sido transferido de uma conta para outra mediante senha e documentação pessoal.

— Quer dizer que vocês acham que eu vim aqui pessoalmente, há oito dias atrás, e transferi todo meu dinheiro pra essa outra conta?

— É o que o sistema nos mostra! — respondeu Kubilay.

Luca assentiu em concordância.

— Isso é impossível... eu estava em Portugal, tenho como comprovar!

— Senhor Jackson, por favor, não se altere, nós vamos...

— Não se altere? Como não me alterar? Sumiram 134 milhões da minha conta e não quer que eu me altere?

Kubilay não sabia mais o que fazer, os fatos por si já se comprovavam, a pessoa que fez a transferência tinha ido até ali, possuía a senha, o cartão e os documentos de Jackson, só podia ser ele.

— Quero ver a gravação dessa pessoa que veio até aqui se passando por mim! — alegou Jack tentando manter a calma.

Luca olhou para seu chefe, que olhou para Jack.

— Não podemos mostrar!

— Como assim não podem mostrar? Me roubaram, eu exijo saber quem foi?

— O senhor bem conhece as normas de nosso banco, assinou o contrato... somos um banco Suíço, privamos por sigilo absoluto dos dados e contas de nossos clientes, não podemos...

— Eu sou um cliente dessa bosta de banco, eu fui roubado, exijo saber ao menos quem foi o infeliz que me roubou... — gritou Jack se levantando furiosamente e batendo a mão sobre a mesa.

Kubilay já até estava vendo, um enorme escândalo seguido de manchetes negativas sobre seu banco em tablóides do mundo todo, tudo isso junto a crise européia dos últimos anos, seria um caos para os negócios. Mas não podia fazer nada, estava protegido pela lei fiscal e bancária de seu país. Mostrar a gravação para aquele maluco era algo fora de cogitação. Até que se prove o contrário, se é que se poderia provar, ele mesmo tinha transferido seu dinheiro todo mediante senha e documentos.

— Quero saber o nome do titular dessa conta! — gritou Jack mais uma vez.

O gerente geral discretamente apertou um botão vermelho em baixo de sua cadeira, em menos de vinte segundos os seguranças chegaram para retirar Jack de lá.

— Não podem me tratar assim, sou um cliente... vocês me roubaram! — gritava Jack enquanto era levado dali pelos três seguranças.

— Cada maluco que me aparece! — disse Kubilay se retirando da sala.

— Tu achas que ele foi robado? — perguntou Luca.

— Creio que sim... mas não podemos fazer nada. A pessoa que transferiu

o dinheiro tinha todos os dados dele...

— E agora, que fariemos?

— Nada, não terá como ele comprovar, não daremos a gravação, ele pode entrar na justiça se quiser, mas a lei está ao nosso lado. — respondeu Kubilay sorrindo e saindo dali rumo a sua sala no 12º andar.

Jack foi posto para fora pela porta do fundo, para evitar escandâ-lo. Os seguranças disseram algo em alemão, pelo tom de suas vozes pareciam ameaças. Jack não sabia o que fazer, como explicaria aquilo a Anne, a Joseph. Pegou seu celular, precisava de orientações com urgência. Ligou para seu amigo Jeferson, pois ele poderia lhe dar um rumo e lhe mostrar como proceder naquela situação. Para sua frustração, novamente não conseguiu falar com ele.

CAPÍTULO 44

Anne tentava consolar Jack, o rapaz ainda estava sob o efeito da perda repentina de um grande bem. De um dia pro outro ficara milionário, e também de um dia para o outro ficara pobre. E agora, o que iria fazer? Todos seus planos, seu sonhos de casar com Anne, levá-la para conhecer Paris e o resto do mundo, comprar uma casa bem grande e aconchegante, vários carros luxuosos, tudo isso tinha desmoronado sob seus pés. O que iria falar para Joseph? Prometera a ele a metade de seus milhões, no entanto não poderia dar-lhe nem meio euro, o único dinheiro que tinha em espécie eram as últimas notas de euro que sobraram da última maleta que trouxera do Brasil... Jack amaldiçoou mil vezes quem o roubou, só podia ser um complô... teria algo a ver com a assassina Ciana? Teria ela de alguma forma conseguido roubar-lhe? Pelo que Joseph contou não devia ser, pois ela morreu desejando por a mão em seu dinheiro.

Como Jack estava demorando para mandar notícias, e Joseph já estava ficando preocupado, resolveu ligar para o amigo. A princípio Jack não atendeu, estava com vergonha e receio de falar com ele, certamente Joseph não iria acreditar nessa história.

— Amor, você não pode fugir dele para sempre, uma hora vai ter que ter atitude e contar-lhe a verdade... talvez juntos vocês possam resolver esse problema. — foi o que Anne disse para motivar Jack a ligar para Joseph contando-lhe toda a verdade.

Como era esperado, Joseph não acreditou nenhum pouco naquela história, chamou Jack de mentiroso e egoísta, o acusou de querer ficar com todo o dinheiro para si. Jack falou, falou... explicou e re-explicou a história diversas vezes, mas tudo era em vão, Joseph não acreditou em nada do que Jack falava. Furioso Joseph desligou o telefone e jurou que iria processá-lo, e que não o deixaria em paz enquanto ele não desse sua parte no acordo.

A ligação fez Jack ficar pior do que já estava, Anne tentou contatar Jeferson, mas novamente seus telefones não atendiam, agora somente ele podia nortear o amigo.

— O que vou fazer Anne? Como vou cuidar de vocês agora? — perguntou Jack deitado aos seus braços no sofá do hotel.

— Lembra quando nos conhecemos? Quando morávamos em Matinhos... — respondeu Anne enquanto acariciava o rosto e afagava os cabelos de Jack.

— Lembro sim, eram tempos extraordinários aqueles...

— Sim, eram sim... Jack, naquela época não tínhamos dinheiro pra nada, nem pra um guaraná, não tínhamos grandes preocupações, mas éramos felizes... ou pelo menos tentávamos ser.

— Sim, éramos... não completamente, pois eu não tinha você por completo como sempre desejei. — disse Jack suspirando baixinho.

— E nem eu você querido... nem por isso deixo de recordar todos os dias aquela época... foi a melhor de nossas vidas...

— Isso sim, pelo menos não tínhamos as preocupações de hoje.

— Jack, por que não voltamos para o Brasil, podemos recomeçar nossas vidas lá...

— Você fala... voltar pra Matinhos?

— Não sei... digo voltar para lá, não importa onde vamos morar, desde que seja em nosso país... acho esse continente tão frio, tão sombrio, você não acha?

Jack sorriu para Anne, aproximou seu rosto e a beijou. Como era bom estar ali com ela, Anne era o alicerce de sua vida agora, só conseguia deixar de pensar um pouco no dinheiro perdido graças a ela, graças ao seu olhar, seu carinho, sua cumplicidade e principalmente seus beijos.

— E o Mauro, você esqueceu que ele deve estar furioso com a gente? — indagou Jack.

— Não ligo para ele, estou com você e é o que me importa agora... cansei de viver a vida que as pessoas queriam que eu vivesse... cansei de ser a boa menina, a boa esposa, com você eu me libertei... posso ser quem eu sou, posso ser eu mesma, posso ter minhas vontades, meus desejos... obrigada meu amor... — outro beijo aconteceu!

— Te Amo, Anne...

Mais beijos, mais cariciais e uma vontade louca, quase incontrolável de irem para o quarto tomou seus corpos. Contudo, ainda era cedo, Felipe estava fuçando no computador do hotel a procura de novos jogos, mas breve ele dormiria, aí Jack poderia levar sua amada para o quarto e amá-la até o raiar do sol.

— Você não tem o Aston Martin, pode vendê-lo, deve dar uma boa grana pra gente começar nossa vida novamente... — sugeriu Anne.

Os olhos de Jack se arregalaram, um grande sorriso surgiu em seu rosto no instante que colocou a mão em seu queixo como se pensasse em algo muito

interessante.

— Anne... Anne, você é uma gênia... como não pensei nisso antes...

— O que foi Jack?

— Estava com tantos problemas juntos que acabei esquecendo...

— Esquecendo o quê?

— Anne eu te amo! — gritou Jack abraçando-a, em seguida levantou e começou a pular, foi até Felipe, pegou o menino e o rodou...

— Felipe, eu te amo!

— Jack, me fale logo... o carro vale tanto assim?

Jack pôs o menino no chão, sem entender muito o que se tratava, ele não quis nem saber, foi novamente para o computador ficar com seus joguinhos.

— Não é o carro Anne... não é o carro...

— É o que então? Fale logo, estou curiosa!

— A ilha Anne, a ilha...

— Que ilha homem de Deus?

— A Ilha das Tartarugas, a Praia dos Amores. — respondeu Jack quase perdendo o fôlego.

— Sim, onde costumávamos ir... o que tem de tão especial lá?

— Anne, você não vai acreditar... — Jack estava eufórico, sentou do lado de Anne no sofá, tomou ar e prosseguiu.

— No dia que fui te buscar... bom, nesse dia, antes de ir pra Guaratuba... eu fui até a ilha...

— E esse é o motivo de tanta euforia? — perguntou Anne achando que seu namorado estava ficando louco.

— Não Anne, a questão é o que eu escondi lá!

— E o que escondeu?

— Uma maleta... uma maleta com 2 milhões de euros...

— Sério? — perguntou Anne duvidosa.

— Sim, sério... em reais, isso dá mais de 5 milhões... estamos milionários de novo...

— Jack, por que alguém esconderia uma maleta de dinheiro em uma ilha? Matinhos pode ser uma cidade pequena, mas banco é o que não falta por lá.

— Mas Anne, eu pensava que a qualquer momento meu dinheiro pudesse ser bloqueado pela justiça... por isso dei a minha mãe uma maleta, e a outra, a mais valiosa, deixei escondida em um lugar que ninguém iria procurar...

— Jack, você é louco, mas um louco muito inteligente!

Agora eram os dois que pulavam de felicidade, mais uma vez Felipe foi interrompido para participar da comemoração. Jack ligou para a recepção e pediu *champagne* para comemorar. Jack foi até o computador, tratou de comprar as passagens de avião para o Brasil imediatamente. O menino ficou emburrado e começou a chorar, mas nada naquela noite atrapalharia a felicidade deles.

— Jack, você colocou a maleta enterrada? E se choveu... se o mar deu ressaca?

— Não se preocupe, eu coloquei vários sacos para proteger o dinheiro... além do mais a maleta é impermeável...

— Tá... mas e se alguém por acaso encontrou ela?

Aquela pergunta não era necessária naquele momento de comemoração, mas Jack não podia deixar de pensar nessa probabilidade.

— Tenho certeza que ninguém viu Anne, estava frio, era fora de temporada, não tinha ninguém na ilha.

— Se está falando, vamos torcer pra que esteja lá. — disse a jovem sorrindo.

— Tem que estar amor, tem que estar! — respondeu Jack preocupado.

Dezessete horas depois... O oceano era algo misterioso que fascinava Jack e Anne. Do alto do avião podiam ter uma breve noção da imensidão que era todo aquele manto azul. Era lindo, esplêndido, misterioso e perigoso. — Quantos animais habitavam aquele lugar? Desde minúsculos plânctons há gigantescas baleias, era muito louco de imaginar! — devaneava Jack olhando pela janelinha enquanto Anne e Felipe dormiam tranquilos durante a longa viagem que teriam.

— Amor, não esqueci da promessa, ainda vou te levar para conhecer Paris! — sussurrou Jack no ouvido de sua amada, que mesmo dormindo sorriu para ele.

— Obrigado Deus, obrigado por me dar meu amor, obrigado por tudo... — Jack soltou um suspiro de alívio e felicidade. Mal podia esperar para voltar para seu país, rever sua mãe e seu padrasto, rever seu amigo Jeferson, contratá-lo para cuidar do caso do dinheiro desaparecido e também para ele conseguir o divórcio de Anne e Mauro, pois assim que chegassem à Praia dos Amores, Jack a pediria em casamento, aí sim ela seria sua mulher para toda vida. Jack relutou um pouco contra o sono, pois tinha receio de dormir e

sonhar novamente com o avião caindo, lutou o quanto pôde, mas foi vencido pelo sono e cansaço, finalmente dormiu, imaginando como seria sua vida a partir daquele momento.

CAPÍTULO 45

As ondas cristalinas do Pacífico Norte quebram sobre as ilhas do Hawaii com a fúria que raramente se vê em outro lugar do mundo. Jeferson e Natália estão impressionados não só com as ondas, mas com os milhares de surfistas que desfilam por todos os lados da capital Honolulu.

— Jefe se comporta, tem bofes pra todo mundo aqui. — disse Natália tentando fazer Jeferson se comportar diante de tantos homens bonitos.

— Ai Naty, deixa eu ser feliz... agora eu posso! Afinal, eu sou rica! — respondeu Jeferson caindo na gargalhada.

— Você é rica meu bem? Esqueceu que o plano de roubar todo dinheiro do Jack foi meu?

— Mas quem executou querida? Quem quase mijou nas calças assinando aquela papelada toda no banco usando documentos falsos?

— Jeferson Konevalik. — falou Natália mudando o tom de voz.

— Estou brincando sua boba... claro que fomos nós que demos o golpe... somos bandidas bem, adoroooo...

Jeferson e Natália continuaram sua caminhada pelas lindas praias havaianas, mais tarde iriam para um luau e depois para alguma balada na cidade. Aquela vida de curtição era o que sempre sonharam e, agora com os milhões roubados da conta de Jack, podiam finalmente viverem como sempre sonharam.

— Mas fui eu que clonei o cartão e os documentos dele, coloquei minha foto lá e ainda roubei a senha do banco sem ele ver... — afirmou Jeferson se vangloriando.

— Aí Jefe, você não tem jeito mesmo... ainda bem que já dividimos o dinheiro, senão era capaz de você me dar o golpe também.

— Credo Naty, você acha que eu seria capaz de uma coisa dessas?

— Acho sim!

— Você tem razão gata... nessa vida não podemos confiar nem em nossas sombras.

— Pois é... será que o Jack já descobriu tudo? — indagou Natália com semblante de preocupação.

— Não importa querida, ele nunca vai encontrar a gente, agora somos Chris e Samantha, vamos causar nesse mundão.

— Mal posso esperar para conhecer o Himalaia.

— Credo Naty, que gosto hein, quero mais é lugares calorosos... onde tenha bastante corpos desfilando, só de pensar me dá um calor que me sobe todo...

— Meu sonho é conhecer o Himalaia!

— Tudo bem então, depois que sairmos daqui vamos pra essa geladeira que você faz tanta questão de ir.

— Jura?

— Sim... afinal, o que eu não faço para ver você feliz! — Jeferson abraçou Natália, os dois caíram na areia derramando todo o *drink*.

— Meu drink, Jefe!

— Me chame de Chris!

— Vai ser difícil acostumar com esses nomes que você nos deu!

— Concordo, mas com o tempo a gente acostuma, Samantha.

— Tudo bem, agora vamos comprar outro *drink* que estou morrendo de sede.

Os dois se levantaram e voltaram para comprar mais bebidas. Um vento suave refrescava-os, tirando um pouco da sensação de calor estremo que fazia na ilha naquele momento.

— Naty, será que lá no Himalaia vou finalmente encontrar meu médico de olhos azuis? — perguntou Jeferson suspirando só de imaginar.

— É mais provável que você o encontre aqui, afinal, lá não deve ter tantas opções como aqui.

— Você está certa, essa noite vamos ferver em Honolulu, algo me diz que em breve encontrarei meu médico! — afirmou Jeferson, os dois riram, se abraçaram e continuaram a caminhada.

EPÍLOGO

Alguns dias se passaram, tia Janete tinha ido até Lisboa resolver algumas pendências com seu filho Pedro. Iria voltar em breve, ainda mais agora que contara a Joseph que estava a namorar um cidadão portuense. O sobrinho queria muito conhecê-lo, ver se aprovava ou não o namoro de sua tia, pois depois de todos acontecimentos, da morte de seu pai e de Clarisse, da perca do dinheiro, dos assassinatos e da traição de Jack, fora Janete que sempre estava a seu lado, cuidando e se preocupando com ele como fosse sua mãe. Quem diria, que aquela tia tão distante, que mal falava com eles, havia feito tanta diferença em sua vida. "As coisas mudam e, às vezes, mudam de uma forma que não estamos preparados para elas" — pensava ele. Prometeu a si mesmo que quando recuperasse por completo seus movimentos e não precisasse mais usar muletas e cadeira de rodas, iria atrás de Jack, pois o que Jack fizera com ele não era justo. Joseph no entanto estava receoso em procurar novamente a polícia ou algum advogado, pois já não sabia mais em quem confiar.

Ao sair da sessão de fisioterapia o rapaz foi de táxi até sua casa, chegando em frente ao portão decidiu dar uma volta, mesmo estando de muletas queria sentir o prazer de poder andar como uma pessoa normal, sem ter que depender dos outros. A rua de seu bairro estava pouco movimentada, estava frio, mas não chovia. O rapaz virou a esquina, dobrou o próximo quarteirão, tinha intenção de ir até a mercearia comprar um vinho para passar mais uma noite de solidão naquela casa que o trazia tantas lembranças ruins. Talvez a colocaria à venda, pegaria o dinheiro para comprar um apartamento no centro, mais próximo da faculdade, pois sua intenção era voltar a estudar no próximo ano. Não seria fácil, pois lá havia conhecido Clarisse, aquela sorridente jovem com quem tinha tido tanta afeição. Ficou a imaginar o que teria acontecido caso ela não tivesse morrido? Será que eles namorariam? Casariam? Estas eram perguntas que ele sabia que jamais seriam respondidas, jamais!

Joseph estava triste, não pudera ser diferente, com a garrafa do aloirado vinho do Porto *Tawny* em suas mãos, voltava para casa, com certa dificuldade para andar com aquelas muletas e sacolas do supermercado. Quando

pendurou as sacolas no portão e pegou suas chaves para abrir a casa, percebeu que alguém se aproximava por trás, podia ouvir claramente o som do que parecia ser passos femininos feitos por um grandioso salto-alto.

— Boa noite, tú és Joseph? — perguntou aquela mulher de suave voz encantadora.

— Boa noite, sim sou eu! — respondeu o jovem olhando para trás, querendo saber quem era aquela mulher que o chamara pelo nome.

— Bom, você não me conhece, me chamo Alice, gostaria de conversar com você alguns minutos...

O rapaz fitou a jovem, mas não conseguiu ver seu rosto direito, pois a lâmpada da frente de sua casa continuava queimada.

— E sobre o que quer conversar? — perguntou ele temeroso, pois agora estava desconfiado de tudo e de todos.

Joseph disfarçou e pegou no portão a sacola com a garrafa de vinho, caso necessitasse poderia utilizá-la para se defender.

— É um assunto complicado, mas acho que você é a pessoa certa para me ajudar...

Nesse momento passou um caminhão de lixo na rua, fazendo um barulho enorme. A luz do farol acesa foi o suficiente para iluminar o rosto daquela mulher.

— Impossível! — foi o que Joseph conseguiu dizer, quando viu que aquela mulher ali na sua frente era a misteriosa mulher que aparecia na gravação da casa de jogos; a que todos queriam saber quem era; a que fez a aposta do bilhete premiado, a possível e verdadeira dona dos 145 milhões de euros.

- fim -

SOBRE O AUTOR

Maikon Patrick Garcia nasceu em Londrina, Paraná. É graduado em Biblioteconomia pela Universidade Estadual de Londrina. Possui pós-graduação em Filosofia e Sociologia pela FACEL de Curitiba. Além de escritor, atualmente trabalha como Bibliotecário-Documentalista na Universidade Federal do Paraná. Entre suas principais obras literárias estão três livros: O Dia em que Todos Desapareceram; O Curioso Caso dos Quatro; Teu dinheiro me cai bem; além de um conto: Morrer para viver.

CONTATO

maikon.garcia@hotmail.com

www.teudinheiromecaibem.com.br
teudinheiromecaibem.blogspot.com

Teu Dinheiro me cai Bem. Copyright 2012, Maikon Patrick Garcia
Capa: Alexandre Veiga
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a expressa autorização da Editora.